



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ
Centro de Letras, Comunicação e Artes
Mestrado Profissional em Letras em Rede



ALINE REGINA LEMES DE SENE

**O GÊNERO TEXTUAL CONTO MARAVILHOSO: UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES DE LINGUAGEM
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Cornélio Procópio
2019

ALINE REGINA LEMES DE SENE

**O GÊNERO TEXTUAL CONTO MARAVILHOSO: UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES DE LINGUAGEM
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), realizado na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

Cornélio Procópio
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

Sg Sene, Aline Regina Lemes de
O GÊNERO TEXTUAL CONTO MARAVILHOSO: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE
CAPACIDADES DE LINGUAGEM DE ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL / Aline Regina Lemes de Sene;
orientador Marilúcia dos Santos Domingos Striquer -
Jacarezinho, 2019.
274 p.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade
Estadual do Norte do Paraná, Centro de Letras,
Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em
Letras, 2019.

1. . I. Striquer, Marilúcia dos Santos Domingos,
orient. II. Título.

ALINE REGINA LEMES DE SENE

**O GÊNERO TEXTUAL CONTO MARAVILHOSO: UMA
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES DE LINGUAGEM
DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada para defesa no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), realizado na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

Universidade Estadual do Norte do Paraná

Prof. Dr. Paulo Cezar Rodrigues
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Prof^a. Dr^a. Eliana Merlin Deganutti de Barros
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Cornélio Procópio
2019

Dedico este trabalho aos meus filhos, João Pedro e Pietra, que compreenderam os momentos de ausência e souberam me esperar. A eles todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é, de certa forma, reconhecer e retribuir o bem que nos foi feito. De antemão agradeço todas as pessoas que de algum modo, na serenidade ou na inquietação, se fizeram presentes durante este percurso.

À minha orientadora, professora Dra Marilúcia dos Santos Domingos Striquer, por todos os ensinamentos, pela seriedade e disciplina com que me conduziu, pela segurança que transmitiu e prontidão nas orientações.

Aos meus companheiros de mestrado que trilharam comigo um novo caminho, cheio de descobertas, e que apesar das dificuldades não se deixaram abater. Cristiane, Eliezer, Juliete, Maria e Marcelo, sinto muito orgulho de vocês e agradeço pela valorosa companhia. Em especial agradeço a Juliete, companheira de trabalho e descanso.

À Universidade agradeço pela acolhida e por proporcionar a satisfação de conhecer excelentes profissionais que tanto me inspiraram.

Aos meus familiares sou grata pelo apoio e compreensão. Por entenderem minhas escolhas e apoiarem minhas decisões.

Ao meu companheiro de vida, Alan, pelo apoio incondicional. Agradeço por ser um pai tão presente e me tranquilizar nos momentos de culpa e insegurança. Não seria capaz de trilhar esse caminho sem o seu apoio e incentivo.

Aos meus filhos sou grata pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Agradeço, sobretudo, ao mistério da vida que encaminha os acontecimentos e se encarrega de nos conduzir para o sucesso.

Epígrafe

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

(Mikhail Bakhtin).

SENE, Aline Regina Lemes de. **O gênero textual conto maravilhoso:** uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio/PR, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, em prol do aprimoramento das práticas discursivas da leitura e da produção de texto. Para tanto, o gênero textual conto maravilhoso é o eixo organizador do trabalho. Como aporte teórico-metodológico recorreremos à perspectiva bakhtiniana de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), com a contribuição do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012) e sua vertente didática que nos forneceu a engenharia para a didatização do gênero (SCHNEUWLY; DOLZ,). A metodologia de caráter qualitativo e de pesquisa-ação passa pela elaboração do modelo teórico/didático do gênero, a partir do qual produzimos uma sequência didática adequada aos problemas diagnosticados em relação à apropriação do gênero pelos sujeitos envolvidos no processo interventivo. O material didático produzido resultou em dois cadernos: um caderno do aluno com as atividades que compõe a sequência didática; e um caderno do professor com orientações para o procedimento de implementação. O processo de intervenção, que culminou na produção de uma coletânea de contos maravilhosos, nos forneceu material para que pudéssemos analisar como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos a partir da implementação da sequência didática. A análise dos textos escritos pelos alunos no decorrer do processo de intervenção didática nos permitiu identificar as capacidades de linguagem que os alunos desenvolveram na produção escrita final do conto maravilhoso. O êxito diante dos objetivos pretendidos evidencia que o processo de desenvolvimento de capacidades de linguagem prima por uma decisão didática consciente acerca dos objetivos a serem alcançados, articulada à uma metodologia que sustente os objetivos pretendidos.

Palavras-chave: Gênero textual. Conto Maravilhoso. Sequência didática. Capacidades de Linguagem.

SENE, Aline Regina Lemes de. **The textual genre tale wonderful**: a proposal of didactic intervention for the development of language abilities of elementary school students. Dissertation (Professional Master in Literature - PROFLETRAS) - Northern State University of Paraná, Cornélio Procópio / PR, 2019.

ABSTRACT

This research has as general objective to understand how the development of language abilities of students of the 6th year of elementary school occurs, in order to improve the discursive practices of reading and text production. For this, the textual genre tale is wonderful is the organizing axis of the work. As a theoretical-methodological contribution, we refer to the Bakhtinian perspective of discourse genres (BAKHTIN, 2003), with the contribution of Sociodiscursivo Interacionismo (BRONCKART, 2012) and its didactic aspect that provided us with the engineering for the genre didatization (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). The methodology of qualitative and action research involves the elaboration of the theoretical / didactic model of the genre, from which we produced a didactic sequence adequate to the problems diagnosed in relation to the appropriation of the gender by the subjects involved in the intervention process. The didactic material produced resulted in two notebooks: a student notebook with the activities that make up the didactic sequence; and a teacher's notebook with guidelines for the implementation procedure. The intervention process, culminating in the production of a collection of wonderful short stories, provided us with material so that we could analyze how the development of language abilities of the students occurs from the implementation of the didactic sequence. The analysis of the texts written by the students during the process of didactic intervention allowed us to identify the language abilities that the students developed in the final written production of the wonderful tale. The success in front of the intended objectives evidences that the process of development of language abilities a conscious didactic decision about the objectives to be achieved, articulated to a methodology that supports the intended objectives.

Keywords: Textual genre. Wonderful tale. Following teaching. Language Capabilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema comparativo - Sequência didática x Escrita Criativa	49
Figura 2 - A estrutura da sequência narrativa	77
Figura 3 - A estrutura da sequência dialogal.....	78
Figura 4 - Ilustração 1	85
Figura 5 - Ilustração 2	86
Figura 6 - Fotos do evento de lançamento do livro	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização do interior de um gênero – Bronckart (2012)	33
Quadro 2 - Dispositivo Didático de Gênero	36
Quadro 3 - Etapas da pesquisa-ação	60
Quadro 4 - Função invariante: mediação	73
Quadro 5 - Conteúdo temático	75
Quadro 6 - Sequência narrativa: exemplificação	77
Quadro 7 - Sequência Dialogal: exemplificação	79
Quadro 8 - Sequência descritiva: exemplificação	79
Quadro 9 - Complicação	80
Quadro 10 - Personagens	80
Quadro 11 - Funções invariantes dos contos maravilhosos	81
Quadro 12 - Quadros síntese das características do conto maravilhoso	87
Quadro 13 – Conteúdo temático do conjunto de 11 textos	96
Quadro 14 - Protagonistas e antagonistas	98
Quadro 15 - Problemas encontrados nas produções	101
Quadro 16 - Problemas apresentados na apropriação do gênero	109
Quadro 17 – Sinopse sequência didática do Conto Maravilhoso	110
Quadro 18 - Conteúdo temático dos textos	120
Quadro 19 - Identificação dos momentos da narrativa nos contos produzidos	123
Quadro 20 - Protagonistas e antagonistas	124
Quadro 21 – Principais aspectos desenvolvidos pelos alunos	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Questão 1	102
Gráfico 2 - Questão 4	104
Gráfico 3 - Questão 5	104
Gráfico 4 - Questão 8	105
Gráfico 5 - Questão 6	106
Gráfico 6 - Questão 7	106
Gráfico 7 - Questão 9 - Semelhanças	107
Gráfico 8 - Questão 9 - Diferenças.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EB – Educação Básica

PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras

DCE-LP – Diretriz Curricular Estadual de Língua Portuguesa

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

SD – Sequência Didática

EC – Escrita Criativa

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.1 Gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana	24
1.2 O Interacionismo Sociodiscursivo e os gêneros	28
1.2.1 Modelo didático de Gênero.....	31
1.2.2 Sequência Didática	39
1.2.3 Capacidades de linguagem	42
1.3 Escrita Criativa	45
SEÇÃO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
2.1 Abordagem qualitativa	54
2.2 A pesquisa-ação	55
2.2.1 Etapas da pesquisa-ação	57
2.3 O ambiente da pesquisa	60
2.4 Os participantes da pesquisa	61
SEÇÃO III – O MODELO TEÓRICO DO GÊNERO CONTO MARAVILHOSO	63
3.1 Definição teórica do conto maravilhoso	65
3.2 Características do contexto de produção	70
3.3 Características discursivas	76
3.4 Características linguístico-discursivas	82
3.5 Quadro síntese do modelo teórico do gênero conto maravilhoso	87
3.6 Síntese do modelo teórico do gênero	89
SEÇÃO IV – DIAGNÓSTICO INICIAL DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOS ALUNOS.....	95
SEÇÃO V – A IMPLEMENTAÇÃO	114
SEÇÃO VI – ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOS ALUNOS	119

CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXO A – COLETÂNEA DE CONTOS	139
APÊNDICE A – Questionário para verificação no nível de desenvolvimento das capacidades de ação em relação ao gênero conto maravilhoso (diagnóstico inicial)	181
APÊNDICE B – CADERNO DO PROFESSOR.....	182
APÊNDICE C – CADERNO DO ALUNO.....	208

INTRODUÇÃO

A referida dissertação está situada como exigência para obtenção de titulação de mestre dentro do contexto do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. O PROFLETRAS é um Programa de pós-graduação *stricto sensu* oferecido em rede nacional com a participação das instituições de ensino superior públicas.

O público-alvo do Programa são os docentes que atuam no Ensino Fundamental e seu principal intuito é a capacitação desses professores de Língua Portuguesa, instrumentalizando-os para uma prática atenta às múltiplas tendências teórico-metodológicas. E, de acordo com as diretrizes que orientam o trabalho final no contexto do PROFLETRAS, temos “como tema/foco/objeto de investigação um problema da realidade escolar e/ou da sala de aula do mestrando no que concerne ao ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental”. Nesse sentido, vislumbramos a oportunidade de um estudo vinculado à realidade da prática docente, e, sobretudo, que proponha contribuições para melhoria de uma das maiores problemáticas por nós observadas nas aulas de Língua Portuguesa: a leitura e a produção escrita de textos pelos alunos. Tal afirmação é decorrente da análise do material empírico reunido ao longo de dez anos de trabalho como docente da disciplina de Língua Portuguesa nas séries iniciais e finais do ensino fundamental.

Sendo o Programa oferecido em rede Nacional, fundamenta-se nos princípios estabelecidos nos documentos nacionais prescritivos para a prática docente. Assim, é importante destacar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a concepção de linguagem como atividade discursiva e cognitiva, compreendida “como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). O documento preconiza como objeto de ensino e aprendizagem “o conhecimento linguístico e discursivo com o qual o sujeito opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem” (BRASIL, 1998, p. 22). Para tanto, os PCN orientam a prática docente no sentido de

Planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem

recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá (BRASIL, 1998, p. 22).

Os PCN trazem o texto como unidade básica de ensino compreendendo sua construção a partir de especificidades de natureza temática, composicional e estilística que os caracterizam como pertencentes a determinado gênero. Dessa forma, a noção de gênero surge como constitutiva do texto e, portanto, figura como essencial sua abordagem por meio da diversidade, garantindo aos alunos o contato com variados gêneros o que assegura o desenvolvimento da sua competência discursiva.

Em consonância com o disposto nos PCN, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assume a centralidade do “texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem” (BRASIL, 2017, p. 65). O documento ressalta o movimento metodológico que propicia aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da linguagem em práticas de linguagem situadas. Nesse sentido,

O texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem (BRASIL, 2017, p. 65).

A BNCC ressalta a relevância da abordagem do texto, seja para leitura ou produção, por meio de situações efetivas que contemplem uma variedade de gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana. A linguagem é concebida como uma forma de ação e interação no mundo, evidenciando a perspectiva teórica que subjaz a essas concepções enunciativas como as decorrente dos estudos de Mikhail Bakhtin.

De maneira mais específica, como professora da Educação Básica (EB) do estado do Paraná, todo o trabalho empreendido em sala de aula pelos docentes da rede pública de ensino da EB, tem como suporte os fundamentos apresentados nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008) e, especificamente, como docentes de Língua Portuguesa somos orientados pela Diretriz Curricular da Disciplina de Língua Portuguesa (DCE-LP). Documento que traz o seguinte conceito de linguagem: “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se

realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 2004, p. 127 apud PARANÁ, 2008, p. 46), e, em decorrência, uma proposta de ensino pautada nos pressupostos bakhtinianos, logo, definindo o “discurso enquanto prática social” (PARANÁ, 2008, p. 63) como o conteúdo estruturante da disciplina. Dessa forma, na ação pedagógica docente torna-se imprescindível uma abordagem do texto que considere a perspectiva sócio-histórica e dialógica da linguagem concebida por Bakhtin (2003).

Nessa perspectiva, é preciso que a escola seja um espaço de participação efetiva dos alunos em diferentes práticas sociais, as quais possibilitem ao discente utilizar a leitura, a escrita e a oralidade como forma de inserção nas diversas esferas de interação existentes na sociedade. Portanto, o trabalho com o texto deve envolver “não apenas a formalização do discurso verbal ou não-verbal, mas o evento que abrange o *antes*, isto é, as condições de produção e elaboração; e o *depois*, ou seja, a leitura ou a resposta ativa” (PARANÁ, 2008 – grifos do autor). Para tanto, a DCE –LP prescreve que seja tomado, no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, como “conteúdos básicos: os gêneros discursivos a serem trabalhados nas práticas discursivas” (PARANÁ, 2008, p. 86).

Diante dos fundamentos do PROFLETRAS e das prescrições dos PCN, BNCC e da DCE-LP motivamo-nos em elaborar uma proposta de intervenção didática alicerçada sob a metodologia das sequências didáticas dos gêneros, a fim de um trabalho voltado para o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos para a prática da produção escrita dos gêneros textuais. Entre os diversos gêneros existentes, os quais propiciam que os sujeitos participem da sociedade, lendo e produzindo textos, elegemos o conto maravilhoso. Assim, nosso objetivo é compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros. Como produto final, exigência do PROFLETRAS, produzimos um caderno pedagógico, uma ferramenta didática condutora de nossa ação docente na implementação da intervenção.

Para alcançar esse objetivo, a base teórico-metodológica que conduz todo nosso trabalho é o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), uma vez que os preceitos promulgados pela vertente didática dessa corrente teórica convergem para uma proposta, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), que defende ser a função

primordial da escola proporcionar situações de interação diversas em que o aluno possa desenvolver suas capacidades de linguagem, a fim de que possa interagir socialmente por meio da produção e interpretação dos mais diversos gêneros textuais.

As capacidades de linguagem, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), referem-se às aptidões necessárias ao indivíduo para sua ação linguageira, aptidões essas que podem ser subdivididas em três níveis: capacidade de ação, relacionadas ao trabalho de construção e reconhecimento do contexto de produção dos textos; capacidade discursiva, que concerne ao produtor e leitor do texto mobilizar referências sobre a organização interna de um gênero para construir e interpretar os sentidos do texto; e, capacidade linguístico-discursiva - relacionada ao reconhecimento das unidades linguísticas de um texto. O trabalho com os gêneros na escola, conforme Schneuwly e Dolz (2004), deve estar, necessariamente, pautado na relação indissociável entre essas três dimensões.

Contudo, pautados sobre esses preceitos e diante de nossa experiência docente, nossa assertiva é a de que muitos alunos das séries iniciais do ensino fundamental apresentam uma deficiência no nível denominado pelos autores como capacidade de ação, visto que questões referentes ao contexto da ação da linguagem ainda são pouco associadas ao processo de produção textual. Ainda que os documentos norteadores apontem para um ensino que contemple a língua viva com ênfase na “adoção de práticas de linguagem como ponto central do trabalho pedagógico” (PARANÁ, 2008, p. 48), a preocupação de grande parte dos professores com os aspectos formais do texto ainda é fator primordial, o que reflete na dificuldade observada nos alunos de associar o texto ao seu contexto social.

Justificamos a delimitação pelo ISD como aporte teórico-metodológico de nosso trabalho, o qual configura-se como uma pesquisa-ação, também porque, segundo sua vertente didática, para que um gênero se torne um objeto de ensino na escola é preciso ações didáticas distintas que envolvam de forma indissolúvel teoria e prática na busca de conhecer quais são as dimensões ensináveis de um gênero para uma respectiva série escolar e quais dos elementos que formam essas dimensões ainda não foram apreendidas pelos aluno, que podem ser evidenciados pela construção de um modelo didático do gênero; quais atividades podem organizar de maneira sistemática o processo de ensino e aprendizagem de um gênero tendo como objeto de ensino as dimensões ensináveis verificadas no modelo didático e

nos problemas apresentados em textos de alunos – atividades que podem compor sequências didáticas.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a proposta do trabalho com sequências didáticas (SD) é uma forma de organização da ação pedagógica que possibilita o desenvolvimento das práticas discursivas da produção de texto, leitura e análise linguística, além de proporcionar que o aluno tenha uma visão ampla do gênero, uma vez que o gênero sempre é relacionado à sua função social. Além disso, o trabalho com a SD propicia o contato com aspectos relevantes na construção e interiorização do processo da escrita, auxilia na organização da prática, favorecendo o alcance dos objetivos, além de constituir um conjunto amplo de atividades que visam contemplar o texto como objeto de ensino.

Nesse sentido, traçamos nosso objetivo que é o de compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros.

E, para alcançar esse objetivo, nossos objetivos específicos são:

- a. Identificar quais são as especificidades características do gênero textual conto maravilhoso.
- b. Identificar as capacidades de linguagem que os alunos já têm para a produção escrita do gênero textual conto maravilhoso.
- c. Produzir e implementar uma intervenção didática fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos das sequências didáticas de gênero, tendo como objeto de ensino o conto maravilhoso.
- d. Identificar, no final do processo de intervenção didática, as capacidades de linguagem que os alunos desenvolvem na produção escrita final do conto maravilhoso.

Os procedimentos adotados estão explicitados na seção Procedimentos Metodológicos desta dissertação.

Importante expormos que a escolha do gênero textual ocorreu porque o conto maravilhoso se constitui de elementos que criam espaço para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade do aluno, e, por conta do encantamento promovido pelo trabalho com a imaginação, acreditamos no potencial do gênero como catalisador da atenção dos alunos. O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos

componentes mais importantes da literatura destinada ao público infanto-juvenil. Fadas, bruxas, animais e objetos falantes, magia, príncipes e princesas são elementos que permeiam as histórias maravilhosas conferindo o encantamento que, através dos tempos, seduz crianças, jovens e adultos.

Assim, por trabalhar com o ficcional, o gênero insere-se na esfera literária que, como aponta Cândido (2011), possui um papel humanizador por possibilitar nos indivíduos o exercício da reflexão e a percepção da complexidade do mundo e das relações sociais que os circundam. Exatamente como se configura o conto maravilhoso segundo Coelho (2003). Para a autora, esse gênero, essencialmente, retrata uma problemática social, tendo como fio condutor a relação conflituosa entre classes econômicas e sociais.

A respeito disso, os PCN preveem a abordagem da literatura como forma de apreensão de sentidos entre o sujeito e o mundo, uma vez que “enraizando-se na imaginação e construindo novas hipóteses e metáforas explicativas, o texto literário é outra forma/fonte de produção/apreensão de conhecimento” (BRASIL, 1998, p. 27). A BNCC ao considerar o trabalho com as práticas de linguagem situadas busca categorizá-las em campos de atuação, de modo a garantir o acesso a dimensões formativas de linguagem dentre as quais figura-se o campo artístico-literário. O documento elenca dez competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, dentre as quais destacamos a capacidade do aluno,

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2017, p. 85)

A DCE-LP apresenta a abordagem do texto literário pela perspectiva de Cândido (1972, apud PARANÁ, 2008) para quem a literatura é vista como arte que humaniza/transforma o homem e a sociedade por meio de suas funções psicológica, formadora e social. A função psicológica “permite ao homem a fuga da realidade, mergulhando num mundo de fantasias, o que lhe possibilita momentos de reflexão, identificação e catarse” (PARANÁ, 2008, p. 57). Assume a função formadora visto que, “a literatura por si só faz parte da formação do sujeito, atuando como instrumento de educação, ao retratar realidades não reveladas pela ideologia dominante” (PARANÁ, 2008, p. 57). E, por fim, a função social que corresponde “à

forma como a literatura retrata os diversos segmentos da sociedade, é a representação social e humana (PARANÁ, 2008, p. 58). Assim, o documento salienta a relevância da inserção do texto literário na escola como forma de sensibilização estética e constituição do sujeito.

Nesse sentido, vimos como importante a inserção do referido gênero no trabalho com o 6º ano, etapa inicial do ensino fundamental em que o aluno pré-adolescente passa a se inserir cada vez mais na sociedade, refletindo sobre o mundo e sobre quem ele é no mundo. Assim, tendo a escola o papel de formar cidadãos críticos capazes de participar das mais diferentes e diversas situações comunicativas existentes, cidadãos que contribuam para a construção de uma sociedade justa que promova oportunidades iguais para todos.

E, exatamente, devido ao caráter literário do gênero em questão, buscamos entrelaçar a proposta metodológica do ISD para o ensino dos gêneros com uma base metodológica que atendesse às peculiaridades do gênero da esfera literária, nesse sentido, a Escrita Criativa, que sugere técnicas e recursos que contribuem para a produção de textos literários foi escolhida.

Quando nos reportamos à engenharia didática proposta pelo ISD percebemos a necessidade de modelização do gênero a fim de destacar suas características constitutivas para posterior abordagem didática, processo que se dá por meio da seleção e análise de um *corpus*, com o objetivo de evidenciar os elementos estáveis. Ao selecionarmos um gênero literário deparamo-nos com a especificidade decorrente de uma maior autonomia do autor para imprimir seu estilo, o que resulta em uma variedade de textos que se distinguem pelo estilo do autor. Dessa forma, por se tratar de uma proposta de intervenção didática voltada para o 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que acreditamos ser complexo o entendimento do estilo autoral, houve a necessidade de estabilizar o gênero a partir do estilo de um autor para que ele pudesse se tornar objeto no processo de transposição didática. Sendo assim, optamos por compor nosso *corpus* a partir de uma coletânea de contos do autor Ricardo Azevedo, escritor renomado e recomendado pela crítica especializada.

A fim de investigar as possíveis abordagens do gênero conto maravilhoso no contexto de pesquisas direcionadas à educação básica, deparamo-nos com a prevalência de duas perspectivas de análise: uma direcionada à leitura e produção escrita e outra que alude ao gênero pelo viés do letramento literário.

No primeiro grupo, entre os diversos trabalhos realizados, citamos a dissertação de mestrado “O gênero discursivo conto fantástico no processo sociocognitivo de leitura e escrita”, de Alex-Sandra de Assis Simão Fonseca, 2012, da Universidade de Taubaté. Apesar de o título não aludir ao conto maravilhoso, encontramos uma seção dedicada ao gênero e a proposta é por uma abordagem em consonância com a teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos, numa perspectiva sociocognitiva de leitura. A pesquisa apresenta como principais objetivos ampliar o gosto e o prazer pela leitura de textos com elementos que fogem à realidade e desenvolver um projeto de produção escrita de contos.

A dissertação “Ensino da ortografia: uma proposta de trabalho reflexivo com o 7º ano do Ensino Fundamental”, de Julhana Cella Romanino, 2016, do PROFLETRAS da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, traz o gênero discursivo conto maravilhoso como eixo condutor de uma unidade temática que objetiva a ampliação da competência linguística dos alunos por intermédio de atividades reflexivas que auxiliem o aluno a compreender o funcionamento da escrita, enfatizando principalmente o que são regularidades e irregularidades ortográficas. A pesquisa apresenta como objetivo geral investigar os desvios ortográficos registrados em produções escritas dos alunos do 7º Ano do Ensino Fundamental e é conduzida pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Aplicada e nos estudos de autores como: Cagliari, Bortoni-Ricardo, Oliveira e Moraes.

Vale, ainda, mencionar a pesquisa “A progressão temática em textos narrativos do gênero contos de fadas: aspectos estruturais da linguagem”, de Janine Ferreira Pimenta Rosa, 2016, do PROFLETRAS da Universidade Estadual de Montes Claros. Nesse estudo o gênero conto de fadas é posto como uma das variedades dos contos maravilhosos e é por mediação desse gênero, sistematizada em um plano educacional de intervenção direcionado ao 6º ano, que a pesquisa intenta desenvolver a habilidade de escrita de textos narrativos, no que tange à progressão temática, coesão e coerência textual. Para atingir tal propósito, apoia-se, fundamentalmente, nos construtos teóricos da Linguística Textual, sobretudo em sua terceira fase, a partir das perspectivas de Costa Val, Koch, Koch e Elias, em interlocução com Bakhtin.

Pelo viés do letramento literário, apresentamos a dissertação de mestrado inserida no PROFLETRAS, “Contos Maravilhosos na escola: um caminho possível

para o letramento literário”, de Alexandra Cristina Bento Silveira, 2017, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que traz como objetivo geral refletir sobre como alunos do 9º ano do Ensino Fundamental entendem a atualidade das temáticas dos contos maravilhosos no seu cotidiano. Apresenta uma proposta de intervenção por meio da mediação de leitura e posterior escrita compartilhada, metodologias fundamentadas na teoria sobre o letramento literário, de Rildo Cosson.

Nessa mesma orientação, citamos a dissertação de mestrado “Leitura do texto literário no ensino fundamental II: a formação de leitores por meio do gênero conto”, de Tatyana Guerra de Souza Lira Cavalcante, 2016, da Universidade Federal da Paraíba, também pertencente ao PROFLETRAS, que elege contos do universo maravilhoso para compor o acervo utilizado na proposta de intervenção direcionada ao 9º ano do ensino fundamental. Nesse material as atividades propostas ancoram-se na Sequência Básica de leitura, sugerida por Rildo Cosson, com o objetivo de desenvolver a prática de leitura do gênero conto a partir de atividades de leitura como forma de interpretação e compreensão e para a formação crítico-reflexiva dos leitores envolvidos, como formação e transformação social e pessoal.

Após a averiguação dos trabalhos acadêmicos citados, percebemos diferentes abordagens do gênero conto maravilhosos e suas variedades, a partir de diversos pressupostos teórico-metodológicos. Contudo, em nenhuma delas constatamos a abordagem do gênero pela orientação do Interacionismo Sociodiscursivo, base teórico-metodológica que sustenta nossa pesquisa. Ao interpelarmos o gênero a partir desses pressupostos, o fazemos de maneira global, ou seja, não apenas no nível estrutural e linguístico, mas também nos parâmetros do contexto social que o comporta. Nesse sentido, a pesquisa diferencia-se ao propor uma sequência didática para o 6º ano do ensino fundamental composta por atividades que primam pelo desenvolvimento de capacidades de linguagem.

A organização dessa dissertação se estabelece da seguinte forma: na seção I apresentamos a base teórica que fundamenta todo nosso trabalho; a seção II explicita a metodologia norteadora; na seção III apresentaremos o modelo teórico do gênero conto maravilhoso e a sinopse da sequência didática elaborada; a seção IV apresenta o diagnóstico inicial das capacidades de linguagem dos alunos obtido por meio de uma produção textual e análise de um questionário; a seção V traz um relato do processo de intervenção, ou seja, da implementação da sequência didática; na seção VI expomos as análises realizadas sobre o desenvolvimento das

capacidades de linguagem dos alunos tendo como referência todo o processo de implementação da sequência didática. Algumas considerações finais são tecidas a respeito de todo o processo, e, em seguida, apresentamos os cadernos pedagógicos.

SEÇÃO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que respalda o trabalho é delineada nesta seção. Considerações sobre os gêneros discursivos na perspectiva de Bakhtin são apresentadas como um dos pressupostos que fundamentam o Interacionismo Sociodiscursivo, base teórico-metodológica que sustenta nossa pesquisa-ação e que é apresentada pela perspectiva didática. Logo, transcorremos acerca da corrente teórica do Interacionismo Sociodiscursivo, e abordamos conceitos como modelo didático, sequência didática e capacidades de linguagem. Por fim, trazemos ponderações sobre a metodologia denominada Escrita Criativa, designada devido as peculiaridades da abordagem do texto literário.

1.1 Gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana

Considerações a respeito do conceito teórico dos gêneros discursivos são imprescindíveis para a composição deste estudo, tanto pelo fato de subsidiar o trabalho com o gênero Conto Maravilhoso, quanto pela relevância que o conhecimento sobre tal teoria alcança no cenário educacional.

Os fundamentos articulados pelo linguista russo, Mikhail Bakhtin, na metade do século XX, revolucionaram o conceito de gênero, até então restrita ao âmbito dos estudos literários conduzidos pelo formalismo russo. Pelo novo prisma, opondo-se aos aspectos formais e estruturais dos formalistas, Bakhtin inovou na definição de gênero que reflete a noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva (MARCUSCHI, 2005).

Na obra *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003) inicia o capítulo dedicado aos gêneros do discurso afirmando que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Essa assertiva comporta uma profusão de conceitos que precisam ser esmiuçados para que a compreensão da teoria preconizada pelo autor seja abordada. Segundo o autor, qualquer discurso proferido relaciona-se com a função social de seu sujeito produtor, dessa forma, a atividade humana influencia diretamente na produção da linguagem que não pode ser analisada apenas pelo instante empírico de sua enunciação mas também na consideração dos fatores de natureza histórica e social.

Tais fatores inserem-se na concepção de campo, que pode ser definido como o espaço das interações humanas (BAKHTIN, 2003).

Dessa forma, o conceito de campo vincula-se à diversidade de instâncias sociais que compõem a coletividade e pelas quais os sujeitos transitam. Ao atuar em determinado campo social, o jornalístico, por exemplo, o sujeito está condicionado a elaborar seu discurso seguindo alguns preceitos inerentes àquele campo de atividade. Sendo assim, a linguagem está subordinada ao ambiente que a comporta, numa inter-relação do linguístico com o social. Nessa perspectiva, o campo é a face social de composição da linguagem e a partir dele o discurso é construído.

Além do campo jornalístico, dado como exemplo, podemos mencionar o campo educacional, o religioso, o político, o da saúde, o familiar, o literário, entre muitos outros nos quais são desenvolvidas as atividades humanas que se materializam através dos gêneros discursivos, definidos por Bakhtin (2003) como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 2003, p.262 – grifo do autor).

Para o entendimento dessa relação faz-se necessário compreender o que é enunciado para Bakhtin. O autor define enunciado como sendo a “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 269). Por conseguinte, depreendemos que é através dos enunciados que o emprego da língua se concretiza nos diversos campos de atividade humana e, dessa forma, os enunciados moldam-se de acordo com as condições e finalidades enunciativas.

Ao pensarmos sobre o enunciado incorporamos o conceito de interação verbal, visto que o ato da fala, concretizado na enunciação, é configurado de acordo com a interação social e o contexto comunicativo. Nas palavras de Bakhtin (2006), temos que:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 2006, p. 121).

Compendiado como ato de fala, o enunciado tem características individuais e particulares, uma vez que representa a singularidade de quem o expressa. Entretanto, como abordado, em cada campo de atividade há uma certa constância e

permanência de enunciados que são estabilizados por meio da linguagem, em decorrência do campo do qual o enunciado participa. Como exemplo podemos citar o campo literário, onde encontramos uma gama de textos classificados como contos. Tais textos podem ter peculiaridades que os diferenciam entre si, criando gêneros específicos, como: conto popular, conto fantástico, conto maravilhoso, mas, ao mesmo tempo, os textos possuem certas características que os aproximam. É improvável que um conto seja confundido como uma receita médica e, muito menos, um consultório médico seja ambiente para a produção de um conto.

Retomamos, então, o conceito de gênero apresentado por Bakhtin (2003) ao resgatarmos o princípio de que ao produzirmos nossos enunciados particulares estamos submetidos ao campo de utilização da língua e, portanto, aos gêneros discursivos recorrentes em cada um desses campos. Assim, compreendemos que os gêneros operam como esteio para os enunciados, suportando o material linguístico indispensável para a interação verbal.

Diante da infinita possibilidade de elaboração de enunciados avistamos à profusão de gêneros que se dispõem a acomodá-los. A respeito disso Bakhtin (2003) aponta que:

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. [...], a heterogeneidade dos gêneros discursivos é tão grande que não há e nem pode haver um plano único para o seu estudo [...] (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Em relação a essa heterogeneidade dos gêneros, Bakhtin (2003) assevera as diferenças que distinguem os gêneros discursivos primários e secundários. De acordo com o autor, os gêneros primários constituem a comunicação imediata do cotidiano, portanto uma linguagem simples e coloquial. Já os secundários são criações de complexidade cultural de linguagem mais elaborada, nos quais inserem-se, por exemplo, os textos jurídicos, jornalísticos, literários, entre outros.

Todavia, qualquer que seja a modalidade do gênero em questão, primário ou secundário, sua composição se dá pelo imbricamento de três fatores: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. A esse respeito Bakhtin (2003) realça:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261).

O conteúdo temático de um gênero é algo além do assunto tratado, de acordo com Fiorin (2017), diz respeito a “um domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (FIORIN, 2017, p. 69), dessa forma o conteúdo temático atende as possibilidades de temas comportados por determinado gênero. Já a construção composicional é o modo como o texto se organiza para contemplar os objetivos do discurso, é o que faz com que seja imprescindível em uma carta a indicação do local e da data, do remetente e do destinatário, por exemplo. O estilo representa os procedimentos de acabamento de um texto, diz respeito a uma seleção de meios linguísticos, recursos lexicais e gramaticais, que conferem ao texto a especificidade de um enunciado. É o estilo que faz com que, por exemplo, os discursos políticos sejam permeados por verbos conjugados no futuro do presente.

Diante das referidas definições, Bakhtin defende uma ordem metodológica para o estudo da língua, partindo da premissa de que “a língua vive e evolui historicamente *na comunicação verbal concreta*” (BAKHTIN 2006, p. 123 - grifos do autor). Nesse sentido, destaca a seguinte ordem:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de ato e de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exames das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN, 2006, p. 124).

Seguindo a ordem proposta, as “formas” correspondem às diferentes situações de uso concreto da linguagem materializadas pelos gêneros que, conseqüentemente, configuram os “tipos de interação”. Os gêneros se constituem a partir da necessidade de dizer do autor, motivada em função de um tema que expressa o conteúdo do discurso produzido. Cada gênero abarca uma gama de possibilidades temáticas e, dessa forma, o tema de um gênero está relacionado com o contexto de produção, ou seja, “as condições concretas em que se realiza”.

(BAKHTIN, 2006, p. 124). Por esse motivo, torna-se imprescindível para o entendimento de qualquer enunciado atrelá-lo a questionamentos sobre suas condições de produção. Atentar para quem escreve, para quem, por qual motivo, quando, a partir de qual gênero, em que situação; permite uma compreensão ampla do enunciado, pois supera o plano estritamente linguístico.

Assim, ao focalizar “as formas das distintas enunciações” (BAKHTIN, 2006, p. 124) determinadas pelos atos de fala, percebemos que a composição do gênero está relacionada à sua finalidade. Compreender sua construção permite engendrar à estruturação interna de um discurso e adequá-lo a partir de um gênero que o suporte, isso porque os gêneros estabelecem padrões de composição, ou seja, modos típicos de organização do discurso no que se refere às partes que os compõem e como elas se distribuem.

Por fim, o foco para o estudo da língua deve ser na maneira como o material linguístico se organiza na intenção comunicativa expressa pelo gênero. Tal organização é resultado da combinação entre o estilo próprio do autor e das exigências estilísticas inerentes ao gênero. Em relação ao estilo Bakhtin (2003) reitera que “no fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilo de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 266), portanto permite-nos tanto identificar o campo de atividade humana, quanto nortear a produção de outros enunciados do mesmo gênero.

Ainda sobre a composição do estilo temos que “todo enunciado é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual” (BAKHTIN, 2003, p. 265). Dessa forma o estilo revela a subjetividade do sujeito linguístico.

Essas definições bakhtinianas são um dos fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo, corrente teórica que abordamos na próxima subseção.

1.2 O Interacionismo Sociodiscursivo e os gêneros

O Interacionismo Sociodiscursivo é uma corrente teórica elaborada (ou conforme Bronckart, em constante elaboração) pelos estudiosos do Grupo de

Genebra¹ coordenados por Jean-Paul Bronckart. A referida teoria não se constitui por uma vertente propriamente linguística, psicológica ou sociológica, trata-se, segundo as palavras de seu fundador, de uma “corrente da ciência do humano” (BRONCKART, 2012). Partindo das premissas bakhtinianas de que é pela linguagem que o sujeito interage socialmente, o Interacionismo Sociodiscursivo, doravante ISD, defende que a linguagem é, portanto, um instrumento semiótico através do qual o sujeito existe e age. E, os textos são “produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos, principalmente por serem articuladas a situações de comunicação muito diferentes” (BRONCKART, 2012, p. 69). Dessa forma, o ISD compartilha da premissa bakhtiniana de que a linguagem é um fenômeno intrinsecamente social através do qual o homem se relaciona produzindo textos que, por sua vez, se inscrevem necessariamente em um gênero.

Contudo, o ISD não adere à expressão bakhtiniana “gêneros do discurso” (ou discursivos), uma vez que, de acordo com Bronckart (2012), os textos são produtos empíricos das atividades de linguagem em constante funcionamento, logo, “os *gêneros do discurso, gêneros de texto e/ou formas estáveis de enunciados de Bakhtin* podem ser chamados de *gêneros de textos*” (BRONCKART, 2012, p. 143 – grifo do autor). De forma mais específica, explica Bronckart (2012) que gêneros do discurso são entidades vagas não promovendo a noção do texto como “unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente” (BRONCKART, 2012, p. 75). Ainda, segundo Bronckart (2012), os textos são produtos de atividades de linguagem em constante funcionamento nas formações sociais, o que acaba determinando a elaboração de diferentes espécies de texto com características próprias e comuns, por isso, “na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão gênero de texto em vez de gênero do discurso” (BRONCKART, 2012, p. 75). Sendo assim, a terminologia utilizada por Bronckart (2012) e partilhada pelos estudiosos do ISD, inclusive por nós a partir desse momento, é gênero textual.

De acordo com Bronckart (2012), fundamentado pelo ISD, os textos são realizações empíricas articuladas à diversas situações de comunicação e a elas condicionadas, ou seja, de acordo com o contexto de interação, os sujeitos

¹ Grupo de Genebra é a denominação dada ao conjunto de pesquisadores da Universidade de Genebra (Suíça) coordenado por Jean-Paul Bronckart, que desde a década de 80 dedica-se à constituição e aprimoramento do Interacionismo Sociodiscursivo.

participantes produzem seus textos atentos às peculiaridades da situação social. Ao firmar essa premissa o autor confirma o caráter social dos textos, além de evidenciar a plasticidade dessas manifestações linguísticas que se adaptam às situações de comunicação emoldurando-se por diferentes formas, as quais são denominadas pelo ISD como gêneros textuais.

O teórico considera a linguagem como principal forma de interação social, que se manifesta de acordo com a complexidade e diversidade das práticas empreendidas pelos sujeitos. Portanto, as ações de linguagem são delimitadas de acordo com as adaptações necessárias ao contexto de produção, o que gera diferentes espécies de textos compelindo o sujeito a mobilizar os diversos gêneros textuais, compreendidos como formas de comunicação verbal estabilizadas no curso da história. Machado e Cristóvão (2006) asseveram que:

Os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas/instrumentos para seu agir, quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmos, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem. (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006, p. 551)

De acordo com as autoras, o querer-dizer do sujeito é o que irá motivá-lo a apropriar-se de um gênero para compor o seu texto, aqui entendido como “unidade comunicativa porque é determinado pela atividade que o engendra, e não pelas unidades linguísticas que o constituem” (CRISTÓVÃO; NASCIMENTO, 2008, p. 35). Sendo assim, para o ISD, o texto configura-se como objeto de estudo por materializar a linguagem que está em permanente funcionamento nas diferentes esferas sociais por meio dos gêneros.

Bronckart (2012) considera a multiplicidade dos gêneros ao apontar que todo sujeito linguístico no seu agir com a linguagem tem à disposição uma gama de textos pré-existentes, organizados em gêneros que permanentemente se modificam para atender às situações de comunicação, e em número teoricamente ilimitado. Assim, justifica a categorização dos gêneros como entidades dinâmicas que não se prestam à classificações rígidas devendo ser observados “pelo lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural” (MARCUSCHI, 2008, p. 16).

Por outro lado, Marcuschi (2008), apoiado em Bronckart (2012), sinaliza que “os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que na produção textual nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas” (MARCUSCHI, 2008, p. 16). Em suma, os gêneros não podem ser vistos como modelos estanques com estruturas canônicas, porém não devem ser considerados “amorfos e simplesmente determinados por pressões externas” (MARCUSCHI, 2008, p. 17), visto que são formas interativas de utilização da linguagem que se adequam aos objetivos comunicativos estando passíveis de transformação com o tempo, no curso da história

Pautados sobre esses conceitos, o Grupo de Genebra definiu várias perspectivas para seus estudos: compreender o agir humano implicado no trabalho; analisar textos a fim de compreender o funcionamento dos diferentes níveis de textualidade e de suas relações com o contexto, com os gêneros e com o desenvolvimento humano; e, em uma vertente mais didática, que sustenta nossa dissertação: elaborar e avaliar materiais didáticos; construir modelos didáticos e sequências didáticas para o ensino dos gêneros textuais; analisar e avaliar experiências didáticas, para formar professores.

Nesse sentido, sendo o nosso objetivo compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas, a qual sugere para o ensino e aprendizagem escolar dos gêneros textuais a elaboração de modelos didáticos e de sequências didáticas, os quais apresentamos de forma mais específica a seguir:

1.2.1 Modelo didático de Gênero

O instrumento modelo didático, criado inicialmente para atender a uma necessidade pontual dos pesquisadores da equipe de Didática de línguas da Universidade de Genebra relacionada ao ensino de gêneros orais, é “um conceito que tem sua origem na prática da engenharia didática e que serve para estabilizar essa prática explicitando-a e sistematizando-a” (DE PIETRO E SCHNEUWLY, 2014, p. 51). Logo, a elaboração do modelo, segundo os estudiosos da vertente didática

do ISD, torna-se essencial nos processos de transposição didática, uma vez que explicita a relação entre os gêneros de referência e sua adaptação para o ensino, e sistematiza a transposição no momento em que evidencia os objetivos visados para o ensino.

Para uma mais ampla compreensão do que é um modelo didático e os procedimentos para sua elaboração, abordamos os processos sugeridos por Bronckart (2012) para análise de gêneros textuais. Segundo o autor, o procedimento para análise de um gênero deve iniciar-se com “a coleta (em situação natural ou experimental) de um corpus de textos empíricos, que, segundo os cânones da metodologia científica, deve ser representativo do conjunto de textos atestáveis em uma língua” (BRONCKART, 2012, p. 78). E, sobre o *corpus* realizar análises de acordo com a ordem metodológica de estudos da linguagem proposta por Bakhtin/Volochinov (2006). Bakhtin/Volochinov (2006) assumem uma perspectiva de abordagem descendente dos fatos languageiros, ou seja, primam pela abordagem à dimensão prática na qual o texto se insere enquanto atividade social. Nesse sentido, segundo Bronckart (2012), ao analisar um texto é primordial centrar-se “nas condições sociopsicológicas da produção de textos e depois, considerando essas condições, na análise de suas propriedades estruturais e funcionais internas” (p. 77). Sendo assim, a análise deve focar:

Primeiro, as condições e os processos de interação social: em termos contemporâneos, as diversas redes e formas de atividade humana; depois as “formas de enunciação”, que verbalizam ou semiotizam essas interações sociais no quadro de uma língua natural; enfim, a organização dos signos no interior dessas formas, que, segundo o autor, seriam constituídos das ‘ideias’ e do pensamento humano consciente. (BRONCKART, 2007, p. 21).

Os principais produtos de análise do ISD, segundo Bronckart (2012), são o modelo da ação de linguagem e o modelo da arquitetura textual. Por ação de linguagem compreendemos o percurso que culmina na produção de um texto empírico, resultado de um duplo processo em que o agente (produtor do texto) primeiro seleciona um modelo de gênero condizente com a situação de comunicação e, em seguida, adequa esse modelo de acordo com as exigências globais da situação. Dessa forma, o agente produtor tem a possibilidade de adaptar-se à situação particular de comunicação, ao destinatário, ao conteúdo, à estrutura do

gênero, produzindo um texto que apresenta traços do gênero e as particularidades da situação em que foi produzido. Por conta desse duplo processo, adoção e adaptação ao gênero, é que os todos os textos empíricos devem ser considerados e analisados como um exemplar do gênero (BRONCKART, 2012).

Ao compreendermos o modo como se desenvolve a ação de linguagem desvelamos uma face do funcionamento das práticas sociais languageiras. Contudo, faz-se necessário o conhecimento da estrutura do texto, concebida como um folhado textual por Bronckart (2012), formada por três camadas que se sobrepõe: a infraestrutura geral do texto; os mecanismos de textualização; e os mecanismo enunciativos.

O quadro 1, elaborado por Striquer (2013), sintetiza os parâmetros de análise da organização dos signos que formam o interior de um gênero de acordo com Bronckart (2012).

Quadro 1 - Organização do interior de um gênero – Bronckart (2012)

Contexto de produção	A arquitetura interna
<p><i>Parâmetros do mundo físico:</i> -emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido;</p> <p><i>Parâmetros do mundo social e subjetivo:</i> -elementos da interação comunicativa que integram valores, normas e regras;</p> <p><i>Conteúdo temático do texto</i>, ou seja, o assunto no texto tratado.</p>	<p><i>Infraestrutura textual:</i> -plano geral do texto, tipos de discurso, tipos de sequências, formas de planificação;</p> <p><i>Mecanismos de textualização:</i> -conexão, coesão nominal e coesão verbal;</p> <p><i>Mecanismos enunciativos:</i> - vozes e marcação das modalizações presentes em um texto.</p>

Fonte: adaptação de STRIQUER (2013, p. 112)

No que se refere ao contexto de produção, reafirma-se a indissociabilidade entre plano verbal e interação social observada por Bakhtin (2006). Os parâmetros do mundo físico, social e subjetivo, bem como o conteúdo temático do texto, são os elementos que estabelecem o princípio comunicativo e, a partir deles, é que se fundamenta a arquitetura interna textual. Por esse motivo a análise deve principiar pelas atividades sociais, e destas seguir para as atividades de linguagem, os textos e seus componentes linguísticos, visto que é no contexto que surge o querer-dizer dos indivíduos.

Quanto à arquitetura interna de um texto, ela é formada pelo entrelace de três camadas: infraestrutura textual, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos. A infraestrutura textual engloba a escolha do plano geral do texto, de sua organização temática e estrutural; do tipo de discurso condicionado às dimensões pragmáticas do gênero; da sequencialidade que determina os modos de planificação e as sequências textuais que “correspondem a cinco tipos de relações macrossemânticas” (ADAM, 2011, p. 204): narrativa, argumentativa, explicativa, dialogal e descritiva.

Já os mecanismos de textualização são os responsáveis pelo estabelecimento da coerência temática que se explicita por meio de organizadores textuais que estão articulados à linearidade do texto. De acordo com Bronckart (2012), tais mecanismo se agrupam em três conjuntos: a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal. Os mecanismos de conexão organizam o plano geral do texto e as frases de uma sequência, além de marcarem a transição entre os tipos de discurso. Os mecanismos de coesão nominal são os responsáveis por apresentar temas e/ou personagens novos, (função de introdução) e pela retomada ou substituição no desenvolvimento do texto (função de retomada). Por fim, os mecanismos de coesão verbal, essencialmente realizados pelos tempos verbais, asseguram a organização temporal e/ou hierárquica dos estados, acontecimentos ou ações verbalizadas no texto.

Considerados a camada mais superficial do folhado textual, os mecanismos enunciativos (vozes e modalizações) “contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto[...].” (BRONCKART, 2012, p. 319), ou seja, a coerência textual interativa. Por vozes compreendemos as “entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (BRONCKART, 2012, p. 326), sendo assim, às vozes atribuímos o esclarecimento quanto ao posicionamento enunciativo. Já os modalizadores “têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formuladas a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (BRONCKART, 2012, p. 330) explicitando as posições do enunciador.

Norteados pela proposta de análise de texto de Bronckart (2012) e interessados em compreender e sugerir orientações de como tomar um gênero como objeto de ensino, a vertente didática do ISD recomenda a análise do referido gênero. Assim, conhecidos os elementos que formam: o campo social da atividade

humana em que o gênero está inserido; de qual prática social emerge; a intenção comunicativa; o conjunto de elementos que formam o contexto de produção e o folhado textual (BRONCKART, 2012), é possível a construção de um modelo didático do gênero em referência. Para Schneuwly e Dolz (2004), o modelo didático consegue expor “o conhecimento implícito do gênero, referindo-se aos saberes formulados, tanto no domínio da pesquisa científica quanto pelos profissionais especialistas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 81).

Conforme Schneuwly e Dolz (2004), alguns princípios devem nortear a elaboração do modelo: o *princípio da legitimidade* - caracterização do gênero a partir de pesquisa a respeito da definição teórica do gênero; o *princípio da pertinência* - levando em consideração as capacidades já consolidadas pelos alunos e aquelas passíveis de desenvolvimento é preciso construir objetivos para o ensino e a aprendizagem do gênero; o *princípio de solidarização* - visa tornar coerentes os saberes em função dos objetivos pretendidos.

A interatividade entre os três princípios é fundamental, visto que “a aplicação de nenhum deles é independente da dos outros, e, é precisamente, a imbricação profunda dos três que constitui uma das dimensões da formação do objeto escolar, definido por sua modelização (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 82). Assim, para cada gênero selecionado deve-se levar em consideração os saberes científicos já consolidados, os objetivos de ensino e a pertinência do gênero para o aprofundamento da capacidade discursiva dos alunos e possibilidade de elaboração de atividades que culminem na aprendizagem do gênero textual.

Ainda no intento de conceituar o modelo didático, De Pietro e Schneuwly (2014) evidenciam três dimensões essenciais constitutivas desse instrumento: o modelo didático é um produto que possui uma determinada estrutura; esse produto é o resultado de uma construção; o modelo didático é afinal uma ferramenta de construção de sequências de ensino. No que diz respeito a estrutura, os autores definem cinco componentes essenciais: 1) a definição geral do gênero. 2) os parâmetros do contexto comunicativo; 3) os conteúdos específicos; 4) a estrutura textual global; 5) as operações languageiras e suas marcas linguísticas. Sobre o conceito de produto como resultado de uma construção, os autores concebem esse processo como a convergência entre dados levantados a respeito das práticas sociais de referência, da literatura a respeito do gênero, das práticas de linguagem dos alunos e das práticas escolares.

Já a abordagem do modelo didático enquanto ferramenta deve-se a sua função de oferecer objetos potenciais para o ensino por uma “dupla dimensão generativa, horizontal e vertical” (DE PIETRO E SCHNEUWLY, 2014, p. 67), ou seja, ele possibilita a construção de diversas atividades de ensino/aprendizagem para um mesmo público-alvo e permite construir sequências de ensino de complexidade crescente.

Nascimento (2014) salienta que, devido ao caráter gerativo, um mesmo gênero pode servir como objeto de ensino em vários níveis e para públicos diferentes, e “numa concepção espiral de aprendizagem” (NASCIMENTO, 2014, p. 68) pode voltar a ser objeto para o mesmo público em momentos distintos, aprofundando as capacidades já favorecidas ou abordando novas dimensões.

Sobre essa possibilidade de reiteração do trabalho com um mesmo gênero, Barros (2012) defende um modelo visto, *a priori*, apenas teoricamente, ou seja, “sua construção não necessitaria levar em conta as *capacidades* dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino” (BARROS, 2012, p. 73 – grifo da autora), podendo servir como um modelo teórico genérico pelo qual diversas sequências didáticas podem se originar. Ainda segundo a autora, o modelo teórico do gênero é um processo de modelização preliminar que vem sendo elaborado por vários pesquisadores que, ao evidenciarem os conhecimentos pressupostos pelos gêneros “elaboram uma ferramenta fundamentalmente teórica (primeiro nível da transposição didática), cujo o objetivo é servir de base para ações didáticas posteriores em um eventual processo de *transposição didática*” (BARROS, 2012, p. 73 – grifo da autora).

Logo, para Barros (2012), devido ao caráter genérico e fundamentalmente teórico do modelo teórico, ele pode servir como base para a elaboração de um modelo didático, este mais voltado aos objetivos de ensino do gênero, ao nível dos alunos e à demanda social imediata. Em decorrência, a autora elabora um Dispositivo Didático para a modelização do gênero, o qual apresentamos pelo quadro a seguir:

Quadro 2 - Dispositivo Didático de Gênero

ELABORAÇÃO DE MODELO TEÓRICO/DIDÁTICO DO GÊNERO	
Capacidades de linguagem	Perguntas para direcionar a modelização do gênero

Capacidades de ação	<ul style="list-style-type: none"> • A qual prática social o gênero está vinculado? • É um gênero oral ou escrito? • A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? • Quais as características gerais dessa esfera? • Quem produz esse gênero (emissor)? • Para quem se dirige (destinatário)? • Qual o papel discursivo do emissor? • Qual o papel discursivo do destinatário? • Com que finalidade/objetivo produz o texto? • Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? • Qual é a relação estabelecida entre o produtor e o destinatário? Comercial? Afetiva? • Qual o valor desse gênero na sociedade? • Qual o suporte? • Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)?
Capacidades discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o tipo de discurso? Do expor? Do narrar? • É um expor interativo (escrito em primeira pessoa, se reporta explicitamente ao interlocutor, tenta manter um diálogo mais próximo com o interlocutor, explicita o tempo/espaço da produção)? • É um expor teórico (não deixa marcas de quem fala, para quem fala, de onde e quando fala)? • É um narrar ficcional? • É um narrar acontecimentos vividos (relato)? • Como é a estrutura geral do texto? Qual a sua cara? Como ele se configura? É dividido em partes? Tem título/subtítulo? É assinado? Qual sua extensão aproximada? Acompanha fotos/figuras? Quais as características gerais? • Como são organizados os conteúdos no texto? Em forma de lista? Versos? Prosa? • Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva?
Capacidades linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Como são feitas as retomadas textuais? Mais por pronomes ou por nomes? Quais as estratégias mais usadas? Substituições por sinônimos? Por termos genéricos/específicos? Por nominalizações? Por repetições? Como são mobilizados os artigos definidos/indefinidos nas retomadas? Qual o grau de afetividade/valoração expresso pelas retomadas? • Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? E os tipos de verbo: ação? Estado? • Quais os tipos de conectivo usados: lógico (mas, portanto, assim, dessa forma, etc.)? Temporal (era uma vez, um dia, depois, amanhã, etc.)? Espacial (lá, aqui, no bosque, etc.)? • Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe? • Como se dá a escolha lexical? Há mais substantivos concretos? Abstratos? Há muitos verbos de ação? De estado? Há muitos adjetivos? Que tipo de adjetivo (objetivos, subjetivos, afetivos, físicos, superlativos, comparativos)? • Como são mobilizados os sinais de pontuação no texto? Quais os mais usados? E com qual finalidade? • Há uso de metáforas? De palavras/expressões com sentido conotativo? • Há rimas? Que tipo de rima?

Capacidades linguístico-discursivas	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o tom do texto? Mais descontraído? Humorístico? Objetivo? Poético? Coloquial? Sisudo? Familiar? Moralista? De poder? • Há o uso de ironia? • Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens? • De que instâncias advêm essas vozes? Do poder público? Do senso comum? De autoridades científicas? • Como é dada a voz aos personagens (ficcionais ou não) do texto? • Há mobilização de discurso direto? Indireto? Quais os recursos linguísticos/ gráficos (aspas, travessão, dois pontos) empregados? • Quais processos de modalização discursiva são mais frequentes? Modalizações lógicas? Deônticas? Apreciativas? Pragmáticas? • Há a mobilização de elementos paratextuais (quadros, imagens, cores...) ou supratextuais (títulos, subtítulos, sublinhados...)? Como eles agem na construção dos sentidos do texto? Observe, caso o texto possibilite, a forma de grafar as palavras, as cores, a expressão gestual, a forma das imagens, a entonação, as pausas, etc.
-------------------------------------	---

Fonte: BARROS (2012, p. 161)

O dispositivo considera a tripartição das capacidades de linguagem, bem como as categorias de análise textual do ISD e, de acordo com a autora, “possibilita a elaboração de qualquer modelo teórico/didático, pois direciona o processo de modelização a partir de perguntas-chave, proporcionando uma visão mais pontual sobre o objeto de ensino analisado” (BARROS, 2012, p. 162). Dessa forma, o dispositivo constitui-se como uma ferramenta que, aliada às análises das práticas de linguagem dos alunos e das práticas escolares, fornece informações essenciais para a modelização do gênero a se ensinar.

De acordo com nosso objetivo geral de pesquisa de compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, pautamo-nos na elaboração, primeiro, de um modelo teórico, tendo como instrumento norteador o dispositivo de Barros (2012), e, depois, portanto, a construção de um modelo didático.

Importante ainda abordar a defesa que fazem Schneuwly e Dolz (2004) para quem a introdução de um gênero na escola como resultado de uma decisão didática consciente deve contemplar ao menos dois objetivos: que os alunos aprendam a dominar o gênero para melhor compreendê-lo de modo a melhor produzi-lo na escola e fora dela; que os alunos desenvolvam capacidades que ultrapassem o

gênero em questão e transfiram-se para a compreensão/produção de outros gêneros.

Outro aspecto destacado pelos autores refere-se à transformação necessária do gênero ao ser introduzido na escola e, assim, deslocando seu lugar social, visto que, “para se tornar objeto de ensino, os saberes devem ser modelizados” (DE PIETRO; SCHNEUWLY, 2014, p. 75). No ambiente educacional não há como negar a escolarização do conhecimento, ou seja, não há como impedir que o contato com os gêneros se dê pelo processo de didatização que, de acordo com Bezerra (2008) consiste na modificação de um determinado conteúdo de uma área do conhecimento em objeto de ensino a ser trabalhado em sala de aula. Diante disso, o desafio é colocar os alunos o mais próximo possível de uma situação de comunicação real, sem negligenciar, entretanto, que eles estão participando de uma dinâmica de ensino/aprendizagem. Dessa forma, ainda que se admita a inserção do gênero em um ambiente artificial, serão criadas situações que aproximem a produção escolar às práticas empreendidas fora da escola, possibilitando o melhor domínio do gênero.

Vale ressaltar que o processo de modelização viabiliza a proximidade do professor com o objeto de ensino, ou seja, com o gênero a ser ensinado, condição essencial para o domínio dos procedimentos de ensino/aprendizagem a serem desenvolvidos em sala de aula. A esse respeito De Pietro e Schneuwly (2014) asseveram que “para ser ensinado, um objeto deve ser assimilado por aquele que ensina no sentido de saber o que significa escrever, pelo menos no sentido escolar” (DE PIETRO; SCHNEUWLY, 2014, p. 75)

Diante do exposto, destacamos outras duas características essenciais para a construção de um modelo didático indicadas por Schneuwly e Dolz (2004): que o objetivo prático seja apresentado de forma clara, com o intuito de orientar as intervenções didáticas e que, dessa forma, indique os elementos considerados ensináveis propiciando a formulação de sequências didáticas, as quais abordamos na próxima subseção.

1.2.2 Sequência Didática

A partir da proposta de Schneuwly e Dolz (2004), compreendemos as sequências didáticas (SD) como uma unidade de trabalho escolar, à medida em que propõem um conjunto de atividades, com objetivos delimitados e a finalidade de

aprimorar as práticas languageiras. Para os autores, uma SD consiste em “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 50), pois possibilitam ao aluno colocar em prática aspectos da linguagem já internalizados e desenvolver aqueles que ainda não dominam, ampliando seu repertório de linguagem. Nessa concepção, as SD “buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 50). Ainda segundo os autores:

Esta reconstrução realiza-se graças à interação de três fatores: as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem; as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela sequência didática (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 50).

Por práticas de linguagem entendemos as referências históricas de práticas sociais já consolidadas, através das quais os gêneros são cristalizados e, portanto, palpáveis à formulação de estratégias de ensino que tenham como objeto didático “o principal instrumento de interação social” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 50): a linguagem materializada nos diversos textos. Desse modo, o trabalho escolar deve primar pelos gêneros e o ensino das especificidades dessas práticas de interação social.

Para que o sujeito interaja através das práticas languageiras é necessário que mobilize capacidades de linguagem inerentes ao gênero com o qual irá comunicar-se. Dessa forma, “as *capacidades de linguagem* estão relacionadas às aptidões requeridas do indivíduo para a sua ação languageira, o que pressupõe sempre a mediação instrumental de um gênero de texto” (BARROS, 2012, p. 66 – grifo da autora). De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), as capacidades de linguagem podem ser segmentadas em três níveis: capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas, as quais trataremos de forma mais específica na subseção 1.3

Para a elaboração de uma SD o professor deve atentar para as capacidades e as dificuldades específicas apresentadas pelos alunos de modo que as atividades propostas possam contemplar os problemas apresentados por eles. Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004) detalham a definição e os objetivos de uma SD:

O procedimento *sequência didática* é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97 – grifo do autor).

De acordo com essa definição, os autores evidenciam a necessidade de produção de uma sequência organizada que pode ser sintetizada pelos seguintes procedimentos: Apresentação da situação - exposição explícita e detalhada do objetivo que se pretende alcançar com o processo de ensino e aprendizagem do gênero solicitado. Nesse momento é importante que os alunos “compreendam em quais situações comunicativas eles podem agir com o gênero proposto, fora da escola, e qual a situação real de comunicação que eles participarão com a produção final, na escola” (STRIQUER, 2013, p. 85). É relevante, portanto, resgatar a historicidade do gênero, sua função social comunicativa, os temas recorrentes, possíveis destinatários e a estrutura formal do texto que será trabalhado, a fim de que os alunos “compreendam o melhor possível a situação de comunicação na qual devem agir” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 99)

Cientes das características que configuram o gênero, no passo seguinte os alunos devem produzir um texto inicial que servirá como parâmetro para a elaboração dos módulos de ensino. Essa primeira produção permite “circunscrever as capacidades de que os alunos já dispõem e, conseqüentemente, suas potencialidades” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 101). Desse diagnóstico o professor pode traçar o caminho de intervenção que melhor se adequa às necessidades demonstradas pelos alunos. Importante ressaltar que essa primeira produção, por se tratar de um instrumento de averiguação do nível das capacidades linguísticas dos alunos, “pode ser simplificada, ou somente dirigida à turma, ou, ainda, a um destinatário fictício” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 101).

Os módulos são, então, elaborados com o objetivo de “trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar os instrumentos necessários para superá-los” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 103 – grifo do autor). Sendo assim, eles devem ser organizados de modo a contemplar problemas de níveis diferentes que, de acordo com os autores, podem ser distintos em quatro

categorias principais: os problemas relacionados à representação da situação de comunicação; aqueles relacionados à elaboração de conteúdos; problemas referentes ao planejamento do texto e aqueles relativos à realização do texto. Outro ponto destacado pelos autores é a relevância da variação das atividades elaboradas em cada módulo para que os alunos tenham “acesso por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, sua chance de sucesso” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 105).

Toda a aprendizagem proposta durante a realização dos módulos é consubstanciada em uma produção final que “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 106). É o momento de avaliar o texto final como resultado de um processo, o que possibilita ao professor a realização de uma avaliação somativa.

É ainda relevante destacar que a organização de uma SD é uma atividade complexa que demanda planejamento, diagnósticos iniciais, pontualidade e objetividade na proposição de cada módulo e destreza linguística do professor ao conduzir as atividades de modo a promover o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, as quais estão de forma mais específica apresentadas na próxima subseção.

1.2.3 Capacidades de linguagem

Considerando os preceitos do ISD, no que concerne à definição dos gêneros textuais, salientamos que essa corrente teórica “não toma os gêneros de texto como sua unidade de análise” (MACHADO, 2005, p. 237), mas os consideram como o suporte para as ações de linguagem. Sendo assim, “o objeto real de ensino e aprendizagem seriam as operações de linguagem necessárias para essas ações, operações essas que dominadas constituem as capacidades de linguagem” (MACHADO, 2005, p. 258).

Conforme exposto, de acordo com Barros (2012), no momento da interação do sujeito realizada nas diversas práticas sociais de linguagem existentes na sociedade, ele mobiliza capacidades de linguagem inerentes aos gêneros em uso no momento da interação. Essas capacidades são definidas por Schneuwly e Dolz (2004) como “as aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero

numa situação de interação determinada” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44) e segmentadas em três níveis: as capacidades de ação, as capacidades discursivas e as capacidades linguístico-discursivas.

As capacidades de ação referem-se aos elementos que circundam a situação de produção, ou seja, essa capacidade possibilita ao produtor “fazer representações do contexto da ação de linguagem” (BARROS, 2012, p. 66). É por meio desse nível de capacidade que o agente-produtor avalia os parâmetros do ambiente físico, social, subjetivo e o referente do texto, adequando-os à ação discursiva.

De acordo com Lousada (2007) a capacidade de ação é a primeira abordagem da implementação de uma proposta de leitura e produção de um gênero textual, visto que, é a partir da análise da situação de produção que o aluno leitor/produtor situa-se quanto a função social do texto, sendo capaz de acionar representações contextuais. Ainda segundo a autora, essa fase é essencial para que os alunos atentem para a existência de outros elementos significantes na composição textual, além das características linguísticas. A falta de estímulo e trabalho visando aprimorar as capacidades de ação dos estudantes faz com que, em uma situação de ensino e aprendizagem, sejam negligenciados os elementos pregressos à materialização linguística de um texto, dificultando uma leitura e/ou produção adequada e crítica, que atente à composição global do texto.

No caso do gênero eleito como eixo organizador da intervenção didática, o conto maravilhoso, é importante que os alunos compreendam ser este um gênero que tem como suporte, convencionalmente, os livros, mas que também é encontrado no ambiente virtual; que circula principalmente nas esferas residenciais e escolares; que lhe é atribuído um valor social decorrente da qualidade literária; que tem o objetivo de entreter, mas que também contribui para a formação humana ao abordar temas de relevância social; que o autor, emissor físico, passa a ser um enunciador à medida em que escreve motivado por questões sociossubjetivas; que o destinatário e seu papel social são relevantes na construção textual; enfim, é essencial que os estudantes compreendam o contexto de produção para que possam reconhecer o texto como prática discursiva.

As capacidades discursivas são aquelas que possibilitam ao sujeito produtor fazer escolhas relacionadas “à infraestrutura geral de um texto – plano geral, tipos de discurso e sequências” (BARROS, 2012, p. 66). É a partir dessa capacidade que o agente seleciona e organiza a estrutura interna do texto para compor sua ação de

linguagem. Essa capacidade de “mobilizar modelos discursivos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44) permite reconhecer no gênero sua constituição a partir de variantes discursivas (discurso interativo, teórico, relato interativo e narrativo) e de sequências textuais (narrativas, explicativas, descritivas, dialogais e argumentativas). Além disso, atentar aos elementos discursivos de um texto suscita no aluno a capacidade de identificar o gênero por meio do seu plano geral.

Quando nos referimos ao conto, em especial ao gênero conto maravilhoso, salientamos a necessidade de evidenciar o distanciamento do mundo ordinário configurado pela predominância do discurso do narrar ficcional. É importante que os alunos abstraíam a essência fantasiosa que permeia esse gênero e que o diferencie, por exemplo, do discurso que compõem uma notícia e do seu comprometimento com a veracidade do que é relatado. Além disso, é essencial que observem a sequência narrativa em predominância, o que implica a identificação dos momentos que estruturam a sequência narrativa: situação inicial, nó, re-ação, desenlace e situação final (ADAM, 2011, p. 216). A capacidade discursiva possibilita, também, que os alunos observem que o texto se estrutura em parágrafos, que tem uma extensão relativamente curta se comparada a um romance, que lhe é pertinente uma ilustração como forma de complementar os elementos linguísticos, entre outros.

Finalmente, as capacidades linguístico-discursivas referem-se ao gerenciamento dos elementos internos do texto, ou seja, as escolhas lexicais, gramaticais, sintáticas, construção dos enunciados, mecanismos de textualização e modalização, distribuição das vozes, entre outros aspectos. Segundo Barros (2012), “essa capacidade possibilita ao agente-produtor realizar as operações linguístico-discursivas implicadas na produção textual” (BARROS, 2012, p. 66). O emprego eficiente dessas operações linguísticas irá conferir à produção textual as características próprias de cada gênero, contribuindo para a construção do significado global do texto.

Ainda, de acordo com Cristovão (2011):

As capacidades linguístico-discursivas contemplam as características dos usos da linguagem que cumprem função discursiva no gênero em questão, articulando o sistema da língua às esferas sociais de circulação e produção dos gêneros assim como à intencionalidade do enunciatador (CRISTOVÃO, 2011, p. 386).

Dessa forma, ao abordarmos o gênero conto maravilhoso, é necessário que os alunos observem e reproduzam as unidades linguístico-discursivas relativamente estabilizadas do gênero: discurso narrado na terceira pessoa; predominância do pretérito na conjugação dos verbos; as retomadas nominais que acontecem, principalmente, pela substituição por sinônimos; a presença de organizadores temporais e espaciais que organizam a narrativa; a escolha lexical condicionada ao ambiente fantasioso; entre outros.

Ainda que as capacidades de linguagem estejam classificadas em três níveis distintos, é importante salientarmos que essa divisão só é válida no plano teórico/metodológico da pesquisa. No agir discursivo, as capacidades se articulam, “uma capacidade não age sozinha, pois ela é dependente das demais” (BARROS, 2012, p. 67). Na elaboração de uma sequência didática, como é o caso da nossa proposta de intervenção, é imprescindível que os três níveis sejam contemplados em proporção equivalente para que haja o desenvolvimento integral das capacidades de linguagem, o que proporcionará ao aluno o potencial de “agir com a linguagem em diferentes situações” (MACHADO; LOUSADA, 2010, p. 624).

Desenvolvendo suas capacidades de linguagem, o aluno passa a ter autonomia para manipular um gênero visando adequar-se à diversas situações comunicativas e, dessa forma, inserir-se na sociedade. A partir disso, primamos pelo estímulo a esse desenvolvimento, uma vez que “é exatamente o desenvolvimento das capacidades de linguagem o centro da questão escolar, ou seja, o gênero não deve ser ensinado para que o aluno aprenda simplesmente um gênero” (STRICHER, 2013, p. 57), mas deve servir para compor uma memória discursiva, a partir da interiorização das operações de linguagem recorrentes em qualquer gênero.

Como o gênero em foco insere-se na esfera literária, reconhecemos as peculiaridades inerentes a ele que requerem operações linguístico-discursivas diferenciadas daquelas utilizadas no cotidiano, portanto apresentamos a seguir a teoria que sustenta a metodologia denominada Escrita Criativa, direcionada à criação de textos literários.

1.3 Escrita Criativa

A Escrita Criativa pode ser definida como “[...] o estudo crítico, a transmissão e o exercício de técnicas utilizadas por escritores e ensaístas de diversas épocas, culturas e correntes, para a elaboração de textos literários ou mesmo não literários” (MANCELOS, 2007, p. 14). É, portanto, uma possível abordagem relacionada com o ensino da escrita que incorre na elaboração de técnicas e oficinas voltadas à prática da escrita, em especial, da escrita literária. Para SILVA (2013), pesquisadora dessa metodologia no contexto de Portugal, a Escrita Criativa,

Pode ser perspectivada como um meio de aprendizagem da escrita. Esta proposta de trabalho convida os estudantes a expressarem, de uma forma mais personalizada, alguns pensamentos ou perspectivas que possuem relativamente a temas mais fantasiosos ou reais. Através da construção de textos narrativos, poéticos e dramáticos, os estudantes têm uma vasta panóplia de possibilidades de exercícios para exercitarem as suas potencialidades criativas. O docente tem ao seu dispor um vasto leque de propostas de trabalho para que os seus alunos desenvolvam as suas competências de escrita, aplicando os conhecimentos gramaticais adquiridos anteriormente. A utilização prática desta metodologia configurar-se-á em oficinas de escrita que podem ser de índole teórica – quando o docente fornece técnicas de escrita para que os estudantes não careçam de noções de estratificação textual, por exemplo – e também poderão ser de carácter mais prático, nas quais o professor fornecerá as temáticas e as indicações para que haja produção de texto (SILVA, 2013, p. 17)

O termo Escrita Criativa (EC) surgiu nos Estados Unidos, com a implementação do *Program in Creative Writing pela Iowa University*, em 1936, um programa de mestrado nessa área. Contudo, de acordo com Mancelos (2010), desde 1880 há cursos de EC na *Harvard University*, frequentados por escritores famosos como Ernest Hemingway e William Faulkner. No Brasil, segundo Assis Brasil (2003), a mais antiga experiência de oficinas de EC data do ano de 1962 e foi idealizada pelo escritor Cyro dos Anjos, na Universidade de Brasília. Atualmente os nomes mais relevantes da EC no Brasil são Raimundo Carrero, que desde a década de 70 ministra oficinas no Recife; e Assis Brasil, da PUC-RS, que ministra aulas de EC desde 1985 quando criou o primeiro mestrado do ramo no país.

Apesar de ter se consolidado no âmbito de escritores profissionais que buscavam o melhoramento de suas práticas de escrita por intermédios das técnicas propostas pela metodologia da EC, a utilização dessas técnicas no contexto educacional encontrou adeptos que vislumbraram nessas metodologias uma possibilidade de abordagem do texto literário em sala de aula. A exemplo disso,

SILVA (2016), em sua dissertação de mestrado intitulada *A leitura e escrita criativa nos anos finais do ensino fundamental* aponta os estudos de autores como “Alonso, Delmiro, González, Corrales, os quais já há algum tempo publicam sobre a EC no ambiente escolar” (SILVA, 2016, p. 75). Segundo a pesquisadora, esses autores não têm dúvida quanto à aplicabilidade da EC a jovens estudantes, visando à produção de texto literário.

À princípio um conjunto de técnicas destinado a escritores que desejavam aprimorar seus textos, a EC se disseminou no contexto escolar como potencial metodologia para leitura e escrita de textos literários, o que motivou Sena-Lino (2012) a “[...] criar um modelo de curso que permitisse a qualquer pessoa, independentemente, do seu *background*, desenvolver as suas capacidades de escrita” (SENA-LINO, 2012 apud FERNANDES, 2012, p. 45).

De acordo com Tauveron (2014), ao inserirmos o texto literário em sala de aula, como objeto de leitura e produção, não se pode pretender formar um aluno escritor, no âmbito profissional, o objetivo deve ser possibilitar a ele o contato com o processo de criação artística e incentivar sua condição de autoria, ou seja, aquele que se apropria do que escreve. Esse empoderamento da condição de autor é o que irá propiciar ao aluno a competência discursiva de se impor perante o que escreve, assumindo a posição de enunciador, sendo capaz de, numa concepção dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2003), avaliar e adequar sua produção a partir do discurso de outrem.

É preciso considerar ainda que escrever é um ato pessoal, pois quem escreve exterioriza suas percepções e sentimentos, e também é um ato social na medida em que a escrita passa a ser objeto de debate, de reflexão e de deleite nos grupos sociais onde circula o texto, provocando o que Bakhtin (2003) defende como responsividade. Nesse aspecto, o trabalho com a escrita literária é um excelente meio de desenvolvimento do aluno/sujeito tanto de seu caráter pessoal, pois auxilia em seu autoconhecimento; quanto sob aspecto social, uma vez que coloca o aluno em sintonia com temas de relevância na sociedade, incentivando seu comprometimento e posicionamento perante a comunidade que o circunda, cumprindo com a função emancipadora e humanizadora da literatura (CÂNDIDO, 2011). Além disso, é uma opção para o desenvolvimento da habilidade criativa do discente.

Contudo, há uma vertente que nega a necessidade e a validade do trabalho com a escrita do texto literário na escola sob a premissa de que, devido seu caráter artístico, o processo de criação literária não pode ser objeto de sistematização. Essa vertente, sob nosso ponto de vista, acredita na “inspiração” que confere ao autor um caráter “divino” de detentor da habilidade da escrita, e acaba dividindo as pessoas entre “os talentosos” e “os não-talentosos” o que é uma “[...]” partição inaceitável num mundo que se esforça, para sem discriminações, assimilar e a integrar as diferenças e as minorias” (ASSIS BRASIL, 2003, p. 74). A esse respeito, Sena-Lino (2013) deixa explícito de que é preciso refutar essa ideia da não possibilidade de sistematização do ensino da escrita literária ao afirmar que devemos

Deixar de acreditar na ‘inspiração’, em primeiro lugar. Nem todas as escritas de livros vêm com emoções associadas, grandes intensidades de pele interior, para ajudar a escrever seja o que for. E com o andar do tempo e da experiência, é como o amor: não é preciso senti-lo para ele ser real. Em seguida, ter um plano e um horário. Sem um hábito de escrita e uma luta diária para isso, não se vai a lado nenhum. Escrever, mesmo que no final o balde do lixo seja melhor. Está-se a estabelecer hábitos, a pensar no que se escreve, e a dobrar e a arrumar a linguagem, ou ainda mais, a bater no ferro da linguagem para depois ficar quente. (SENA-LINO, 2012 apud FERNANDES, 2012, p. 47)

No mesmo sentido, de acordo com Assis Brasil (2003), escrever requer leitura, treino e disciplina, o que pressupõe a possibilidade de se ensinar e de se aprender a escrever, legitimando o trabalho com o texto literário na escola.

Sob essa perspectiva é que compreendemos a premissa de Bakhtin (2003) de que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Sendo assim, cada gênero ao ser abordado em suas especificidades, é passível de se tornar objeto de ensino, o que converge com os preceitos da EC uma vez que ela postula trabalho diferenciado para cada gênero literário e não literário tendo em vista suas características típicas. Quando tratamos do texto literário, por se enquadrar na categoria de gênero secundário na perspectiva bakhtiniana, compreendemos que ele surge “nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2003, p. 263), o que demanda um trabalho mais apurado e

sistematizado, com procedimentos específicos, que eleve o sujeito a um nível linguístico mais desenvolvido.

Diante do desafio da necessidade de uma metodologia adequada que aborde o texto literário em todas as suas peculiaridades, adotamos, em conjunto com a base teórico-metodológica do ISD, a proposta da chamada Escrita Criativa, que sugere técnicas e recursos que contribuem para a criação de textos literários.

Assim, nosso interesse na metodologia para o contexto da educação básica justifica-se por se tratar de uma proposta de trabalho de análise do texto e dos sentidos que estão nele em construção, não se valendo apenas da subjetividade ou imaginação do aluno, mas da racionalidade necessária para a organização dos sentidos entrelaçado a organização textual. Leitão (2008) afirma que:

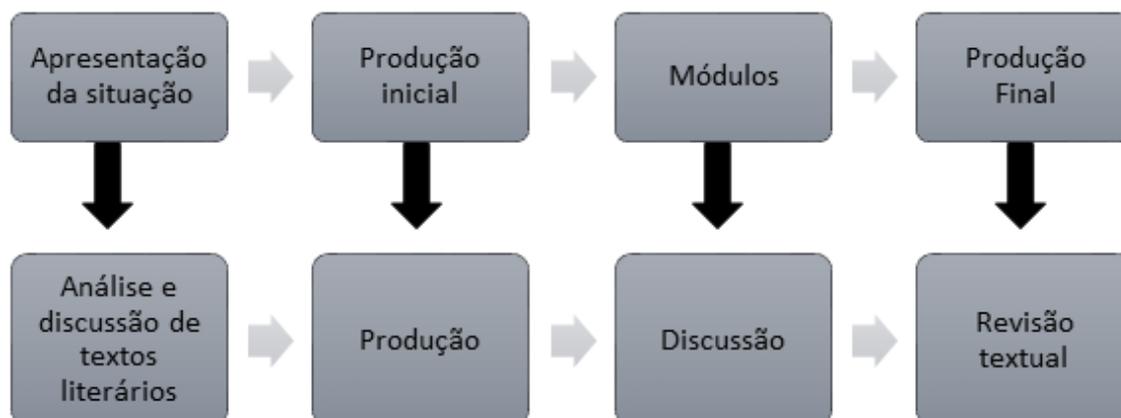
A escrita criativa tem sempre uma dupla dimensão - a do conteúdo e a da forma. Enquanto proposta de trabalho dirigida a estudantes, a escrita criativa não pretende senão desenvolver neles uma prática de escrita personalizada e eficaz, tanto ao nível da substância, como ao nível da forma (LEITÃO, 2008, p. 32).

E, a fim de realizar as etapas expostas como base da metodologia, a EC busca apoio nas teorias das ciências humanas, como aponta Mancelos (2007):

Metodologicamente, a EC recorre à interdisciplinaridade com diversas áreas, entre as quais relevaria a Teoria da Literatura, a História da Literatura e a Linguística, apelando também a disciplinas que ajudem a posicionar o texto no contexto (História, Sociologia, etc.). Neste sentido, a EC privilegia uma abordagem inclusiva e atenta às mudanças tanto no mundo como na estética. (MANCELOS, 2007, p. 14).

Para tanto, conforme Rodrigues (2015) “a base desta metodologia está na análise e discussão de textos literários, seguida da produção, discussão e revisão textual” (RODRIGUES, 2015, p. 05). Percebemos aqui a proximidade da referida proposta com metodologia que orienta o trabalho com os gêneros textuais a partir do ISD, base teórica desta pesquisa. Esse diálogo pode ser melhor visualizado a partir da comparação do esquema de organização da sequência didática, proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e da metodológica da EC:

Figura 1- Esquema comparativo - Sequência didática x Escrita Criativa



Fonte: a pesquisadora

Como podemos observar o processo metodológico da EC cumpre com as etapas preconizadas pela sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Exatamente nesse sentido é que para alcançar nosso objetivo geral, vimos a possibilidade de incorporação da proposta de trabalho com a produção de textos literários da EC com a metodologia para o ensino de gêneros sugerida pelo ISD. Logo, a sequência didática que compõe nosso material didático se baseia nos preceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) com o diálogo/inclusão do que alvitra a EC.

De forma mais específica, esse diálogo se efetiva da seguinte forma:

1) Na primeira etapa de trabalho com o texto literário, a EC propõe a leitura e discussão de textos que servirão como modelos para o aluno, não visando a simples imitação, mas para que o discente tenha exemplares onde possa observar e (re)conhecer os elementos que constituem o texto. Etapa totalmente conciliadora com o primeiro momento de uma SD (segundo DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004). Na SD a etapa inicial, da apresentação da situação, visa contextualizar a proposta de produção e exemplificá-la a partir da leitura de exemplares do gênero em processo de trabalho. Aqui destacamos a relevância do trabalho com textos reais, uma vez que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos” (BAKHTIN, 2003, p. 265), sendo, portanto, essencial que a proposta de trabalho parta de enunciados concretos, objetivando as construções de outros enunciados concretos.

2) Em seguida, no esquema da EC, inicia-se o processo de produção de texto pelo aluno, o que também preconiza o ISD na SD.

3) E como terceira etapa, a EC fala em discussão do texto produzido, tal discussão pode ser absorvida na SD na etapa do trabalho com os módulos, uma vez que o objetivo destes é que o aluno tenha a oportunidade de aperfeiçoar o texto produzido. Portanto, nos módulos as técnicas e dinâmicas elaboradas por autores como Pavani e Machado (2003), Claver (2004), Leitão (2008), Mancelos (2013), Tauveron (2014), Gonzaga e Tutikian (2015), que formam a metodologia da EC, podem ser trabalhadas. O texto é construído por fases que abordam os elementos e a estrutura da narrativa, de modo que ao final do trabalho as partes elaboradas pelos alunos sejam reunidas e se constitua o todo. A seguir, apresentamos alguns exemplos de técnicas assentadas nas propostas dos autores citados e adaptadas de acordo com o nível de escolaridade de nossos alunos:

- Técnica: Banco de palavras
 - Objetivo: enriquecimento do léxico
 - Desenvolvimento: o professor propõe que, em grupos, os alunos listem a maior quantidade de palavras relacionados a um tema selecionado. O banco de palavras composto fica à disposição de todos, no mural da sala, para a consulta durante as produções.
- Técnica: Festa à fantasia
 - Objetivo: caracterização das personagens
 - Desenvolvimento: propõe-se aos alunos a participação em uma festa à fantasia, onde deverão comparecer fantasiados de acordo com um possível personagem do conto. A partir dessa caracterização e seguindo um roteiro de perguntas, deverão construir o perfil de uma personagem. Pode-se questionar: Como é a personagem? Descreva sua aparência e personalidade; Como ela fala e pensa?; Onde mora? Com quem? Em que circunstâncias?; Onde trabalha?; Quem e como é sua família?; Tem alguma característica particular?
- Técnica: Texto quebra-cabeça
 - Objetivo: reconhecer os momentos da narrativa
 - Desenvolvimento: fornece-se aos alunos um texto com as partes embaralhadas orientando-os a ordená-las de modo a conferir a progressão textual.
- Técnica: do narrador-observador ao narrador-personagem

- Objetivo: entender que o narrador é caracterizado pela participação ou não na história narrada; diferenciar narrador-observador e narrador-personagem.
- Desenvolvimento: solicitar aos alunos que reescrevam um trecho de um conto modificando o narrador. Eles deverão utilizar o narrador-personagem, portanto em primeira pessoa. Orientá-los quanto à adequação dos verbos para acompanhar o discurso.
- Técnica: Caixa de sentimentos
- Objetivo: reconhecer as emoções e refletir sobre sentimentos e atitudes.
- Desenvolvimento: dispostos em círculo, explique aos alunos que dentro da caixa estão alguns dos sentimentos e atitudes mais comuns no relacionamento humano e que a tarefa deles será sortear um papel e tentar definir a palavra sorteada (poderá também fazer mímica ou dar exemplos) para que o restante dos alunos adivinhe qual é esse sentimento ou atitude escrito no papel.
- Técnica: Dramatização
- Objetivo: reconhecer a função da pontuação na construção de sentidos.
- Desenvolvimento: selecionar trechos de diálogos que contenham diversos sinais de pontuação e solicitar a dramatização para que os alunos percebam a expressividade inerente a eles.
- Técnica: Caixa-cenário
- Objetivo: enriquecer o momento de contação de história, favorecendo a apreensão do enredo.
- Desenvolvimento: montar o cenário da história escolhida utilizando uma caixa de papelão e fantoches. Os alunos podem ser convidados a participarem da contação da história manipulando os fantoches e fazendo as falas dos personagens. O professor pode atuar como narrador, conduzindo a história.

De acordo com a metodologia da EC, a revisão e a reescrita desempenham um papel fundamental no processo de produção de texto, pois são momentos de adequação ou redirecionamento aos objetivos da escrita e, sendo assim, é importante que o aluno conheça esses objetivos: saiba para que escreve e, em especial, para quem escreve, porque “[...] são esses leitores potenciais que, indiretamente, estimularão o aluno-autor a buscar um texto de maior qualidade [...]” (GUSSO; DALLA-BONA, 2014, p. 83).

O processo de revisão e de reescrita apresentado no esquema da EC compõe nossa SD no trabalho com a produção final do aluno. Para esse momento, a metodologia da EC sugere além da correção feita pelo professor, a autocorreção a correção entre pares a partir de uma grade de correção elaborada pelo docente de acordo com os objetivos de ensino.

Diante do exposto, notabilizamos a pertinência do vínculo da metodologia da EC ao material que será desenvolvido para a intervenção pedagógica, pois acreditamos que seus preceitos convergem com o proposto pela vertente didática do ISD e sua incorporação ao processo agrega ações importantes para o trabalho com o texto literário, como por exemplo a teatralização dos textos o que converge para uma dinâmica composta pelo lúdico, o que é oportuno ao nível de ensino para o qual propomos a intervenção pedagógica.

SEÇÃO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa. De acordo com Silva e Menezes (2001) “pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 19). De maneira mais pragmática, Gil (1999) descreve a pesquisa como um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.” (GIL, 1999, p.42 *apud* SILVA; MENEZES, 2001, p. 19). Para atingirmos o objetivo central propostos neste estudo, compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros, empregamos a abordagem qualitativa, com procedimentos sistemáticos que se enquadram na pesquisa-ação.

2.1 Abordagem qualitativa

Ao adotarmos uma abordagem qualitativa da pesquisa, nos distanciamos da obrigatoriedade de representatividade numérica e estatística e alocamos nosso estudo na compreensão do fenômeno vivenciado. Nesse sentido, Neves (1996) assinala que a pesquisa qualitativa não objetiva enumerar ou medir eventos, por esse motivo não utiliza instrumental estatístico para análise de dados. A pesquisa qualitativa considera a parte subjetiva de uma abordagem, sendo capaz de mensurar dados que não podem ser representados numericamente.

De acordo com Alves (1991) a interpretação, a consideração do pesquisador como principal instrumento de investigação e a necessidade do pesquisador de estar em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, são características da pesquisa qualitativa.

Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 2005, p. 11-12) apontam cinco características básicas que configuram a pesquisa qualitativa: a) o ambiente natural é sua fonte direta de dados e o pesquisador é seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas atribuem à realidade é o foco central de atenção do pesquisador; e) a análise de dados é indutiva. A partir

dessas características, identificamos a configuração de cunho qualitativo na pesquisa por nós empreendida, a medida em que a inserção do pesquisador no ambiente educacional tem o intuito de compreender a relação entre objeto de conhecimento e sujeito que aprende, ou seja, primamos pelo entendimento do processo de desenvolvimento das capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, a partir de uma intervenção didática que propicia a vivência pedagógica necessária à coleta de dados.

A pesquisa qualitativa desenvolve-se a partir de tipos de estudos específicos, a exemplo dos citados por André (2005): a pesquisa documental, a pesquisa etnográfica, a de estudo de caso, a pesquisa participante e a da pesquisa-ação. Visto que nossa pesquisa se caracteriza por aliar a investigação ao processo de intervenção centrada em efetivas ações no contexto educacional em que estamos inseridos, ela define-se como uma pesquisa-ação.

2.2 A pesquisa-ação

A pesquisa-ação é assim definida por Thiollent (2002):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2002, p. 14)

E, ainda conforme o autor, a pesquisa-ação vem sendo utilizada em várias áreas, a partir de diversas intencionalidades e comumente recorre-se a ela para investigações no ambiente escolar, por ser uma abordagem investigativa que não se limita a descrever uma situação, mas sim a gerar acontecimentos que, em certos casos, podem desencadear mudanças no âmbito da coletividade implicada.

Independentemente do campo a ser investigado, a postura do pesquisador é determinada por alguns aspectos que constituem a pesquisa-ação. Thiollent (2002) retrata os principais componentes, iniciando pela interação entre o pesquisador e os demais participantes na situação. A partir desse contato surge a ordem de problemas a serem pesquisados e dos encaminhamentos sob forma de ação concreta. O objetivo da pesquisa-ação constitui-se pela análise e possível solução dos problemas levantados na situação observada. A pretensão dessa modalidade de

pesquisa é de “aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento, ou o ‘nível de consciência’, das pessoas e dos grupos considerados” (THIOLLENT, 2002, p. 16), o que em nossa pesquisa caracteriza-se pelo aprimoramento profissional do professor que é também o pesquisador.

A pesquisa-ação une, estrategicamente, e como o próprio léxico nos sugere, a produção de conhecimentos com a ação educativa. Dessa forma, por um lado examina e produz conhecimento sobre a realidade observada e, por outro, realiza conjuntamente ações educativas visando o aprimoramento dessa realidade. Essa modalidade de pesquisa qualitativa coloca a ciência a serviço da emancipação social e propõe, na perspectiva de Demo (1992), um duplo desafio: o de pesquisar e o de participar, aliando teoria e prática.

Ao considerarmos o contexto desse estudo, uma pesquisa inserida no âmbito de um mestrado profissional que comporta características específicas, como a obrigatoriedade de vínculo à atuação docente no ensino fundamental, tendo como intuito o aprimoramento profissional de professores de Língua Portuguesa, percebemos a tendência para uma pesquisa que concilie a investigação teórica e a pertinência prática, a fim de contribuir para a instrumentalização desse profissional. Logo, os procedimentos da pesquisa-ação atendem às premissas que originam esse estudo, o que revela sua conveniência como aporte metodológico.

Para Thiollent (2002), “a pesquisa-ação é uma concepção de pesquisa e intervenção em determinados setores de atuação social (...) junto aos atores significativos em processos de mudança” (THIOLLENT, 2002, p.140). Dessa forma, é notório a essencialidade interventiva que garante à pesquisa-ação a possibilidade de transformação dos sujeitos nela envolvidos.

Ao evidenciar a característica de intervenção da pesquisa-ação, relembramos o objetivo desse estudo, qual seja o de compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros, e identificamos nele a substancialidade interventiva, visto que pressupõe ações concretas por parte do pesquisador que também é participante. Nesse sentido, a pesquisa empreendida se esquadra como uma proposta de caráter interventivo, característica inerente ao estudo enquadrado como pesquisa-ação.

A intervenção constitui-se como etapa fundamental da pesquisa, visto que é o momento em que as ações propostas pelo pesquisador/professor, a partir das conjecturas teóricas, são concretizadas e, a partir delas obtém-se material empírico para a análise da situação, possibilitando ao professor a oportunidade de refletir criticamente sobre sua prática. Uma pesquisa com esse caráter assimila prática e teoria como forma de estruturar-se, e a intervenção torna-se uma eficiente forma de pesquisar e aprender.

O pesquisador/professor volta-se para a investigação da realidade e para a realização da ação educativa sobre ela, com o objetivo de promover, pela ação-reflexão-ação, transformações no contexto que investigam (THIOLLENT, 2002). Dessa forma, a pesquisa-ação procura soluções para problemas situacionais em colaboração com os participantes desse contexto, destacando a importância da cooperação entre teoria e prática, “da interconexão entre teoria e metodologias transformadoras, às quais nos referimos com o termo genérico intervenção” (SANNINO, 2011, p. 558 *apud* DAMIANI, 2012, p. 02).

De forma mais específica, André (2010) explique que,

A pesquisa-ação envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo. Muitas vezes esse tipo de pesquisa recebe o nome de intervenção (ANDRÉ, 2010, p. 33).

A partir do supracitado, destaca-se a necessidade de um planejamento sistematizado da intervenção, em formato de plano de ação que deve contemplar, inclusive, as etapas pré e pós intervenção. Nesse sentido expomos a seguir as etapas que compõem nossa pesquisa, baseadas nas fases da pesquisa-ação propostas por Thiollent (2002). Nossa intenção é a de intervir na sociedade provocando a transformação dos indivíduos envolvidos por meio de uma ação planejada com objeto de análise, deliberação e avaliação. A saber:

2.2.1 Etapas da pesquisa-ação

Apesar da pesquisa-ação contar com uma estrutura flexível, é possível identificar, a partir do descrito por Thiollent (2002), quatro principais fases que a compõem: 1. A fase exploratória, na qual é realizado o diagnóstico; 2. A fase de

pesquisa aprofundada, quando são coletados os dados de acordo com o tema da pesquisa; 3. A fase de ação, onde é realizado o planejamento da ação e a implementação das ações concretas e 4. A fase de avaliação, que consiste na observação e deliberação acerca do material coletado durante o processo. Essas fases não possuem uma ordenação rígida, como mencionado, mas a presença delas, para Thiollent, é essencial para a configuração da pesquisa-ação, visto que se operacionalizam em etapas, pelas quais a pesquisa se desenvolve. Levando em consideração as características dessas fases, nossa pesquisa constitui-se em sete etapas: 1. Pesquisa bibliográfica; 2. Exploratória; 3. Análise diagnóstica; 4. Aprofundamento teórico; 5. Elaboração do material interventivo; 6. Implementação do material interventivo e 7. Análise dos resultados.

A primeira etapa: 1. Pesquisa bibliográfica - com o intuito de angariar esclarecimentos acerca da problemática observada: o problema com a leitura e a produção de textos de alunos do 6º ano, e de como poderíamos propor melhorias para essa questão, realizamos estudos a respeito da definição de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003), de gêneros textuais (BRONCKART, 2012) e sobre a engenharia didática sugerida pelo Interacionismo Sociodiscursivo para o ensino de gêneros (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004), e sobre a definição de conto maravilhoso (CHIAMPI, 1980; COELHO, 1984; PROPP, 2006).

Devido ao caráter literário do gênero em questão, buscamos uma metodologia que atendesse às peculiaridades da didatização do conto maravilhoso, a qual pudesse se conciliar à base teórico-metodológica do ISD. Assim, realizamos estudos sobre a Escrita Criativa, que sugere técnicas e recursos que contribuem para a criação de textos literários (MANCELOS, 2007; LEITÃO, 2008; RODRIGUES, 2015)

Ainda nessa etapa, os estudiosos da vertente didática do ISD nos forneceram subsídios para a construção do modelo teórico do gênero conto maravilhoso, tendo como ferramenta norteadora o dispositivo didático de gêneros de Barros (2012).

2. Pesquisa exploratória – nessa segunda etapa, coletamos dados acerca do ambiente e dos sujeitos da pesquisa: informações sobre a instituição escolar e dos alunos que compõem a turma selecionada para a intervenção. Nesse momento também, propusemos a produção de um primeiro texto, pelos alunos, a fim de diagnosticar quais as capacidades de linguagem, referentes ao gênero conto maravilhoso, os discentes já tinham e quais precisavam desenvolver.

Junto a solicitação de produção de texto, aplicamos aos alunos um questionário (APÊNCIDE A), cujas respostas obtidas mostrariam quais as capacidades de ação que os discentes tinham a respeito do gênero, conseqüentemente, quais deveriam ser mais detalhadamente trabalhadas na intervenção didática.

Na terceira etapa, 3. Análise diagnóstica, ocupamo-nos de elaborar uma análise dos dois instrumentos implementados na etapa anterior: análise da produção inicial e o questionário. Como resultado, elencamos as principais deficiências encontradas no contexto da pesquisa em relação ao desenvolvimento das capacidades de linguagem pelos alunos sujeitos da intervenção.

4. Aprofundamento teórico – de posse do panorama delimitado na etapa anterior, na quarta etapa, buscamos um aprofundamento teórico por meio da retomado da teoria que sustenta nossa pesquisa tendo como horizonte os problemas detectados no contexto observado. Nesse sentido, recorreremos ao modelo teórico elaborado na primeira etapa e o adaptamos para um modelo didático do gênero, ressaltamos, tendo como norte os resultados do encontrado na etapa 3.

Na quinta etapa, 5. Elaboração do material interventivo – elaboramos o material didático para a intervenção, que se constitui em uma sequência didática, na proposta apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com as adaptações exigidas frente ao nosso gênero, pela interação com a proposta da Escrita criativa e diante de nosso contexto específico. O material produzido resultou em dois cadernos: um caderno do aluno com as atividades que compõe a sequência didática; e um caderno do professor com orientações para o procedimento de implementação da SD.

Na sexta etapa, 6. Implementação do material interventivo - levamos o material didático produzido nas etapas anteriores para o contexto educacional e conduzimos a implementação da sequência didática com o público selecionado para participar da pesquisa. Faz parte do que Thiollent (2002) denomina de fase de ação, visto que é quando desenvolvem-se as ações interventivas concretas.

A etapa 7. Análise dos resultados – retoma o diagnóstico estabelecido na terceira etapa (3. Análise diagnóstica) e o confronta com a análise do processo de implementação e da produção final dos alunos com o objetivo de evidenciar o desenvolvimento de capacidades de linguagem a partir da implementação da SD.

Para uma visualização mais objetiva do nosso percurso metodológico, elaboramos o quadro que sintetiza as etapas da pesquisa-ação apresentado a seguir:

Quadro 3 - Etapas da pesquisa-ação

Etapas da metodologia	Objetivos	Procedimentos
1. Pesquisa bibliográfica	Sustentar teoricamente a pesquisa	Pesquisa e leitura dos principais teóricos e estudiosos que tratam do tema abordado na pesquisa e que sustenta as procedimentos metodológicos.
2. Exploratória	Investigar a escola e os alunos sujeitos da pesquisa	Observação do ambiente escolar; aplicação de questionário e proposição de uma produção inicial do gênero
3. Análise diagnóstica	Diagnosticar e relacionar o nível de desenvolvimento dos alunos	Análise do questionário e da produção inicial.
4. Aprofundamento teórico	Embasar teoricamente a pesquisa tendo em vista o contexto diagnosticado	Retomada da teoria e adequação do modelo teórico/didático de acordo com as características do contexto
5. Elaboração do material interventivo	Elaborar material de intervenção que colabore para o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos	Elaboração, de acordo com o ISD, de uma sequência didática que contemple o gênero conto maravilhoso
6. Uso do material interventivo	Implementar o material didático observando o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos	Implementação da sequência didática produzida na etapa anterior
7. Análise dos resultados	Analisar o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos a partir da implementação da SD	Análise do processo de implementação e da produção final.

Fonte: a pesquisadora baseada nas etapas da pesquisa-ação de Thiollent (2002)

A partir do que foi apresentado, expomos, de forma mais detalhada, o ambiente e os sujeitos da pesquisa.

2.3 O ambiente da pesquisa

O ambiente da pesquisa situa-se no município de Siqueira Campos – PR, Colégio Estadual Sagrada Família – Ensino Fundamental e Médio, localizado à Rua Quintino Bocaiúva, 1376, Vila Barbosa. A instituição é mantida pelo Governo do Estado do Paraná, administrada pela Secretaria de Estado da Educação e pertencente ao Núcleo Regional de Educação de Ibaiti.

O prédio onde a instituição está localizada abriga duas escolas, uma municipal e uma estadual, funcionando com dualidade administrativa. Essa singularidade permite que os alunos iniciem a vida escolar (a partir dos 4 anos de idade) na escola municipal e permaneçam no mesmo ambiente escolar durante a transição para a segunda etapa do ensino fundamental, o que facilita a adaptação e aproxima o docente do percurso escolar dos alunos. O ambiente conta com uma boa infraestrutura, salas de aula amplas, espaços externos, biblioteca e sala de informática equipadas.

A comunidade onde o Colégio Estadual Sagrada Família está inserido é de nível socioeconômico médio/baixo, e os alunos provenientes, majoritariamente, da zona urbana, oriundos de regiões periféricas.

O ambiente foi selecionado devido ao vínculo efetivo que temos enquanto docente da disciplina de Língua Portuguesa em lotação nessa instituição.

2.4 Os participantes da pesquisa

Elegemos como participantes da pesquisa alunos do 6º ano do ensino fundamental, por se tratar de uma etapa de ensino estratégica, visto que os discentes advindos das séries iniciais iniciam um novo estágio da educação básica, com uma configuração diferenciada que propicia a inserção de práticas pedagógicas inovadoras que estimulem o desenvolvimento de hábitos de leitura e produção que contemplem o gênero em sua amplitude.

Além disso, a conclusão da primeira etapa do ensino fundamental é um momento oportuno para a realização de uma avaliação diagnóstica com fins a mensurar as capacidades de linguagem dos alunos desenvolvidas até então.

A turma selecionada para a implementação da pesquisa, na qual somos os docentes responsáveis por ministrar as aulas de Língua Portuguesa no ano letivo de 2018, é composta por 26 alunos, 8 meninas e 18 meninos, na faixa etária entre 11 e 13 anos.

São alunos que, majoritariamente, advém de famílias de classe média/baixa, residentes nas proximidades da instituição escolar, no entanto quatro deles são moradores da zona rural.

A turma é muito entrosada visto que, em sua maioria, os alunos compartilham a mesma classe desde a educação infantil. Contudo, esse entrosamento favorece a agitação e a dispersão, características da turma, fazendo-se necessário a implementação de atividades diversificadas que atraiam a atenção. De modo geral é uma turma criativa e participativa que atende às atividades propostas de maneira satisfatória.

Nós, enquanto pesquisadores e docentes, nos inserimos como participantes desta pesquisa e, nesse momento, passo a utilizar a primeira pessoa a fim de me apresentar como participante. Atuo há 12 anos como docente do Ensino Básico, tendo passado pela Educação Infantil, séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Há 5 anos leciono em turmas de 6º ano e há 9 anos, de forma concomitante, em turmas de 3º e 5º anos.

Sou professora efetiva do estado do Paraná e do município de Siqueira Campos, com carga horária de trabalho semanal de quarenta horas. O Colégio eleito como ambiente de pesquisa é meu estabelecimento de lotação, trabalho nele desde que fui efetivada o que me confere certa familiaridade com os materiais, ambientes e profissionais que lá atuam.

Como pesquisadora já tive experiência nos trabalhos de conclusão de curso das graduações em Letras e Pedagogia.

SEÇÃO III – O MODELO TEÓRICO DO GÊNERO CONTO MARAVILHOSO

A proposta do ISD (BRONCKART, 2012) defende o ensino da Língua Portuguesa centrado no desenvolvimento de capacidades de linguagem do aluno, para tanto, objetiva a promoção de tais capacidades a partir da interação do discente com os diversos gêneros que permeiam a sociedade. Para Schneuwly e Dolz (2004), “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 74). Dessa forma, quanto maior a variedade de textos apresentados aos alunos, em sala de aula, maior a possibilidade de apreensão de capacidades de linguagem que possibilitem a eles a inserção nas práticas sociais languageiras.

Contudo, para ser transformado em conteúdo escolar, o gênero passa necessariamente por um processo de adaptação, visto que o conhecimento científico inerente a ele tem de ser didatizado para que o gênero se converta em objeto de ensino. De acordo com Barros (2012), “a esse processo de transposição entre o conhecimento científico do objeto de ensino e o conhecimento didatizado, a literatura vem denominando *transposição didática*” (BARROS, 2012, p. 72 – grifo da autora). E, para esse processo de transposição, conforme a vertente didática do Grupo de Genebra, o primeiro passo é a elaboração de um modelo didático que evidencie as dimensões ensináveis do gênero. De acordo com Schneuwly e Dolz (1999), “quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 1999, p. 15).

Contudo, conforme os estudos de Barros (2012), optamos pela elaboração prévia de um modelo teórico do gênero, ou seja, os textos foram analisados de modo genérico, sem implicação com o contexto de ensino, possibilitando a visão geral dos conhecimentos subjacentes ao gênero. Posteriormente o modelo teórico obtido serviu como suporte para a composição de ações didáticas adaptadas ao contexto de ensino específico para o qual propomos a intervenção.

Sendo assim, tomando como base o aporte teórico/instrumental proposto pela engenharia didática do ISD e o dispositivo didático elaborado por Barros (2012) construímos um modelo teórico do gênero conto maravilhoso, buscando torná-lo

tangível ao ambiente escolar. A opção pelo dispositivo didático justifica-se nas próprias palavras de Barros (2012), para quem,

O dispositivo didático em questão parte da tripartição das capacidades de linguagem – de ação, discursivas e linguístico-discursivas –, respeitando as categorias de análise textual do ISD, mas também incorporando outras características linguísticas/discursivas consideradas pertinentes para a abordagem de um gênero. Ele não visa apenas à construção do modelo da carta de reclamação, mas possibilita a elaboração de qualquer modelo teórico/didático, pois direciona o processo de modelização a partir de perguntas-chave, proporcionando uma visão mais pontual sobre o objeto de ensino analisado (BARROS, 2012, p. 162)

Explicam os estudiosos do ISD que a primeira etapa para a modelização é conhecer as definições teóricas apresentadas por especialistas no gênero em estudo, depois disso é preciso “uma coleta de documentos autênticos, constituindo um *corpus*” (BARROS, 2012, p. 179).

A partir disso, selecionamos um *corpus* composto por dez contos que formam a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo (2007): “Moço bonito imundo” (1); “A mulher dourada e o menino careca” (2); “O príncipe encantado no reino da escuridão” (3); “Coco Verde e Melancia” (4); “A mulher do viajante” (5); “Os onze cisnes da princesa” (6); “O filho do ferreiro e a moça invisível” (7); “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza” (8); “As três noites do papagaio” (9); “O filho mudo do fazendeiro” (10) (ANEXO A).

A escolha por esses contos para formar nossa coletânea de exemplares do gênero é porque, primeiro, a referida obra faz parte do acervo literário das escolas da educação básica recomendado pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), tendo passado, portanto, pelo crivo de especialistas que a avaliaram quanto à qualidade do texto, adequação temática para a série em questão, entre outros aspectos. Além disso, em dois anos consecutivo, 2003 e 2004, Ricardo Azevedo recebeu o Prêmio Jabuti e Menção Honrosa pela obra na Câmara Brasileira do Livro, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Considerando, então, a relevância da obra, e de seu autor, ratificamos a utilização dos contos como material de análise para a composição de um modelo didático do gênero conto maravilhoso e para compor o caderno pedagógico.

Conforme a proposta de análise de textos de Bronckart (2012) o procedimento de análise para o conhecimento de um gênero deve principiar-se pela

“coleta de um *corpus de textos empíricos*” (BRONCKART, 2012, p. 78), textos estes entendidos como uma unidade concreta de produção de linguagem, pertencente a determinado gênero, “e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular” (BRONCKART, 2012, p. 77). Dessa forma, para os estudiosos do ISD, o modelo é construído tomando como base exemplares diversos de textos do mesmo gênero. Contudo, considerando a importância de Ricardo Azevedo no cenário da literatura infanto-juvenil, cuja qualidade dos textos foi atestada pelo crivo de especialistas que os inseriram no PNBE, em adaptação à proposta do ISD delimitamos o trabalho de análise aos contos desse autor, portanto, a modelização é construída sobre o gênero conto maravilhoso, mas exclusivamente de autoria do Ricardo Azevedo.

3.1 Definição teórica do conto maravilhoso

Como defendemos na Introdução deste trabalho, o maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos componentes mais importantes da literatura destinada ao público infanto-juvenil. Fadas, bruxas, animais e objetos falantes, príncipes e princesas são elementos que historicamente seduzem leitores. Coelho (1987) justifica a perenidade dessas narrativas ao afirmar que “[...] o que nelas [narrativas] aparece apenas ‘infantil’, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para nossa vida” (COELHO, 1987, p. 9 – inserção da autora). Dessa forma, essas histórias ultrapassam o que parece apenas infantil, representando simbolicamente temas existencialistas que perpassam épocas e culturas diferentes. Também para Colasanti (2015), uma característica desse tipo de narrativa é a verticalidade dos textos, ou seja, são histórias que possibilitam variantes de leitura e, por isso, se adaptam a qualquer idade. Sendo assim, a autora optou pelo título “*Mais de 100 histórias maravilhosas*” – porque são histórias que não se destinam apenas ao público infantil.

Contudo, de acordo com Propp (2006), o conto maravilhoso abarca uma multiplicidade de segmentos que o constitui, e por esse motivo, segundo o autor, é bastante complexo categorizar a pluralidade que compõe os contos maravilhosos. Assim, na tentativa de conceitua-lo esbarramos em um emaranhado de definições que se imbricam e acabam por aproximá-lo de outros gêneros como o conto fantástico e o conto de fadas.

De certa forma, a presença da fantasia é um elo que une esses gêneros, numa visão mais descompromissada pode até aloca-los como parte de uma mesma vertente. Costa (2008) insere os contos de fadas e os contos maravilhosos como uma tipologia do gênero contos populares, postergando-os à uma espécie de subcategoria. Sosa (1978) destaca e intrínseca relação desses elementos e relega ao maravilhoso o papel de traço inerente aos contos de fadas. Entretanto, em um estudo mais aprofundado, observamos traços distintivos, fazendo com que limites entre eles se sobressaiam.

Todorov (1977) reconhece a contiguidade entre o fantástico e o maravilhoso, contudo, insiste em distingui-los afirmando que em cada uma dessas narrativas encontramos concepções e resoluções diferentes no tratamento dos fenômenos extraordinários, que extrapolam a ordem natural da realidade.

Nos contos fantásticos, segundo Todorov (1977), a incursão do imaginário tem como pano de fundo um ambiente familiar e próximo da realidade. Situações cotidianas são retratadas de maneira verossímil e o extraordinário surge rompendo as estruturas racionais. A estabilidade da razão é abalada pela presença do irreal que legitima a dúvida da existência do sobrenatural. Todorov (1977) coloca como condição para o conto fantástico essa oscilação entre os limites do natural e do sobrenatural.

Todorov (1977) explica ainda que o fantástico se instala na incerteza e na indefinição pois, a partir do momento em que tem essa hesitação desvelada, o texto adentra o maravilhoso, onde o insólito encontra uma explicação natural situada em uma realidade inventada.

Logo, a diferenciação entre o fantástico e o maravilhoso conta com relativa estabilidade, o que possibilita unidade entre as teorias que os circundam. Não é o mesmo o que acontece com os contos de fadas e os contos maravilhosos.

Sosa (1978) afirma que “a presença do maravilhoso nos contos de fadas é um elemento de capital importância, sua característica fundamental” (SOSA, 1978, p. 124) e, dessa forma, desconsidera a segmentação entre os gêneros, relegando ao maravilhoso o papel de componente composicional dos contos de fadas.

Para Saraiva (2001), os contos de fadas tradicionalmente também são chamados de contos maravilhosos, em um tratamento indistinto entre esses dois gêneros, o que os levaria a uma categoria de sinônimos.

De acordo com o exposto temos, então, algumas diferentes definições: contos maravilhosos como sinônimo de contos de fadas (SARAIVA, 2001); o maravilhoso como um universo do qual faz parte o conto de fadas (SOSA, 1978; TODOROV 1979); e conto maravilhoso como terminologia técnica para os contos de fadas (COLASANTI, 2015). Diante dessa miscelânea de conceitos, oriundos das teorias literárias, emerge o que é exposto por Coelho (2003) que recorre à etimologia dos contos para assinalar a diferenciação entre os referidos gêneros. Segundo a autora, os contos de fadas têm origem celta, enquanto os maravilhosos nascem no oriente; mas, ambos são oriundos do folclore e das histórias tradicionais que se propagaram pela oralidade.

Outra distinção, de acordo com Coelho (2003), diz respeito ao núcleo problemático que nos contos de fadas apresenta teor existencialista, direcionado à busca do herói por sua realização pessoal. Enquanto isso, os contos maravilhosos retratam uma problemática social, tendo como fio condutor a relação entre classes econômicas e sociais. Nos contos de fadas existe a obrigatoriedade de elementos feéricos (reis, rainhas, princesa, entre outros), enquanto nos contos maravilhosos a magia se dá pela presença de personagens fantásticos que, fundamentalmente, participam do conflito genérico entre o bem e o mal.

Buscando ainda uma definição mais concreta, dentro da teoria literária, Coelho (1984) assim classifica:

No sentido tradicional, conto maravilhoso [...] é a narrativa que decorre em um espaço fora da realidade comum em que vivemos, e onde os fenômenos não obedecem às leis naturais que nos regem. No início dos tempos, o maravilhoso foi a fonte de misteriosa e privilegiada de onde nasceu a Literatura. Desse maravilhoso nasceram personagens que possuem poderes sobrenaturais; deslocam-se, contrariando as leis da gravidade; sofrem metamorfoses contínuas; defrontam-se com forças do Bem e do Mal, personificadas; sofrem profecias que se cumprem; são beneficiadas com milagres; assistem fenômenos que desafiam as leis da lógica, etc. (COELHO, 1984, p. 122).

Em linhas gerais, o conto maravilhoso tradicional narra acontecimentos fabulosos, vivenciados por personagens sobrenaturais imersos em um mundo imaginário, tendo como conflito a busca por ascensão econômica e social.

Dos estudos de Chiampi (1980) destacamos a defesa de que os contos maravilhosos possibilitam à narrativa a criação de um mundo independente do real; o gênero confere aos acontecimentos extraordinários, aos espaços imaginários, aos

personagens sobrenaturais e ao tempo fictício uma legitimidade à priori; narra acontecimentos inadmissíveis à realidade empírica, sem ao menos considerar o despropósito dos fatos narrados.

Nessas narrativas a problemática entre o real e o imaginário é desconsiderada, devido sua falta de comprometimento com a verossimilhança. A história se instala no irreal sem qualquer estranhamento por parte do leitor. O imaginário subverte a ordem convencional e situa os acontecimentos no plano fictício, sem possibilidade de transposição ao mundo material. De acordo com Coelho (2003) o espaço em que ocorre a ação é indefinido, o que confere a universalidade dos contos, visto que a história poderia acontecer em qualquer lugar. Da mesma forma, o tempo situa-se em um passado longínquo, distante do vivenciado pelo leitor.

Para Todorov (1979),

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos (TODOROV, 1979, p. 160).

Encontramos ainda nos estudos de Propp (2006) o método de análise dos contos maravilhosos, método que visa caracterizar os elementos que responderiam pela natureza do maravilhoso. De acordo com essa teoria, o elemento-chave para essa caracterização é a ação das personagens. Sendo assim, Propp (2006) reduziu a estrutura básica dos contos aos seus elementos constituintes, chegando a seis funções invariantes. Essas funções foram sintetizadas por Coelho (2003):

1. uma situação de crise ou mudança: todo conto maravilhoso tem como motivo desencadeante uma situação de desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói;
2. aspiração, desígnio ou obediência: o desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio a ser alcançado.
3. viagem: a condição primeira para a realização desse desígnio é sair de casa; o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não-familiar;
4. desafio ou obstáculo: há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói;
5. mediação: surge sempre um mediador entre o herói e o objetivo que está difícil de ser alcançado, isto é, surge um auxiliar mágico, natural

ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer;

6. conquista: finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado. (COELHO, 2003, p. 113)

Ao sugerir essa estrutura invariável dos contos maravilhosos Propp (2006) identifica a substancialidade desse gênero narrativo como expressão da vida. Tanto que afirma: “Não há dúvida de que o conto encontra, geralmente, sua fonte na vida.” (PROPP, 1972, p. 14 apud COELHO, 2003, p. 113). Dessa constatação sobressai o caráter “humanizador” da literatura, assim como assinala Cândido (2011), que afirma a necessidade do ser humano de se inebriar no “universo fabulado” para se constituir consciente e inconscientemente enquanto ser humano. A literatura, para o autor, é “o sonho acordado da civilização” e, como não há equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Considerando as definições aventadas pelos diferentes teóricos acerca do conto maravilhoso, apresentamos uma síntese que evidencia a concepção assumida por nós a partir das especificidades apresentadas. O conto maravilhoso:

- narra histórias de encantamento;
- retrata o conflito genérico entre o bem e o mal (COELHO, 2003);
- apresenta transformações ocasionadas por algum tipo de magia (PROPP, 2006);
- ocorre geralmente em um espaço indefinido, regido por leis sobrenaturais (COELHO, 2003);
- remete a um passado longínquo (COELHO, 2003);
- tem como personagens seres maravilhosos (COELHO, 1987);
- apresenta uma problemática relacionada às relações sociais (COELHO, 2003);
- suscita o caráter humanizador da literatura (CÂNDIDO, 2011).

Os conceitos teóricos aqui apresentados têm como base os saberes consolidados por especialistas e sua investigação vai ao encontro da necessidade prévia de apropriação do gênero por parte do professor, articulando, dessa forma, o princípio da legitimidade (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) na construção do Modelo teórico. Tal princípio será mais explorado a partir do estudo sobre o contexto de produção apresentado a seguir.

Ressaltamos que as características expostas a seguir foram encontradas a partir da utilização do Dispositivo didático do gênero elaborado por Barros (2012), portanto, a apresentação dos elementos que formam as características busca seguir (não de forma estanque) a ordem das perguntas do dispositivo (ver quadro 1 – Dispositivo didático de gênero)

3.2 Características do contexto de produção

O conto maravilhoso, de acordo com o exposto na seção anterior, insere-se na esfera literária.

E, a prática social da qual o conto maravilhoso está vinculado é a de aprimoramento do senso estético e da expansão do repertório cultural do leitor, proporcionando a aquisição de uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e interação social (CANDIDO, 2011), o que evidencia o valor desse gênero na sociedade. Levando em consideração ainda o espaço privilegiado que a atividade de leitura ocupa no ambiente escolar e os dados de uma pesquisa realizada em 2016 pelo Instituto Pró-Livro² que apontam ser a exigência escolar um dos principais motivadores da leitura entre crianças e adolescentes, com idade entre 5 e 13 anos, consideramos o decorrente vínculo entre o gênero em questão e a prática social escolar. Logo, nosso entendimento é de que esse gênero é um instrumento de motivação para o trabalho da escola com a prática social de formação de leitores.

Ao oportunizar o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura de povos e lugares desconhecidos, sejam eles reais ou fictícios, o texto literário, no caso o conto maravilhoso, amplia o conhecimento de mundo do leitor, possibilitando novas perspectivas, requisito para uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 2003). Bakhtin (2003) assegura que no processo de construção de sentidos de um texto, no momento da leitura, ativamos as experiências históricas e socialmente constituídas para emitir uma resposta ao discurso. Além disso, ao afirmar a condição dialógica da linguagem Bakhtin (2003) pressupõe a relação do discurso com outros anteriormente produzidos e com aqueles elaborados posteriormente, evidenciando a integração de diversas vozes na compreensão de um enunciado. Nesse sentido, o

² Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>. Acesso: 02-03-2018.

sujeito linguístico interage com seu interlocutor, esperando deste uma resposta que está condicionada a uma compreensão ativa e responsiva do enunciado.

A abordagem a cultura popular, ao imaginário, ao maravilhoso, o resgate aos contos de tradição oral formados pela intenção do autor de fazer refletir sobre a vida, as qualidades humanas e seus defeitos, sem, contudo, limitar-se ao preceito apenas didatizante e moralista, pode ser identificado nos contos de nossa coletânea. Segundo Azevedo (2007), sua obra é:

Uma coletânea de contos muito antigos, criados e guardados na memória do povo, que vêm sendo contados de boca em boca desde que os portugueses chegaram ao Brasil e até antes, pois os índios também contavam e ainda contam belas histórias. (AZEVEDO, 2007, p. 118)

Essas palavras do autor estão expressas na entrevista fictícia intitulada “Entrevista para um papagaio”, parte integrante da obra onde estão publicados nosso *corpus*. Nesse texto, Azevedo tece comentários sobre o processo de criação dos contos e esclarece:

Existem pesquisadores maravilhosos, folcloristas, antropólogos, psicólogos, que viajam por aí, encontram esses contadores populares e anotam suas histórias. Depois publicam livros. A partir desses livros, escolho uma história, procuro as várias versões resgatadas pelos diferentes pesquisadores e aí tento conta-la do meu jeito (AZEVEDO, 2007, p. 118)

Esse processo criativo operado pelo autor fica evidente, por exemplo, no conto “O príncipe encantado no reino da escuridão” (3) que apresenta um enredo que nos remete à conhecida história da “Gata Borralheira”³, conto clássico infantil recontado por vários autores. Ambas as histórias se iniciam com uma situação de perda, a heroína sofre com a morte da mãe e, em seguida, passa a ser maltratada pela madrasta. Aliás, o tema do desentendimento entre madrastas e enteados é recorrente nos clássicos da literatura infantil, a inveja e o ciúme entre as partes pode também ser observado na história da personagem “Branca de Neve”⁴. O enredo do conto em questão aproxima-se ainda de outro clássico da literatura infantil, “A Bela e

³ Fonte: PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*. Tradução Regina Regis Junqueira. 4 ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Vila Rica Editoras Reunidas, 1994.

⁴ Fonte: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos de Grimm*. Tradução Heloisa Jahn.. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

a Fera”⁵, principalmente pela presença da simbologia da rosa que representa, em ambas as histórias, uma perda.

Em “Moço bonito imundo” (1) encontramos uma variação do conto “Pele de urso”⁶ recolhido pelos Irmãos Grimm, expoentes da literatura infantil. Nas duas histórias os heróis firmam um pacto com o diabo e iniciam uma degradante jornada que dura sete anos em função do seu amadurecimento e preservação da alma.

A conhecida história “O patinho feio”⁷, de Hans Chistian Andersen, também se faz presente no texto de Azevedo (2007) por meio do conto “Os onze cisnes da princesa” (6). A alusão ao cisne como símbolo da beleza e garbo manifesta-se nos dois enredos, no primeiro como uma recompensa ao martírio pela rejeição sofrida e, no segundo, como um consolo pelo triste destino dos príncipes que, apesar de perderem a forma humana, permaneceram na elegância de “[...] onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça” (AZEVEDO, 2007, p. 71).

Como já mencionado, os contos, enquanto frutos do universo popular, originam-se da literatura oral e ao passarem para a escrita sofrem adaptações sem, contudo, extirpar-se por completo das peculiaridades da oralidade e dos contos populares que os antecedem. Nesse sentido, os contos de Azevedo (2007) aproximam-se dos conceitos de polifonia e intertextualidade expressos por Fiorin (1994) em seus estudos sobre Bakhtin, à medida em que incorporam vozes anteriores ao do autor. Fiorin (1994) afirma que “a intertextualidade é um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (FIORIN, 1994, p. 30). Ou seja, a intertextualidade não é mera reprodução de textos anteriores, mas ressignificação do texto a partir de construções estéticas que se reportem à memória do leitor, sugerindo uma nova leitura.

Todas as histórias circundam o maravilhoso; o mistério e a fantasia estão presentes nos textos por meio de elementos ou momentos que remetem ao extraordinário. Nos estudos de Propp (2006), a partir do que ele elencou como função invariante elementar para a caracterização do conto maravilhoso,

⁵ Fonte: CASCUDO, Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 10 ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

⁶ Fonte: GRIMM, Irmãos. *Pérolas e diamantes*. Tradução Iba Mendes. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20161202130315/http://www.projetolivrolivre.com/Perolas%20e%20Diamantes%20-%20Irmãos%20Grimm%20-%20Iba%20Mendes.pdf>. Acesso em 18 de janeiro de 2018.

⁷ Fonte: SANDRONI, Laura. *As melhores histórias de Andersen*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

observamos a ação de um mediador sobrenatural, ou seja, um ente que intervém magicamente em prol do herói. Esses personagens mágicos podem ser encontrados nos contos de Azevedo (2007) conforme especificado abaixo:

Quadro 4 - Função invariante: mediação

Contos	Auxiliar mágico
A mulher dourada e o menino careca (2)	A mulher dourada. “A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica” (p. 20)
O príncipe encantado no reino da escuridão (3)	A voz invisível. “Naquela mesma noite, quando já estava quase dormindo, a menina escutou uma voz no quarto: Cuidado!” (p. 30)
Os onze cisnes da princesa (6)	A fada. “No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos” (p. 73)
O filho do ferreiro e a moça invisível (7)	O velho misterioso. “Deu um arco e várias flechas para o moço. Mandou treinar pontaria. Disse que dali a um ano voltaria” (p. 87)
As três noites do papagaio (9)	O papagaio. “E o papagaio falava sem parar. Entrou nos mínimos detalhes. Descreveu o que havia e não havia ” (p. 102)

Fonte: a pesquisadora

Além de averiguado pela função dos personagens, o maravilhoso também pode ser constatado pela presença de elementos miraculosos que atestam o distanciamento do verossímil, alocando as histórias em um ambiente fictício, inadmissível à realidade material e empírica do leitor. Como amostra dessa característica temos em “Moço bonito imundo” (1) o encontro do homem com o diabo “Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio Satanás!” (p. 08). Já no conto “A mulher do viajante” (5), a heroína depara-se com bruxas “Era uma reunião de bruxas” (p. 58) e tem como propósito desfazer um feitiço urdido por elas a fim de conquistar a amizade da rainha.

Compreendemos que o conto maravilhoso atualmente configura-se como um gênero escrito, como é o caso de nossa coletânea, mas, assim como muitos outros gêneros, principalmente os da esfera literária, o conto origina-se da literatura de tradição oral, e, por esse motivo, revelam resquícios dessa prática em sua composição, por exemplo, as vagas indicações de tempo e espaço que colaboram para a universalidade e atemporalidade do gênero, o que trataremos de forma mais específica ao abordarmos os elementos da narrativa.

A respeito de quem é o autor físico desse gênero e seu papel social (BARROS, 2012), os contos selecionados são de autoria do escritor Ricardo de Azevedo. O papel assumido por ele na produção de contos maravilhosos é de preservação e disseminação das histórias populares corroborando para a relevância da cultura popular enquanto instrumento de construção da condição humana; bem como, por meio da abordagem a temas universais, o autor promove a reflexão sobre questões sociais, fortalecendo o importante papel da literatura na formação do sujeito criativo e ativo socialmente.

De forma mais específica, sobre o autor físico de nossa coletânea, Ricardo Azevedo é escritor e ilustrador de diversos livros destinados ao público infanto-juvenil, além de pesquisador na área de cultura popular. Sua produção literária foi objeto de investigação de diversos trabalhos acadêmicos, dentre os quais destacamos o de Silvestre (2005) que analisa o acervo infanto-juvenil do autor e evidencia sua relevância nesse contexto literário. Silvestre (2005) ressalta a função humanizadora da arte ao afirmar que:

A obra de arte desempenha um papel humanizador, principalmente ao referir-se a temas relativos às questões humanas, essencialmente, aos sentimentos e às emoções do adolescente ou do adulto, como também a uma visão peculiar das diversas situações sociais e psicológicas experimentadas. Em outras palavras, o texto pode provocar no leitor reflexões sobre a existência humana, enfatizando com relevância uma visão particular da complexidade do mundo em que está inserido. (SILVESTRE, 2005, p. 122)

A partir disso, a autora constata a eficácia da literatura de Ricardo Azevedo que alcança a função humanizadora ao tratar de temas comuns e pertinentes a todos os homens. A esse respeito, Silvestre (2005) reitera:

Tais temas são de grande importância no âmbito particular e cotidiano do homem. Vale dizer que Ricardo Azevedo atualiza essas questões inerente à vida. Os textos revelam valores psíquicos e sociais e estendem-se à elaboração de um sistema simbólico responsável por determinadas visões de mundo. Essas visões podem expressar a coletividade por representar aspectos da humanidade. Como ilustração, o conto 'O príncipe encantado no reino da escuridão', parte da obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, trata-se de um conto de amor, sem preocupações relativas à moralidade e aborda problemas comuns do ser humano, como o ciúme, a inveja, o amor e a busca da felicidade. (SILVESTRE, 2005, p. 75)

E, nas palavras do próprio Azevedo (2007), seus contos:

[...] falam de assuntos que interessam a todas as pessoas de qualquer idade. [...] são histórias cheias de sentimentos e temas conhecidos de todas as pessoas como o amor, a luta pela sobrevivência, a ambiguidade, o medo, a inveja, a curiosidade, o arrependimento, a injustiça, o desânimo, a generosidade, a esperteza e muitos outros. (AZEVEDO, 2007, p. 119)

Nesse sentido, as temáticas que caracterizam o gênero a partir dos textos que compõem o corpus podem ser sintetizadas pelo quadro a seguir:

Quadro 5 - Conteúdo temático

1	Moço bonito imundo	A inveja; a primazia da beleza física em detrimento do caráter.
2	A mulher dourada e o menino careca	A curiosidade, a transgressão humana e suas consequências.
3	O príncipe encantado no reino da escuridão	A perseverança diante das dificuldades; a bondade e a esperteza que vencem a maldade e a inveja.
4	Coco Verde e Melancia	O amor proibido.
5	A mulher do viajante	A inveja, esperança, perdão e amor. A importância da prudência na proteção contra a persuasão.
6	Os onze cisnes da princesa	O amor fraternal e a determinação em busca de um objetivo.
7	O filho do ferreiro e a moça invisível	A inconsequência e o arrependimento pelos atos descuidados.
8	Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza	A disputa de poder entre a sorte e a riqueza revela a importância do equilíbrio e da sabedoria.
9	As três noites do papagaio	A cobiça, a ingenuidade e a fidelidade.
10	O filho mudo do fazendeiro	A inteligência, a esperteza e a perseverança.

Fonte: a pesquisadora

Evidentemente vinculados aos temas que são tratados pelo conto maravilhoso, o gênero destina-se aos leitores que apreciam essas narrativas devido suas especificidades, por exemplo, as apontadas até o momento: a abordagem as questões sociais, a luta do bem contra o mal, a inveja, a esperança, o amor, etc, permeadas por aspectos imaginários, desconhecidos. No que se refere à faixa-etária, em especial os contos maravilhosos, e no caso nossa coletânea, se destina ao público infanto-juvenil, conforme recomenda o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE).

E sobre o suporte, os contos, assim como os que formam nosso *corpus*, são publicados em livros, físicos ou virtuais, que circulam principalmente em ambientes residenciais e educacionais.

Conhecidos os elementos que compõem o contexto de produção do gênero, partimos para o esclarecimento acerca da infraestrutura do texto.

3.3 Características discursivas

À luz do ISD, a infraestrutura geral do texto corresponde ao nível mais profundo do folhado textual (BRONCKART, 2012) que comporta os discursos, suas modalidades de articulação e sequências. Por tipos de discursos entendemos os diferentes segmentos que compõem o texto e, no caso dos contos analisados, identificamos a predominância do discurso do narrar. Bronckart (2012) descreve quatro mundos discursivos caracterizados a partir da proximidade da relação entre os parâmetros físicos e virtuais que compõem a atividade de linguagem: mundo do EXPOR implicado, mundo do EXPOR autônomo, mundo do NARRAR implicado, mundo do NARRAR autônomo. A bipartição autônomo/implicado refere-se à possibilidade de explicitação da relação entre os parâmetros físicos da ação de linguagem, ou seja, o texto é implicado quando esses parâmetros (emissor, receptor, lugar físico, momentos de produção) são expostos por meios de dêiticos. Por sua vez, quando o texto não apresenta referências dêiticas que evidenciem tais informações ele encontra-se em situação de autonomia com os parâmetros da ação de linguagem.

Como o mundo retratado nos contos apresenta um alto grau de desvio do mundo ordinário, que pode ser comprovado pelas passagens “Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra” (2) (AZEVEDO, 2007, p. 18); “Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes” (6) (AZEVEDO, 2007, p. 69); identificamos, a partir de Bronckart (2012) o narrar disjunto, cujas coordenadas do mundo discursivo distanciam-se das coordenadas do mundo ordinário. A ausência de referências dêiticas que aproximem o leitor dos parâmetros físicos confere a autonomia das narrações.

Portanto, o conto maravilhoso caracteriza-se pelo emprego do narrar ficcional como o tipo de discurso em predominância.

Sobre o plano textual global (BARROS, 2012), os contos analisados são textos em prosa compostos por título, corpo (parágrafos, discurso direto e indireto) e ilustração. Os dez contos apresentam extensão aproximada (entre 05 a 07 laudas), são narrativas relativamente curtas se comparadas aos romances.

Quanto aos tipos de sequências, Adam (2011) aponta como sequências básicas a narrativa, argumentativa, explicativa, descritiva e dialogal. Nos textos analisados, verificamos a predominância da sequência narrativa na organização do conteúdo temático, embora haja a presença de sequências dialogais e descritivas.

Em relação à configuração da sequência narrativa, Bronckart (2012) afirma que “só se pode falar em sequência narrativa quando essa organização é sustentada por um processo de *intriga*” (BRONCKART, 2012, p. 219 – grifo do autor) de modo a formar “um todo, uma história ou ação completa, com início meio e fim” (BRONCKART, 2012, p. 220). De acordo com o autor, a narrativa constitui-se de cinco fases principais, cuja ordem de sucessão é obrigatória, o que pode ser melhor visualizado no esquema reproduzido a seguir:

Figura 2 - A estrutura da sequência narrativa



(Fonte: a pesquisadora, adaptado de Bronckart, 2012)

A fim de comprovar que a sequência narrativa é a que caracteriza o conto maravilhoso, apresentamos a síntese dos momentos da narrativa (BRONCKART, 2012), de dois contos de nossa coletânea:

Quadro 6 - Sequência narrativa: exemplificação

Momentos da narrativa	<i>Moço bonito imundo (1)</i>	<i>O príncipe encantado no reino da escuridão (3)</i>
Situação inicial	O protagonista perde seus pais e inicia uma jornada solitária.	Após a morte de sua esposa, o negociante, pai da protagonista, casa-se novamente com uma mulher que tem duas filhas.
Complicação	Certo dia tem um encontro com o diabo e em troca de riqueza aceita a condição de viver isolado, vestindo pele de	A madrasta começa a maltratar a protagonista que decide fugir de casa e morar no meio da floresta.

	mostro por sete anos.	
Ações	O isolamento leva o herói a refletir sobre sua vida. Em um encontro com um negociante decide ajuda-lo financeiramente e em troca conquista o direito de casar-se com uma de suas filhas. Após muito relutar, uma das filhas aceita o destino. Porém, o moço ainda precisa cumprir dois anos do seu pacto com o diabo.	A moça começou a trabalhar em um palácio e sua dedicação agradou a rainha que há muito sofria pelo desaparecimento de seu filho. Vendo a esperteza da garota, a rainha dá a ela a missão de encontrar o príncipe.
Resolução	Depois de sete anos do pacto, o diabo é derrotado. O moço volta a sua aparência anterior e vai em busca de sua amada.	A menina encontra o príncipe encantado, porém desaparece. O príncipe faz todo o possível até encontrá-la.
Situação final	O moço retorna a sua aparência, surpreendendo a amada e deixando as cunhadas decepcionadas.	Eles se casam e a menina se reconcilia com o pai.

Fonte: a pesquisadora

A sequência dialogal está presente em todos os 10 contos, contribuindo com a dinâmica dos textos. Conforme Bronckart (2012), a sequência dialogal é organizada em três níveis encaixados, compostos por fases transacionais que constituem o corpo da interação, enquadradas por sequências fáticas de abertura e fechamento, conforme apresentado a seguir:

Figura 3 - A estrutura da sequência dialogal



(Fonte: a pesquisadora, adaptado de Bronckart, 2012)

Na fase de abertura, de caráter fático, os interlocutores interagem de acordo com os usos sociais em que se inscrevem. Na fase transacional o conteúdo temático mobilizador da interação social é co-construído. Já a fase de encerramento,

novamente fática, demarca o fim da interação. Um exemplo desse tipo de sequência encontrado no conto *A mulher dourada e o menino careca* (2) pode ser observado a seguir:

Quadro 7 - Sequência Dialogal: exemplificação

Conto: <i>A mulher dourada e o menino careca</i> (2)	
Fase de abertura	“A mulher segurou o menino pelos ombros.”
Fase transacional	“- Você entendeu bem? - Entendi – disse ele assustado.
Fase de encerramento	- Fica combinado? - Fica!”

Fonte: a pesquisadora

A sequência descritiva faz parte da composição narrativa como forma de auxiliar o leitor na construção das representações sugeridos pelo autor. De acordo com Bronckart (2012) “a sequência descritiva apresenta a particularidade de ser composta de fases que não se organizam em uma forma linear obrigatória, mas que se combinam e se encaixam em uma ordem hierárquica ou vertical” (BRONCKART, 2012, p. 222). Em sua forma prototípica, essa sequência comporta três fases principais que podem ser observadas nos contos conforme exemplificado a seguir:

Quadro 8 - Sequência descritiva: exemplificação

Fase da ancoragem	Fase de aspectualização	Fase de relacionamento
O tema da descrição é assinalado geralmente por uma forma nominal ou tema-título	Diversos aspectos do tema-título são enumerados	Os elementos descritos são assimilados a outros
“ <i>Sua cabeleira era negra, selvagem e sedosa</i> ” (p.17)	“Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem” (p.11)	“ [...] uma mulher tão linda quanto as flores mais coloridas e as pedras mais raras e preciosas” (p.17)

Fonte: a pesquisadora

Quanto aos elementos constituintes da narrativa, Gancho (2002) aponta cinco elementos como sendo essenciais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. E, para a autora, o conto é uma narrativa “que tem como característica central condensar o conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens” (GANCHO, 2002, p. 08).

O enredo constitui-se do encadeamento de fatos e ações que compõem uma história (GANCHO, 2002). Norteados pelos pressupostos de Bronckart (2009), compreendemos que o enredo é organizado nos contos dentro da estrutura da sequência narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final. E, a condensação da complicação, característica da narrativa segundo Gancho (2002), instituída em nossa coletânea, pode ser apresentada da seguinte forma:

Quadro 9 - Complicação

1	<i>Moço bonito imundo</i>	O pacto com o diabo.
2	<i>A mulher dourada e o menino careca</i>	A abertura das arcas proibidas.
3	<i>O príncipe encantado no reino da escuridão</i>	A misteriosa voz ouvida pela moça.
4	<i>Coco Verde e Melancia</i>	O amor proibido do casal.
5	<i>A mulher do viajante</i>	A armação que fez com que o viajante acreditasse que sua mulher o traíra.
6	<i>Os onze cisnes da princesa</i>	A transformação dos onze príncipes em cisnes.
7	<i>O filho do ferreiro e a moça invisível</i>	A existência de um misterioso buraco escuro.
8	<i>Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza</i>	A disputa entre a Boa-Sorte e a Riqueza.
9	<i>As três noites do papagaio</i>	A tentativa de golpe contra a mulher do vendedor.
10	<i>O filho mudo do fazendeiro</i>	A insistente tentativa do fazendeiro em curar a mudez do filho.

Fonte: a pesquisadora

Os personagens são os responsáveis pelo desenvolvimento do enredo; são caracterizados por suas ações e falas e pelo julgamento que fazem deles o narrador e os outros personagens (GANCHO, 2002). Nos contos em questão é perceptível a constante disputa entre o bem e o mal, materializada, na maioria das vezes, pelos personagens protagonistas e antagonistas, conforme exemplificado a seguir:

Quadro 10 - Personagens

Conto	Protagonista	Antagonista
<i>Moço bonito imundo (1)</i>	Moço bonito	Diabo
<i>O príncipe encantado no reino da escuridão (3)</i>	A moça	A madrasta
<i>Coco Verde e Melancia (4)</i>	O casal	O pai da menina
<i>A mulher do viajante (5)</i>	O casal	O amigo do homem
<i>Os onze cisnes da princesa (6)</i>	A princesa	A madrasta
<i>As três noites do papagaio (9)</i>	A mulher	O rapaz

Fonte: a pesquisadora

Retomamos aqui o conceito de Propp (2006) ao definir o conto maravilhoso em função das ações dos personagens na narrativa. Nas palavras do autor “no estudo do conto, o que realmente importa é saber *o que* fazem os personagens. *Quem* faz algo e *como* isso é feito, já são perguntas para um estudo complementar” (PROPP, 2006, p. 16 – grifos do autor). Sendo assim, as 6 funções invariantes dos personagens identificadas pelo autor como elementos-chave para caracterização do conto maravilhoso estão presentes nas narrativas compiladas na obra, o que pode ser comprovado pela exemplificação abaixo:

Quadro 11 - Funções invariantes dos contos maravilhosos

Funções	<i>A mulher do viajante (5)</i>	<i>Os onze cisnes da princesa (6)</i>
1. uma situação de crise ou mudança	A mulher é abandonada pelo marido após cair na armadilha elaborada pelo amigo do viajante.	A madrasta manda a princesa para longe e transforma os príncipes em cisnes.
2. aspiração, desígnio ou obediência	O objetivo da protagonista era descobrir por que tinha sido abandonada pelo marido.	“Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos” (p. 71)
3. viagem	“[...] a moça pegou a estrada e foi procurar o palácio da rainha” (p. 59)	“Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo” (p. 71)
4. desafio ou obstáculo	A moça foi nomeada juiz e teve que se fingir de homem durante três anos.	Desfazer o feitiço lançado pela madrasta que fazia com que os príncipes se transformassem em cisnes durante o dia.
5. mediação	Ela recebeu a ajuda do rei que em troca da cura da rainha concedeu a ela o direito de ser juiz.	Recebe a ajuda de uma fada que explica como acabar com o feitiço.
6. conquista	Como juiz, ela consegue interrogar os envolvidos em sua armadilha e descobre o verdadeiro motivo pelo qual o marido a abandonou.	A princesa cumpre as tarefas designadas pela fada e o feitiço contra os irmãos é desfeito.

Fonte: a pesquisadora

O tempo e o espaço são indeterminados, característica da narrativa maravilhosa, e marcados por expressões linguísticas que contribuem para a universalidade e atemporalidade do gênero. Exemplos: (1) “os anos passavam vagarosos” (p. 10); (2) “um dia estava com um machado cortando mato” (p. 17); (3) “mais tarde, alguém bateu na porta” (p. 30); (4) “num pé de serra [...]” (p. 41); (5) “parando num lugar distante e deserto [...]” (p. 58).

No caso do narrador, ele está marcado nos contos pelo emprego da terceira pessoa do discurso, sendo, em decorrência, onisciente e onipresente, como podemos observar no trecho a seguir:

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo (AZEVEDO, 2007, p. 83)

No excerto apresentado, temos a onisciência do narrador, pois ele não apenas narra o que acontece com o personagem, mas também o que ele sente e pensa. A voz do narrador auxilia na construção das histórias por meio de uma linguagem dinâmica e carregada de oralidade. No conto “Moço bonito imundo” (1) a narrativa inicia-se com o clássico “Era uma vez...” (AZEVEDO, 2007, p. 07), característico das narrativas orais. O narrador interage com o leitor por meio do emprego de provérbios e ditos populares, como podemos observar nos fragmentos “O homem soluçava e pensava como a vida pode ser tão cheia de toma-lás e de dá-cás (AZEVEDO, 2007, p.18); “Mas o destino vire e mexe surpreende” (AZEVEDO, 2007, p.19). Ao servir-se de tal recurso, o autor aproxima a narrativa do pensamento popular, por meio da inserção desses ditos na composição da história de modo muito natural e apropriado ao contexto, o que facilita a identificação por parte do leitor.

3.4 Características linguístico-discursivas

A construção linguística dos contos em análise é marcada por retomadas nominais, o autor utiliza, principalmente, a substituição por sinônimos, o que reforça a caracterização das personagens a partir da ampliação de seus atributos. No conto “Moço bonito imundo” (1), por exemplo, a retomada ao personagem do diabo se dá pelos nomes: “Satanás” (p. 08), “Tinhoso” (p. 08), “Coisa-Ruim” (p. 08), “Capeta” (p.08), “Cão” (p. 08), “Satã” (p.09), “Arrenegado” (p.09), “Pé-de-Bode” (p. 09), “Lúcifer” (p. 14), “Demônio” (p. 14). Há também a presença de retomadas pronominais, restringindo-se à utilização dos pronomes pessoais do caso reto.

Também propriedade específica que marca a sequência narrativa, os contos empregam organizadores temporais, o que evidencia, como posto, que o tempo da

narrativa é indeterminado. Exemplos: (1): “Era uma vez [...]” (p.07); (3) “Enquanto isso[...]” (p.38); (6) “Naquela noite[...]” (p. 73); e espaciais: (3) “Estava lá[...]” (p. 33); (9) “Numa cidade[...]” (p. 106); (10) “Deitado na cama[...]” (p. 114).

E, tendo a sequência narrativa o propósito de narrar um encadeamento de ações situadas numa sequência temporal, os verbos predominantes nos contos de Azevedo são os que evidenciam as ações das personagens, sendo que, o tempo verbal que prevalece é o pretérito perfeito. Exemplo: (1) “Respirou fundo” (p. 09); (2) “A mulher segurou o menino pelos ombros” (p. 18); (3) “A menina imaginou aquele jardim encantado” (p. 30); (4) “O homem ficou uma fera” (p. 42); (5) “E assim chegou na cidade” (p. 59); (6) “Com os meninos, a rainha bruxa fez pior” (p. 69); (7) “Mais tarde, sentiu fome” (p. 82); (8) “Uma delas aproximou-se” (p. 91); (9) “O filho do fazendeiro ficou apaixonado” (p. 99); (10) “Mas a menina encasquetou com o sonho” (p. 110).

Sobre a linguagem, Azevedo (2007) utiliza uma linguagem carregada de metáforas, articulando traços da memória coletiva do interlocutor e de sua memória individual, o que pode ser observado nos fragmentos: “O menino tentava pensar em outro assunto, mas sua curiosidade aumentava feito um balão de gás crescendo, crescendo sem parar” (2) (p. 19); “A água jorrava feito cachoeira” (5) (p. 55). Nessa perspectiva, convém destacarmos a afirmação de que Azevedo (2007) conserva os substratos da cultura popular e a ressignifica aliando uma espécie de escrita oral e linguagem visual, artifício pelo qual consegue criar imagens que materializam a ideia intentada pelo plano verbal e, dessa forma, aproxima-se do leitor de maneira mais acessível. Essa maneira de contar os fatos faz com que o texto se aproxime de imediato do público infantil, pois esses leitores acolhem com entusiasmo histórias que envolvem o maravilhoso e o imaginário, artefatos largamente explorados pelo autor no decorrer dos contos.

Além disso, o autor vale-se substancialmente das figuras de linguagem para compor uma narrativa mais fluida e em consonância com o maravilhoso que permeia a história. A anáfora, que consiste na repetição de palavras no início de frases sucessivas, pode ser observada no discurso da mulher dourada como meio de enfatizar a liberdade do menino no Castelo de Cristal “Você agora é meu filho. Pode fazer o que quiser. Pode brincar. Pode passear. Pode comer e beber. Pode entrar em todos os lugares [...]” (2) (AZEVEDO, 2007, p. 18). A repetição do verbo “pode”

ressalta o discurso de acolhida da mulher e, ao mesmo tempo, prepara para a negativa que vem em seguida “[...] mas tem um porém” (AZEVEDO, 2007, p. 18).

O autor explora a linguagem simbólica, aquela que, de acordo com Chauí (2000), opera por analogias e metáforas oferecendo sínteses imediatas (imagens) a partir de construções linguísticas, criando imagens e conceitos por meio das palavras e expressões a fim de privilegiar a imaginação. A exemplo, destacamos a criação do neologismo *Reino-do-Entrou-Ficou* (3) utilizado tanto para nomear o reino do pássaro-azul, quanto para concretizar a ideia expressa na história de que os que ali entravam não mais retornavam. Tal construção complementa o sentido expresso pelo narrador ao referir-se ao reino: “O rei já tinha enviado exércitos para o lugar. Heróis já tinham ido até lá com suas coragens e suas espadas pontudas. Ninguém tinha voltado” (2) (AZEVEDO, 2007, p. 22). Essa insistência em evidenciar a dificuldade da ação, prepara para a exaltação do feito empreendido pelo herói ao final da empreitada.

Além disso, a escolha lexical é condicionada ao ambiente fantasioso no qual as narrativas se desenvolvem, portanto, termos como “príncipe encantado” (3), “mulher dourada” (2), “palácio da rainha” (5), “rainha bruxa (6), “asas douradas” (10) e demais palavras que remetam ao mistério e ao onírico são amplamente explorados.

Quanto a pontuação que organiza a textualidade, ela segue os padrões da sequência narrativa: uso de ponto de exclamação em frases exclamativas “É ele mesmo!” (8) e de ponto de interrogação em interrogativas “Cadê meu sobrinho” (9). Os personagens, na maioria das vezes, manifestam-se pelo discurso direto o que leva à utilização de dois-pontos e travessão, conforme o exemplo:

Às três horas da manhã, a moça pediu:

- Por favor, testemunhas. Estou com muito medo. Sinto que vou morrer amanhã. Será que vocês podem contar uma história que me faça esquecer da morte que está vindo me pegar? (10) (AZEVEDO, 2007, p. 114)

Ao final de cada conto é apresentada uma quadra popular, reforçando o resgate dos substratos da literatura de tradição oral e confirmando a intenção do autor ao recontar as histórias. A quadra é a forma lírica mais comum entre o povo e, nesse contexto, é utilizada para fechar os contos, sintetizando seus enredos, como podemos observar em:

Uma história como esta
Parece beleza pura
Quem quiser que conte outra
Cheia de amor e aventura! (2) (AZEVEDO, 2007, p. 27)

O mesmo intento pode ser observado na composição dos elementos paratextuais formados por desenhos no estilo da xilogravura, ilustrados pelo próprio autor. A escolha pelo estilo popular regional de ilustração reforça a retomada à cultura popular e enriquece a leitura do texto. No conto *A mulher dourada e o menino careca* (2) o desenho de abertura traz como principal a imagem de um homem carregando uma enxada e tem como pano de fundo o que parece ser seu ambiente de trabalho.

Figura 4 - Ilustração 1



Fonte: Azevedo, 2007, p. 16

A segunda ilustração retrata o momento em que o herói e seus concorrentes decidem viajar em busca do líquido mágico, dessa forma, o careca aparece em primeiro plano frente à frente com seus adversários e, ao fundo, percebemos o castelo e o pássaro-azul.

Figura 5 - Ilustração 2



Fonte: Azevedo, 2007, p. 23

As ilustrações dialogam com a narrativa, antecipando os passos do enredo, fato que observamos, por exemplo, na presença de dois sóis, um em cada canto da página da primeira ilustração, sugerindo o que vem narrado a seguir “[...] lutando de sol a sol [...]” (AZEVEDO, 2007, p. 17). Ou ainda pela imagem da segunda ilustração que traz o herói encarando seus adversários, o que prenuncia a ideia de que a jornada seria difícil e solitária.

Quando tratamos dos mecanismos enunciativos, é possível perceber a presença de vozes que atuam no texto e se distinguem entre voz do autor, voz do narrador e vozes dos personagens. A voz do autor está presente nas quadrinhas que finalizam cada conto e exprimem algum tipo de opinião acerca da história:

Até eu fui convidado
 Passei lá a noite inteira
 Por isso, gente, eu garanto
 Essa história é verdadeira! (5) (AZEVEDO, 2007, p. 66)

O exemplo trazido acima demonstra o tom coloquial da linguagem utilizada pelo autor que conversa diretamente com o seu leitor, na tentativa de romper a fronteira entre imaginação e realidade e aproximar-se do universo do seu interlocutor.

As outras vozes, do narrador e dos personagens, podem ser observadas nos exemplos: voz do narrador “Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha” (6)

(p. 69), “Um dia, um buraco escuro apareceu no chão ninguém sabe como nem por quê” (7) (p. 81); vozes dos personagens “- Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte” (8) (p. 92), “- Quero aquela moça de qualquer jeito!” (9) (p. 99).

Essas vozes são fontes de avaliações, denominadas modalizações que são agrupadas por Bronckart (2012) em quatro subconjuntos: as modalizações lógicas, as modalizações deônticas, as modalizações apreciativas e as modalizações pragmáticas. Devido ao caráter maniqueísta das narrativas que confronta o bem e o mal, por meio do embate entre protagonistas e antagonistas, fica evidente na voz do narrador a intenção de influenciar o leitor na construção da imagem do bem e do mal por meio das modalizações apreciativas, conduzindo-o para um sentimento de afeição pelo herói: “O moço bonito imundo, com voz emocionada, disse que estava muito contente mas, infelizmente, ainda não podia se casar” (conto 1) (p. 13); e de rejeição pelo vilão: “A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei” (conto 6) (p. 69).

Como forma de condensar e organizar as características dos contos analisados expostas até o momento, apresentamos, a partir da proposta de Barros (2012) um quadro-síntese do modelo teórico do gênero em estudo.

3.5 Quadro síntese do modelo teórico do gênero conto maravilhoso

Os quadros expostos a seguir apresentam uma síntese dos elementos que caracterizam o gênero conto maravilhoso, obtidos por meio da análise do *corpus* selecionado.

Quadro 12 - Quadros síntese das características do conto maravilhoso

Capacidades de ação	Prática social: aprimoramento do senso estético e da expansão do repertório cultural do leitor, proporcionando a aquisição de uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e interação social. Levando em consideração ainda o espaço privilegiado que a atividade de leitura ocupa no ambiente escolar, o gênero está envolvido também no trabalho com a prática pedagógica de formação de leitores; Gênero escrito; Pertence à esfera literária; Emissor: escritor Ricardo Azevedo; Destinatário: leitores que apreciam narrativas do universo maravilhoso, em especial o público infanto-juvenil, uma vez que a coletânea faz parte do PNBE, com recomendação para essa faixa etária.
----------------------------	---

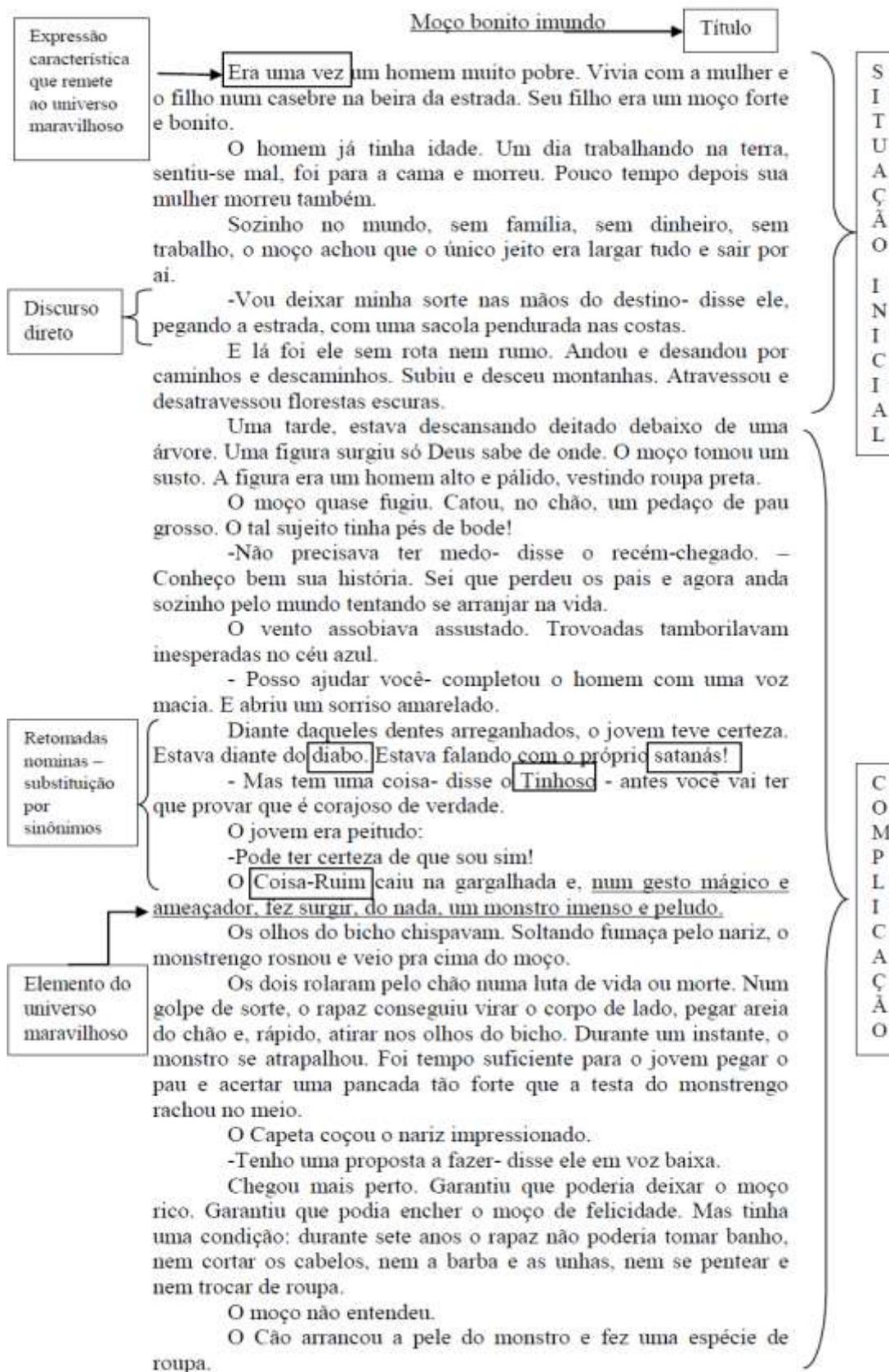
	<p>Papel discursivo do emissor: preservar e disseminar histórias populares, promover reflexões acerca de temas sociais;</p> <p>Papel discursivo do destinatário: contribuir para o processo de preservação de contos populares, além do papel humanizador ao abordar temas de relevância social que demandam reflexão por parte do sujeito leitor;</p> <p>Tema dos textos: histórias universais e atemporais que abordam questões sociais e sentimentos comuns, inerentes à vida.</p> <p>Suporte: livros, físicos e virtuais;</p> <p>Meio de circulação: ambientes residenciais e educacionais.</p>
Capacidades discursivas	<p>Tipo de discurso: situa-se, predominantemente, no mundo do narrar, por meio do narrar ficcional;</p> <p>Estrutura geral do texto: texto em prosa, relativamente curto se comparado a um romance, composto por título, corpo textual e ilustração;</p> <p>Sequência predominante: sequência narrativa, embora apareçam também as sequências dialogais e descritivas.</p>
Capacidades linguístico-discursivas	<p>Retomadas textuais: são utilizadas muitas retomadas nominais, principalmente a substituição por sinônimos;</p> <p>Há a predominância dos verbos de ação conjugados no pretérito perfeito;</p> <p>Observamos a presença de organizadores temporais e espaciais;</p> <p>A escolha lexical é condicionada ao ambiente fantasioso no qual as narrativas se desenvolvem, palavras que remetem ao mistério e ao onírico são amplamente exploradas;</p> <p>A utilização dos sinais de pontuação segue os padrões da narração: ponto final, de exclamação, de interrogação, dois-pontos e travessão;</p> <p>Há a presença de metáforas e outras figuras de linguagem;</p> <p>As vozes presentes são: a do autor, perceptível nas quadrinhas que finalizam os contos; a do narrador que organiza o enredo e as dos personagens que aparecem, principalmente, por meio do discurso direto;</p> <p>As modalizações são mais frequentes na voz no narrador que tenta persuadir o leitor por meio de modalizações apreciativas;</p> <p>Como elemento paratextual, destacamos as ilustrações, no estilo da xilogravura, que dialogam com as narrativas.</p>

Fonte: a pesquisadora, adaptado de Barros (2012)

Diferentemente da proposta original do ISD, na qual o professor é o responsável por elaborar um texto a ser tomado como exemplar/modelo para a construção da SD, nesse caso, elegemos o conto “Moço bonito imundo” (1), integrante do *corpus* analisado, como um modelo teórico, uma vez que é formado, conforme os resultados de nossas análises, pelas características do gênero conto maravilhoso, sendo assim, um adequado texto para ser apresentado aos alunos, em nosso material didático, como exemplar do gênero.

3.6 Síntese do modelo teórico do gênero

Para confirmar nossa afirmativa feita acima, destacamos no referido conto suas especificidades.



- Durante sete anos você vai ter que andar enrolado nessa capa.

E concluiu:

-Se durante esse período de tempo você não aguentar viver desse jeito, sua alma será minha. Em compensação, rosnou o satã, se conseguir sobreviver, se conseguir ficar sete anos sem se cuidar, enrolados nessa pele, você será livre e muito rico.

O moço ficou confuso. Era jovem, era forte, era bonito. Andar durante sete anos enrolado numa pele peluda de monstro sem poder tomar banho nem nada?

O Arrenegado prometeu:

-Agora vem a coisa boa: se aceitar o trato, a partir de agora, toda vez que precisar de dinheiro, é só enfiar a mão no bolso. Seu bolso vai ter dinheiro sempre. O quanto você quiser!

O moço olhou o Não-Sei-Que-Diga no olho.

- Se topar o desafio - continuou o outro - , você vai andar feio, repulsivo e imundo, mas sempre e sempre terá dinheiro para fazer o que desejar.

O moço parou para pensar. Estava solto na vida. Não tinha nada a perder. É verdade que seria ruim andar estrepado, molambento e malcheiroso durante tanto tempo. Por outro lado, disse ele para ele mesmo, por dentro, debaixo da pele do monstro, debaixo da sujeira e das unhas encardidas, ele seria sempre ele mesmo. Era o que importava. O resto era só aparência sem serventia.

Respirou fundo.

-Eu topo!

O Pé-De-Bode soltou uma gargalhada e virou fumaça deixando o ar envenenado de mistério, medo e maldade.

A partir daquele dia o moço bonito passou a levar uma vida estranha.

Tinha dinheiro para fazer o que quisesse. Mas com aquela roupa? Com aquele jeito? O pior é que quanto mais o tempo passava, pior a aparência do moço ia ficando.

Nos primeiros meses, ainda deu para enganar. Era jovem, bonito e tinha sempre dinheiro. Depois, sua vida foi como que se desfazendo, se desmanchando numa espécie de lixo que era uma pessoa.

Sequência
descritiva

O rapaz virou uma figura horrível, barbuda, unhuda e cabeluda, sempre cheirando mal, sempre enrolado naquela pele de bicho que ninguém conhecia.

As pessoas tinham medo. Pensavam que ele era algum mendigo enlouquecido.

As crianças fugiam achando que ele podia ser perigoso.

Até os animais evitavam se aproximar daquela figura medonha.

Mesmo com dinheiro na mão para gastar a vontade, o moço passava por dificuldades.

Os comerciantes, por exemplo, não queriam saber dele dentro de suas lojas.

As hospedarias também não.

Sendo assim, o moço bonito imundo foi se isolando, foi se afastando, foi ficando cada vez mais sozinho na vida.

C
O
M
P
L
I
C
A
Ç
Ã
O

A
Ç
Õ
E
S

Narrador onisciente { Como não tinha ninguém para conversar ou trocar ideias, ia conversando ele com ele mesmo e isso até era bom. Ficava horas e horas pensando. Acabou lembrando coisas da infância que tinha esquecido completamente. Pensou muito em seu pai e sua mãe e na vida que eles levavam. Pensou nos amigos. Pensou também nele mesmo, em sua existência, nas moças que tinha amado, nas coisas que gostava de fazer e no pacto com o maligno. Pouco a pouco foi até se conhecendo um pouco melhor.

Espaço indeterminado { Os anos passavam vagarosos.
Um dia, cansado de ficar sozinho no mato, o moço bonito imundo decidiu que iria dormir melhor e comer comida boa.
→ Encontrou uma hospedaria no caminho, bateu na porta e entrou.
Ao dar com aquela figura medonha, cabeluda e malcheirosa, o dono do estabelecimento ficou assustado. Ameaçou a chamar a polícia. Só mudou de ideia quando viu cem moedas de ouro em cima da mesa.
Mesmo com os olhos brilhantes por causa do dinheiro, o dono do hotel disse que o moço podia ficar, mas só se fosse no quarto dos fundos. Comida, só no próprio quarto.
-Não quero que fique passeando por aí - disse o homem juntando rapidamente as moedas com cara de nojo. - Os outros hóspedes vão querer ir embora!
O moço baixou a cabeça. Pelo menos ficaria num quarto limpo. Pelo menos teria comida quente. Pelo menos teria gente por perto. Era melhor do que nada.
Verbos de ação no pretérito perfeito { Subiu as escadas, entrou no quarto trancou a porta e deitou se na cama.
Mais tarde, depois do jantar, escutou alguém chorando. Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem.
-O que é que eu faço agora? O que é que eu faço?- dizia uma voz gemendo baixinho.
O moço sentiu pena. A voz vinha do quarto ao lado. Resolveu ir até lá. Bateu na porta.
Quando deu com aquela figura medonha parada no corredor, o hóspede que chorava levou um susto, correu para o fundo do quarto e pegou uma arma.
Discurso indireto { O moço bonito imundo pediu a ele que se acalmasse. Desculpou-se pelo seu estado. Explicou que apesar de estar assim era pessoa de bem. Pediu para não ter medo. Perguntou o que afinal estava acontecendo. Talvez pudesse ajudar.
-Sou um desgraçado - disse o homem sentando-se na cama - Entrei em maus negócios. Fiz besteira. Acabei perdendo tudo. Agora para pagar minhas dívidas terei que vender minha casa. Ela é meu último bem.
O homem cobriu o rosto com as mãos.
-E minha mulher? E minhas três filhas? O que é que eu faço agora? Tenho vergonha de voltar para casa e dar a notícia a elas.
O homem soluçava.
-Vamos ficar sem ter onde morar, nem o que comer. Como vai ser a nossa vida? Não tenho coragem de entrar em casa chamar a família e contar a verdade! O que é que faço, meu Deus, o que é que eu faço?

**A
Ç
Õ
E
S**

Sequência dialogal

A figura medonha e estranha enfiou a mão no bolso e jogou em cima da cama um monte de moedas de ouro.

-Isso é suficiente ou precisa mais?

Os olhos do negociante não acreditaram.

-Mas...

E o moço atirou outro punhado de moedas.

-Eu tenho muito _ disse ele. _ Dou de presente. Pode pegar a vontade. É tudo seu.

Mesmo assustado, mesmo com medo e nojo, o homem atravessou o quarto e abraçou o moço. Depois agradeceu de joelhos. Disse que aquilo era sua salvação. Disse que era a sua chance para recomeçar a vida. Chorou de novo. Segurou o braço do imundo. Fazia questão de leva-lo até em casa para conhecer a sua família. Tinha três filhas. Ofereceu uma delas em casamento.

-Graças a você minha família não foi destruída!

O moço aceitou. Não pelas filhas, mas pela chance de estar perto de pessoas, de conversar um pouco, de estar junto com alguém

Personagens anônimas

O homem e o moço bonito imundo saíram da hospedaria. Antes de mais nada, o negociante foi até o centro da cidade e pagou suas dívidas. Depois foram para a sua casa.

O tal homem tinha três filhas. Cada uma mais bonita do que a outra.

Ao verem aquela figura barbuda e imunda sentada na sala, as três sentiram medo. As duas mais velhas, cheias de espanto e nojo, não quiseram nem falar com o visitante. Ficaram de longe, com cara feia, torcendo o nariz.

A mais nova também sentiu-se mal. Mesmo assim, estava agradecida. Afinal, sabia que graças aquela pessoa medonha e suja, seu pai tinha conseguido saldar suas dívidas e salvar a família. Por essa razão, mesmo aflita e enojada, a menina se aproximou do moço e puxou assunto.

Ficou surpresa. Percebeu que, apesar da aparência, o visitante era inteligente, simpático e divertido.

Os dois conversaram a tarde inteira. No fim a moça chamou o pai de lado. Disse que sim aceitava se casar com aquele moço feio e imundo.

Quando as outras irmãs souberam, acharam graça da vontade da mais moça. Até a mãe da menina sacudiu a cabeça preocupada.

O moço bonito imundo, com a voz emocionada, disse que estava muito contente mas, infelizmente, ainda não podia se casar. Sem entrar em detalhes, explicou que tinha um certo trato a cumprir. Não tinha jeito. Era um compromisso importante. Um pacto. Contou que ainda faltavam dois anos.

-Eu espero - disse a moça.

Ao despedir-se, o moço tirou da sacola um anel, única lembrança de sua mãe. Cortou em dois pedaços. Colocou um dos pedaços nas mãos da menina.

-O outro, juro que dou a você daqui a dois anos - disse ele antes de partir.

E lá foi o moço bonito imundo de novo pelas estradas e desvios do mundo.

A
Ç
Õ
E
S

<p>Marcador temporal</p>	<p>Andou, andou, andou. Acabou achando melhor viver escondido no mato. Estava cansado de assustar as pessoas. De sentir gente olhando para ele com nojo e estranhamento. Na solidão o moço continuou conversando e discutindo com ele mesmo. Lembrando de coisas. Repensando sentimentos e experiências. Revivendo sua vida ponto por ponto.</p>	<p>A Ç Õ E S</p>
	<p>→Dois anos demoram duas vezes mas acabam passando. Um dia o moço bonito imundo estava deitado embaixo de uma árvore, pensando na vida quando uma figura surgiu parada em sua frente. Era o Lúcifer em osso e carne.</p>	
<p>Retomada pronominal</p>	<p>-Parabéns - disse ele fazendo cara de contentamento fingido. - Você foi muito forte. Você aguentou firme. Você ganhou. Os sete anos se passaram. Agora você pode tomar banho, cortar cabelo, barba e unhas e seguir sua vida.</p>	<p>R E S O L U Ç Ã O</p>
	<p>-Nada disso! - gritou o moço. - Primeiro você vai ter de me dar banho. Segundo, você vai cortar meu cabelo. Depois, vai fazer minha barba, aparar minhas unhas e ainda arranjar uma roupa decente para eu vestir!</p>	
	<p>O Beijudo não queria mas o moço pegou um pedaço de pau grosso pronto para brigar.</p>	
	<p>Dizem que o Demônio é poderoso, mas covarde.</p>	
	<p>Num gesto mágico, em menos de um segundo, a figura bonita imunda se viu banhada, barbeada, cabelo cortado e unha aparada, vestindo roupa nova.</p>	
	<p>Elegante e feliz a vida, o moço saiu da mata, comprou um cavalo branco e foi direto pra casa do negociante.</p>	
	<p>Encontrou as três irmãs conversando na varanda. Nenhuma delas reconheceu o moço. O recém-chegado disfarçou. Perguntou pelo negociante.</p>	<p>S I T U A Ç Ã O F I N A L</p>
	<p>-Deve estar chegando logo - disseram as duas irmãs mais velhas ao mesmo tempo. Tinham achado o moço a coisa mais linda. A irmã caçula nem ligou. Parecia triste e abatida.</p>	
	<p>O recém-chegado desceu do cavalo e perguntou se podia esperar o negociante na varanda.</p>	
	<p>Conversa vai, conversa vem, a irmã mais moça contou que tinha sido noiva mas agora achava que o seu noivo tinha morrido. Disse que estava muito triste.</p>	
	<p>O moço sorriu. Enfiou a mão no bolso e mostrou a metade de um anel.</p>	
	<p>No começo, a menina não quis acreditar que aquele moço e a figura imunda eram a mesma pessoa, mas o recém-chegado contou tudo.</p>	
	<p>O negociante veio e logo o casamento foi marcado.</p>	
	<p>Dizem que foi a festa mais bonita que já houve até hoje.</p>	
	<p>As duas irmãs mais velhas ficaram roendo as unhas de ciúmes e inveja, mas isso já é uma outra história.</p>	
	<p><i>Acabou-se o que era doce Toda história tem um fim Quero ver quem conta outra Que seja bonita assim!</i></p>	
	<p>Voz do autor</p>	

Seguindo as etapas da pesquisa, conforme exposto na Seção II – Metodologia, após a elaboração do modelo teórico, e, portanto, conhecidos os elementos que formam o gênero em questão, propusemos a produção de um primeiro texto, pelos alunos, a fim de diagnosticar quais as capacidades de linguagem, referentes ao gênero conto maravilhoso, os discentes já tinham e quais precisavam desenvolver. E, também aplicamos aos alunos um questionário (APÊNCIDE A), para conhecer quais as capacidades de ação que os discentes tinham a respeito do gênero e quais deveriam ser trabalhadas na SD, a seguir apresentamos os resultados.

SEÇÃO IV – DIAGNÓSTICO INICIAL DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOS ALUNOS

Na terceira etapa de trabalho, realizamos uma análise diagnóstica das primeiras produções e das respostas ao questionário aplicado aos alunos. A produção inicial de um conto maravilhoso foi solicitada logo no início do período letivo, na data de 14 de março de 2018. Sendo nosso objetivo compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos do 6 ano, julgamos pertinente obter um panorama das capacidades que eles já tinham antes do processo interventivo.

Por se tratar de um gênero comumente explorado na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, fiamos-nos em um conhecimento prévio dos alunos resultante do contato, muito comum, com os contos nos anos anteriores. Na data mencionada, iniciamos o que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) denominam de Apresentação da situação em uma SD, diante de nossa realidade escolar e andamento de pesquisa, com as devidas adaptações. Os alunos receberam, então, a informação de que realizaríamos um trabalho voltado para que eles produzissem contos maravilhosos, e que nesse primeiro momento eles deveriam produzir um conto maravilhoso para que a professora pesquisadora pudesse conhecer o que eles já conheciam desse tipo de texto e que a partir disso planejasse suas ações. Assim que receberam o comando de produção, dessa forma mesmo, ou seja, sem detalhamentos, instruções específicas, exemplares para exemplificação, grande parte dos alunos interpelaram: o que é? como faz?

Para familiarizá-los, contextualizamos o gênero apenas no sentido de que os contos maravilhosos estão presentes na vida dos alunos desde a primeira infância, seja por intermédio da leitura desses textos pelos pais ou por professores da educação infantil. Com essa referência, os alunos se tranquilizaram e iniciaram a produção que contou com a duração de duas aulas, entre a instrução oral, a produção de um texto rascunho e produção definitiva no formulário específico.

Foram produzidos vinte e quatro textos. No processo de análise pautamo-nos em verificar a existência dos elementos característicos do gênero revelados em nosso modelo teórico. Para organizar e sistematizar a apresentação das análises, e preservação da identidade dos alunos, os textos foram numerados de um a vinte quatro.

No que se refere à capacidade de ação, buscamos identificar nos textos um dos aspectos, a de que o gênero tem como objetivo contribuir para a formação humana ao abordar temas de relevância social. Conforme exposto no modelo teórico (Seção II desta dissertação), o conto maravilhoso trata de temas que envolvem as relações e sentimentos conflituosos entre as pessoas.

Os textos produzidos pelos alunos se aproximam da temática, contudo não podemos afirmar que existia uma consciência dos discentes sobre esse aspecto. Acreditamos que o que ocorreu foi que ao receberem o comando de instrução, os alunos buscaram reproduzir as várias histórias ou as mais comuns histórias que tiveram contato em casa e/ou na escola. Assim, do total de vinte e quatro textos, doze deles reproduziram contos clássicos: Os três porquinhos (Textos 1, 2, 18 e 20), Rapunzel (Textos 3 e 5), Cinderela (Textos 6 e 13), Ariel (Texto 8), A Bela e a Fera (Texto 11) e Chapeuzinho Vermelho (Textos 16 e 21). Nesses textos, a presença do maravilhoso pode ser verificada pelos objetos e seres mágicos, pelos ambientes fabulosos presentes nas narrativas. Um outro (Texto 9) produziu uma versão de Os três porquinhos trocando os personagens principais por jacarezinhos, mas mantendo o enredo original. O que vemos como coerente a idade e ao ano escolar dos alunos.

Em um outro conjunto, 11 textos (dos 24) apresentam enredos mais autorais, e que abordam temas que se aproximam mais do mundo real do que do ficcional. Temas que podemos sintetizar pelo quadro a seguir:

Quadro 13 – Conteúdo temático do conjunto de 11 textos

Texto 4	A relação com a morte, superação
Texto 7	Solidão, solidariedade
Texto 10	O bem contra o mal
Texto 12	Tristeza, superação
Texto 14	Relação familiar
Texto 15	Sonhos, superação
Texto 17	Maldade, romance, relação familiar
Texto 19	Competição, resiliência
Texto 22	Amizade
Texto 23	A busca pela beleza física
Texto 24	Amizade, ganância

Fonte: a pesquisadora

Apenas uma das produções desse conjunto (Texto 4) enquadra-se na narrativa fantástica por propor a incursão do imaginário em uma situação próxima à

realidade (TODOROV, 1977), ou seja, uma situação cotidiana foi retratada de maneira verossímil e o extraordinário surge rompendo as estruturas racionais. Nos demais, a temática foi trabalhada a partir de uma narrativa que buscou retratar a realidade compromissada com o racional, com elementos narrativos (espaço, personagens, enredo) situados no mundo real. Então, todos os textos desse conjunto abordaram as relações sociais o que se aproxima um pouco mais do conteúdo temático característico do gênero.

A título de exemplificação, desse segundo conjunto de 11 textos, selecionamos um para ser transcrito. A produção não foi selecionada por ser a que mais se aproxima ou se distancia do gênero proposto, mas por constituir-se como uma representante média das produções realizadas pelos alunos.

O menino Kiki⁸

Kiki era um menino que adorava manobras, ele tinha skate, bicicleta, patinete e muito mais, mas do que ele nunca se separava é de seu capacete, era sua identidade, quando ele colocou seu capacete nunca tirou mais ele.

Em um dia qualquer ele chamou seu amigo Ghunter para fazer manobras e o seu amigo contar o tempo, e seu tempo foi ótimo, mas ele perdeu seu capacete na lama onde ele caiu e sem seu capacete ele não era nada não tinha vontade de fazer manobras e seu melhor amigo pensou em como reanimar ele, chamou ele num penhasco onde ele adorava descer para fazer manobras e seu amigo chamou o ídolo do Kiki o Billy Stamps um cara que fazia manobras com um Geep muito manero, para tentar reanimar Kiki e ele desceu em um pedaço de madeira para ficar mais radical e ele percebeu que não precisava de um capacete para desistir e parar de fazer o que gosta porque seu amor em fazer manobras não estava no capacete, estava no coração.

Então ele foi fazer uma homenagem para seu capacete na origem do país do amigo dele queimando a foto do capacete em um barco e o barco navegar, mas o barco empacou em alguma coisa e quando o amigo do Kiki foi ver o que era e sim era o capacete e Kiki ficou muito feliz.

Tomando o texto 12 como norte, compreendemos que os alunos associam a produção de um conto com o objetivo de contar uma história que, geralmente, incorre na representação da realidade das relações humanas, por vezes acrescentando a isso aspectos da ficção. Portanto, o exemplar transcrito demonstra

⁸ O texto foi transcrito respeitando a produção original do aluno.

que o conteúdo temático que fundamenta o gênero, não pode ser interpretado como conhecido pelos alunos. Mas cabe destacar que até mesmo para os especialistas/estudiosos sobre o gênero caracterizá-lo é complexo (PROPP, 2006). Contudo, apenas a análise das produções não nos daria condições de mensuração do que e de quanto os alunos conheciam a respeito dos elementos que formam a capacidade de ação que envolve a produção do gênero, por isso julgamos necessário a elaboração de um questionário com o intento de averiguar a compreensão dos alunos sobre os parâmetros do ambiente físico, social, subjetivo e o referente do texto que compõem o contexto da ação de linguagem (BARROS, 2012). Essa questão será melhor discutida adiante, com a análise do questionário.

Quanto à capacidade discursiva, o que se refere à estruturação do plano geral: apenas quatro textos (Textos 2, 17, 20 e 24) não apresentam título, os demais são intitulados, majoritariamente, pelo nome da personagem principal; a média de extensão é de 25 linhas; seis alunos (Textos 8, 10, 19, 22, 24 e 24) ilustraram os textos e o fizeram com desenhos que complementam a linguagem verbal.

A utilização do narrador em terceira pessoa do discurso é outro elemento característico do conto maravilhoso e se fez presente em todos os textos produzidos pelos alunos, conforme exemplificação: “Kiki era um menino que adorava manobras” (Texto 12); “Um menino que sonhava ser jogador de futebol um dia ganhou uma bola de presente de Natal” (Texto 15).

A presença da disputa do bem contra o mal, própria do gênero, materializa-se pela figura das personagens: antagonista e protagonista. Essa característica pode ser constatada em dezesseis textos produzidos, de acordo com o exposto abaixo:

Quadro 14 - Protagonistas e antagonistas

Textos	Protagonista	Antagonista
1, 18 e 20	Três porquinhos	Lobo
2	Três porquinhos	Caçadores
3 e 5	Rapunzel	Bruxa
6	Cinderela	Madrasta
8	Ariel	Feiticeira
9	Três jacarezinhos	Javali
10	Helena	Cavaleiro Escuro
11	Bela	Fera
13	Cinderela	Bruxa
16 e 21	Chapeuzinho Vermelho	Lobo Mau
17	Um menino	Homem de capa e chapéu preto
24	Uma adolescente chamada Cida	Madrasta

Fonte: a pesquisadora

As questões mais problemáticas que envolvem a organização estrutural dos textos, conforme as especificidades do gênero são: Doze alunos (Textos 1, 5, 6, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 20 e 22) não paragrafaram seus textos, que foram escritos em um só bloco. Apenas dois (Textos 2 e 4) utilizaram o discurso direto sendo que os demais inseriram as vozes das personagens na sequência do narrador. Nove produções (Textos 2, 5, 6, 13, 15, 17, 18, 20 e 21) apresentam a palavra “fim” deslocada do corpo textual, o que demonstra um hábito equivocados na produção de textos narrativos ainda não superado nos anos iniciais do ensino fundamental. Um aluno (Texto 12) acrescentou no final da narrativa o item “moral da história”, demonstrando uma referência ao gênero fábula.

Ainda acerca da sequência narrativa, predominante nos contos maravilhosos, concatenamos a organização de um processo de intriga (BRONCKART, 2012) que se estruture seguindo os momentos da narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final, treze alunos (Textos 1, 6, 8, 9, 10, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21 e 23) não produziram um texto que se estruturasse pela lógica da sequência narrativa, não atenderam a ordem de sucessão dos momentos da narrativa, sendo compostos pela narração de fatos isolados que não se entrelaçaram de modo a compor um texto com início, meio e fim. Os demais textos, ainda que precariamente, obedeceram uma lógica narrativa que possibilitou a identificação de um conflito, conforme exemplo do texto transcrito: “Em um dia qualquer ele chamou seu amigo Ghunter para fazer manobras e o seu amigo contar o tempo, e seu tempo foi ótimo, mas ele perdeu seu capacete na lama onde ele caiu e sem seu capacete ele não era nada não tinha vontade de fazer manobras [...]”

Em relação à capacidade linguístico-discursiva, tendo a sequência narrativa o propósito de narrar um encadeamento de ações situadas numa sequência temporal, de acordo com o delineado no modelo teórico os verbos predominantes nos contos do gênero são os que evidenciam as ações das personagens, sendo que, o tempo verbal que prevalece é o pretérito perfeito. Essa característica é observável na maioria dos textos, com exceção de dois deles que intercalaram tempos verbais, pretérito perfeito e presente, no decorrer da narrativa: “Anos se passaram, Cida já é uma adolescente e suas irmãs juntamente com sua madrasta a faziam arrumar sua mansão” (Texto 24); “O menino ficou muito feliz, ele treina mais ainda, ele trocou os pneus, encheu os pneus, ele pinta a bicicleta” (Texto 19).

A marca do tempo também pode ser percebida pela utilização de organizadores temporais que, nos contos maravilhosos, caracterizam-se pela imprecisão que lhes confere a atemporalidade. Nos textos produzidos destacamos expressões como: “Em um dia trágico” (Texto 24); “Uns dias depois” (Texto 5); “Era um dia lindo” (Texto 10); “No outro dia” (Texto 21); “Alguns dias depois” (Texto 3); “Depois do ocorrido” (Texto 13); “Um certo dia” (Texto 8); “Em um dia qualquer” (Texto 12). Todas essas expressões auxiliam na organização da narrativa e contribuem para caracterizá-la enquanto conto maravilhoso. Cabe destacar a presença da expressão “Era uma vez”, recorrente no início de dezesseis produções dos alunos e que é elemento contumaz no gênero.

Os organizadores espaciais cumprem a função de situar a narrativa sem, contudo, restringir o espaço, uma vez que nos contos maravilhosos a universalidade é característica primordial. Dessa forma observamos a pertinência de todos os textos em relação à escolha dos organizadores espaciais que foram descritos de forma genérica, sem demarcar rigidamente o espaço em que a narrativa discorre. À exemplo: “Os pais de Eduardo foram morar em outra cidade” (Texto 22); “Era uma vez três jacarezinhos que decidiram ir morar na floresta” (Texto 9); “Era uma vez um menino muito feliz que morava numa casa muito linda” (Texto 17); “Era uma vez uma família real que morava num castelo” (Texto 3).

Contudo, questões problemáticas foram identificadas: em todos os textos há uma deficiência na utilização de pronomes e sinônimos para as retomadas nominais, o que resulta em textos com muitas repetições, conforme o exemplo: “ Era uma vez um menino chamado Jorge, ele tinha 12 anos, ele era muito feliz, só que ele sofria de uma doença sem cura chamada câncer e ele ao saber daquilo, ele ficou muito triste e por causa disso ele entrou em uma depressão bem profunda” (Texto 4). Nesse exemplo o aluno repetiu desnecessariamente o pronome ele, equívoco comum nos demais textos e que pode ser corrigido com uma proposta de revisão e reescrita.

Os alunos demonstraram inabilidade no emprego dos sinais de pontuação, visto que dezessete produções foram compostas utilizando apenas o ponto-final. Nas demais foram empregados, além do ponto-final, dois-pontos, vírgula, exclamação, travessão e interrogação, porém muitos períodos não foram pontuados, assim como turnos de fala deixaram de ser demarcados.

Ao analisarmos os textos em relação às características elencadas no modelo teórico elaboramos uma síntese que evidencia os problemas encontrados nas produções, expressa no quadro a seguir:

Quadro 15 - Problemas encontrados nas produções

Capacidade de ação	Conteúdo temático
Capacidade discursiva	Plano textual global (título, paragrafação, discurso direto/indireto, ilustração); Sequência narrativa (situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final); Elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço e narrador).
Capacidade linguístico-discursiva	Tempo verbal; Retomadas nominais; Sinais de pontuação.

Fonte: a pesquisadora

O quadro apresentado será ampliado após a apresentação da análise do questionário.

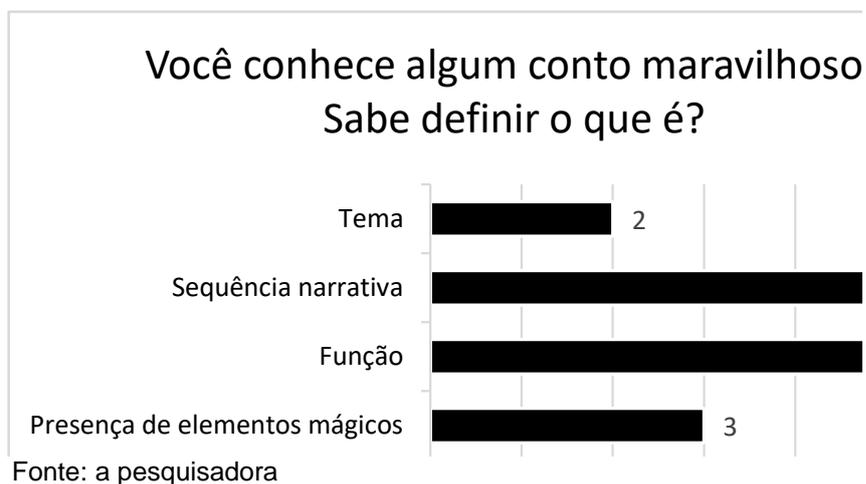
A elaboração do questionário buscou contemplar as especificidades que circundam o gênero, necessárias para a compreensão do contexto de produção e inserção na ação de linguagem (BARROS, 2012).

O questionário (APÊNDICE A) foi aplicado na data de 21 de março de 2018, quando os alunos foram informados que a atividade seria uma continuação da investigação proposta com a produção dos textos. Os formulários foram entregues e as perguntas foram lidas para elucidar as dúvidas que surgiram. Houve manifestação de insegurança dos alunos que recearam “responder errado”, então, esclarecemos que a função do instrumento não era avaliar e sim investigar os conhecimentos já consolidados e os que eles ainda precisariam aprender. Obtivemos um total de vinte e um questionários respondidos que foram identificados pela sequência alfabética de A a U pelos mesmos motivos já mencionados em relação aos textos produzidos.

O primeiro questionamento (1 - Você conhece algum conto maravilhoso? Sabe definir o que é?) teve por objetivo apurar o quão os alunos estão familiarizados com o gênero e, mais especificamente, se sabem identificar e definir um conto maravilhoso. Do total de respostas seis foram negativas, ou seja, seis alunos afirmaram não conhecer e não saber definir o que é um conto maravilhoso. Os

quinze que afirmaram conhecer algum conto maravilhoso o definiram da seguinte forma:

Gráfico 1 - Questão 1



Três alunos julgaram a presença de lugares, personagens e elementos mágicos como requisito que define o conto maravilhoso: “Uma história com personagens maravilhosos. Exemplo: fadas, magos, bruxas, dragões, etc”. (Questionário A).

A função do texto foi a característica escolhida por cinco alunos para definir o gênero. De forma unânime as respostas apontaram para a função de ensinar: “Eu acho que o que define um conto maravilhoso é ter uma aventura contar algo que no final ensina algo para a vida” (Questionário C).

Cinco alunos definiram os contos maravilhosos a partir da estrutura da sequência narrativa, ou seja, uma história que passa por momentos, começo, meio e fim, culminando em final feliz, conforme resposta do aluno: “É uma história que no início e no meio acontecem coisas ruins para no fim todo mundo se resolver e ficar feliz” (Questionário J).

Duas respostas citaram o tema como definidor do gênero apontando a abordagem dos sentimentos: “[...] nesse conto apresenta amor e amizade” (Questionário Q).

Diante dos apontamentos feitos pelos alunos percebemos que parte considerável deles (seis alunos) não souberam definir e nem ao menos citar algum conto maravilhoso, o que revela a falta de relação entre textos já lidos ou ouvidos ao

conceito de gênero textual. Os demais alunos definiram o gênero a partir de uma característica que, apesar de pertinente, não é suficiente para a definição, indicando ausência de uma visão ampla do gênero.

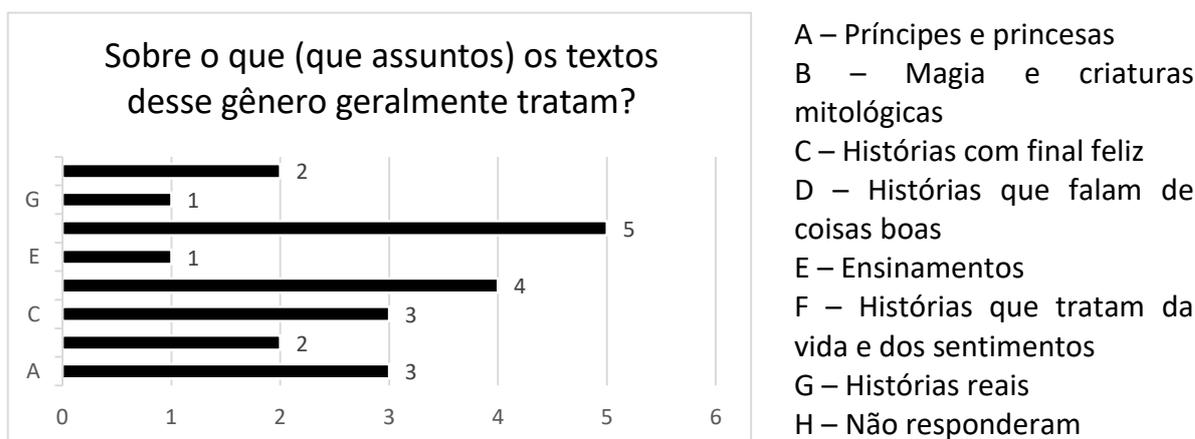
A segunda pergunta (2 – Onde (lugar) você encontra um conto maravilhoso?) procurou averiguar a relação do gênero e seu ambiente de circulação, ou seja, onde esses contos podem ser encontrados. Nove respostas apontaram para ambientes onde o gênero é recorrente: bibliotecas, livrarias, internet. Cinco alunos demonstraram não compreender essa relação, uma vez que citaram em suas respostas ambientes que compõem as narrativas: floresta, castelo, sonho. Outras seis respostas apontaram para o suporte: livros, jornal. Um aluno não respondeu à questão.

Ainda em relação a circulação do gênero, a questão três (3 – Em que material (suporte) esses textos são publicados?) buscou investigar se os alunos reconhecem o suporte que comporta o conto maravilhoso. Nesse quesito dezesseis respostas apontaram os livros como suporte do gênero; um aluno afirmou que os textos são publicados na internet; um aluno apontou, de forma genérica, as “folhas” como sendo o suporte; uma resposta demonstrou o equívoco do aluno ao confundir suporte e ambiente de circulação, apontando a livraria como resposta; dois questionários não tiveram essa pergunta respondida.

Ao analisarmos as respostas obtidas nas questões dois e três percebemos que ainda não é nítido para o total alunos a relação inerente entre o gênero e seu meio de circulação e suporte, visto que os apontamentos não foram unânimes e, além disso, demonstraram equívocos importantes que podem influenciar a ação discursiva.

No que se refere aos temas abordados pelo gênero (4 – Sobre o que (que assuntos) os textos desse gênero geralmente tratam?) as respostas obtidas foram diversas e podem ser melhor visualizadas pelo gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Questão 4

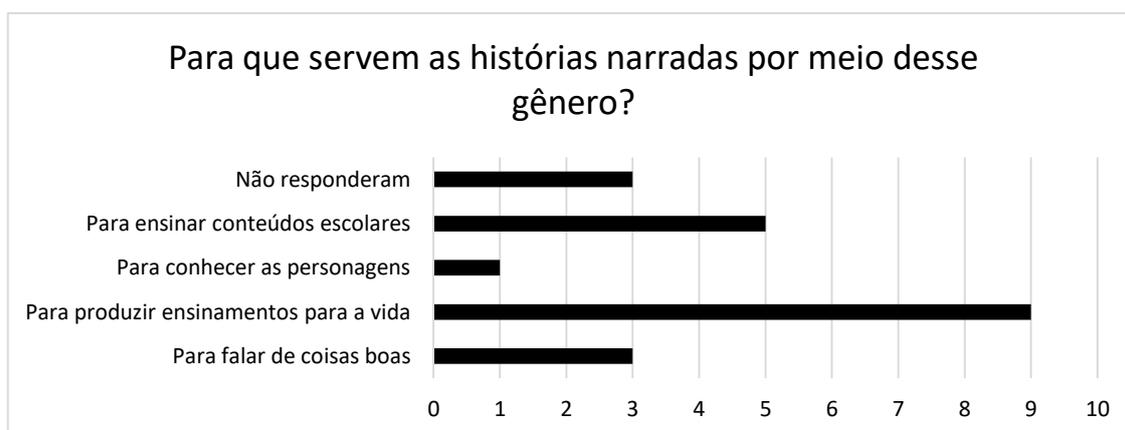


Fonte: a pesquisadora

De acordo com o gráfico inferimos que a maior parte dos alunos associa o gênero a uma narrativa que aborda os sentimentos de forma positiva e que conduz para um final feliz, aproximando-se do exposto no modelo teórico que confere ao gênero o tratamento de questões sociais e sentimentos comuns, inerentes à vida. Apenas uma resposta (histórias reais) se distancia completamente do definido no modelo teórico como temas desenvolvidos pelo gênero.

A função social dos contos maravilhosos é o aspecto averiguado na pergunta cinco, para a qual obtivemos o seguinte panorama:

Gráfico 3 - Questão 5



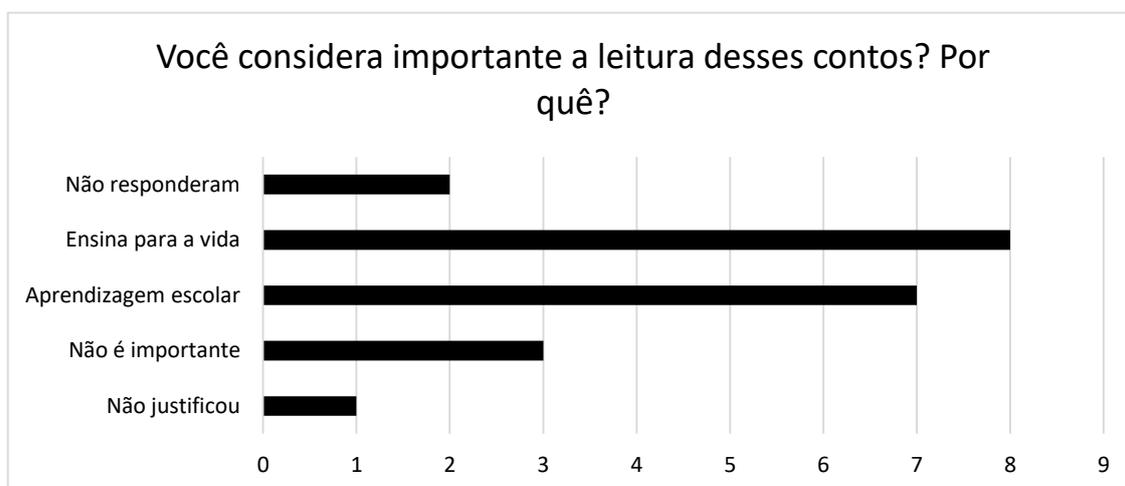
Fonte: a pesquisadora

A maioria dos alunos associou ao gênero a função de ensinar, sendo que as formas de ensinamento pontuadas por eles podem ser divididas em dois grupos:

ensinamento de conteúdos escolares e ensinamento para a vida. No primeiro grupo destacamos a resposta: “Para ler o texto e praticar a leitura” (Questionário G), que, aparentemente, está fundamentada em uma visão reducionista que concebe a leitura apenas como processo de decodificação, sem atentar para os sentidos manifestados pelo texto. Já no segundo grupo, ressaltamos as respostas: “Para nós vermos o lado com das coisas ruins” (Questionário J); “Para ensinar e defender ideias contra o *bullying*” (Questionário E); “Para ensinar algo para a vida, exemplo ensinar a ser honesto” (Questionário C). Essas formulações são mais condizentes com a função social do gênero, levantada no modelo teórico, enquanto experiência estética que contribui para a formação humana e interação social (CANDIDO, 2011).

Questionamos, ainda, acerca da importância da leitura desses contos (8 – Você considera importante a leituras desses contos? Por quê?) e obtivemos respostas emparelhadas à função designada ao gênero:

Gráfico 4 - Questão 8



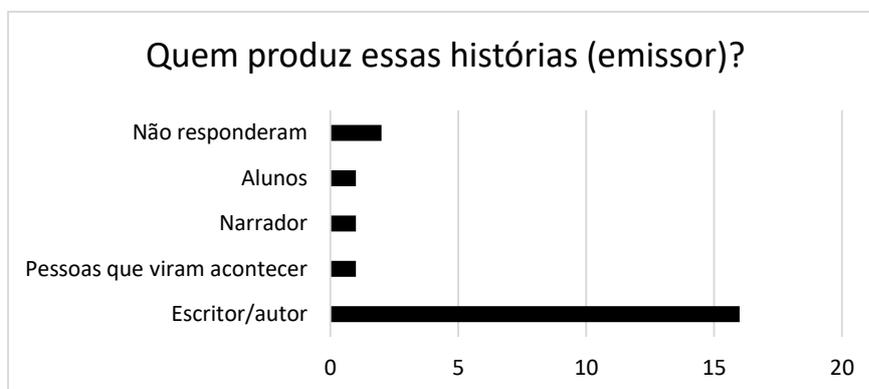
Fonte: a pesquisadora

Oito alunos consideram a leitura importante pois propicia um aprendizado para a vida; sete respostas apontaram a importância decorrente da aprendizagem escolar proporcionada pela leitura dos textos; um aluno não justificou sua resposta; três deles afirmaram não achar importante a leitura do gênero e dois alunos não responderam à pergunta.

Em relação aos parâmetros do mundo físico, as questões seis e sete (6 – Quem produz essas histórias (emissor)?; 7 – Essas histórias são produzidas para

quem (destinatário)?) objetivam verificar a consciência dos alunos quanto ao emissor e o destinatário do gênero. A respeito do emissor obtivemos o seguinte quadro:

Gráfico 5 - Questão 6

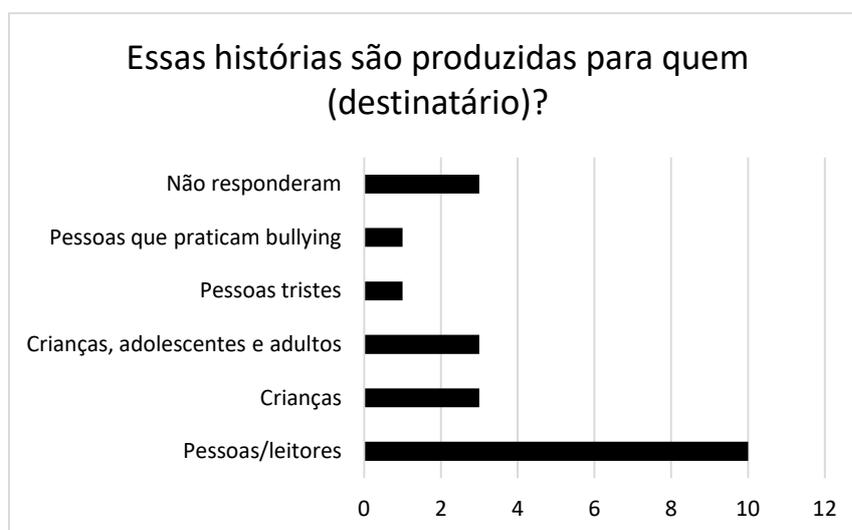


Fonte: a pesquisadora

Os dados nos viabilizaram a informação de que a maior parte dos alunos (dezesesseis respostas) entendem que os contos maravilhosos são produzidos por escritores/autores. Outras respostas recebidas foram: “pessoas que viram acontecer” (Questionário E); “narrador” (Questionário U); “nós [os alunos]” (Questionário K). Dois alunos não responderam à questão.

No que se refere ao destinatário do gênero recolhemos as seguintes respostas:

Gráfico 6 - Questão 7

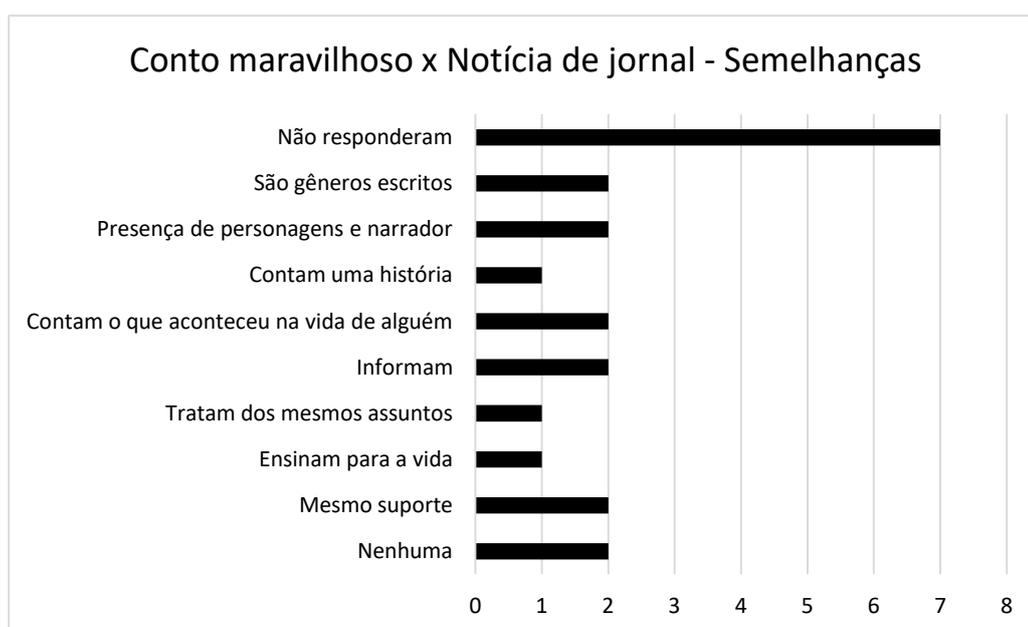


Fonte: a pesquisadora

Quanto ao destinatário do gênero as respostas foram mais diversificadas e específicas, sendo que a maioria (dez alunos) apontou, de forma genérica, a destinação do gênero para pessoas/leitores. Três alunos restringiram esse direcionamento afirmando ser um gênero encaminhado para as crianças. Outros três expandiram incluindo, além das crianças, adolescente e adultos. Provavelmente influenciados pela memória de alguma história lida, dois alunos particularizaram os destinatários do gênero como "pessoas tristes" (Questionário G) e "pessoas que praticam *bullying*" (Questionário E). Três alunos não responderam à questão.

As perguntas nove e dez (9 – Comparado a uma notícia de jornal, o que o conto maravilhoso tem de semelhança? E de diferença?; 10 – E comparado a uma novela televisiva, quais as semelhanças? E as diferenças?) foram formuladas no intuito de investigar a capacidade de o aluno comparar o conto maravilhoso com outros gêneros, apontando semelhanças e diferenças. O primeiro gênero objeto de comparação foi a notícia de jornal para o qual presumimos o distanciamento acentuado por uma resposta negativa quanto às semelhanças e uma quantidade substancial de diferenças. As respostas que obtivemos foram as seguintes:

Gráfico 7 - Questão 9 - Semelhanças

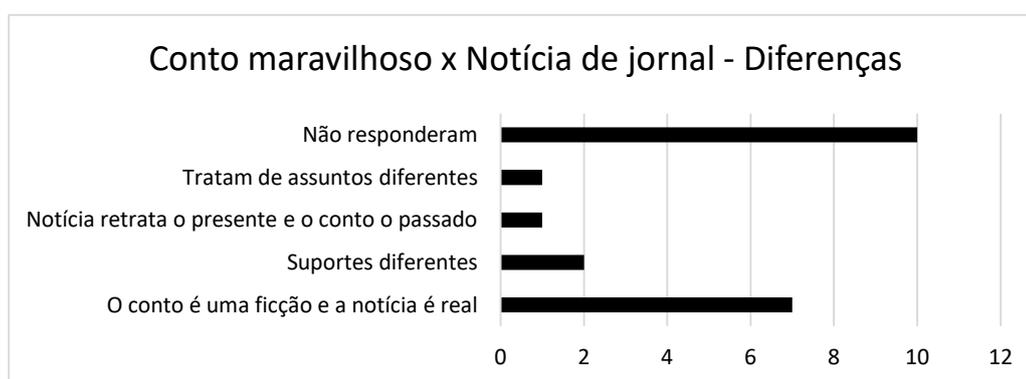


Fonte: a pesquisadora

A variedade de semelhanças apontada pelos alunos demonstra o equívoco na concepção de ambos os gêneros. O conto maravilhoso foi associado à notícia quanto ao seu caráter informativo e ao fato de relatar fatos reais, incorreção motivada pela confusão quanto à função do gênero e mundo discursivo em que está situado.

No que se refere às diferenças entre os gêneros auferimos o seguinte:

Gráfico 8 - Questão 9 - Diferenças



Fonte: a pesquisadora

Apenas sete alunos apontaram a diferença basilar entre os gêneros: o fato da notícia pertencer ao mundo discursivo do relatar, pois aborda fatos reais, e o conto enquadrar-se no mundo discursivo do narrar, visto que se baseia na ficção. O grande número de alunos que deixaram de responder a questão demonstra a falta de aptidão ao analisar o gênero a partir de seu contexto de produção, provavelmente decorrente da escassez de incentivo à reflexão acerca dos elementos que circundam e caracterizam os gêneros.

Em seguida propusemos a comparação entre os contos maravilhosos e as novelas televisivas no intuito de confrontar dois gêneros pertencentes ao mundo discursivo do narrar ficcional. Desse cotejamento obtivemos as seguintes semelhanças apontadas: presença de personagens (3 respostas); são ficção (3 respostas); contam histórias (2 respostas); tratam dos mesmos assuntos (2 respostas). Já quanto às diferenças as respostas foram as seguintes: a novela pode ser baseada em fatos reais (1 aluno); o conto ensina e a novela não (1 aluno); tratam de assuntos diferentes (1 aluno); diferentes suportes (5 alunos); destinatários (2 alunos). Onze alunos não responderam à questão.

Novamente o número elevado de alunos que deixaram de responder à questão, alegando não saber, demonstra a falta dessa prática reflexiva de compreensão dos parâmetros que balizam a produção do gênero. Todas as respostas mencionadas pelos alunos são apropriadas, contudo, insuficientes para categorizar os gêneros.

Na implementação de uma proposta de produção de texto a análise da situação de produção propicia ao aluno acionar representações contextuais do gênero e atentar para a existência de elementos significantes na composição textual que delineiam a produção, além das características linguísticas. O desenvolvimento da capacidade de ação incentiva a compreensão global de um gênero e, portanto, é abordagem essencial em situações de ensino que tencionam a produção de gêneros textuais.

Com base na análise das repostas obtidas pelo questionário expandimos o quadro apresentado acima que sintetiza as dificuldades encontradas nos textos produzidos. Dessa forma, apresentamos o quadro completo que evidencia os problemas a serem superados pelos alunos em relação à apropriação do gênero conto maravilhoso.

Quadro 16 - Problemas apresentados na apropriação do gênero

Capacidade de ação	Conteúdo temático; Função social do gênero; Ambiente de circulação; Suporte; Emissor; Destinatário.
Capacidade discursiva	Plano textual global (título, paragrafação, discurso direto/índice, ilustração); Sequência narrativa (situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final); Elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço e narrador).
Capacidade linguístico-discursiva	Tempo verbal; Retomadas nominais; Sinais de pontuação.

Fonte: a pesquisadora

O conhecimento dos problemas a serem superados pelos alunos em relação à apropriação do gênero, resultado da análise da primeira produção e das respostas ao questionário, bem como as características do gênero evidenciadas pelo modelo

teórico e o didático nos subsidiaram na produção da sinopse da sequência didática, a qual apresentamos a seguir:

5.1 Sinopse da Sequência Didática

Com base nas proposições feitas até aqui, apresentamos a sinopse da sequência didática do gênero conto maravilhoso, construída a partir do diagnóstico aventado que propicia uma visão geral do nosso material pedagógico.

Quadro 17 – Sinopse sequência didática do Conto Maravilhoso

OFICINAS		OBJETIVOS (para o professor)	ATIVIDADES
01-	Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> • Despertar o interesse pelas temáticas abordadas pelo gênero; • Propor reflexão sobre as relações humanas e os sentimentos; • Iniciar o contato com o gênero e reconhecê-lo como meio de abordar os problemas sociais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Roda de conversa: dinâmica “Caixa de Sentimentos” (adaptação de técnicas da EC) 2. Leitura do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo e identificação da temática; 3. Produção de um mural de sala com os possíveis temas a serem abordados nos contos maravilhosos.
02-	Reconhecimento do projeto de classe	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a confecção de uma coletânea de contos maravilhosos, produzidos pelos alunos, para discussão e crítica aos problemas sociais que circundam a vida dos alunos; • Sensibilizar sobre o suporte de publicação dos contos; • Apresentar a coletânea de contos escritos por Ricardo Azevedo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação oral sobre a proposta de confecção de uma coletânea de contos maravilhosos ao final do projeto e registro das impressões dos alunos; 2. Apresentação da obra <i>No meio da noite escura tem um pé de maravilha!</i>, de Ricardo Azevedo realizando uma análise global do livro (pré-leitura) e atividade de reconhecimento do suporte.
03-	Conhecendo uma escritora de contos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma escritora local e seu processo de criação; • Identificar o contexto de criação dos contos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração de perguntas direcionadas à escritora; 2. Participação na palestra ministrada pela escritora; 3. Sistematização das informações coletadas durante a palestra.
04-	Conhecendo os contos de Ricardo de	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o autor Ricardo Azevedo; • Identificar no conto 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação do autor por meio do vídeo “Ricardo Azevedo e suas obras”;

	Azevedo	características do contexto de produção.	2. Contação da história “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza”, de Ricardo Azevedo, utilizando a técnica da caixa cenário; 4. Identificação do contexto de produção (emissor e leitor do conto) e da temática abordada no conto.
05-	Apresentação das características discursivas do gênero (parte I)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os elementos essenciais da narrativa: tempo, espaço, personagem, enredo e narrador. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura compartilhada do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo; 2. Verificação da leitura (oralmente); 3. Desenvolvimento de atividades que abordam os elementos da narrativa.
06-	Apresentação das características discursivas do gênero (parte II)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os momentos da narrativa, fases constituintes da planificação textual do conto maravilhoso e seu funcionamento discursivo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura compartilhada do conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo; 2. Atividade de identificação dos momentos da narrativa; 3. Composição do mural com esquema produzido coletivamente; 4. Proposição da atividade “texto quebra-cabeça” (adaptação de técnicas da EC) para que os alunos ordenem a sequência narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final
07-	Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte I)	<ul style="list-style-type: none"> • Abordar a função dos sinônimos na construção dos sentidos do texto; • Chamar atenção para a utilização do “Era uma vez...”, expressão clássica no gênero conto maravilhoso; • Abordar a função do tempo verbal predominante nos contos e o efeito de sentido decorrente do seu uso; • Conduzir à compreensão dos organizadores temporais e espaciais, a fim de estabelecer a indeterminação de tempo e espaço como especificidade do gênero. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. No conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo, identificar os sinônimos utilizados pelo autor observando a relevância dessa utilização na construção do sentido do texto (adaptação de técnicas da EC); 2. Atividades que abordam o tempo verbal do conto maravilhoso e a função da expressão “Era uma vez”; 3. Atividade em grupos: dividir os alunos em grupos - cada grupo recebe um conto da coletânea de Ricardo Azevedo. Os grupos devem listar as

			marcas de tempo (quando?) e lugar (onde?) no texto. Socializar os termos e expressões localizados, formando um quadro/mural para posterior consultas.
08-	Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte II)	<ul style="list-style-type: none"> • Abordar a nomenclatura e a função dos sinais de pontuação na composição da narrativa e averiguar a correta utilização;; • Apresentar as possibilidades de dar voz aos personagens (discurso direto e indireto). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Leitura do conto “Coco Verde e Melancia”, de Ricardo Azevedo conferindo ritmo e entonação adequados; 2. Atividades que abordam os sinais de pontuação; 3. Reconhecimento das vozes das personagens por meio do discurso direto e indireto.
09-	Desenvolvendo o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o léxico relacionado ao universo maravilhoso; • Estimular a criatividade na composição dos personagens principais dos contos. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ampliação do léxico relacionado ao universo maravilhoso por meio da atividade “ABC do Era uma vez” (banco de palavras - adaptação de técnicas da EC); 2. Atividade de composição dos personagens a partir da caracterização e da elaboração de descrição (festa à fantasia - adaptação de técnicas da EC); 4. Apresentação para a classe dos personagens que farão parte da história de cada dupla.
10-	Produção Inicial	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a escrita inicial de um conto maravilhoso; • Averiguar o desenvolvimento das capacidades dos alunos na produção escrita do conto maravilhoso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Produção em duplas de um conto maravilhoso a partir de um roteiro.
11-	Revisando o texto	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a revisão do texto, por meio da autoavaliação, revisão entre pares e anotações do professor. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Roteiro de autoavaliação; 2. Correção entre pares.
12-	Reescrevendo o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrever o conto a partir das revisões realizadas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tarefa simplificada de produção: produzir ou adequar a situação inicial do conto, a partir da produção inicial (revisão e reescrita);

			<ol style="list-style-type: none"> 2. Tarefa simplificada de produção: continuação do texto a partir da situação inicial já escrita e revisada; 3. Tarefa simplificada de produção: escrever uma situação final para o conto de outra dupla; 4. Finalizar o conto e fazer a leitura para a classe.
13-	Ilustrando o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a função da ilustração no conto; • Apresentar técnicas de ilustração; • Ilustrar o conto produzido. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atividade de reconhecimento das ilustrações dos contos da coletânea de Ricardo Azevedo; 2. Oficina de ilustração com o professor de Artes; 3. Ilustração do conto utilizando a técnica escolhida.
14-	Finalizando a interação	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar com a comunidade escolar a coletânea de contos produzida pela turma. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Participação no evento de lançamento da coletânea de contos.

A partir da sinopse foram construídos dois cadernos: um do professor, contendo os objetivos das oficinas e instruções para o desenvolvimento das atividades; e o caderno do aluno que sistematiza a sequência didática. Ambos encontram-se em apêndice (APÊNDICE B e APÊNDICE C).

Na seção seguinte relatamos o processo de implementação da sequência didática.

SEÇÃO V – A IMPLEMENTAÇÃO

O processo de implementação iniciou-se na data de 30 de outubro de 2018 e estendeu-se até 07 de dezembro de 2018, totalizando 30 aulas. A data foi estipulada em conformidade com o calendário da instituição de ensino (Colégio Estadual Sagrada Família) que previa este período como correspondente ao segundo bloco do terceiro trimestre letivo. Dessa forma, a sequência didática amoldou-se ao programa de ensino do Colégio, tanto no que se refere aos conteúdos abordados quanto ao calendário de atividades.

Para iniciar, os alunos receberam os materiais (caderno do aluno e coletânea de contos) o que gerou muita expectativa nos discentes a respeito das atividades que seriam realizadas. A primeira oficina (1 - Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade) transcorreu conforme planejado, com ampla participação dos alunos na dinâmica e discussões propostas e consequente êxito no reconhecimento das possíveis temáticas abordadas pelo gênero.

Assim que familiarizados com o gênero, os alunos conheceram a proposta de escrita (Oficina 2 – Reconhecimento do projeto de classe). Dessa forma, envolveram-se no projeto de confecção de uma coletânea de contos maravilhosos e, como forma de reconhecimento do suporte do gênero, entraram em contato com a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo. As atividades propostas na oficina 2, baseadas na leitura de elementos pré-textuais (capa, contracapa, referência bibliográfica, dedicatória) proporcionaram aos alunos uma abordagem inusitada do suporte. Grande parte deles nunca havia atentado para a função desses elementos e, assim que tomaram conhecimento passaram a observar esses aspectos em outros livros com os quais entraram em contato. Passaram a observar, por exemplo, quais as editoras das obras, em que ano foi publicada ou se foi dedicada a alguém.

A oficina 3 (Conhecendo uma escritora de contos), teve por objetivo apresentar aos alunos uma escritora conterrânea com o intuito de aproximar e desmitificar a figura do escritor. Logo que foram informados de que uma escritora falaria com eles os alunos ficaram muito empolgados e elaboraram diversas perguntas versando sobre o ofício de escrever e as implicações pessoais e profissionais. A princípio a escritora convidada iria até a escola para conversar com os alunos e responder às questões elaboradas por eles, contudo, devido a

impedimentos de horário ela não conseguiu estar presente. O encontro, então, se deu por meio virtual: os alunos gravaram um vídeo com as perguntas para a escritora e, em seguida, ela respondeu com a gravação de outro vídeo dialogando com as perguntas feitas pelos alunos. Esse encontro foi bastante proveitoso e o objetivo principal da atividade foi atingido, uma vez que, ao constatarem a proximidade com a escritora que, inclusive havia estudado no mesmo colégio que eles, os alunos perceberam o ato de escrever não mais como uma atividade alheia a sua realidade, mas como ato possível de ser realizado por eles. Essa aproximação com o ofício de escrever facilitou a apresentação do autor Ricardo Azevedo (Oficina 4 – Conhecendo os contos de Ricardo Azevedo). O objetivo desta oficina foi o de relacionar as vivências do escritor ao seu projeto de escrita. Por meio do vídeo que tratava da vida e obra de Ricardo Azevedo e de mais informações disponibilizadas para os alunos, eles puderam reunir referências contextuais que os auxiliaram na leitura e compreensão de textos do autor.

As oficinas seguintes (5 e 6 – Apresentação das características discursivas do gênero) foram bastante trabalhosas e exigiram muita leitura e releitura dos textos propostos nas atividades. A análise das características discursivas, os elementos e os momentos da narrativa, mostrou-se como uma atividade nova para aos alunos que, apesar de já terem entrado em contato com o discurso narrativo em anos anteriores de escolaridade, não haviam abordado esses elementos como constituintes do gênero pertencente ao universo do narrar. Esse estranhamento dificultou o andamento das atividades, uma vez que tivemos que desconstruir estereótipos e apresentar nomenclaturas e conceitos até então desconhecidos, como: enredo, conflito, clímax, desfecho, protagonista, antagonista, entre outros.

As oficinas 7 e 8 (Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero) ocuparam-se dos elementos linguístico que ajudam a compor a narrativa. Vale destacar o quão relevante foram as atividades propostas ao incrementar conceitos já consolidados e ampliar as possibilidades de interpretação pelos alunos. Por exemplo, todos conheciam o conceito de sinônimo como palavras com significado idêntico ou muito semelhante, mas não haviam atentado para os efeitos de sentido provocados de acordo com o contexto em que as palavras são utilizadas. As oficinas renderam novas perspectivas de leitura e as escolhas linguísticas passaram a ser observadas como componentes do gênero, utilizadas de acordo com o efeito de sentido pretendido.

Apoiadas em técnicas da Escrita Criativa, as atividades propostas na oficina 9 (Desenvolvendo o conto) tinham o intuito de estimular a criação literária. Uma vez que o conto maravilhoso situa-se no universo ficcional composto por espaços, seres e acontecimentos mágicos era imprescindível que os alunos tivessem repertório lexical para compor suas histórias de forma coerente com o ambiente maravilhoso. Sendo assim, a composição do banco de palavras, bem como a caracterização das personagens funcionaram como uma porta de entrada para o universo maravilhoso no qual os alunos puderam desenvolver suas narrativas.

Na oficina 10 (Produção inicial) retomamos o projeto de escrita para que ficassem claros quais eram os objetivos e finalidades da escrita do conto. Em seguida os alunos dividiram-se em duplas para, então, iniciarem a produção do texto. A escrita em pares foi privilegiada por possibilitar um trabalho colaborativo de compartilhamento dos conhecimentos apreendidos. As memórias de aprendizagem produzidas e afixadas no mural foram extremamente importantes nesse momento, pois os alunos puderam consultá-las e sanar possíveis dúvidas que foram surgindo no decorrer da escrita. Uma ressalva é pertinente no sentido de que, talvez, essas anotações que compuseram o mural pudessem ter sido feitas em outro suporte que proporcionasse consulta individual, visto que, o momento de produção ficou restrito à sala de aula, pois o mural estava fixo nela, e ao levantarem da carteira para consultar as informações dispostas na parede os alunos se dispersavam da escrita o que demandou maior tempo na atividade de produção.

As duas oficinas seguintes (11 – Revisando o conto e 12 – Reescrevendo o conto) foram extremamente laboriosas e demandaram flexibilização para cooptar os alunos e convencê-los a romper com a ideia, até então recorrente, de que após a primeira produção o texto já estaria finalizado. As atividades de revisão foram realizadas de maneira satisfatória, visto que os alunos conseguiram apontar em seus próprios textos e nos textos dos colegas pontos deficitários que necessitavam de reescrita. Contudo, nas atividades de reescrita houve resistência e alguns alunos inclusive se negaram a realizar. Após uma aula pouco produtiva, optamos por realizar as demais aulas de reescrita no laboratório de informática, pois percebemos que a resistência dos alunos era muito mais por uma repulsa à exaustão da escrita motora, do que uma aversão à composição textual. Aparentemente insignificante, a mudança de ambiente e do modo de escrita (do caderno para o computador) fez toda a diferença e motivou os alunos no esmero com a reescrita do texto.

A oficina 13 (Ilustrando o conto) ocorreu em parceria com a disciplina de Arte. A princípio os alunos foram instigados a analisarem a função das ilustrações na composição do gênero e compreender a importância da utilização dessa linguagem não verbal. Em seguida a professora de Arte expôs algumas técnicas de ilustração: xilogravura, pintura aquarela, pontilhado, sombreado, entre outras; e promoveu uma oficina de ilustração dos contos. Como alguns alunos alegaram não conseguir produzir uma ilustração satisfatória, alunos de outras salas e com habilidades artísticas foram convidados a auxiliarem nesse processo. Sendo assim, os alunos escritores dos contos instruíram os demais sobre como gostariam que seus textos fossem ilustrados, e os outros alunos produziram a ilustração conforme foram orientados. Essa parceria rendeu muito aprendizado e, com a apreciação de outros leitores os alunos puderam ajustar a escrita do texto, de modo a aprimorar a qualidade dos contos produzidos por eles.

A oficina 14 (Finalizando a interação) desenvolveu-se com a participação dos alunos na organização do processo de produção e socialização do livro. Eles decidiram pelo título, escreveram a dedicatória, escolheram a melhor data para o lançamento do livro, produziram um convite para os pais e outros membros da comunidade escolar convidando-os a participarem do momento. Por fim, o projeto de escrita culminou em um evento realizado nas dependências do Colégio Estadual Sagrada Família, onde os alunos participaram do lançamento do livro produzido por eles. O evento ocorreu no dia 11 de dezembro de 2018 e contou com ampla participação da comunidade escolar. Os alunos participaram autografando os livros e conversando com os interessados sobre o processo de criação dos contos. As Figuras abaixo ilustram o momento descrito.

Figura 6 - Fotos do evento de lançamento do livro



Espaço para autógrafos e fotografia



Exposição dos livros



Capa do livro



Exposição dos livros

Finalizada a implementação da sequência didática reunimos quatorze contos produzidos pelos alunos. O número de contos difere do cooptado na produção inicial, visto que para a produção final os textos foram escritos em duplas. Os contos produzidos nos serviram como objetos de análise a fim de averiguar que capacidades linguísticas foram desenvolvidas a partir da intervenção didática. O processo de análise é apresentado na seção seguinte.

SEÇÃO VI – ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM DOS ALUNOS

Esta etapa do trabalho tem por objetivo compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteada pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros. Dessa forma tomamos como ponto de partida o diagnóstico exposto na seção IV desta dissertação (produção inicial e questionário) e o confrontamos com os quatorze contos produzidos pelos alunos (produção final). Para preservar a identidade dos alunos e organizar a análise, os textos foram numerados de um a quatorze: 1 – A princesa e o plano da bruxa; 2 – A coragem e o portal; 3 – Amigos para a vida toda; 4 – Era uma vez um Orb; 5 – O pirata em busca do tesouro; 6 – O samurai; 7 – O medo de um menino; 8 – A procura; 9 – A princesa guerreira; 10 – O reino e o camponês; 11 – O ataque ao rei; 12 – Um sonho encantado; 13 – Um final feliz; 14 – O príncipe e a coroa mágica.

Seguindo o encaminhamento dado na seção de diagnóstico, partimos da averiguação do desenvolvimento de capacidades de ação. É característica dos contos maravilhosos, conforme exposto no modelo teórico (Seção III), tratar de temas que abordam os sentimentos e as relações humanas e sociais, com o intuito de instigar a reflexão e contribuir para a formação humana. Se antes, na produção inicial, não pudemos constatar a intencionalidade dos alunos na definição dos temas, pois a maioria se restringiu a reescrita de contos clássicos, agora averiguamos que as temáticas abordadas retrataram questões sociais observáveis nas estruturas micro e macrosociais em que os alunos estão inseridos, desde situações familiares e escolares a problemáticas de ordem geral, disseminadas nas mídias. Quando questionados oralmente, nos momentos de atendimentos individualizados no transcorrer da implementação, sobre qual o assunto dos textos que escreveram, os alunos souberam condensar a temática e responderam de forma satisfatória. O quadro a seguir apresenta os temas abordados nos contos produzidos pelos alunos, durante o processo de implementação da SD: produção final:

Quadro 18 - Conteúdo temático dos textos

Texto 1	Inveja
Texto 2	Injustiça, preconceito
Texto 3	Amizade
Texto 4	Desigualdade
Texto 5	Coragem, empenho
Texto 6	Sonhos, superação
Texto 7	Família
Texto 8	Humildade
Texto 9	Feminismo
Texto 10	Ganância
Texto 11	Vingança
Texto 12	Superação
Texto 13	Coragem
Texto 14	Bondade e maldade

Fonte: a pesquisadora

Destacamos algumas passagens dos contos que evidenciam os temas e salientam a função do gênero de manifestar a prática social de propor reflexões sobre problemas sociais. No texto 4 os alunos relataram a intenção de evidenciar as mazelas provocadas pela desigualdade social e a necessidade de uma relação social mais justa e igualitária, o que pode ser observado pelo trecho “E também deixaram o Orb público, pois todos devem ter o direito de realizar seus sonhos” (Texto 4). Já no texto 2, os alunos propuseram uma reflexão sobre o preconceito e a dificuldade de se impor diante das relações sociais, o que faz com que, muitas vezes, os alunos se isolem. No trecho “Ela era muito valente, mas seus colegas não acreditavam na sua capacidade de arqueira” (Texto 2) fica latente que o autor do texto expressou uma angústia comum à seus pares. O preconceito de gênero foi a problemática abordada no texto 9, uma das alunas/autoras relatou passar por esse constrangimento em seu meio familiar e se sentir humilhada por não ter os mesmos direitos que o seu irmão. A intenção de abordar essa temática pode ser constatada pela passagem “ - Essa minha batalha foi para provar que homens não são superiores, que somos todos iguais” (Texto 9).

A presença do elemento maravilhoso, bem como o distanciamento do mundo real que faz com que situações inaceitáveis na realidade empírica não causem estranhamento, são condições essenciais para o enquadramento no gênero. Na produção inicial onze dos vinte e quatro textos produzidos situaram a narrativa no mundo real, comprometida com a realidade racional. Já na produção final o maravilhoso se fez presente em todos os textos, seja pelo ambiente: “Aquele atalho

passava pela floresta tenebrosa e assustadora” (Texto 9); personagem: “No caminho encontrou um mago em cima de uma árvore observando as estrelas” (Texto 8); objeto: “Há muito tempo atrás uma bruxa criou uma bola que era capaz de realizar qualquer desejo” (Texto 4).

Esses primeiros resultados nos mostraram uma das formas de como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem nos alunos, tendo como ferramenta pedagógica a metodologia da SD, no que se refere à capacidade de ação, compreendemos que as atividades de Escrita Criativa estimularam a incursão pelo imaginário contribuíram para que os alunos situassem suas narrativas no mundo da fantasia, adequado ao gênero em questão. O reconhecimento da função social do gênero enquanto experiência edificante, característica inerente ao texto literário, foi alcançado por meio das leituras compartilhadas em sala de aula e discussões sobre os contos lidos. Ao perceberem as temáticas abordadas pelo autor Ricardo Azevedo em seus contos, bem como a maneira simbólica com que o autor tratou de temas comuns e reais, os alunos perceberam a possibilidade de utilizarem a literatura como forma de exprimirem angústias pessoais e fazerem ecoar sua visão do mundo.

Para além da materialidade linguística, o convívio em sala de aula e a participação em interações coletivas e individuais forneceram troca de ideias e do que o como falar nos textos.

Foi perceptível a intencionalidade dos alunos ao construírem suas histórias partindo do propósito de, por meio da simbologia do conto maravilhoso, representar a realidade das relações humanas. Durante as aulas, quando interpelados sobre o porquê escolheram falar sobre esses temas, algumas respostas foram: “Acho triste o filho que não conhece o pai, então minha história tem um final feliz com a família unida” (Aluno produtor do texto 7); “Muita gente acha que só porque é menina não pode ter opinião, tem que apanhar quieta. Na minha história a mulher ganha de todos os homens” (Alunos produtores do texto 9); “É muito chato quando uma amiga é invejosa, ela fica fazendo fofoca e atrapalhando nossa vida. Eu quis mostrar que a inveja não leva a nada, que o melhor é ser amigos” (Alunas produtoras do texto 1); “Eu vejo na TV que existe em muitos lugares pessoas que não tem nada pra comer e, aqui na escola, às vezes os alunos jogam merenda fora, isso é injusto, todo mundo tinha que ter igual” (Alunos produtores do texto 4).

As respostas formuladas pelos alunos evidenciam que eles compreenderam a função social do gênero enquanto experiência estética que contribui para a formação humana e interação social (CANDIDO, 2011).

A interpretação dos textos propostos na SD, com abertura para a socialização das impressões de leitura favoreceram a percepção de que o conto maravilhoso é suscetível a determinados temas. A dinâmica realizada no início da implementação colaborou para a ampliação das possibilidades temáticas o que favoreceu a diversidade de temas abordados. A sensibilização para assimilar a realidade social foi favorecida por discussões, muitas vezes não planejadas, mas que partiram dos próprios alunos, por comentários sobre suas vidas pessoais ou sobre acontecimentos no ambiente escolar.

As atividades de reconhecimento do livro enquanto suporte do gênero (Oficina 2 – Reconhecimento do projeto de classe) trouxeram informações que expandiram a visão dos alunos acerca do objeto livro e proporcionaram uma nova forma de leitura, principalmente dos elementos pré e pós-textuais. Da mesma forma, o contato com a escritora (Oficina 3 – Conhecendo uma escritora de contos) e a apresentação do autor Ricardo Azevedo (Oficina 4 – Conhecendo os contos de Ricardo Azevedo) ressignificou o papel social do emissor e do destinatário.

Em relação à capacidade discursiva, no que se refere à organização do plano textual global, todos os textos foram intitulados, contudo uma atividade que orientasse a composição dos títulos e que instigasse a reflexão dos alunos acerca de sua função na composição textual é uma deficiência a ser apontada, pois faltou oferecer uma atividade para um aprimoramento dos alunos para a produção de títulos. Da mesma forma, a paragrafação dos textos exigiu um trabalho além do planejado na SD, visto que os alunos precisaram de uma maior atenção, o que nos exigiu atendimentos individualizados, a fim de levar os discentes a compreenderem a função dos parágrafos na construção do texto.

Já em relação à ilustração, se na produção inicial apenas seis alunos sentiram a necessidade de ilustrar seus textos, após a oficina 13 (Ilustrando o conto) de forma unânime assentiram que a ilustração é componente importante do gênero. Tanto que, diante da inabilidade artística para compor uma ilustração satisfatória, sugeriram parcerias com alunos de outras salas conhecidos pelos talentos artísticos na produção de desenhos.

A utilização do discurso direto e indireto foi uma questão problemática apontada no diagnóstico da produção inicial, visto que apenas dois textos apresentaram corretamente os discursos para dar voz às personagens. As atividades da oficina 8 - Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte II), especificamente o item Discurso direto e indireto: formas de representar a fala das personagens, contribuíram para o desenvolvimento dessa competência o que pode ser corroborado pela eficácia na utilização dos discursos nos textos da produção final. Todos os contos trouxeram as vozes das personagens, sendo que oito deles (textos 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 12) alternaram o discurso direto e o indireto conforme exemplificação: “Era uma árvore que dizia que existia uma fada que poderia levá-la até sua mãe que tinha sumido” (utilização do discurso indireto - Texto 1); “A árvore respondeu: - Não se preocupe, a fada irá encontrar você” (Utilização do discurso direto – Texto 1). Quatro textos (textos 10, 11, 13 e 14) empregaram somente o discurso indireto: “O camponês disse para a princesa e o juiz ficarem escondidos” (texto 10); e dois contos (textos 5 e 6) somente o discurso direto: “Nesse momento ele ouviu uma voz mágica que dizia: ‘use a chave que eu te dei’” (texto 5).

Ainda no que se refere à capacidade discursiva vimos que na produção inicial treze textos não se estruturavam de acordo com a sequência narrativa, predominante nos contos maravilhosos. A esse respeito as atividades propostas na oficina 6 – Apresentação das características discursivas do gênero (parte II) promoveram o entendimento da necessidade de existir a progressão textual. Os alunos foram apresentados aos momentos da narrativa (situação inicial, conflito, clímax e desfecho, adaptado de Bronckart (2012)) e compreenderam a função desses momentos na tessitura do texto para que os contos tivessem começo, meio e fim. Dessa forma, em todos os contos produzidos é possível identificarmos a sequência narrativa, o que pode ser exemplificado a seguir:

Quadro 19 - Identificação dos momentos da narrativa nos contos produzidos

Texto	Situação inicial	Conflito	Clímax	Desfecho
1	“Era uma vez uma princesa que adorava aventuras”	“Mas, em um dia chuvoso uma bruxa descabelada bolou um plano...”	“...em um ato de magia ela apareceu na frente de sua mãe...”	“A bruxa foi presa em uma cadeia contra magia...”

6	“Era uma vez um Samurai que lutava muito bem...”	“Em uma noite ele foi participar de um torneio e no meio da luta mais importante a espada dele quebrou”	“No momento em que ele tirou a espada ela começou a brilhar...”	“Voltou para casa muito satisfeito e junto com sua mulher e seus dois filhos ficaram felizes para sempre”
9	“Era uma vez uma princesa muito corajosa que morava em um reino distante”	“Chegando na embarcação que iria levar os homens para a ilha não deixaram ela entrar...”	“A princesa corajosa usou a espada para matar o animal e então abriu a porta mágica que os levou direto para a aldeia”	“Dessa forma ela venceu o desafio, ganhou as moedas de ouro e conseguiu realizar seu sonho de ser a capitã do time de gladiadores”

Fonte: a pesquisadora

Destacamos a atividade I (texto quebra-cabeça) que muito contribuiu para o entendimento do conteúdo proposto, visto que contou com a adesão dos alunos que participaram com muito empenho no desenvolvimento da atividade.

Em relação aos elementos da narrativa, as atividades propostas encaminharam os alunos a perceberem não só a existência de elementos essenciais (enredo, personagens, tempo, espaço e narrador (GANCHO, 2002)), mas a função desses elementos na construção do sentido do texto. Dessa forma os espaços escolhidos para o desenvolvimento das narrativas situaram-se no mundo imaginário típico dos contos maravilhosos, como vemos a seguir: “Era uma vez um reino bem distante... (texto 2), “Um dia a princesa estava caminhando pela aldeia...” (texto 3); “Eles andaram até um torre...” (texto 4); “Aquele atalho passava pela floresta tenebrosa... (texto 9); “Aproveitou um dia de festa no palácio...” (texto 10); “...um tesouro muito precioso que estava escondido em uma ilha mágica” (texto 13). Em relação às personagens o trabalho baseado em técnica da EC propiciou a caracterização, além de reforçar a presença da disputa do bem contra o mal, materializada pela figura das personagens antagonista e protagonista, componentes do conto maravilhoso. Na proporção do que se espera de textos produzidos por alunos da faixa etária em questão, a problemática do bem contra o mal foi discutida por intermédio das personagens apresentadas a seguir:

Quadro 20 - Protagonistas e antagonistas

	Protagonista	Antagonista
Texto 1	Uma princesa que adorava aventuras	Uma bruxa descabelada

Texto 2	Arqueira muito corajosa, de cabelos amarelos com mechas rosas, olhos azuis e que usava uma roupa roxa	Vários monstros
Texto 3	Uma bela princesa	O rei
Texto 4	Um jovem	Uma bruxa
Texto 5	Um pirata	O rei
Texto 6	Um Samurai que lutava muito bem	A morte
Texto 7	Um menino bom	Um monstro bem terrível
Texto 8	Um príncipe muito corajoso, forte e humilde	O rei
Texto 9	Uma princesa muito corajosa	Um homem com capuz e roupa preta
Texto 10	A princesa e o camponês	O príncipe
Texto 11	Um samurai	O rei
Texto 12	Uma menina muito pobre	Um bruxo
Texto 13	Uma princesa desbravadora	Uma bruxa
Texto 14	Um príncipe muito famoso por sua beleza e muito alegre	Um rei muito malvado

Fonte: a pesquisadora

No que se refere ao desenvolvimento de capacidades linguístico-discursivas os maiores problemas diagnosticados na produção inicial foram: deficiência na utilização de pronomes e sinônimos para as retomadas nominais e inabilidade no emprego dos sinais de pontuação. As oficinas 7 e 8 (Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero) abordaram essas questões e proporcionaram resultados positivos. Nos contos produzidos os alunos passaram a alternar a utilização do nome e pronome e, valeram-se de sinônimos para evitar a repetição de palavras: “A princesa... A moça...” (texto 3); O jovem... O menino...” (texto 4); “O príncipe... O moço...” (texto 14). Em relação aos sinais de pontuação, trabalhamos especificamente os sinais recorrentes nos textos estudados (ponto-final, ponto de interrogação, dois pontos e travessão) e observamos o êxito do trabalho desenvolvido, já que os contos produzidos foram pontuados de maneira satisfatória e coerente com o esperado para a etapa de aprendizagem em que os alunos se encontram. A seguir transcrevemos um trecho que ratifica a afirmação:

A filha assustada respondeu:

- O que? Meu futuro noivo?
- Sim. – o pai respondeu com um sorriso no rosto e um brilho no olhar.
- Mas quem é ele?
- Um príncipe de outro reino. – respondeu o pai. (texto 3)

De acordo com o aqui exposto, depreendemos que das capacidades de linguagem que levantamos como as que os alunos precisavam desenvolver, a partir

da análise da primeira produção e do questionário, obtivemos êxito, uma vez que os alunos desenvolveram capacidades que podemos considerar importantes para a produção do gênero conto maravilhoso.

No desenvolvimento de capacidades de ação destacamos o avanço no entendimento da função social do gênero. Das capacidades linguístico-discursivas salientamos a compreensão do plano textual global, da sequência narrativa e dos elementos que compõem a narrativa. Já dentre as capacidades linguístico-discursivas, as retomadas nominais e a utilização de sinais de pontuação são avanços significativos que pudemos mensurar na comparação entre os textos produzidos pelos alunos.

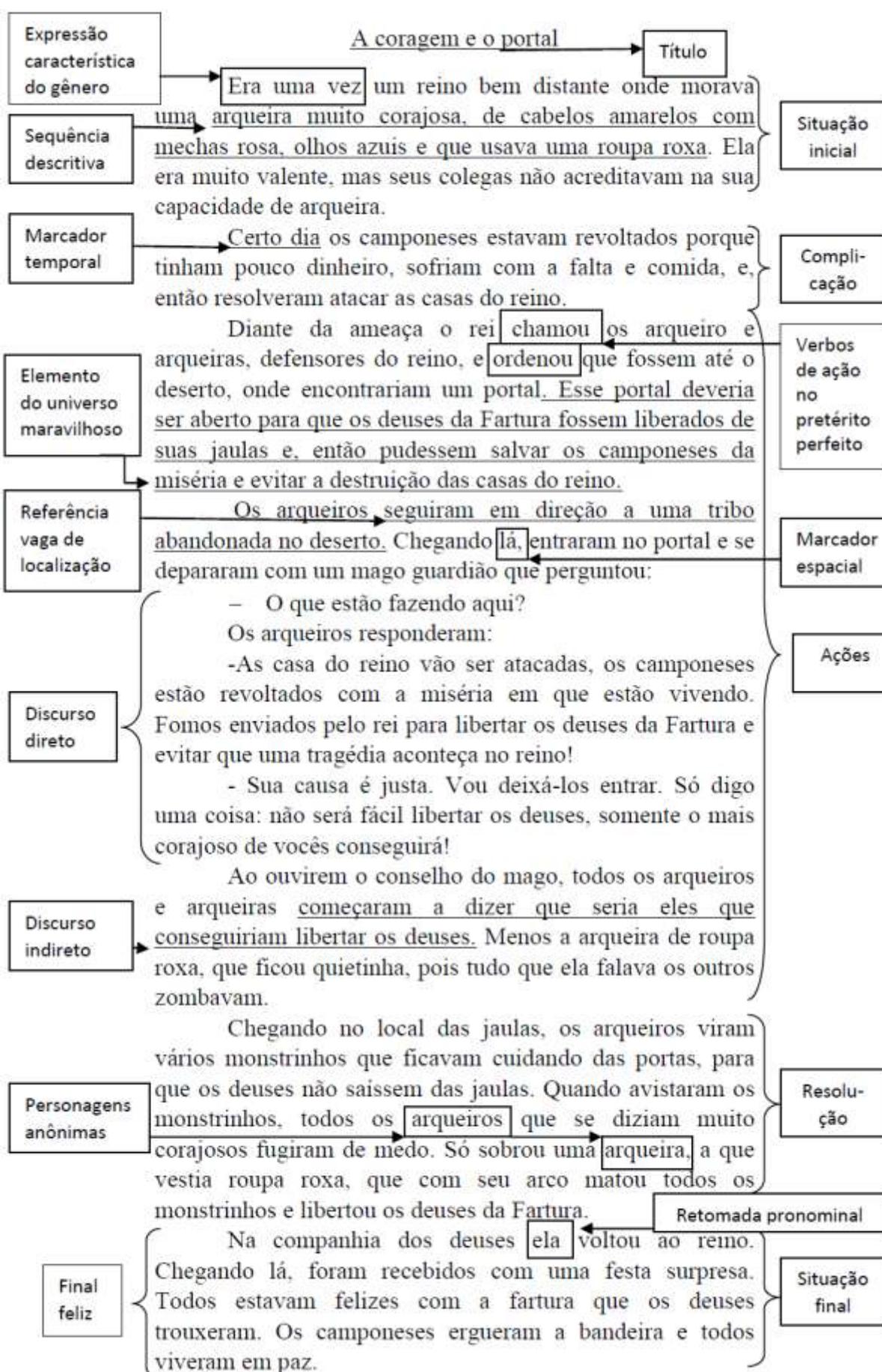
A fim de ilustrar o que afirmamos acima apresentamos no quadro a seguir um panorama dos principais aspectos desenvolvidos pelos alunos a partir da implementação da SD, bem como o meio que viabilizou tal desenvolvimento.

Quadro 21 – Principais aspectos desenvolvidos pelos alunos

Problemas apresentados na apropriação do gênero (produção inicial)	Como a capacidade foi desenvolvida
Reconhecimento da função social do gênero	- Leitura e discussão dos contos componentes do <i>corpus</i> ; - Participações em interações orais; - Atividades de interpretação e compreensão dos contos componentes do <i>corpus</i> .
Intencionalidade na seleção dos temas	- Socialização das impressões de leitura; - Dinâmica “Caixa de sentimentos” (adaptação de técnicas da EC); - Abertura para comentários pessoais.
Papel social do emissor	- Contato com a escritora local (Oficina 3 – Conhecendo uma escritora de contos); - Apresentação do autor Ricardo Azevedo (Oficina 4 – Conhecendo os contos de Ricardo Azevedo).
Sequência narrativa	- Oficina 3 – Apresentação das características discursivas do gênero (parte II) - Atividade: texto quebra-cabeça (adaptação de técnicas da EC); - Construção de mural (memórias de aprendizagem).
Retomadas nominas	- Oficinas 7 e 8 (Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero).

Fonte: a pesquisadora

Apresentamos a seguir um exemplar dos textos escritos pelos alunos como forma de demonstrar o desenvolvimento de capacidades de linguagem evidenciadas na produção final.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expresse na introdução deste trabalho, o que nos motivou a buscar o PROFLETRAS foi a constante necessidade de aperfeiçoamento teórico que subsidie nossa prática docente a fim de buscar soluções para problemas observados no cotidiano da sala de aula. Apontamos como uma das maiores problemáticas por nós observadas enquanto docentes de Língua Portuguesa a leitura e a produção escrita de textos pelos alunos. Assinalamos, ainda, que, tomando por base a tripartição das capacidades de linguagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), verificamos uma deficiência no nível denominado pelos autores como capacidade de ação, visto que questões referentes ao contexto da ação da linguagem são comumente desconsideradas no processo de produção textual.

No trabalho em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa, de acordo com o expresse pelos documentos norteadores da prática docente (PARANÁ, 2008; BRASIL, 2017), há que se considerar a linguagem como forma de ação e interação social e, sendo assim, é função do professor promover um espaço de participação efetiva dos alunos em diferentes práticas sociais, as quais possibilitem ao discente utilizar a leitura, a escrita e a oralidade como forma de inserção nas diversas esferas de interação existentes na sociedade. Para isso o trabalho com o texto deve abranger além da materialidade linguística o contexto que o compõe, de forma a atender para a composição global do texto.

Nesse sentido recorremos a teóricos e estudiosos da área e elegemos como base teórico-metodológica do nosso trabalho o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), pautando-nos em sua vertente didática representada por Schneuwly e Dolz (2004), com o intuito de buscar possibilidades de intervenção e compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem na apreensão dos gêneros textuais, especificamente do gênero conto maravilhoso eleito por nós como eixo organizador da intervenção didática.

Diante deste propósito traçamos objetivos específicos que conduziram este trabalho. A princípio, houve a necessidade de identificarmos as especificidades características do gênero conto maravilhoso, a fim de propiciar a proximidade do professor com o gênero além de conhecer suas potencialidades enquanto objeto de ensino. Para alcançar esse objetivo produzimos um modelo teórico tendo como

instrumento norteador o dispositivo de Barros (2012), a partir do qual mensuramos as dimensões ensináveis do gênero a fim de transpô-lo para o ambiente escolar.

Cientes das características que configuram o gênero, o objetivo seguinte visava identificar as capacidades de linguagem já consolidadas pelos alunos para a produção escrita do gênero textual conto maravilhoso e, em decorrência, quais as capacidades demandavam ser desenvolvidas. Para isso solicitamos aos alunos uma produção inicial e resposta a um questionário. A análise desses dois instrumentos diagnósticos nos forneceu as informações necessárias acerca das capacidades de linguagem a serem desenvolvidas com a intervenção didática.

O objetivo seguinte, produzir e implementar uma intervenção didática, consolidou-se por intermédio da produção de uma sequência didática. Essa forma de sistematização da ação pedagógica, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), proporciona ao aluno uma visão ampla do gênero, uma vez que o gênero sempre é relacionado à sua função social. A sequência didática foi produzida considerando-se o diagnóstico realizado e as dimensões ensináveis apontadas no modelo teórico. O processo de intervenção ocorreu conforme o planejado e culminou com a produção de uma coletânea de contos maravilhosos produzidos pelos alunos.

A análise dos textos escritos pelos alunos no decorrer do processo de intervenção didática, nos permitiu identificar as capacidades de linguagem que os alunos desenvolveram na produção escrita final do conto maravilhoso. As ponderações acerca desse desenvolvimento estão esmiuçadas na seção VII deste trabalho.

Todo esse processo contribuiu para que atingíssemos o objetivo principal: compreender como ocorre o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental, para a produção escrita do conto maravilhoso, em decorrência da realização de uma intervenção didática norteadora pela metodologia das sequências didáticas dos gêneros.

Ficou evidente que o processo de desenvolvimento de capacidades de linguagem prima por uma consciência docente acerca dos objetivos a serem alcançados com o trabalho desenvolvido. A inserção de um gênero na escola deve ser resultado de uma decisão didática que atenda ao menos dois objetivos: que os alunos aprendam a dominar o gênero para melhor compreendê-lo de modo a melhor produzi-lo na escola e fora dela; que os alunos desenvolvam capacidades que

ultrapassem o gênero em questão e transfiram-se para a compreensão/produção de outros gêneros (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Nossa decisão didática implicou a escolha do gênero conto maravilhoso, pois, como ficou constatado, trata-se de um gênero aprazível aos alunos da faixa etária em questão, o que propiciou a adesão às atividades propostas. Além disso, por se tratar de um gênero da esfera literária, suscita o caráter humanizador da literatura (CANDIDO, 2011), favorecendo aos alunos o exercício da reflexão e a percepção da complexidade do mundo e das relações sociais que os circundam. O reflexo catártico das leituras e discussões promovidas em sala de aula se fez presente nas produções finais dos alunos. Muitos temas escolhidos por eles para a produção do conto refletiam aspectos de suas vidas pessoais, tratados de forma simbólica conforme especificidade do gênero. Esse exercício permitiu que os alunos compreendessem as motivações sociossubjetivas que impulsionam a escrita de um conto e a decorrente importância de considerarmos a posição social do enunciador.

Tão importante quanto a decisão didática de inserção do gênero no ambiente escolar, é a escolha de uma metodologia que sustente os objetivos pretendidos. No nosso caso optamos por seguir a metodologia para o ensino de gêneros sugerida pelo ISD (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) em diálogo com a metodologia denominada Escrita Criativa (PAVAVI e MACHADO, 2003; CLAVER, 2004; LEITÃO, 2008; MANCELOS, 2013; TAUVERON, 2014; GONZAGA e TUTIKIAN, 2015) direcionada à criação de textos literários. Reconhecemos as peculiaridades inerentes ao gênero literário que requerem operações linguístico-discursivas diferenciadas daquelas utilizadas no cotidiano, logo, a sequência didática que compõe nosso material didático se baseia nos preceitos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) com o diálogo/inclusão do que alvitra a EC.

A comunhão entre as duas metodologias propiciou o desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos uma vez que toma o gênero em sua globalidade. A metodologia da sequência didática contribuiu à medida em que propôs um conjunto de atividades, com objetivos delimitados, organizado e sistematizado com a finalidade de aprimorar as práticas languageiras. Já a Escrita Criativa nos forneceu técnicas e preceitos que incentivaram o desenvolvimento da imaginação e da criatividade do aluno, imprescindível para a composição do conto maravilhoso.

Essa composição do material didático, com atividades organizadas de modo a articular os três níveis de capacidades de linguagem, fez com o que os alunos entrassem em contato com um gênero que, apesar de não ser uma novidade, trouxe novas perspectivas de leitura e produção. Especificamente no que se refere à capacidade de ação, nível deficitário apontado por nós, percepções acerca do suporte, ambiente de circulação, valor e função social, enunciador, destinatário, enfim, o contexto de produção do gênero, favoreceram o reconhecimento do texto como prática discursiva. Fica registrado o encantamento dos alunos ao conhecerem uma escritora com livros publicados e, posteriormente, a satisfação deles próprios tornarem-se escritores com a divulgação dos seus textos para a comunidade escolar. Todo o trabalho e empenho que tiveram no decorrer do processo de intervenção visando o produto final reforça a concepção de que a prática de produção escrita no ambiente escolar deve estar atrelada a um propósito comunicativo.

Ao finalizarmos esta pesquisa, a evidência do êxito com os objetivos propostos, assegura a incorporação dos preceitos teórico-metodológicos do ISD em nosso agir docente. Muito mais do que subsídios para a prática pedagógica do ensino da produção textual, o ISD nos forneceu um novo olhar acerca das relações sociais mediadas pela linguagem. Essa transformação interna, sem dúvidas, irá refletir nas ações empreendidas no ambiente escolar, visto que todo discurso está impregnado de intencionalidades que reverberam ideologias, conforme Bakhtin (2006, p. 34) “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”.

Todo o processo de transposição didática de um gênero é muito trabalhoso e demanda disponibilidade de tempo para estudos e planejamentos que antecedem a prática e coexistem com o cotidiano da sala de aula. Sabemos que a realidade do professor de ensino público nesse país, muitas vezes, não viabiliza essa diligência pela falta de material, estrutura e tempo destinado ao estudo e planejamento. Contudo, o aprofundamento teórico-metodológico proporcionado pela participação em programas como o PROFLETRAS instrumentaliza para uma prática pedagógica consciente e fundamentada que, mesmo sem o devido apoio, consolida-se no intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino de Língua Portuguesa.

O propósito é que o estudo aqui exposto seja divulgado como forma de disseminar uma possibilidade teórico-metodológica de abordagem dos gêneros textuais e, dessa forma possa contribuir com os docentes atuantes no ensino

fundamental e para futuras pesquisas que corroborem e aprimorem a pesquisa empreendida por nós.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liberlivros, 2005.
- ANDRÉ, **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2010.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. Invenção e Construção literária: o eterno debate. In: MARTINS, Aulus Mandagará (Org.). **Itinerários de leituras: ensaios sobre literaturas**. Pelotas: Ed. Universitária UFPE, 2003 p. 65-77.
- AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. 2ed. Ática, São Paulo, 2007.
- BAKTHIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKTHIN, **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BAKTHIN; VOLOCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 370 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem em relação à língua: homenagem a Ferdinand de Saussure. In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.;

COUTINHO, Antonia (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 19-42.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CAVALCANTE, Tatyana Guerra de Souza Lira. **Leitura do texto literário no ensino fundamental II: a formação de leitores por meio do gênero conto**. 2016. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

CLAVER, Ronald. **Escrever sem doer: oficina de redação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, Nely Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global Editora, 2015.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes. Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE. In: SZUNDY, P.T.C.; ARAÚJO, J.C.; NICOLAIDES, C.S.; SILVA, K.A. (Org.). **Linguística Aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

DAMIANI, Magda. Sobre pesquisas do tipo intervenção painel: as pesquisas do tipo intervenção e sua importância para a produção de teoria educacional. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2012, Campinas. **Anais**. Campinas: UNICAMP, p. 1-9.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

DE PIETRO, Jean-François.; SCHNEUWLU, Bernard. O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática. In: NASCIMENTO, E. **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 51-81.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle.; SCHENEUWLY, B. Sequência Didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

DOLZ, Joaquim; SCHENEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.

FERNANDES, Maria Costa Bilbao. **“O refúgio da escrita” processo terapêutico da escrita em pessoa**. 2012,. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – ISPA - Instituto Universitário, Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2605/1/14628.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin Mikhail. São Paulo: EDUSP, 1994.

FONSECA, Alex-Sandra de Assis Simão. **O gênero discursivo conto fantástico no processo sociocognitivo de leitura e escrita**. 2012. Dissertação (mestrado). Universidade de Taubaté (Unitau). Taubaté – SP.

FONSECA, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

GANCHO, Cândida Vilarés. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GONZAGA, Pedro; TUTIKIAN, Jane. **Escreva**: guia de escrita criativa. Porto Alegre: Leitura XXI, 2015.

GUSSO, Angela Mari; DALLA-BONA, Ana Elisa. A reescrita do texto literário de alunos dos anos iniciais da escolarização. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 52, p. 69-84, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n52/05.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

LEITÃO, Nuno. As palavras também saem das mãos. **Revista Noesis online**, Lisboa, n. 72, p. 30-33, jan./mar. 2008. Disponível em: www.oei.es/historico/pdfs/noesis72.pdf. Acesso em: 05 fev. 2018.

LOUSADA, Eliane. O texto como produção social: diferentes gêneros textuais e utilizações possíveis no ensino-aprendizagem de LE. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina (Org). **Material didático**: elaboração e avaliação. Taubaté: Cabral, 2007. p. 33-43.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2005.

MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 237-259.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./ dez. 2006. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349/370. Acesso em: 26 set. 2017.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane. A apropriação de gêneros textuais pelo professor: em direção ao desenvolvimento pessoal e à evolução do 'métier'. **Linguagem em (Dis) curso**. Palhoça, v.10, n.3, p. 629-633, set/dez 2010.

MANCELOS, João de. Um Pórtico para a Escrita Criativa. **Pontes & Vírgulas**: Revista Municipal de Cultura, Aveiro, ano 2, n. 5, p. 14, 15, 2007. Disponível em: <http://manuelcarvalho.8m.com/EscritaCriativa.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2018.

MANCELOS, João de. **O Ensino da Escrita Criativa em Portugal**: Preconceitos, Verdades e Desafios. Exedra, n. 9, p. 155-160, mar. 2010. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/02/14-JoaodeMancelos.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MANCELOS, João de. **Introdução à escrita criativa**. 4.ed. Lisboa: Colibri, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna , 2005, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino.3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.15-28.

NASCIMENTO, Elvira Lopes; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSKI, Acir Mário (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino.3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.29-46.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. **Gêneros textuais**: da didática das línguas aos objetos de ensino. Campinas: Pontes Editores, 2014.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**. São Paulo. v. 1, n 3,1996.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública do Estado do Paraná – Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PAVANI, Cinara Ferreira; MACHADO, Maria Luiza B. **Criatividade**: Atividades de criação literária. Porto Alegre: UFGS, 2003.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RODRIGUES, Flávio Luis Freire. A produção de texto na perspectiva da escrita criativa. **Diálogo das Letras**, América do Norte, 4, mai. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/1358/764>. Acesso em: 05 fev. 2018.

ROMANINO, Juhana Cella. **Ensino da Ortografia**: uma proposta de trabalho reflexivo com o 7º ano do Ensino Fundamental. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Cascavel – PR.

ROSA, Janine Ferreira Pimenta. **A progressão temática em textos narrativos do gênero contos de fadas**: aspectos estruturais da linguagem. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS). Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Montes Claros – MG.

SARAIVA, Juracy Assmann (org.). **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard.;DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Revista Brasileira de Educação**. N.º11, p. 5-16, maio/jun/jul/ag., 1999.

SCHNEUWLY, Bernard.;DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004

SENA-LINO, Pedro. **Curso de escrita criativa I**. 3. ed. Porto: Porto Editora, 2013

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Catia Sofia Oliveira da. **A Escrita Criativa aplicada ao ensino da Língua Estrangeira e da Língua Materna**. 2013. Dissertação de mestrado – Universidade do Porto, Porto, 2013.

SILVA, Fátima Aparecida Montovani da. **Leitura e escrita criativa nos anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, 2016.

SILVEIRA, Alexandra Cristina Bento. **Contos Maravilhosos na escola**: um caminho possível para o letramento literário. Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora – MG.

SILVESTRE, Penha Lucilda de Souza. **Entre traços e letras**: um estudo introdutório sobre a produção literária de Ricardo Azevedo. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2005.

SOSA, Josualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

STRIQUER, Marilucia dos Santos Domingos. **A internalização dos gêneros textuais como instrumentos mediadores por professores em formação no PDE – Paraná**. 2013. 439 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TAUVERON, Catherine. A escrita “literária” da narrativa na escola: condições e obstáculos. **Educar em Revista**, n. 52, Curitiba, PR: Editora UFPR, p. 85-101, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: **As estruturas narrativas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ANEXO A – COLETÂNEA DE CONTOS

1 - Moço bonito imundo

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

-Vou deixar minha sorte nas mãos do destino- disse ele, pegando a estrada, com uma sacola pendurada nas costas.

E lá foi ele sem rota nem rumo. Andou e desandou por caminhos e descaminhos. Subiu e desceu montanhas. Atravessou e desatavessou florestas escuras.

Uma tarde, estava descansando deitado debaixo de uma árvore. Uma figura surgiu só Deus sabe de onde. O moço tomou um susto. A figura era um homem alto e pálido, vestindo roupa preta.

O moço quase fugiu. Catou, no chão, um pedaço de pau grosso. O tal sujeito tinha pés de bode!

-Não precisava ter medo- disse o recém-chegado. – Conheço bem sua história. Sei que perdeu os pais e agora anda sozinho pelo mundo tentando se arranjar na vida.

O vento assobiava assustado. Trovoadas tamborilavam inesperadas no céu azul.

- Posso ajudar você- completou o homem com uma voz macia. E abriu um sorriso amarelado.

Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio satanás!

- Mas tem uma coisa- disse o Tinhoso- antes você vai ter que provar que é corajoso de verdade.

O jovem era peitudo:

-Pode ter certeza de que sou sim!

O Coisa-Ruim caiu na gargalhada e, num gesto mágico e ameaçador, fez surgir, do nada, um monstro imenso e peludo.

Os olhos do bicho chispavam. Soltando fumaça pelo nariz, o monstrengo rosnou e veio pra cima do moço.

Os dois rolaram pelo chão numa luta de vida ou morte. Num golpe de sorte, o rapaz conseguiu virar o corpo de lado, pegar areia do chão e, rápido, atirar nos olhos do bicho. Durante um instante, o monstro se atrapalhou. Foi tempo suficiente para o jovem pegar o pau e acertar uma pancada tão forte que a testa do monstrengo rachou no meio.

O Capeta coçou o nariz impressionado.

-Tenho uma proposta a fazer- disse ele em voz baixa.

Chegou mais perto. Garantiu que poderia deixar o moço rico. Garantiu que podia encher o moço de felicidade. Mas tinha uma condição: durante sete anos o rapaz não poderia tomar banho, nem cortar os cabelos, nem a barba e as unhas, nem se pentear e nem trocar de roupa.

O moço não entendeu.

O Cão arrancou a pele do monstro e fez uma espécie de roupa.

- Durante sete anos você vai ter que andar enrolado nessa capa.

E concluiu:

-Se durante esse período de tempo você não aguentar viver desse jeito, sua alma será minha. Em compensação, rosnou o satã, se conseguir sobreviver, se conseguir ficar sete anos sem se cuidar, enrolados nessa pele, você será livre e muito rico.

O moço ficou confuso. Era jovem, era forte, era bonito. Andar durante sete anos enrolado numa pele peluda de monstro sem poder tomar banho nem nada?

O Arrenegado prometeu:

-Agora vem a coisa boa: se aceitar o trato, a partir de agora, toda vez que precisar de dinheiro, é só enfiar a mão no bolso. Seu bolso vai ter dinheiro sempre. O quanto você quiser!

O moço olhou o Não-Sei-Que-Diga no olho.

-Se topar o desafio _ continuou o outro _, você vai andar feio, repulsivo e

imundo, mas sempre e sempre terá dinheiro para fazer o que desejar.

O moço parou para pensar. Estava solto na vida. Não tinha nada a perder. É verdade que seria ruim andar estrepado, molambento e malcheiroso durante tanto tempo. Por outro lado, disse ele para ele mesmo, por dentro, debaixo da pele do monstro, debaixo da sujeira e das unhas encardidas, ele seria sempre ele mesmo. Era o que importava. O resto era só aparência sem serventia.

Respirou fundo.

-Eu topo!

O Pé-De-Bode soltou uma gargalhada e virou fumaça, deixando o ar envenenado de mistério, medo e maldade.

A partir daquele dia o moço bonito passou a levar uma vida estranha.

Tinha dinheiro para fazer o que quisesse. Mas com aquela roupa? Com aquele jeito? O pior é que quanto mais o tempo passava, pior a aparência do moço ia ficando.

Nos primeiros meses, ainda deu para enganar. Era jovem, bonito e tinha sempre dinheiro. Depois, sua vida foi como que se desfazendo, se desmanchando numa espécie de lixo que era uma pessoa.

O rapaz virou uma figura horrível, barbuda, unhuda e cabeluda, sempre cheirando mal, sempre enrolado naquela pele de bicho que ninguém conhecia.

As pessoas tinham medo. Pensavam que ele era algum mendigo enlouquecido.

As crianças fugiam achando que ele podia ser perigoso.

Até os animais evitavam se aproximar daquela figura medonha.

Mesmo com dinheiro na mão para gastar a vontade, o moço passava por dificuldades.

Os comerciantes, por exemplo, não queriam saber dele dentro de suas lojas.

As hospedarias também não.

Sendo assim, o moço bonito imundo foi se isolando, foi se afastando, foi ficando cada vez mais sozinho na vida.

Como não tinha ninguém para conversar ou trocar ideias, ia conversando ele com ele mesmo e isso até era bom. Ficava horas e horas pensando. Acabou

lembrando coisas da infância que tinha esquecido completamente. Pensou muito em seu pai e sua mãe e na vida que eles levavam. Pensou nos amigos. Pensou também nele mesmo, em sua existência, nas moças que tinha amado, nas coisas que gostava de fazer e no pacto com o maligno. Pouco a pouco foi até se conhecendo um pouco melhor.

Os anos passavam vagarosos.

Um dia, cansado de ficar sozinho no mato, o moço bonito imundo decidiu que iria dormir melhor e comer comida boa.

Encontrou uma hospedaria no caminho, bateu na porta e entrou.

Ao dar com aquela figura medonha, cabeluda e malcheirosa, o dono do estabelecimento ficou assustado. Ameaçou a chamar a polícia. Só mudou de ideia quando viu cem moedas de ouro em cima da mesa.

Mesmo com os olhos brilhantes por causa do dinheiro, o dono do hotel disse que o moço podia ficar mas só se fosse no quarto dos fundos. Comida, só no próprio quarto.

-Não quero que fique passeando por aí - disse o homem juntando rapidamente as moedas com cara de nojo. - Os outros hóspedes vão querer ir embora!

O moço baixou a cabeça. Pelo menos ficaria num quarto limpo. Pelo menos teria comida quente. Pelo menos teria gente por perto. Era melhor do que nada.

Subiu as escadas, entrou no quarto, trancou a porta e deitou-se na cama.

Mais tarde, depois do jantar, escutou alguém chorando. Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem.

-O que é que eu faço agora? O que é que eu faço?- dizia uma voz gemendo baixinho.

O moço sentiu pena. A voz vinha do quarto ao lado. Resolveu ir até lá. Bateu na porta.

Quando deu com aquela figura medonha parada no corredor, o hóspede que chorava levou um susto, correu para o fundo do quarto e pegou uma arma.

O moço bonito imundo pediu a ele que se acalmasse. Desculpou-se pelo seu estado.

Explicou que apesar de estar assim era pessoa de bem. Pediu para não ter medo. Perguntou o que afinal estava acontecendo. Talvez pudesse ajudar.

-Sou um desgraçado - disse o homem sentando-se na cama - Entrei em maus negócios. Fiz besteira. Acabei perdendo tudo. Agora para pagar minhas dívidas terei que vender minha casa. Ela é meu último bem.

O homem cobriu o rosto com as mãos.

-E minha mulher? E minhas três filhas? O que é que eu faço agora? Tenho vergonha de voltar para casa e dar a notícia a elas.

O homem soluçava.

-Vamos ficar sem ter onde morar, nem o que comer. Como vai ser a nossa vida? Não tenho coragem de entrar em casa chamar a família e contar a verdade! O que é que faço, meu Deus, o que é que eu faço?

A figura medonha e estranha enfiou a mão no bolso e jogou em cima da cama um monte de moedas de ouro.

-Isso é suficiente ou precisa mais?

Os olhos do negociante não acreditaram.

-Mas...

E o moço atirou outro punhado de moedas.

-Eu tenho muito _ disse ele._ Dou de presente. Pode pegar a vontade. É tudo seu.

Mesmo assustado, mesmo com medo e nojo, o homem atravessou o quarto e abraçou o moço. Depois agradeceu de joelhos. Disse que aquilo era sua salvação. Disse que era a sua chance para recomeçar a vida. Chorou de novo. Segurou o braço do imundo. Fazia questão de leva-lo até em casa para conhecer a sua família. Tinha três filhas. Ofereceu uma delas em casamento.

-Graças a você minha família não foi destruída!

O moço aceitou. Não pelas filhas, mas pela chance de estar perto de pessoas, de conversar um pouco, de estar junto com alguém.

O homem e o moço bonito imundo saíram da hospedaria. Antes de mais nada, o negociante foi até o centro da cidade e pagou suas dívidas. Depois foram para a sua casa.

O tal homem tinha três filhas. Cada uma mais bonita do que a outra.

Ao verem aquela figura barbuda e imunda sentada na sala, as três sentiram medo. As duas mais velhas, cheias de espanto e nojo, não quiseram nem falar com o visitante. Ficaram de longe, com cara feia, torcendo o nariz.

A mais nova também sentiu-se mal. Mesmo assim, estava agradecida. Afinal, sabia que graças aquela pessoa medonha e suja, seu pai tinha conseguido saldar suas dívidas e salvar a família. Por essa razão, mesmo aflita e enojada, a menina se aproximou do moço e puxou assunto.

Ficou surpresa. Percebeu que, apesar da aparência, o visitante era inteligente, simpático e divertido.

Os dois conversaram a tarde inteira. No fim a moça chamou o pai de lado. Disse que sim aceitava se casar com aquele moço feio e imundo.

Quando as outras irmãs souberam, acharam graça da vontade da mais moça. Até a mãe da menina sacudiu a cabeça preocupada.

O moço bonito imundo, com a voz emocionada, disse que estava muito contente mas, infelizmente, ainda não podia se casar. Sem entrar em detalhes, explicou que tinha um certo trato a cumprir. Não tinha jeito. Era um compromisso importante. Um pacto. Contou que ainda faltavam dois anos.

-Eu espero - disse a moça.

Ao despedir-se, o moço tirou da sacola um anel, única lembrança de sua mãe. Cortou em dois pedaços. Colocou um dos pedaços nas mãos da menina.

-O outro, juro que dou a você daqui a dois anos_ disse ele antes de partir.

E lá foi o moço bonito imundo de novo pelas estradas e desvios do mundo.

Andou, andou, andou. Acabou achando melhor viver escondido no mato. Estava cansado de assustar as pessoas. De sentir gente olhando para ele com nojo e estranhamento. Na solidão o moço continuou conversando e discutindo com

ele mesmo. Lembrando de coisas. Repensando sentimentos e experiências. Revivendo sua vida ponto por ponto.

Dois anos demoram duas vezes mas acabam passando.

Um dia o moço bonito imundo estava deitado embaixo de uma árvore, pensando na vida quando uma figura surgiu parada em sua frente. Era o Lúçifer em osso e carne.

-Parabéns - disse ele fazendo cara de contentamento fingido. - Você foi muito forte. Você aguentou firme. Você ganhou. Os sete anos se passaram. Agora você pode tomar banho, cortar cabelo, barba e unhas e seguir sua vida.

-Nada disso! - gritou o moço. - Primeiro você vai ter de me dar banho. Segundo, você vai cortar meu cabelo. Depois, vai fazer minha barba, aparar minhas unhas e ainda arranjar uma roupa decente para eu vestir!

O Beijudo não queria mas o moço pegou um pedaço de pau grosso pronto para brigar.

Dizem que o Demônio é poderoso mas covarde.

Num gesto mágico, em menos de um segundo, a figura bonita imunda se viu banhada, barbeada, cabelo cortado e unha aparada, vestindo roupa nova.

Elegante e feliz a vida, o moço saiu da mata, comprou um cavalo branco e foi direto pra casa do negociante.

Encontrou as três irmãs conversando na varanda. Nenhuma delas reconheceu o moço. O recém-chegado disfarçou. Perguntou pelo negociante.

-Deve estar chegando logo - disseram as duas irmãs mais velhas ao mesmo tempo. Tinham achado o moço a coisa mais linda.

A irmã caçula nem ligou. Parecia triste e abatida.

O recém-chegado desceu do cavalo e perguntou se podia esperar o negociante na varanda.

Conversa vai, conversa vem, a irmã mais moça contou que tinha sido noiva mas agora achava que o seu noivo tinha morrido. Disse que estava muito triste.

O moço sorriu . Enfiou a mão no bolso e mostrou a metade de um anel.

No começo, a menina não quis acreditar que aquele moço e a figura imunda eram a mesma pessoa, mas o recém chegado contou tudo.

O negociante veio e logo o casamento foi marcado.

Dizem que foi a festa mais bonita que já houve até hoje.

As duas irmãs mais velhas ficaram roendo as unhas de ciúmes e inveja, mas isso já é uma outra história.

*Acabou-se o que era doce
Toda história tem um fim
Quero ver quem conta outra
Que seja bonita assim!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 07-15

2 - A mulher dourada e o menino careca

Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno.

Um dia estava com o machado cortando mato. Sem querer, o machado escapou e quebrou uma pedra. Debaixo da pedra havia um buraco.

- Será buraco de cobra? Será tatu ou o quê?

O homem foi olhar.

Tomou um susto. Uma luz brilhou estranha. Depois, surgiu do fundo da terra uma mulher tão linda quanto as flores mais coloridas e as pedras mais raras e preciosas.

O homem quis fugir. A tal mulher parecia uma deusa. O homem quis desaparecer. Ela usava vestido de ouro e vinha enfeitada de joias preciosas. Sua cabeleira era negra, selvagem e sedosa.

A mulher, infelizmente, saiu do buraco muito aborrecida.

- Como você teve a coragem de interromper meu sono desse jeito? Desgraçado! Quem é você pra fazer uma coisa dessas?

O homem gaguejava tentando se desculpar.

- Cale a boca! - gritou a mulher dourada. - Vai pagar caro pelo que fez! Vou acabar com a sua vida!

O homem caiu de joelhos:

- Por favor, dona! Eu sou pobre!

Ando por aí cortando mato, roçando, plantando, lutando para poder sobreviver. Por favor, não me mate. Foi sem querer. Tenho mulher e um filho pequeno para cuidar!

A mulher Dourada fez cara feia mas acabou sentindo pena daquele homem humilde chorando ajoelhado.

- Vamos fazer um trato - disse ela. - Você dá seu filho para eu cuidar e, em troca, deixo você vivo e ainda dou de presente um saco cheio de ouro!

O homem não viu outra saída. Foi para casa e trouxe o menino.

A mulher dourada deu o saco cheio de ouro, pegou o menino pela mão e sumiu no buraco escuro.

O homem voltou para casa chorando. Devia estar feliz por causa do dinheiro. Com aquele saco de ouro ia poder ter uma vida mais tranquila. Mas sem o filho? O homem soluçava e pensava como a vida pode ser tão cheia de toma-lás e de dá-cás.

Sempre junto da mulher dourada, o menino desceu pelo buraco, encontrou uma estrada e foi andando.

Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra.

O menino nunca pensou que pudesse existir tanta beleza e tanta maravilha.

- De hoje em diante tudo isso é seu - disse a mulher dourada. E entregou a ele todas as chaves do palácio.

- Você agora é feito um filho. Pode fazer o que quiser. Pode brincar. Pode passear. Pode comer e beber. Pode entrar em todos os lugares e conhecer o castelo de cristal inteiro. Você é dono de tudo. Mas tem um porém.

A voz da mulher dourada ficou dura.

- Dobrando à esquerda, trancadas no último quarto do corredor, existem doze arcas douradas. São marcas proibidas. Nessas, só eu mexo. Se você abrir uma só delas, perde minha proteção para sempre!

A mulher segurou o menino pelos ombros.

- Você entendeu bem?

- Entendi - disse ele assustado.

- Fica combinado?

- Fica!

E assim, o menino pobre, filho do homem que trabalhava de enxada na mão, passou a levar vida de rei. Agora tinha as melhores roupas. Andava e fazia o que queria. Passeava em cavalos voadores. Brincava com brinquedos mágicos. Trazia o bolso cheio de moedas de ouro. O tempo passou.

Mas o destino vira e mexe surpreende.

Na cama, na hora de dormir, certa noite, um pensamento principiou a martelar na cabeça do menino: eram as arcas proibidas.

- Como são lindas aquelas arcas douradas! – pensava ele. – Quanta coisa bonita deve estar guardada dentro delas!

O menino tentava pensar em outro assunto mas sua curiosidade aumentava feito um balão de gás crescendo, crescendo sem parar.

As doze arcas proibidas viraram ideia fixa.

Um dia, não resistiu. Aproveitando-se de que a mulher dourada não estava no castelo de cristal, o menino foi até o quarto, tomou coragem e abriu uma das arcas.

Na mesma hora, as paredes começaram a tremer. Um buraco imenso abriu-se no chão e o castelo inteiro desmoronou.

O buraco era um poço escuro. O menino foi caindo e caindo no meio de pedaços de paredes, móveis, pedras e tijolos.

Sentiu uma mão agarrando a sua. Escutou uma voz triste e zangada. Era a mulher dourada:

- Ingrato! Você descumpriu o combinado!

E a voz disse que agora, por causa dele, ia ficar mais cem anos encantada.

- Não faz mal – disse ela. – Parece que não tem jeito. A curiosidade faz parte do homem.

E a voz veio suave. Disse que gostava muito dele. Disse que perdoava. A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica.

- Com ela, você sempre vai conseguir tudo o que desejar – disse a voz que foi ficando cada vez mais longe

até desaparecer nas profundezas do buraco escuro.

O menino perdeu os sentidos. Acordou num lugar desconhecido. Arrependido e zangado consigo mesmo, guardou a varinha mágica no bolso e saiu andando por uma estrada. Não sabia onde estava nem que lugar era aquele. Mesmo assim foi andando.

A paisagem por ali era muito bonita e o calor estava forte. O menino parou na beira de um riacho para matar a sede. Ao ver sua imagem refletida na água, ficou espantado. Primeiro, tinha crescido. Agora já era um moço. Segundo: seus cabelos que antes eram negros tinham ficado dourados. O moço colocou as mãos na cabeça. Sua cabeleira agora era de ouro!

Ficou encantado mas também preocupado.

- Se um bandido aparece e me vê com uma cabeleira dessas, é capaz de querer arrancar minha cabeça fora!

E o rapaz teve uma ideia. Aproveitando-se que por ali havia muito gado pastando, matou uma vaca e a preparou para o almoço.

Com a bexiga do animal fez uma espécie de chapéu, uma pele falsa, e com ela escondeu seus cabelos dourados.

Com a bexiga da vaca na cabeça e de barriga cheia, pegou a estrada e continuou sua viagem.

De vez em quando cruzava com pessoas. Um ou outro, de brincadeira, gritava: "Aí, careca!", "Tão moço e tão careca!" e coisas assim.

O moço chegou a uma cidade. Como tinha aprendido como pai a lidar com a terra, conseguiu arranjar emprego de jardineiro no castelo do rei.

O rei daquele país era cego. Vivia no castelo, ele e sua filha, uma moça linda. Assim que soube do jardineiro novo, a princesa fez questão de ir falar com ele:

- Moço! Cuide bem das minhas flores! São a coisa de que mais gosto no mundo. Quero acordar todos os dias com um buquê de flores ao lado de minha cama, perfumando meu quarto e minha vida.

O jardineiro achou a moça muito bonita.

A partir daquele dia, a filha do rei passou a encontrar, todas as manhãs, um

buquê de flores amarradas com um fio de ouro na porta do quarto.

A princesa estranhou. Ficou feliz mas também curiosa. Foi logo procurar o jardineiro.

- Estou muito satisfeita com os buquês, moço, mas de onde vêm os fios de ouro?

O moço sorriu:

- Não se preocupe com isso! Uma princesa bonita assim merece isso e muito mais.

A princesa era curiosa. Estava encantada e desconfiada com os serviços do novo jardineiro. O jardim do palácio parecia cada vez mais bonito, cheio de canteiros e floreiras novas, cachoeiras que antes nem existiam e até flores de tipos raros e desconhecidos.

- Como você consegue fazer tanta coisa? – perguntava a princesa admirada.

- Aprendi com meu pai – respondia ele.

A cabeça da menina foi ficando cheia de ideias.

Começou a vigiar o jardineiro de sua janela.

Descobriu que, todo fim de tarde, ele entrava num caramanchão e ali ficava trancado por um bom tempo.

Curiosa, a princesa resolveu fazer um buraco na parede do caramanchão. Depois, ficou só esperando a tarde chegar.

Quando o jardineiro careca terminou o serviço e entrou no caramanchão, a filha do rei foi correndo espiar.

Faltou pouco para o queixo da menina não despencar na terra dura.

Trancado no quartinho de madeira, o jardineiro careca tirou a bexiga de vaca que cobria sua cabeça. Depois, despiu-se e tomou banho. Mais tarde, abriu um saco, tirou roupas de veludo e um chapéu de plumas. Vestido com a roupa nova, sentou-se num banco e chorou.

Chorava de saudade dos pais.

Chorava de arrependimento por ter aberto a arca proibida, traindo assim a linda mulher dourada.

A princesa não sabia nada do que se passava por dentro daquele jovem. Pelo buraco, só via que ele era bonito e tinha os cabelos dourados. A filha do rei

ficou com pena. A filha do rei sentiu um calor. A filha do rei ficou apaixonada.

O rei era cego, mas não por causa de doença. O pai da princesa tinha sido enfeitiçado por uma bruxa.

Segundo um famoso adivinho, para salvar os olhos do rei, o único remédio era o leite do pássaro-azul. A ave vivia num castelo encantado no Reino-do-Entrou-Ficou.

O rei tinha enviado exércitos para o lugar. Heróis já tinham ido até lá com suas coragens e suas espadas pontudas. Ninguém tinha voltado.

A princesa já estava na idade de se casar.

O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento.

A princesa era a coisa mais linda. Um grupo de príncipes e heróis tomou coragem e decidiu viajar até o Reino-do-Entrou-Ficou.

O jardineiro careca perguntou ao rei se podia ir também.

Todo mundo achou graça, mas o rei deixou.

Para ele só uma coisa importava: conseguir o leite do pássaro-azul e com ele voltar a enxergar.

E foi assim. Os cavaleiros partiram em seus cavalos fogosos. O jardineiro careca seguiu por último trotando em cima de um burro. Os príncipes e heróis galopavam e davam risada:

- Ô careca! Não vá sujar as calças de medo quando a gente chegar no Reino-do-Entrou-Ficou!

- Careca! Olha que esse burro velho é perigoso! Cuidado para não cair!

Em vez de ficar zangado, o jardineiro careca sorria:

- Esse burro é dos bons! Esse burro, se quiser, pula por cima dessa cavalhada inteira!

Os príncipes soltavam gargalhadas e chicoteavam seus cavalos fogosos, deixando o jardineiro para trás engolindo poeira.

Quando o grupo chegou perto da montanha onde ficava o Reino-do-Entrou-Ficou, o falso careca sentiu que sua hora

tinha chegado. Puxando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes. Seu burro virou um musculoso cavalo dourado.

O cavalo empinou, relinchou e saiu feito um rojão deixando o grupo de cavaleiros lá longe.

Graças à varinha mágica, cavalo e cavaleiro saltaram os sete muros de pedra do Reino-do-Entrou-Ficou, passaram por sete leões, abriram sete portas, subiram sete escadas e chegaram na torre onde estava guardado o pássaro-azul.

Descendo do cavalo, o jardineiro de cabelos de ouro tirou o leite do pássaro e o guardou numa garrafinha.

Em seguida, montou no cavalo e partiu. Desceu sete escadas, abriu sete portas, passou por sete leões, saltou sete muros de pedra e foi embora. Logo adiante, fez um gesto com a varinha mágica e voltou a ser o jardineiro careca montado num burro.

Quando o grupo de príncipes e heróis chegou ao Reino-do-Entrou-Ficou, encontrou o castelo destruído e um pássaro-azul voando longe no céu.

Decepcionados e um pouco aliviados, os valentes cavaleiros deram meia volta e retornaram. No caminho, encontraram o jardineiro montado no burro.

- Ê, careca! Nem foi lá e já está voltando? Ficou com medo do Reino-do-Entrou-Ficou?

- E vocês? – perguntou o jardineiro. – Conseguiram pegar o leite do pássaro-azul?

- Claro que sim!

Os cavaleiros mentiam. Estavam levando era leite de vaca. Sua ideia era dar ao rei o leite errado e depois dizer que a culpa era do adivinho. Iam também dizer que tinham arriscado suas vidas e exigir a mão da princesa em casamento. Ela que escolhesse um entre eles.

Os príncipes e heróis galopavam felizes. Deixaram o jardineiro para trás, chegaram no castelo e foram direto falar com o rei.

O jardineiro chegou bem depois. Amarrou o burro no estábulo e chamou a princesa. Entregou a ela uma garrafinha e disse:

- Trouxe o leite do pássaro-azul.
Prefiro que você mesma passe o remédio nos olhos de seu pai.

A princesa beijou o jardineiro e correu até a sala do trono.

Encontrou o rei cego confuso, segurando uma garrafa de leite vazia. Os heróis falavam todos ao mesmo tempo. Diziam que o adivinho era um impostor. Que tinham arriscado a própria vida. Que queriam ser recompensados. Agora, um deles tinha direito de se casar com a princesa.

A princesa pediu licença, aproximou-se e pingou o leite do pássaro-azul nos olhos do pai.

Milagre. Espanto. Mistério maravilhoso. O rei que antes era cego passou a enxergar tudo.

- Mas como você conseguiu, filha? – perguntou o rei emocionado.

A moça sorriu:

- Quem me deu o leite foi o jardineiro careca!

- É impossível! – gritaram os príncipes.

- O careca foi com a gente e não teve nem a coragem de chegar perto do Reino-do-Entrou-Ficou! – explicou um deles.

O rei mandou chamar o jardineiro.

O rapaz confirmou tudo. Tinha saltado sete muros de pedra. Tinha enfrentado sete leões. Tinha aberto sete portas. Tinha subido sete escadas. Tinha, sim, tirado o leite do pássaro-azul.

- Quando os outros chegaram lá – contou ainda o jardineiro – o Reino-do-Entrou-Ficou já estava destruído.

- Mentiroso! – gritaram os príncipes e heróis fingindo revolta.

O rei não sabia o que dizer.

- Desafio o careca a duelar comigo! – gritou um dos príncipes.

- Comigo também – gritaram outros.

- Aceito – respondeu o jovem.

Tirando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes montado num musculoso cavalo dourado.

O rei e a princesa ficaram sem palavras.

Os príncipes e heróis sentiram medo.

Só quatro resolveram manter o desafio.

- Como você quer o duelo? – gritou um deles.

- Luto com os quatro de uma vez! – gritou o jardineiro de cabelos dourados, puxando a espada da bainha.

Ao ouvir isso, os quatro cavaleiros recusaram assustados e desistiram de tudo. Montados em seus cavalos, fugiram a galope.

Feliz da vida, a princesa contou ao pai o que sabia do jardineiro. Pediu a ele que tirasse a bexiga de vaca da cabeça.

Todos ficaram encantados com aquela cabelos dourados.

O rapaz contou sua história. Falou da pobreza de sua família e da mulher dourada. Falou do pacto feito por seu pai, do castelo debaixo da terra e de tudo o mais. Chorou. Contou das doze arcas douradas e do seu triste erro.

No fim, a princesa e o moço se abraçaram.

O rei mandou fazer uma festa de casamento.

O rapaz conseguiu encontrar seu pai e sua mãe e mandou convidá-los para a festa.

Ficou faltando só a mulher de vestido dourado, joias preciosas e cabelos selvagens. Essa, infelizmente, ele nunca mais encontrou na vida.

Uma história como esta

Parece beleza pura

Quem quiser que invente outra

Cheia de amor e aventura!

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 16-27.

3 - O príncipe encantado no reino da escuridão

Era uma vez um negociante muito rico e poderoso. Vivia feliz com uma mulher e uma filha pequena.

Um dia, sua mulher começou a tossir. Médicos foram chamados. Tratamentos foram experimentados. Infelizmente, a doença era grave e a pobre mulher acabou morrendo.

Com uma filha pequena para cuidar, o negociante resolveu casar-se de

novo. Sua nova mulher era viúva, mãe de duas filhas.

Logo a filha do homem rico e poderoso começou a sofrer nas mãos da madrasta e suas filhas. Os piores serviços ficavam para ela. As piores roupas. As piores comidas. Seu pai viajava muito e não sabia de nada.

Quando fez 15 anos, a moça chamou o pai. Contou que pretendia morar sozinha. O pai estranhou. A filha não queria criar caso. Inventou que desejava viver por conta própria para conhecer mais a vida. Apesar dos protestos do pai, foi viver numa casa no meio da floresta. O tempo passou.

Um dia, um mendigo bateu na porta da casa da filha do negociante. Pediu ajuda. Disse que estava morto de fome. O homem era horrível. Devia ter alguma doença. Andava enrolado num pedaço de pele e parecia não tomar banho há anos. Mesmo assim, a moça pediu a ele que entrasse, deixou que descansasse, serviu um ótimo jantar e ainda ofereceu lugar para que ele pudesse passar a noite.

O mendigo agradeceu muito. Apesar da aparência, parecia ser um homem bom. Conversando depois do jantar, ele contou que era adivinho. Previu que o negociante, pai da menina, iria viajar para um país muito distante. Disse que nesse lugar existia um jardim encantado com as mais lindas rosas do mundo. As rosas eram brancas, vermelhas e roxas.

A menina imaginou aquele jardim encantado. Sonhou acordada. Como aquilo devia ser lindo!

Naquela mesma noite, quando já estava quase dormindo, a menina escutou uma voz no quarto: "Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão".

A filha do negociante levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém!

No dia seguinte, logo cedo, foi acordar o mendigo. Apesar das portas da casa estarem trancadas por dentro, o homem havia desaparecido.

Mais tarde, alguém bateu na porta. Era o pai da moça. O negociante estava com pressa. Explicou que vinha para matar a saudade da filha e também para se despedir. Contou que pretendia viajar para um reino distante. Perguntou se a filha queria alguma coisa de lembrança. Na hora, a menina lembrou-se do jardim encantado.

— Sim — disse ela — Se for possível, quero três rosas do jardim encantado: uma branca, uma vermelha e outra roxa.

O negociante anotou o pedido, beijou a filha e partiu.

O reino distante ficava realmente muito longe. Foi difícil encontrar o jardim encantado. O lugar ficava quase no fim do mundo. Mesmo assim o pai da moça foi. Andou, andou, andou e conseguiu chegar lá. Encontrou as rosas branca, vermelha e roxa.

Quando voltou, foi direto procurar a filha.

As rosas eram mesmo muito bonitas. A menina ficou encantada.

Depois, o negociante foi para casa. Sua mulher e as duas enteadas logo quiseram saber se ele havia trazido alguma coisa para elas. Ele disse que não.

— Aposto que para aquelazinha ele trouxe um rico presente — disse a madrasta em voz baixa, cheia de ciúme, inveja e dor-de-cotovelo.

E fez uma combinação com as duas filhas.

No dia seguinte, a filha mais velha apareceu de surpresa na casa da filha do comerciante. Mentiu. Disse que estava 13 passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais velha da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais velha da madrasta não gostou. Arrancou a flor branca do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa branca. Dentro dela estava a sua felicidade! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a filha mais nova da madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais nova da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais nova da madrasta não gostou. Arrancou a flor vermelha do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava zangada:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa vermelha. Dentro dela estava a sua riqueza! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a própria madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai. A inocência da menina era muito grande.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essa rosa linda.

A madrasta não gostou. Arrancou a flor roxa do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava furiosa:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa roxa. Dentro dela estava o seu amor! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

Naquela noite, a filha do comerciante teve um sonho.

Sonhou que estava num lugar desconhecido diante de um enorme palácio.

Quando acordou, tomou um enorme susto. Estava lá mesmo!

Sem saber o que fazer, sem saber se era sonho ou realidade, a menina respirou fundo, tomou coragem e resolveu bater na porta do palácio.

Pediu emprego.

Acabou sendo contratada como criada.

Com o passar do tempo, descobriu que ali morava uma rainha. A mulher tinha uma grande dor na vida. Seu filho querido, o príncipe herdeiro, a luz de sua vida, havia desaparecido. Alguns diziam que o rapaz havia morrido. Outros que havia sido raptado por bandidos. Outros achavam ainda que tinha sido raptado por piratas.

Como era muito trabalhadora, inteligente e talentosa, a menina começou a agradar a rainha, que ficava cada vez mais contente com seu serviço caprichado e sua alegria de viver.

Isso despertou inveja nas outras criadas.

Uma delas, só de maldade, um dia, disse à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de lavar e passar toda a roupa do castelo em três dias.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava e passa toda a roupa em três dias ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a roupa do palácio. Disseram que era melhor ela correr pois três dias passam depressa.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando abriu os olhos, encontrou toda a roupa lavada e passada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não gostaram nem um pouco.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de limpar toda a prata e toda a louça da rainha de um dia para o outro.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava toda a prata e toda a louça de um dia para o outro ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a prata e toda a louça da rainha. Disseram que era melhor ela correr pois de um dia para o outro é quase nada.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando acordou, encontrou a prata brilhando e a louça lavada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não se conformavam.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz até de conseguir salvar o querido filho da rainha, o príncipe-herdeiro, que ou tinha morrido ou estava sequestrado ou era prisioneiro de piratas.

A rainha deu um pulo. Mandou chamar a menina. Caiu de joelhos. Chorou.

— Salve meu filho! — implorou ela.

A menina baixou a cabeça. Disse que sim.

— Pode levar meus soldados! Pode levar todos os exércitos! — ofereceu a rainha, aflita.

A menina disse que preferia ir sozinha.

Saiu de lá desesperada. Sabia que não podia cumprir sua promessa. Jamais conseguiria salvar o filho da rainha. Ficou andando sem saber para onde ir. Chegou num alto morro de pedra. Sua vontade era pular de lá e acabar com tudo.

Foi quando escutou uma voz:

— Quantas vezes mais vou precisar repetir que se precisar de mim basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão?

A menina tentava encontrar a voz no ar.

— Preste atenção — continuou a voz invisível. — Sou o filho da rainha. Sou o príncipe-herdeiro. Espere ficar escuro. Vá até meu quarto. Procure dentro do armário. Pegue uma vassoura, uma faca e uma caixa de veludo. Depois, tome a

primeira estrada que aparecer e saia pelo mundo até encontrar um castelo de ferro. Vai ser fácil reconhecer. Sua porta principal não pára de mexer. Fica batendo, abrindo, fechando, fechando, abrindo e batendo o tempo todo.

A menina quase não respirava de tanto prestar atenção.

A voz continuou:

— Vá em frente. Enfie a faca na porta. Ela vai parar na hora. Entre no castelo de ferro. Não tenha medo. Vai encontrar uma bruxa varrendo o chão com um pedaço de barbante. Dê a vassoura a ela e siga pelo corredor. Vai encontrar um leão faminto diante de um prato de capim e um cavalo prateado diante de um prato cheio de carne. Dê a carne ao leão e o capim ao cavalo. Continue. Suba uma escada. Vai encontrar um sapo. Pegue o bicho, guarde na caixa de veludo e saia do castelo. Mas cuidado! — advertiu a voz: — não olhe para trás de jeito nenhum. Se você olhar, tudo está perdido, não sei nem o que vai acontecer!

A filha do negociante esperou a noite chegar. Foi a ao quarto do príncipe, encontrou a vassoura, a faca e a caixa de veludo. Depois, foi embora.

Tomou a primeira estrada que apareceu. Não sabia para onde ir, por isso foi seguindo em frente.

Andou, andou, andou, três dias e três noites. Acabou chegando num castelo de ferro com uma porta abrindo e fechando. A menina teve medo mas seguiu os conselhos da voz. Enfiou a faca na porta. Deu a vassoura para a bruxa. Deu a carne para o leão e o capim para o cavalo prateado. Encontrou o sapo, guardou na caixa de veludo, deu meia-volta e fugiu.

Uma voz tenebrosa explodiu no fundo do castelo:

— Cavalo prateado, não deixe a menina passar!

Mas o cavalo relinchou:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu o capim!

E a voz tenebrosa:

— Leão, não deixe a menina passar!

Mas o leão rugiu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a carne!

E a voz tenebrosa, cada vez mais tenebrosa:

— Bruxa danada, não deixe a menina passar!

Mas a bruxa respondeu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a vassoura!

A voz tenebrosa agora berrava e suplicava:

— Porta! Não deixe a menina passar!

Mas a porta disse:

— Deixo sim! Graças a ela não fico mais batendo, abrindo e fechando o dia inteiro!

Quando a menina conseguiu sair do castelo, escutou um estrondo e sem querer, sem pensar, sem lembrar, olhou para trás.

O castelo de ferro havia evaporado no ar.

Infelizmente, a caixa de veludo com o sapo dourado também sumiu de suas mãos.

Perdida e sozinha num lugar desconhecido, a menina sentiu que o único jeito era seguir em frente. Pegou a primeira estrada que apareceu e foi andando.

Acabou ficando muito cansada. Quando não aguentava mais, deitou-se debaixo de uma árvore e fechou os olhos. Ficou quieta esperando alguma coisa. Sentiu uma tontura. Achou que daquela vez a morte ia chegar. Desmaiou.

Enquanto isso, o sapo dourado, que era o príncipe, saiu da caixa de veludo, ficou 16 desencantado e viu que tinha ido parar na porta de seu palácio.

Foi uma alegria!

Ao vê-lo, a rainha sua mãe quase enlouqueceu de tanta felicidade. O príncipe também estava contente mas muito preocupado. Disse que só sossegava quando encontrasse a moça bonita que o tinha libertado.

Pediu um cavalo, despediu-se da rainha e saiu galopando com vários soldados. Precisava encontrar a moça de qualquer jeito.

Depois de muito procurar, acabou dando com a menina desmaiada debaixo de uma árvore.

Desesperado, o rapaz mandou chamar um médico. Enquanto isso,

conseguiu dar água e um pouco de comida para a moça.

Logo a filha do comerciante recuperou suas forças.

Um vento morno soprou cheio de vida.

Os dois então se abraçaram.

O rapaz contou que estivera encantado por muito tempo. Contou que era ele o mendigo que tempos atrás havia estado na casa dela pedindo ajuda.

— Desde aquele tempo fiquei apaixonado — confessou ele beijando as mãos da moça. — Desde então, sigo você por toda a parte. Acho que foi isso o que me salvou!

A menina foi levada para o palácio. A rainha botou as mãos no peito:

— Mas é ela! A minha criada!

A mãe do príncipe ficou feliz da vida. O casamento foi marcado.

O negociante foi convidado. Apareceu sozinho. Abraçou a filha. Disse que todo aquele tempo tinha andado à procura dela. Contou que tinha abandonado aquela mulher má, que por causa de ciúme e inveja o havia afastado de sua filha querida.

Quanto às criadas mentirosas, quase foram despedidas, mas acabaram sendo perdoadas.

Uma linda festa foi realizada.

Os dois jovens viveram felizes por muitos e muitos anos.

*Diz que a festa foi bonita
Teve doce de montão
Como não fui convidado
Fiquei com a cara no chão!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 28-39

4 - Coco Verde e Melancia

Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.

A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou um anúncio de colega de classe.

Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.

Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredado. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

O tempo passou.

Os dois namorados cresceram. No lugar de cartas, começaram a se encontrar escondido debaixo do arvoredado para conversar e namorar.

Era tudo secreto. O pai de Melancia não podia saber de nada.

E cada vez que os dois se encontravam, que alegria! Passavam o tempo todo conversando e namorando e matando a saudade. Na despedida, juravam seu amor, juravam que um não ia viver nunca sem o outro.

- Amo você, Melancia!

- Amo você, Coco Verde!

- Mais que tudo, Melancia!

- Mais que tudo, Coco Verde!

Um dia, um amigo do fazendeiro, passando por acaso pela estrada, viu a moça e o moço abraçados debaixo do arvoredado.

Foi correndo avisar o fazendeiro.

O homem ficou uma fera.

Quando a menina voltou para casa, o pai, sem avisar nem explicar coisa

nenhuma, disse a ela que arrumasse as malas. Explicou que ela ia fazer uma viagem. Mandou a filha morar na casa de uma tia que vivia longe, do outro lado da montanha.

- Pensa que me enganam? – dizia o fazendeiro, com o charuto na boca.

Em seguida, mandou matar um bode velho, pegou um vestido da filha e encheu de sangue. Colocando o bode num caixão, mandou espalhar a notícia de que sua filha, voltando da escola, tinha sido atacada por uma onça e, infelizmente, tinha morrido.

Quando soube da notícia, o rapaz deu até risada.

- É mentira!

Mesmo assim foi correndo até a fazenda.

- Cadê a menina?

Encontrou o fazendeiro com um lenço na mão, fazendo cara de choro fingido.

- Tá tudo acabado! – disse ele rindo por dentro. – Minha filha, minha joia perfumosa, minha flor encantada morreu!

Mostrou o vestido da menina rasgado e cheio de sangue.

- Foi onça! – explicou o fazendeiro chorando.

O coração do rapaz parou de bater. Uma tontura veio que quase o derruba no chão. Acompanhou o enterro em silêncio. Nem chorar ele chorava. Só olhava o caixão. Imaginava que ali dentro estava o corpo da moça, quando ali só tinha um bode velho morto.

Depois do enterro, o rapaz saiu andando. Sua vontade era morrer afogado na lagoa. Sua vontade era cair do alto do precipício. Resolveu passar no caminho onde, diziam, a moça tinha sido atacada.

- Quem sabe a onça não me mata também e assim eu vou pra onde ela foi?

E o moço ficou doente. Parou de falar. Parou de comer. Deitado na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio. Um dia, saltou da cama:

- Chega! Vou sair pelo mundo! – disse ele. – Vou tentar começar tudo de novo!

Despediu-se dos pais, pediu a bênção e foi embora. Não conseguiria mais viver naquele lugar. Cada prédio, cada caminho, cada arvoredo, cada

paisagem trazia em sua cabeça a imagem perfumosa, doce e suave de sua querida Melancia.

Durante três anos inteiros, o moço viajou pelo mundo. Conheceu novas terras, teve vários empregos e acabou virando um negociante. Conseguiu ganhar muito dinheiro.

Um dia, sentiu saudade da família. Pensou na mãe. Pensou no pai. Achou que precisava voltar.

- Volto para matar a saudade da família mas fico só por uns dias. Não quero ficar lembrando da minha querida! – pensou ele com os olhos molhados.

Quando chegou, ficou espantado. Soube que a moça, a filha do fazendeiro, ia se casar.

- O quê? – gritou o moço. – Casar como se ela morreu?

- Morreu nada! – disseram as pessoas.

Só então, o moço ficou sabendo do truque do fazendeiro para afastar os dois.

Soube também que, depois de um ano na casa da tia, a moça voltou e seu pai mentiu de novo. Contou a ela que o moço tinha arranjado outra namorada, tinha casado e ido embora.

Quando soube disso, a moça também ficou doente. Também parou de falar. Também parou de comer. Deitada na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio.

O fazendeiro não ligava. Só tinha uma ideia na cabeça. Queria que a filha se casasse com o filho do dono da fazenda vizinha.

- Já imaginou? – pensava ele, fazendo as contas. – Os dois casam, têm filhos e assim nossa família vai ficar muito mais rica e mandar em toda a região!

E tanto falou, tanto disse, tanto insistiu, que a moça aceitou.

A vida para ela não tinha mais graça. Coco Verde tinha ido embora com outra. O resto para ela não interessava.

E foi assim, indiferente, que a moça aceitou se casar com o filho do vizinho.

Radiante, o fazendeiro mandou preparar uma festa de arromba.

Foi nessa época que Coco Verde voltou.

Cheio de dor e de raiva, o moço sentiu que precisava falar com Melancia de qualquer jeito. Sabia que se aparecesse na fazenda podia até ser morto. Pensou e pensou muito. No fim, chamou um amigo seu, um violeiro. Os dois combinaram um plano.

No dia do casamento, no meio da festa, a casa do fazendeiro cheia de gente, parentes, amigos e convidados, apareceu um homem a cavalo. Disse que era tocador de viola. Queria cantar em homenagem aos noivos. Todo mundo gostou da ideia.

As pessoas puxaram cadeiras e foram sentando. O violeiro afinou a viola e começou:

*Dá licença, minha gente
Vim aqui só pra cantar
Por favor, preste atenção
Peço para me escutar*

*Eu cheguei de muito longe
Pra tocar nessa festança
Trouxe o peito carregado
De certeza e esperança*

*Atravessei o sertão
Comi pedra e pó na estrada
Subi morro, cortei mato
Levou tempo e caminhada*

*Mas uma coisa eu garanto
Isso de qualquer maneira
Prometo que vou contar
Uma história verdadeira*

*Não se trata de mentira
Fantasia ou ficção
Vou falar da vida mesmo
Não tem nada de invenção*

*Era uma vez uma moça
Que gostava de um rapaz
Sem ele, ela não vivia
Sem ele, não tinha paz*

*Também pro moço a tal moça
Era a prenda mais querida
Era pedra preciosa
Era a luz da sua vida*

*la tudo muito bem
Mas o destino é cruel
Às vezes transforma em lama*

O que podia ser céu

*Acontece minha gente
Que o pai da moça era rico
Não gostava do rapaz
Nem daquele namorico*

*Queria que ela casasse
Com filho de fazendeiro
Gente rica, poderosa
Bolso cheio de dinheiro*

*E o pai da moça deu ordem
Proibiu o tal namoro
Pra ele uma coisa assim
Era até um desaforo*

*Então os dois começaram
A namorar escondido
Ninguém por ali sabia
Daquele amor proibido*

*E o tal amor que era grande
Ficou maior, foi mais fundo
Parecia minha gente
O maior amor do mundo*

*Pra ninguém desconfiar
Os dois bolaram um segredo
Criaram dois apelidos
Debaixo do arvoredado*

*Coco Verde e Melancia
Assim os dois se chamavam
Assim os dois se queriam
Assim os dois se adoravam*

*Vai um dia, o pai descobre
O tal namoro escondido
Ficou bravo, furioso
Ficou tão aborrecido*

*Que não quis saber de nada
Sem pensar no que fazia
Mandou a filha pra longe
Pra morar com sua tia*

*E de maldade, o safado
Espalhou pela cidade
Que a onça tinha atacado
Que a filha tinha morrido*

*Ao saber do acontecido
Coco Verde endoideceu
Pensou em tomar veneno*

Por pouco quase morreu

*Depois partiu pelo mundo
Foi procurar sua sorte
Foi lutar pra ser feliz
Não quis mais pensar na morte*

*Assim que o moço foi embora
A pai da moça depressa
Chamou a moça de volta
Disse: filha, escuta essa*

*Inventou que aquele moço
Tinha pegado outra estrada
Tinha partido contente
Ele e outra namorada*

*A menina ficou triste
Foi pra cama, adoeceu
Não queria mais viver
Por um triz que não morreu*

*Depois como estava só
Achou que era o momento
De escutar a voz do pai
E aceitar o casamento*

*O noivo era seu vizinho
O filho do fazendeiro
O pai da moça queria
O moço tinha dinheiro*

*E foi assim acertada
Uma festa pro casório
Teve missa, teve dança
Teve muito foguetório*

*Mas no meio da festança
Apareceu um cantor
Tinha ele uma mensagem
De certeza e de esperança*

*Falou de um tal Coco Verde
Falou de uma Melancia
Falou do amor que queimava
Dia e noite, noite e dia*

*Falou depois de um encontro
Debaixo de um arvoredado
Falou que era importante
Falou que era segredo*

*Explicou que Coco Verde
Precisava ver de novo
Conversar com Melancia*

E foi assim oh meu povo

*Ouvindo aquela mensagem
Melancia sem ter medo
Largou a festa no meio
Foi até o arvoredado*

*Coco Verde e Melancia
Cara a cara, frente a frente
Foi uma coisa bonita
Foi loucura minha gente*

*Os dois falaram da vida
Discutiram mil assuntos
Depois fizeram um acordo
Decidiram ficar juntos*

*Vou concluir essa história
Dizendo o que está na cara
Quando o amor é verdadeiro
Esse amor ninguém separa!*

Os convidados aplaudiram de pé. Acharam a história muito bonita. O fazendeiro ficou desconfiado. Seria coincidência? Sentiu que ali tinha coisa.

Ninguém notou mas, no meio da cantoria, a noiva desapareceu.

Montada num cavalo, vestida de noiva e tudo, a moça foi galopando até o arvoredado.

Ali, Coco Verde e Melancia se abraçaram, choraram e se beijaram.

Ali, Coco Verde e Melancia mataram a saudade.

Ali, Coco Verde e Melancia tomaram uma decisão.

Já estavam todos preocupados, quando a filha do fazendeiro apareceu e pediu a palavra. Disse que queria falar. Era importante. Tinha uma dúvida terrível. Precisava fazer uma pergunta. Era questão de vida e morte.

O pai fez cara feia.

O noivo estranhou:

- Questão de vida ou morte?

A filha do fazendeiro disse que sim. Contou uma longa história. Quando era pequena tinha ganhado de presente uma caixinha de veludo. Dentro dela, disse, tinha guardado bem guardadas as suas joias mais raras, seus segredos mais bonitos, seus sonhos mais preciosos.

Os convidados escutavam sem compreender o que estava acontecendo.

O noivo prestava atenção.

O fazendeiro coçava o queixo.

A moça continuou. Contou que certo dia, infelizmente, por azar, a chave da caixinha de veludo desapareceu. Disse que virou a casa de cabeça para baixo. Disse que não sabia o que fazer. No fim, continuou ela, desanimada, acabou mandando fazer outra chave que fosse capaz de abrir a caixinha de veludo.

A moça sorriu. Contou que mal a chave nova ficou pronta, foi passear e, de surpresa, debaixo de um arvoredor, encontrou, assim, sem querer, caída no chão, a chave velha.

E a moça falou mais alto:

- Gente! Preste atenção! Minha dúvida é essa! Quero e preciso da opinião de todos. O que é que eu faço? Que chave eu uso agora? A nova que acabei de mandar fazer e nem usei ainda, ou a velha, a primeira, a antiga, a original?

Os convidados caíram na risada.

- Que bobagem! – exclamou o noivo. – Que dúvida mais sem pé nem cabeça! A solução do problema é muito simples: o melhor é ficar com a chave velha mesmo!

- É claro! – concordou o pai. – Também acho! O lógico, o mais certo, é ficar com a chave velha.

- Afinal ela veio junto com a caixa de veludo – acrescentou alguém.

Todo mundo concordava.

A moça deu três pulos de alegria.

Foi sorrindo e falando ao mesmo tempo.

Contou de Coco Verde. Contou de seu amor antigo. Contou das mentiras de seu pai. Chorou. Contou que passou por um período de grande sofrimento. Pediu desculpas ao filho do fazendeiro. Disse que foi enganada pelo próprio pai. Confessou que seu grande amor era mesmo Coco Verde.

Mandou chamar o moço que estava escondido ouvindo tudo.

O fazendeiro ficou furioso mas dessa vez não teve jeito.

Ali mesmo, o padre anulou o primeiro casamento e casou Coco Verde e Melancia.

Quem foi à segunda festa

Aproveitou muito mais

A primeira foi bonita

Mas a outra foi demais!

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.

5 - A mulher do viajante

Era um jovem e rico viajante. Levava a vida com seu navio, de porto em porto, comprando, vendendo e fazendo negócios.

Numa viagem, certa vez, aconteceu que o céu ficou escuro. Depois trovejou. Veio a tempestade. A água jorrava feito cachoeira. O vento rosnava. As ondas vinham querendo quebrar tudo.

Assustado, o viajante fez uma promessa. Jurou que, se escapasse do vendaval com vida, casava com a moça mais pobre do lugar em que conseguisse desembarcar.

O navio rachou ao meio e afundou. Agarrado num pedaço de madeira, o jovem viajante ficou três dias e três noites navegando sem rumo até que chegou num porto.

Em terra firme, o moço decidiu que, antes de mais nada, precisava cumprir sua promessa. Acreditava que, graças a ela, tinha conseguido sobreviver.

Saiu andando, procurando e perguntando. Queria saber quem era a moça mais pobre do lugar. Anda daqui, pergunta dali, acabou ouvindo falar de uma lavadeira. Morava num barraco afastado da cidade. A lavadeira era viúva e tinha uma filha.

O viajante foi até lá, bateu na porta, apresentou-se e conversou com a mãe da moça. Contou, com sinceridade, tudo que havia acontecido. Cheia de surpresa, a lavadeira chamou a filha.

Para sorte do viajante, era uma jovem muito bonita. Na verdade, era uma das moças mais luminosas, inteligentes e alegres que o moço já tinha visto.

Um mês depois os dois se casaram.

Quanto mais o tempo passava, mais o jovem viajante comemorava. Que sorte a sua! Que mulher boa ele tinha! Que pessoa delicada e feminina! Como era inteligente, criativa e bem humorada!

Mas o destino é um caminho que ninguém espera.

Meses depois, o jovem negociante precisou fazer uma viagem. Despediu-se da esposa e, com dor no coração, partiu com um amigo, negociante como ele.

Durante a viagem, os dois conversaram. O viajante falou de sua mulher. Descreveu sua beleza e graça. Contou que sentia muita saudade.

- Além de ser linda - completou o viajante apaixonado - , ela é honesta e incapaz de mentir.

O outro fez um muxoxo.

- Essa não! Você confia nela tanto assim?

E o amigo do viajante deu risada. Disse que ninguém merecia tanta confiança. Disse que todo mundo podia mentir.

- O que sua mulher deu a você de presente no dia do casamento? - perguntou o amigo ao viajante.

- Uma caixinha de veludo com um retrato, uma carta e um anel que ela tinha ganhado do pai.

E o outro lançou um desafio:

- Aposto que ela dá a caixinha de veludo para mim!

O jovem viajante ficou ofendido.

- Aposto que não!

Ficou combinado e apostado. Se a mulher desce para o amigo a caixa de veludo, o viajante entregaria a ele todos os seus navios. Caso contrário, o outro faria a mesma coisa.

Trato feito, o amigo arranhou outro barco, voltou e foi direto até a casa onde o viajante morava.

Chegou no fim da tarde. Encontrou a casa fechada, com todas as portas e janelas trancadas. No dia seguinte, foi a mesma coisa.

No terceiro dia, viu uma velha andando na rua. A mulher estava se dirigindo à casa de portas e janelas trancadas.

O amigo do viajante chamou a velha. Fez perguntas. Descobriu que a tal mulher trabalhava ali como criada. Fez

uma proposta. Pediu a ela que fosse na ponta do pé e roubasse a caixinha de veludo que a dona da casa tinha dado ao marido no dia do casamento. Em troca, prometeu dar a ela muito dinheiro.

Ao ouvir falar em dinheiro, a velha criada ficou interessada. Pensou, calculou, repensou e, traiçoeira, acabou aceitando.

A mulher do viajante guardava a caixinha de veludo escondida no fundo do armário. Foi fácil encontrar.

No dia seguinte, na hora marcada, a velha entregou um embrulho e em troca ganhou um saco de dinheiro.

Com a caixinha de veludo na mão, o amigo, que de amigo não tinha nada, partiu à procura do jovem viajante. Encontrou-o no caminho de volta, ancorado no porto de um país vizinho.

Ao ver o presente de sua mulher nas mãos de seu amigo, o jovem viajante chorou.

Depois, reconheceu que estava errado, deu ao outro todos os seus navios e voltou para casa.

Chegou de cara fechada. Nem cumprimentar a mulher cumprimentou. Só mandou que ela arrumasse a mala. Disse que os dois precisavam fazer uma viagem. Partiram naquela mesma noite numa carruagem negra.

A mulher não entendia o que estava acontecendo. Tentou conversar. Pediu explicações. Tentou pegar a mão do marido. Disse que estava com saudade. O viajante dirigia a carruagem com olhos retos, sem dizer uma única palavra.

Foi uma viagem de desencontro, desatino e incompreensão.

Parando num lugar distante e deserto, o viajante mandou a mulher saltar com a mala. Em seguida, gritou, chicoteou os cavalos e desapareceu na poeira invisível da escuridão.

Sozinha no mundo, a linda jovem não sabia o que pensar. Achou que estava ficando louca. Imaginou que estava confundindo vida e pesadelo. Teria ela um dia se casado? Teria ela sido um dia tão feliz? Ou tudo era sonho e fantasia sem sentido?

A noite ficava cada vez mais fria.

Deitada no chão, a moça chorou tanto que acabou dormindo.

Acordou, mais tarde, ouvindo risadas e gritos. Enxergando uma luz de fogueira no meio da escuridão, resolveu ir se esgueirando para ver o que estava acontecendo.

Era uma reunião de bruxas.

Um bando de mulheres, vestidas de preto, ria, batucava e gargalhava, fumando enormes charutos.

A pobre moça quase não conseguia respirar de tanto medo. E se as bruxas a descobrissem ali? E se as bruxas achessem que ela estava espionando?

Uma das bruxas falava alto. Estava contando um caso:

- ...aí, eu fiquei invisível, entrei no palácio do rei e fiz a rainha ficar doente – disse ela com voz malvada. – Agora a rainha não fala, não come, não bebe, nem abre os olhos. A desgraçada está mais morta do que viva. Não dou três dias para ela esticar as canelas.

As outras comemoravam a notícia dando gargalhadas e tomando cachaça.

- Como você conseguiu? – perguntou admirada, uma bruxa mais moça.

- Fácil! – respondeu a outra. – Coloquei um feitiço dentro de um sapo morto e seco, depois escondi o bicho no travesseiro da rainha. Sabe quando vão descobrir a causa da doença dela?

- Nunca! – gritava a bruxarada batendo palmas encantada.

A mulher do viajante ficou pensando. Agora, seu único objetivo na vida era descobrir por que tinha sido abandonada pelo marido. Teve uma ideia. Ajudar a tal rainha, talvez fosse o caminho para conseguir se reencontrar na vida e aí partir para descobrir por que o marido tinha feito o que fez.

Encolhida no mato, a moça ficou esperando o dia raiar. Assim que as bruxas foram embora, pegou a estrada e foi procurar o palácio da rainha.

No caminho, encontrou uma pastora tomando conta do rebanho. Ofereceu seu lindo vestido de veludo em troca das roupas simples da moça. A pastora aceitou na hora. A mulher do viajante achou que assim, vestida como

uma pessoa comum, vestida como gente do povo, chamaria menos atenção.

E assim chegou na cidade. Descobriu que, por lá, o grande assunto era a doença da rainha.

O povo andava preocupado. Diziam de tudo. Que a rainha tinha sido picada por uma mosca rara. Que a rainha sentia uma tristeza profunda e incompreensível. Que aquilo era doença de família.

Cada um dizia uma coisa.

Médicos e sábio já tinham sido chamados. Ninguém sabia o que fazer.

O rei, desesperado, oferecia sete sacos de moedas de ouro para quem conseguisse curar sua esposa.

A mulher do viajante ficou animada. Precisava de dinheiro para poder recomeçar a vida.

Foi logo ao castelo e mandou dizer que podia salvar a rainha. O rei mandou chama-la imediatamente.

Entrando no quarto real, a moça pediu para ficar a sós com a doente. Assim que as portas se fecharam, correu, pegou o travesseiro e queimou ali mesmo.

Um cheiro de veneno, maldade e enxofre tomou conta do ar.

Quando a moça abriu a janela para a fumaça sair, a rainha já estava sentada na cama.

A alegria foi geral. O rei dançava de contentamento. Deu sete sacos cheios de ouro para a moça e ainda fez um pedido: queria que ela agora morasse no palácio e fosse dama de companhia da rainha.

Sem ter para onde ir, a moça achou melhor aceitar.

Não demorou muito tempo, uma nova praga cresceu tomando conta do reino.

Era uma epidemia rara e desconhecida. As pessoas adoentadas primeiro começavam a trabalhar cada vez menos. Depois, sentiam muito cansaço, ficavam sem ânimo para fazer nada e acabavam indo para o hospital. Era tanta gente, mas tanta gente doente, que no hospital não cabia mais ninguém.

Preocupado, pois o assunto era de saúde pública, o rei teve uma ideia. Mandou chamar a mulher do viajante.

- Você conseguir curar a rainha – disse ele. – Agora quero que cure essa doença rara que está dando no povo.

Sem saber o que fazer, a moça resolveu visitar o hospital. Encontrou um ambiente bem animado, com muitos doentes conversando e dando risada. Alguns jogavam baralho. Outros tocavam viola. Descobriu que naquele reino quem ficava doente era sustentado pelo rei.

A mulher do viajante resolveu fazer uma experiência.

Chegou no meio do corredor e gritou bem alto para todo o mundo ouvir.

- A coisa está muito séria. Essa doença é muito grave. O jeito é fazer o seguinte. A gente mata metade dos doentes, tira seu sangue e dá para os que sobrarem. Assim, pelo menos, metade do povo tem chance de ficar curado!

- E o resto? – perguntou um doente.

- O resto a gente enterra no cemitério!

Cabeças assustadas levantaram-se na cama. Cemitério? O silêncio caiu no hospital como um banho de água fria. A moça continuou.

- Sei que vai ser um pouco sacrificado mas não faz mal. A causa é justa. Desse jeito, metade da população vai sobreviver!

A ideia da mulher do viajante funcionou como um remédio poderoso. A maioria dos doentes saltou da cama na hora. Todos diziam a mesma coisa: “Milagre! Estou me sentindo muito melhor!”. “Não sei o que aconteceu, mas de repente fiquei ótimo!”. “Puxa, estou novo em folha!”.

Assim, em pouco tempo, o hospital ficou vazio. Os poucos que ficaram, os doentes de verdade, puderam ser tratados direito e, no fim, entre mortos e feridos salvaram-se todos.

Quando soube do acontecido, o rei quis saber que doença era aquela.

- Preguicite aguda – respondeu a moça rindo.

O rei ficou encantado. Deu mais sete sacos de dinheiro para a moça e ainda perguntou se ela tinha algum desejo.

- Tenho sim – respondeu ela. – Mas fico até sem jeito de pedir.

- Diga o que é!

- Quero ser nomeada juiz no reino vizinho.

O rei achou que não tinha escutado direito:

- Juíza?

A moça balançou a cabeça:

- Quero ser juiz mesmo!

O rei não quis saber os motivos daquele estranho pedido. Apenas assinou umas cartas e desejou a ela muito boa sorte na vida.

Então, a moça bonita, a mulher do viajante, procurou um alfaiate, mandou fazer roupas de homem, cortou os lindos cabelos, arrumou as malas e foi ser juiz no reino vizinho. O mesmo reino onde antes ela havia morado com seu marido.

Durante mais de três anos, a moça. Vestida de homem, trabalhou como juiz, resolvendo casos, esclarecendo crimes e sempre fazendo justiça,

Com o tempo, ficou famosa pois era muito justa e de pulso firme. Inocentes eram sempre protegidos. Culpados eram severamente castigados.

Ninguém imaginava que aquele juiz fosse uma linda mulher.

Um dia, numa sessão, apareceu uma senhora idosa. Vinha muito triste e chorosa. Era sua própria mãe. A mulher do viajante, fantasiada de homem, ficou firme, conteve sua emoção e não revelou sua verdadeira identidade.

A pobre mulher parecia desesperada.

- Quero justiça – disse ela com ar revoltado. – Tinha uma filha maravilhosa e querida. Ela era tudo pra mim. Éramos pobres mas vivíamos muito felizes.

E a mulher contou a história do viajante. Falou no casamento. Na alegria do casal. Na viagem do marido, na volta, no comportamento estranho do genro e em tudo o que aconteceu.

- Nunca mais vi minha filha – disse a mulher. – Aquele desgraçado sumiu com ela!

O juiz que era mulher perguntou:

- E a senhora sabe onde anda o marido de sua filha?

A boa mulher disse que sim. Contou que ele morava na cidade. Disse ainda que ele agora vivia mergulhado numa tristeza profunda, não tinha amigos

e, afastado de tudo, não queria saber de conversa com ninguém.

O juiz encerrou a sessão:

- Por enquanto, a senhora pode ir em paz. Vou ver o que posso fazer no seu caso!

Em seguida, mandou convocar o próprio marido.

Ao ver o ex-marido, a mulher do viajante teve que esconder as lágrimas. O coitado apareceu magro, encolhido e trêmulo.

O juiz falou grosso. Contou que havia recebido uma queixa contra ele. Disse que era da mãe de sua mulher.

O viajante baixou a cabeça. Revelou sua história. Descreveu o naufrágio. Explicou seu medo de morrer e sua promessa. Falou de uma linda moça, filha de uma lavadeira. Contou do casamento e do grande amor que sentia.

Começou a chorar.

Confessou que, durante uma viagem fez uma aposta com um amigo e descobriu que sua mulher era uma traidora.

- Ela deu ao meu amigo a caixinha de veludo que era só minha, presente de casamento!

O juiz que era uma moça bonita não conseguiu se conter:

- Mas o senhor tem certeza disso? O senhor chamou sua mulher para conversar? Pediu explicações? Tentou esclarecer as coisas com ela?

O viajante escondeu a cabeça com as mãos.

- É verdade! – soluçou ele. – devia ter feito isso. Mas naquele momento, minha mágoa era muito grande. Sentia-me humilhado e traído. Só queria me ver livre dela. Confesso que sou culpado. Mereço ser preso. Abandonei minha mulher num lugar muito perigoso. Infelizmente, a essas alturas, ela deve ter sido atacada por algum animal selvagem.

O juiz respirou fundo e encerrou a sessão:

- Por enquanto, o senhor pode ir para casa, mas aguarde uma nova convocação.

Mal o viajante saiu da sala, a moça fantasiada de juiz mandou convocar o amigo do viajante.

O sujeito apareceu no tribunal com o rosto assustado.

O juiz, com voz severa, disse que ele estava sendo chamado como testemunha de acusação. Em seguida falou no depoimento do viajante.

Interrogado, o sujeito acabou confessando a mentira. Contou que tinha conseguido a caixinha de veludo através de uma criada e não das mãos da esposa do viajante. Eu risada. Balançou os ombros. Disse que não tinha remorsos.

- Apostei que conseguia a caixinha e consegui!

O juiz deu um soco na mesa.

- Mas conseguiu através de uma mentira!

Mandou o homem sair imediatamente do tribunal e convocou a criada.

A mulher apareceu na sala toda bem vestida. Tinha mudado muito de vida. Agora era uma pessoa rica.

Ao ser perguntada, no começo negou, mas acabou confessando que, de fato, tinha dado a caixinha de veludo ao amigo do patrão.

- Ele me ofereceu muito dinheiro! – justificou-se ela. – Era uma caixinha de veludo comum. Aquilo não valia nada!

O juiz deu ordem para a mulher sair e ficou pensando.

No outro dia, mandou convocar todo mundo: a mãe da moça desaparecida, que na verdade era o próprio juiz, o marido da moça, o amigo do marido e a criada.

Diante de todos, abriu a sessão. Contou que uma velha mulher havia feito uma queixa sobre o desaparecimento de sua filha. Explicou que o marido acusado, ali presente, foi convocado e acabou confessando que realmente tinha abandonado a esposa num lugar deserto e perigoso. Segundo ele, disse o juiz, tinha feito uma aposta com um amigo e descobrira que sua mulher o havia traído.

- Minha filha não fez isso! – gritou a mãe da moça indignada.

O falso juiz continuou. Contou que convocou o amigo da aposta e este reconheceu que havia mentido. Tinha conseguido a caixinha de veludo com uma criada.

Ao ouvir isso, o viajante ficou de pé.

Batendo o martelo na mesa, o juiz prosseguiu.

Contou que havia convocado a criada. Em seu depoimento, a mulher confessou que, sem que a patroa soubesse, tinha tirado a caixinha de veludo do armário e dado para o amigo do viajante em troca de muito dinheiro.

- Desgraçado! – gritou o viajante para o amigo.

O juiz de saias bateu o martelo três vezes. Em seguida, com voz firme, deu o veredito:

- Condono a criada a devolver o dinheiro que ganhou e a ser expulsa deste reino para sempre! Condono o falso amigo a dar de volta ao viajante tudo o que recebeu!

Depois, chamou os guardas e mandou jogar o mentiroso no fundo da masmorra.

Foi quando o viajante começou a falar alto:

- Juiz, pode mandar me matar. Pode me mandar para a forca! Sou o culpado. Como pude fazer isso: acreditar nesse safado e não em minha mulher?

O homem soluçava.

- Larguei minha querida esposa no meio do mato. Mereço morrer!

- E eu perdi minha filha! – gemeu a mãe em prantos.

O juiz não titubeou:

- Ordeno que a mãe da moça desaparecida compareça à minha residência hoje à tarde. Convoco o viajante a também ir a minha casa mais à noite.

Disse que tinha feito investigações. Disse que tinha notícias importantes a dar.

Não é preciso dizer que aquilo foi um dia e tanto.

Ao descobrir que o juiz era sua própria filha, a velha senhora caiu de joelhos. Depois agarrou, abraçou e beijou a filha.

A moça contou à mãe suas aventuras e tudo o que aconteceu.

A noite chegou. A moça vestiu de novo as roupas de juiz.

O viajante chegou.

Na frente do marido, a moça arrancou as roupas de juiz. Gritou. Berrou.

Acusou. Xingou. Chorou. Os dois choraram. O marido pediu perdão. A moça custou mas, no fim, perdoou.

Dizem que mais tarde houve uma das festas mais lindas do mundo, cheia de alegria, danças, bebidas e comidas deliciosas.

*Até eu fui convidado
Passei lá a noite inteira
Por isso, gente, eu garanto
Essa história é verdadeira!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 54-67

6- Os onze cisnes da princesa

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.

Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.

Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.

A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.

Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.

Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.

Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.

Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.

Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.

Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.

A pobre menina, inocente, aceitou.

A rainha bruxa chamou três sapos.

Disse ao primeiro:

- Quanto a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo!

A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstro não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou mas, com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um

mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pelo grossa. A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.

- Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia

seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

- Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada -, a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrasta esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado.

Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha menina: costurar casquinhos de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.

O rei não quis acreditar mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar.

A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito:

- Agora já posso falar!

O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher.

E andou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

*Só quem foi esteve lá
Quem não foi, deixou de ir
Quem gostou achou legal
Quem não gostou, se deu mal!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

7 - O filho do ferreiro e a moça invisível

Era um reino longe daqui. Ficava depois das montanhas, das florestas e dos mares distantes. O rei, a rainha e o

povo do lugar vivam tristes por que a princesa, a filha do rei, a menina linda como as fores do campo, havia desaparecido.

Um dia, um buraco negro apareceu no chão ninguém sabe como nem por quê.

O rei ficou zangado. Mandou fechar, mas aquele buraco ninguém fechava.

Não adiantou chamar pedreiros e engenheiros. Não adiantou chamar soldados e generais. Não adiantou chamar nem sábios nem feiticeiros.

As pessoas trabalhavam, lutavam, suavam, colocavam pedra, madeira, ferro e cimento mas no dia seguinte o buraco escuro estava lá aberto de novo.

Mas o pior não era isso. Aquele buraco era muito perigoso. As pessoas que tinham coragem de entrar nele nunca mais voltaram.

Um dia, o filho do ferreiro, um moço alegre e brincalhão, conversando com os amigos, disse de brincadeira, para contar vantagem, que não tinha medo de entrar no buraco.

A conversa, infelizmente, chegou aos ouvidos do rei.

O jovem foi convocado a ir imediatamente ao palácio real.

- Soube que você não tem medo de entrar no buraco escuro que ninguém fecha! – disse o rei.

O moço explicou que tinha falado assim por falar.

O monarca não quis saber de conversa.

- Se falou, vai ter de provar! Ou entra no buraco e conta o que tem lá dentro ou vai pra força!

Sem saída, o filho do ferreiro prometeu que ia tentar.

Partiu, no dia seguinte, com uma sacola nas costas e um pedaço de pau grosso.

Entrou no buraco, respirou fundo e foi descendo.

Desceu, desceu, desceu e acabou encontrando uma estrada.

Foi, foi, foi e acabou encontrando um castelo.

O castelo era muito bonito. O filho do ferreiro bateu palmas. Gritou: - Ó de

casa – ninguém apareceu. Como a porta estava aberta, o moço resolveu entrar.

Encontrou uma sala cheia de instrumentos musicais. O moço gostava muito de música. Ficou por ali por um bom tempo tocando e experimentando os vários instrumentos.

Foi para outra sala. Era uma biblioteca imensa. O moço nunca tinha visto tanto livro em sua vida. Como gostava de ler, pegou um deles, sentou-se numa poltrona e ficou por ali um bom tempo lendo.

Mais tarde, sentiu fome.

Saiu andando pelos corredores. Escutou passos. Tomou um susto. Viu dois sapatinhos amarelos passando por um corredor.

O moço sentiu medo mas foi atrás dos sapatinhos.

Encontrou uma sala de jantar com mesa posta, comidas e bebidas deliciosas.

O filho do ferreiro estava morto de fome. Sentou, comeu e bebeu até ficar saciado.

Quando a noite chegou, ouviu passos de novo. Viu os sapatinhos amarelos passando apressados. Foi atrás. Encontrou um quarto muito confortável com cama feita, roupas e água para o banho. O rapaz tomou banho, colocou a roupa limpa e foi dormir.

Assim que apagou a luz, escutou um ruído. Eram os passos, outra vez. Percebeu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois, alguém, uma pessoa, deitou-se ao seu lado na cama.

Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Como estava cansado, acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que passavam para lá e para cá eram azuis.

O filho do ferreiro tocou música, leu, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu mesmo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou

uma mão pequena e quentinha. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer, o moço largou a mão depressa. Como estava cansado, virou para o outro lado e acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que ficavam para lá e para cá eram vermelhos.

O filho do ferreiro tocou música, leu, almoçou, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou uma mão pequena e quentinha. Tinha certeza. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer o moço resolveu puxar assunto.

Moço e moça conversaram um tempão. A noite inteira. A moça contou que era invisível. Que estava encantada, prisioneira naquele castelo. O moço também falou de sua vida. Lamentou sua mania de contar vantagem. Contou das ordens do rei e do buraco escuro. Os dois falaram sobre o que achavam e sobre o que não achavam. Falaram sobre o que gostavam e não gostavam. Falaram sobre as coisas da vida. Conversa vai, conversa vem, o filho do ferreiro e a moça invisível começaram a namorar.

Passou um tempo, o moço disse que precisava voltar. Estava preocupado. Tinha prometido dar uma notícia ao rei e, além disso, sentia saudade da família.

A moça invisível ficou triste. Disse que estava gostando do moço cada vez mais. No fim, aceitou mas fez um pedido:

- Leva essas três rosas e entrega ao rei. Mas não conte nada a ninguém. Prometa não falar do castelo nem nunca, de jeito nenhum, diga que me viu.

A moça encantada continuou:

- Fique sempre atento. Quando der meia-noite, um cavalo vai aparecer para buscar você. O cavalo vai relinchar chamando. Venha assim que escutar a voz do cavalo. Não deixe o bicho relinchar três vezes senão tudo estará perdido!

O moço não compreendeu bem mas aceitou e prometeu tudo.

Ele também estava gostando cada vez mais da moça invisível.

No dia seguinte, pegou um cavalo branco muito bonito e foi embora.

O rei ficou feliz da vida quando viu o filho do ferreiro entrando no palácio. Estava curioso. Quis saber, afinal, o que havia no fundo do buraco escuro. Fez questão de ouvir todos os detalhes. O moço cumpriu a promessa. Desconversou. O rei percebeu e não gostou:

- Ou prova que esteve no buraco escuro ou vai pra forca!

O moço deu as três rosas ao rei. Eram rosas lindas e impossíveis. Aquelas flores não existiam em lugar nenhum do mundo inteiro.

O rei ficou convencido de que o moço tinha entrado mesmo no buraco escuro.

Em seguida, o filho do ferreiro pediu licença. Disse que queria visitar seus pais.

Quantos abraços. Quanta saudade. Quantos beijos. A mãe do moço preparou um jantar especial e a família ficou conversando até tarde.

Quando deu meia-noite, um cavalo relinchou lá fora.

O moço avisou que estava na hora de partir.

A mãe não queria:

- Fique mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinchou pela segunda vez.

O moço disse que precisava partir.

A mãe não queria:

- Fique só mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinchou pela terceira vez.

Apressado, o moço pegou a sacola, abraçou e beijou os pais e saiu correndo.

Encontrou o cavalo branco enterrado no chão só com a cabeça de fora.

O filho do ferreiro pegou uma pá, desenterrou o animal, montou e saiu galopando.

Tarde demais! Quando chegou no castelo do fundo do buraco escuro,

escutou uma voz tristonha. Era a voz da moça invisível:

- Ah, malvado! Ah, bandido! Ah, ingrato! Você se esqueceu de mim! Agora fico encantada mais sete anos!

E então tudo explodiu: castelo, sala de música, biblioteca, comidas deliciosas e vida gostosa.

O filho do ferreiro desmaiou de susto. Quando acordou, estava com sua sacola e seu pedaço de pau sozinho num lugar desconhecido.

Como não tinha outro jeito, resolveu sair andando.

Andou três dias e três noites.

No quarto dia, encontrou um velho sentado debaixo de uma árvore.

Ao vê-lo, o velho ficou assustado e saiu correndo.

O filho do ferreiro correu atrás dele.

Mas como o tal velho corria!

E subiu morro e desceu morro e atravessou campina e entrou na mata e saiu da mata e subiu ladeira e desceu ladeira, e foi e foi e foi!

O filho do ferreiro era jovem e forte mas quase não estava aguentando mais tanta correria. Por sorte, o velho também acabou ficando cansado.

Os dois pararam na beira de uma lagoa para matar a sede e descansar.

Começaram a conversar.

O moço, ainda bufando, contou sua vida. Disse que estava procurando uma moça invisível. Explicou que ela era encantada.

O velho, ainda bufando, deu risada.

- Moça invisível? Essa você não acha nunca mais!

O moço insistiu. Disse que queria porque queria porque queria! Chorou. Confessou que gostava muito da moça. Estava arrependido. Por causa de um descuido, conversando com a família, tinha atrapalhado a vida da moça.

O velho ficou com pena do rapaz. Contou que talvez pudesse ajudar.

- Vai ser difícil – avisou ele. – Acho até que é impossível!

Deu um arco e várias flechas para o moço. Mandou treinar pontaria. Disse que dali a um ano ele voltava.

O filho do ferreiro não sabia nem pegar no arco. Começou a treinar. Passou um ano inteiro treinando, treinando, treinando.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar o ovo!

O moço atirou mas a flecha passou longe.

O velho balançou a cabeça. Aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço atirou, a flecha passou perto mas não acertou.

O velho balançou a cabeça. Disse que era melhor desistir. O filho do ferreiro gritou:

- Eu não!

Então, o velho aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou. E quando estava cansado treinava mais e mais. Passou o ano inteiro assim.

Mais uma vez, o velho apareceu. Mais uma vez, pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço prendeu a respiração e atirou. A flecha acertou o ovo bem no meio.

- Agora sim! – exclamou o velho, sorridente. E ensinou:

- Amanhã cedo, pegue seu arco e fique escondido atrás daquela moita perto da lagoa. Um bando de garças brancas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Um bando de garças cinzentas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Mas atenção. Depois, um bando de garças negras vai aparecer.

O velho mandou o moço pegar o arco e ficar atento. Entre as garças negras haveria uma especial. Era a mais linda. Tinha jeito delicado. Usava um colar no

pescoço. Preso no colar, tinha um coraçõzinho de ouro do tamanho de um grão de feijão.

- Espere as garças beberem água. Quando elas levantarem voo para continuar a viagem, atire a flecha no coraçõzinho de ouro do tamanho de um grão de feijão preso naquele colar! Boa sorte!

O rosto do velho ficou sério:

- Mas tome cuidado! Se você errar e acertar na garça, o bicho morre! – disse isso e desapareceu no ar.

O dia seguinte amanheceu com o rapaz escondido atrás da moita perto da lagoa.

Vieram as garças brancas. Vieram as garças cinzentas. Vieram as garças negras. Uma delas era muito mais linda. Tinha um jeito doce e feminino. Após matarem a sede, os pássaros levantaram voo. Então, o moço prendeu a respiração, fez pontaria e atirou a flecha.

A terra inteira estremeceu. As nuvens começaram a girar no céu. Um arco-íris nasceu do nada. O vento passou derrubando árvores. Um estrondo. O filho do ferreiro desmaiou.

Acordou com a cabeça deitada no colo de uma moça muito linda. Quando a moça falou, o filho do ferreiro reconheceu aquela voz. Era ela. A moça invisível.

A linda menina contou sua história. Era a filha do rei que um dia havia desaparecido.

O moço sentiu duas mãos pequenas e quentinhas segurando as suas:

- Graças a você, estou livre para sempre! – disse ela sorrindo e chorando.

O casal de namorados pegou o cavalo branco, saiu do buraco escuro e foi viver sua vida.

Ao ver a filha, o rei por pouco não morreu de alegria. Saiu dançando com a rainha pelo palácio. Mandou dar uma festa tão bonita que até hoje quem foi não esquece.

Minha gente eu vou-me embora

É hora de terminar

Vamos ver quem tem agora

Outra história pra contar!

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 80-89

8 - Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza

Era um homem muito pobre. Vivia trabalhando duro na terra, cortando árvores para fazer lenha, capinando mato, roçando e tentando plantar. Dinheiro que é bom, infelizmente, ele ganhava muito pouco.

Um dia, como sempre, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, despediu-se da mulher, pegou a enxada e foi para a roça.

Aquele dia, estava preparando a terra para depois plantar. O trabalho era duro. O homem cavucava. O homem suave. De repente, sentiu duas figuras perto dele. Eram duas mulheres muito bonitas e bem vestidas.

O camponês tomou um susto. Como aquelas duas surgidas do nada tinham ido parar naquele fim de mundo? O que é que duas mulheres ricas estavam fazendo ali àquela hora da manhã? Só se fosse assombração! Com medo, e meio sem saber o que fazer, o homem achou melhor tirar o chapéu e cumprimentar as recém-chegadas.

Uma delas aproximou-se.

- Bom dia, amigo – disse ela toda risonha. – Eu e minha irmã estávamos assistindo você trabalhar. Que trabalho duro, hein? Você é muito esforçado. Trabalhando aí desde cedo?

- Desde antes do galo cantar – respondeu o homem, desconfiado.

- Trabalhando desse jeito, o senhor deve ganhar um bom dinheiro!

- Dinheiro? – O homem até deu risada. – Quem sou eu dona? Trabalho muito, isso é verdade, mas dinheiro é a coisa que mais me falta!

A outra moça entrou na conversa. Parecia espantada:

- Mas então isso é uma injustiça!

O homem sacudiu os ombros.

- Se é justo ou injusto isso eu não sei. Sei que faço a minha parte. Acordo todo dia cedinho e trabalho, trabalho, trabalho. – O homem suspirou. – Quem sabe um dia eu consiga mudar de vida.

As duas irmãs gostaram do jeito do homem.

A primeira resolver se apresentar:

- Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte. Quase sempre andamos juntas por esse mundo afora. Hoje, por acaso, passamos aqui por perto, vimos seu trabalho, assistimos sua luta e, pelo menos da minha parte, senti vontade de ajudar.

O homem olhava as duas lindas mulheres com medo de tentar compreender. Riqueza? Boa-Sorte?

A Riqueza continuou:

- Tenho uma boa notícia. O seu caso é muito simples. Eu mesma, sozinha, vou poder ajudar.

A outra moça estranhou:

- Como assim? E eu? Você vai querer ajudar o homem sem contar comigo?

- Ele não vai precisar de sorte – explicou a Riqueza sorrindo. – É questão de arranjar um pouco de dinheiro. Só isso vai fazer a vida dele mudar.

- Mas olha só! – exclamou a Boa-Sorte. – Quer dizer que você acha que dinheiro resolve tudo?

A Riqueza respondeu:

- Deixa comigo!

Os olhos do homem brilhavam cheios de perguntas.

- Essa eu quero ver! – disse a Boa-Sorte balançando os ombros.

A Riqueza chamou o homem e deu a ele uma moeda de prata.

- Isso é só o começo. Vá até a cidade. Compre carne e vinho para a sua família. Depois a gente conversa.

O homem agradeceu muito. Montou no burro e saiu trotando com a moeda de prata na mão. Não lembrava de ter tido tanto dinheiro assim antes. Tudo o que ganhava eram umas poucas moedas de cobre. Isso num mês inteiro de trabalho!

O homem trotava pensando na surpresa de chegar em casa cheio de carne, pão e vinho. Imaginava o sorriso da mulher. Imaginava os três filhos pequenos dançando de alegria.

Infelizmente, a loja aquele dia estava muito movimentada. O homem fez o pedido e pagou; mas na hora de entregar, o dono da venda se confundiu, ficou atrapalhado e acabou dando a mercadoria para outro freguês. O pobre

homem reclamou. Disse que a carne, o pão e o vinho eram dele.

Todos ali sabiam que ele era pobre. Todos ali sabiam que ele não tinha nada quanto mais uma moeda de prata!

O camponês acabou sendo expulso da mercearia. Faltou pouco para o dono da loja não chamar a polícia.

Confuso, voltou para casa de mãos abanando. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem da conversa com as duas moças nem da moeda de prata.

No outro dia, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou a enxada e foi para a roça.

Estava capinando quando de repente duas lindas mulheres apareceram no ar.

Ao saber do que tinha acontecido, a Boa-Sorte escondeu um sorriso. A Riqueza, sua irmã, ficou indignada.

- Onde já se viu uma coisa dessas! – gritou ela.

Dessa vez, a moça não fez por menos. Chamou o homem, pediu desculpas e deu a ela dez moedas de ouro.

- Agora você acerta sua vida! – disse ela cheia de confiança.

O homem beijou as mãos da mulher. Montou no burro e saiu dali todo contente. Dez moedas de ouro era dinheiro demais. Com dez moedas de ouro dava até para ele comprar uma casa nova e ainda ficar um bom tempo sem trabalhar.

Logo que chegou na cidade, cruzou com uma patrulha. A polícia estava investigando um assalto. Pediram para o homem abrir o saco. Ao descobrirem as dez moedas de ouro, não tiveram dúvida.

- É ele mesmo! – disse o delegado. – Tá na cara! Safado! Onde já se viu um homem pobre, que não tem onde cair morto, arranjar tanto dinheiro assim? Só roubando mesmo!

Não adiantaram explicações, juras, nem nada. Por sorte, quando o pelotão estava levando o infeliz para a prisão, começou uma briga feia na praça. Teve até gente dando tiro. A polícia teve de intervir. Aproveitando a confusão, o homem conseguiu fugir.

Ao ver o prisioneiro correndo, o delegado gritou:

- Eu te conheço, safado, vagabundo! Sei onde você mora! Pode deixar que eu te pego, desgramado!

Confuso, o camponês voltou para a casa com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, muito menos, das dez moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir de medo e preocupação.

No outro dia, o homem acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou a enxada e foi para a roça.

De novo, encontrou as duas irmãs. Surgiram voando no céu. A Riqueza já chegou fazendo cara feia e perguntando:

- Ué! O que está fazendo aí, homem de Deus! Cadê as dez moedas de ouro?

O homem reclamou. Disse que quase tinha sido preso.

A Boa-Sorte fingiu que estava olhando para o outro lado.

A Riqueza ficou inconformada.

- Mas isso é uma pouca vergonha! Que tremenda injustiça! Prender uma pessoa só porque é pobre!

Aí perdeu a paciência:

- Para mim chega!

Deu ao homem um saco cheio de moedas de ouro.

O sujeito ficou até mio tonto. Um saco de ouro! Um saco de moedas de ouro só para ele!

Até lágrima apareceu nos olhos do homem. Com um saco de ouro ele agora era um homem rico e independente.

Mas a Riqueza não ficou só nisso. Transformou o burro velho do homem num lindo cavalo branco, com arreio e tudo. E ainda deu a ele roupas novas.

- Isso é pra ninguém achar que você é pobre.

O homem nunca tinha tido um cavalo na vida. Nem roupas tão bonitas. Nem aquela riqueza toda.

Lá foi ele todo elegante e feliz, mas nem teve tempo de acreditar que estava vestindo aquelas roupas, que estava montado num lindo cavalo branco e que tinha um saco de ouro.

É que o belo e feroso animal, ao enxergar umas éguas passando do outro

lado da cerca, suspirou fundo. Ficou perdidamente apaixonado. Depois, empinou, relinchou e saiu em disparada feito um namorado sem cabeça nem juízo.

O resultado foi o pior possível.

Na hora de saltar uma porteira, o impetuoso animal tropeçou feio. Cavalo, cavaleiro e saco de moedas de ouro foram parar dentro do rio.

O homem só não se afogou porque conseguiu se agarrar num pedaço de madeira. O cavalo foi parar não sei onde. O saco de moedas de ouro desapareceu, levado pela correnteza.

Confuso, o camponês voltou para casa quase sem roupas e com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, principalmente, do saco de moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir tentando entender como suas mãos tão pobres tinham tocado em tanta riqueza.

No outro dia, acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto e foi para a roça.

Sentiu um perfume feminino. Quando viu, a Riqueza e a Boa-Sorte estavam lindas, outra vez, do seu lado.

A Riqueza colocou as mãos na cintura:

- Gente! Cadê o saco de moedas de ouro?

O pobre homem chorou, soluçou e contou o acidente e tudo o que tinha acontecido. Ficou zangado. Disse que não era possível. Disse que não aguentava mais. Agradeceu muito mas explicou que assim não dava. Preferia continuar levando sua vidinha de sempre.

A Boa-Sorte ficou quieta, sem dizer uma palavra.

A Riqueza olhou nos olhos da irmã.

- Acho que você tem razão – disse ela. – Dinheiro é bom mas não é tudo. Para construir a vida a pessoa tem de trabalhar muito e ainda ter um pouquinho de sorte. – E pediu:

- Querida irmã, ajude o nosso amigo, por favor! Ele é trabalhador. Ele merece.

A Boa-Sorte abriu um sorriso luminoso. Chegou perto do homem e disse:

- Volte para casa e espere. No fim, tudo vai dar certo. Se ainda não deu certo – disse ela – é porque não chegou no fim.

Confuso, quase descrente, o homem se despediu, montou no burro e, sem nada nas mãos, foi trotando para casa. Logo encontrou o homem da mercearia.

- Meu amigo! – disse ele. – Procurei você por todo lado. Fiz uma trapalhada com os pedidos e entreguei a mercadoria para a pessoa errada. Eis aqui seu troco e a carne, o pão e o vinho. A culpa foi minha.

O dono da venda pediu mil desculpas.

O camponês continuou o caminho, levando o dinheiro e a comida.

Apareceu o delegado:

- Perdão, meu amigo! – disse ele com voz envergonhada. – Logo depois que você fugiu, recebi uma denúncia. Fomos investigar. Encontramos e prendemos o verdadeiro culpado pelo assalto ao banco. Lamento o que aconteceu. Peço desculpas. As dez moedas eram mesmo suas e aqui estão elas.

O homem continuou seu caminho. Quando já estava perto de casa, na curva do rio, encontrou um saco sujo de lama preso entre as pedras. Era o saco de moedas de ouro.

Aquele dia, o camponês chegou em casa, chamou a mulher e os filhos e riu, riu, riu e riu.

Bateu numa porta

Abriu a janela

Quem sabe outra história

Não fica banguela!

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 90-97

9 - As três noites do papagaio

Era uma vez um vendedor ambulante casado com uma moça muito bonita. Os dois se adoravam e viviam bem felizes.

Um dia, o vendedor precisou viajar. Chamou a mulher. Disse a ela que tomasse cuidado. Pediu a ela que não saísse muito de casa.

Em seguida, beijou e abraçou a mulher, pegou suas coisas e foi embora.

Na tarde daquele mesmo dia, o filho de um fazendeiro precisou passar pela cidade. Veio montado num cavalo vermelho. Por acaso, atravessando a rua, viu a mulher do vendedor ambulante na janela.

O filho do fazendeiro ficou apaixonado.

Aquele dia, comprou mercadorias, fez negócios, assinou contratos, visitou pessoas, mas dentro, na sua cabeça, só havia um pensamento: a mulher bonita da janela.

O rapaz voltou para a fazenda mas não conseguiu dormir. Fechava os olhos e a moça bonita aparecia. Virava de lado e enxergava a moça bonita. Acordava e via a mulher do vendedor ambulante nos cantos e recantos da sua imaginação.

Então, o filho do fazendeiro teve uma ideia.

Voltou à cidade e procurou uma certa velha. Pediu ajuda. Garantiu que daria muito dinheiro. Contou à ela que a mulher bonita era casada, mas que seu marido estava viajando. Explicou seu plano. A mulher escutou, pensou no dinheiro, deu risada e aceitou.

- Quero aquela moça de qualquer jeito! – disse o filho do fazendeiro.

No outro dia, era fim de tarde, a velha bateu na casa da mulher do vendedor ambulante. Pediu licença. Mentiu. Disse que era tia do dono da casa.

- Tia? – estranhou a moça. – Meu marido nunca falou em tia nenhuma!

A velha explicou que era irmã da mãe dele mas tinha viajado e sumido no mundo, era por isso.

A moça bonita acreditou. Sorriu. Convidou a mulher para entrar.

- Cadê meu sobrinho?

- Tá viajando!

- Não diga! – exclamou a outra, fingindo surpresa. – Faz tempo?

A moça disse que sim. Confessou que estava morrendo de saudade. Confessou que ficava preocupada. Disse que estradas eram perigosas. Contou que amava o marido. Tinha medo de assalto. Tinha medo de alguma coisa ruim.

Era o que a velha queria ouvir.

- Conheço uma vidente! – disse ela, com voz venenosa.

Explicou que a tal vidente, infelizmente, só atendia à meia-noite.

Mentiu maravilhas.

- A mulher é famosa. Sabe de tudo – garantiu a velha. – Ela pode adivinhar como vai seu marido, como vão indo os negócios e até se também sente saudade.

Os olhos da moça bonita brilharam de alegria.

- Se você quiser, a gente vai lá esta noite mesmo! – propôs a velha.

A mulher do vendedor ambulante aceitou.

O plano do filho do fazendeiro era este. Encontrar a moça bonita sozinha no meio da noite escura.

O tempo passou. As duas mulheres ficaram conversando.

Quando deu as onze e meia e as duas já estavam prontas para sair, veio uma voz da cozinha.

- Ai, minha garganta!

Era o papagaio do vendedor ambulante.

O bicho tossia aflito com as asinhas em volta do pescoço.

- Me dá um chá senão eu morro!

A moça bonita ficou preocupada. Explicou que o papagaio era que nem um filho. O bichinho era o xodó dela e do marido.

Disse para esperar um instantinho.

A velha não gostou mas achou melhor ficar quieta.

A moça preparou o chá.

O tempo estava passando.

O papagaio agradeceu mas disse que o chá estava pelando.

- Enquanto esfria, vou contar uma história – disse o bicho.

- Mas a gente está atrasada! – resmungou a velha.

- É só um pouquinho! – respondeu o papagaio.

E contou que era uma vez um rei que tinha uma filha mais linda do que as frutas do campo, as conchas do mar e as estrelas brilhantes do céu. Um dia, o rei chamou a filha. Disse que ela já estava na idade de se casar. A moça sacudiu os ombros. Respondeu que nem estava pensando nisso. Sorriu. Contou ao pai que todas as noites sonhava com um jovem

muito bonito. Era como se fosse um príncipe encantado que andava num cavalo branco cavalgando pela paisagem da cabeça dela. A princesa confessou que estava apaixonada pelo cavaleiro.

O papagaio disse que no começo o rei achou graça.

- Que lindinha a minha princesa – comentava ele. – Gostar de um príncipe imaginário! Que doce maravilha! Quanta criatividade!

Com o passar do tempo, entretanto, o pai da moça deu para ficar preocupado. A menina era sua única filha. O rei precisava de um herdeiro que um dia, no futuro, assumisse seu lugar e comandasse os destinos do reino.

E o papagaio falava sem parar. Entrou nos mínimos detalhes. Descreveu o que havia e não havia. De repente, o galo cantou. A madrugada já estava raiando.

A mulher do vendedor bocejou:

- Nossa! Ficou muito tarde. Acho melhor deixar nossa consulta para amanhã.

Aquela que se dizia tia do vendedor ambulante resmungou mas foi obrigada a concordar.

Combinou que voltaria no dia seguinte às dez horas da noite.

No outro dia, a velha apareceu no horário marcado. Entrou e ficou conversando com a moça bonita.

- Hoje a gente vai de qualquer jeito – disse a velha sorrindo. – Hoje você vai ter notícias frescas do seu marido!

- Tomara! – disse a moça suspirando. – Estou com tanta saudade!

Quando deu as onze e meia e as duas mulheres já estavam prontas para sair, veio uma voz da cozinha.

- Ai, minha cabeça!

Era o papagaio do vendedor ambulante.

O bicho esfregava a cabeça com as asinhas.

- Me dá um chá senão eu morro!

A moça bonita ficou preocupada.

A velha não gostou mas achou melhor ficar quieta.

A moça preparou o chá.

O tempo estava passando.

O papagaio agradeceu mas disse que o chá estava pelando.

- Enquanto esfria, vou continuar a história que comecei a contar ontem – disse o bicho.

- Mas a gente está muito atrasada – resmungou a velha.

- É só um pouquinho – respondeu o papagaio.

E contou que o rei, um dia, chamou a princesa e deu um ultimato:

- Convidei três príncipes para visitar o castelo. Eles vêm amanhã cedo. Os três são jovens, bonitos e ricos. Quero que você escolha um deles para casar.

A moça arregalou os olhos.

- Mas pai! Eu amo o príncipe da minha cabeça!

O rei deu um murro na mesa.

- Chega de fantasia! Basta de incencionice! Preciso de um herdeiro de verdade! Preciso que você se case com um príncipe de carne e osso!

A princesa chorou e soluçou mas o rei não estava para brincadeiras.

- Chega de ficar inventando príncipe imaginário que nem existir existe!

Naquela noite, contou o papagaio, a moça teve um sonho. O príncipe montado no cavalo branco apareceu, chegou perto dela e disse:

- Acorde! Vá até a janela! Venha atrás de mim!

A princesa acordou e correu até a janela. No meio da noite escura, lá longe, enxergou um cavaleiro vestido de branco acenando para ela.

- É ele! – gritou a princesa.

E a menina não pensou duas vezes. Trocou de roupa, saltou a janela, pegou um cavalo na estrebaria e partiu galopando atrás do cavaleiro imaginário.

E o papagaio falava sem parar. Entrou nos mínimos detalhes. Descreve o que havia e não havia. De repente, o galo cantou. A madrugada já estava raiando.

A mulher do vendedor bocejou:

- Nossa! Ficou muito tarde. Acho melhor deixar nossa consulta para amanhã.

Aquela que se dizia tia do vendedor ambulante resmungou mas não teve jeito, foi obrigada a concordar.

Combinou que voltaria no dia seguinte às dez horas da noite.

No outro dia, a velha apareceu no horário marcado. Entrou e ficou conversando com a moça bonita.

- Hoje a gente vai de qualquer jeito – disse a velha com voz firme. – Hoje você vai ter notícias frescas do seu marido!

- Tomara! – disse a moça suspirando. – Estou morrendo de saudade!

Quando deu as onze e meia e as duas mulheres já estavam prontas para sair, veio uma voz da cozinha.

- Ai, minha barriga!

- Assim não é possível – gritou a velha zangada.

Era o papagaio do vendedor ambulante.

O bicho esfregava a barriga com as asinhas.

- Me dá um chá senão eu morro!

A moça bonita ficou preocupada.

A velha ficou furiosa:

- Assim a gente não vai ver a vidente nunca!

- Faça o chá num minutinho – prometeu a moça bonita.

O tempo estava passando.

O papagaio agradeceu mas disse que o chá estava pelando.

- Enquanto esfria, vou continuar a história que comecei a contar antes de ontem – disse o bicho.

- Mas, gente, assim não dá! – gritou a velha.

- É só um pouquinho – respondeu o papagaio.

E contou que a princesa saiu galopando no meio da noite, seguindo o cavaleiro branco. Que os dois atravessaram florestas. Subiram e desceram montanhas. Saltaram dobre perigosos despenhadeiros.

No começo da madrugada, os dois acabaram chegando numa cidade. Foi quando o cavaleiro branco desapareceu.

O papagaio arregalou os olhos. Contou que a tal cidade era muito estranha. Parecia um mausoléu. Havia muita gente nas ruas, cavalos, carroças e carruagens. Mas nada ali se mexia. Tudo naquela cidade era de pedra.

A princesa ficou perdida entre as ruas silenciosas, cruzando com aqueles homens, mulheres e crianças parados

feito estátuas. Depois de muito andar, chegou a um castelo. Desceu do cavalo e entrou.

No castelo havia gente, havia soldados, havia criados. Mas também ali, tudo e todos eram de pedra.

Por sorte, a princesa encontrou uma mesa posta, com comida de verdade, fresquinha e deliciosa. A viagem tinha sido longa. A menina estava com fome. Sentou-se na mesa e comeu.

Mais tarde, ficou circulando pelo castelo, olhando aquelas pessoas elegantes e paradas. Quando a noite caiu, encontrou um quarto e uma cama macia e aconchegante. A princesa não tinha outro jeito. Entrou debaixo das cobertas, apagou a luz e dormiu.

- Está ficando tarde – reclamou a velha.

- Calma aí – disse o papagaio.

E contou que, durante aquela noite, a princesa teve um sonho. Sonhou com o príncipe imaginário. No sonho, o moço sorriu. Contou que o destino dele era salvar aquela cidade de pedra. E explicou direitinho o que ela devia fazer.

Na manhã seguinte, a menina pulou da cama e fez o que o cavaleiro branco tinha mandado. Andou pelo castelo, subiu escadas, cruzou andares, procurou e encontrou uma porta no fundo de um corredor. Era um quarto.

O papagaio disse que a princesa abriu a porta e viu um moço de pedra deitado na cama. A moça chegou mais perto e arregalou os olhos. Era ele. Era o príncipe imaginário. Era o cavaleiro branco que aparecia sempre nos seus sonhos!

A princesa então fez o que o moço tinha pedido no sonho. Chegou perto da cama e beijou os lábio de pedra.

Foi uma maravilha, disse o papagaio batendo as asas. Tudo começou a se mexer. Tudo voltou ao normal. A vida parecia ter renascido naquele reino!

O papagaio já se preparava para entrar nos mínimos detalhes e descrever o que havia e não havia, quando bateram na porta.

A moça bonita abriu um sorriso luminoso. Era o vendedor ambulante que tinha acabado de chegar!

A esposa correu para abraçar o marido. O homem estranhou. Perguntou quem era aquela visita tão tarde da noite.

Quando a velha disse que era sua tia, o vendedor ficou furioso. Gritou. Chamou de mentirosa. Expulsou a mulher de sua casa. Disse que se ela voltasse, chamava a polícia.

O papagaio na cozinha deu muita risada.

Desmascarada e assustada, a velha saiu correndo e sumiu no mundo.

O filho do fazendeiro desistiu de ficar esperando e foi embora no seu cavalo vermelho.

O vendedor ambulante e sua velha esposa viveram felizes por muitos e muitos anos.

*A vida é cheia de não
A vida é cheia de sim
Tudo o que um dia começa
Cedo ou tarde chega ao fim*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 98-107

10 - O filho mudo do fazendeiro

Era uma vez um fazendeiro muito rico. O homem comandava fazendas, plantações, criações de gado, usinas e um monte de dinheiro. Infelizmente, seu único filho era mudo de nascença.

O fazendeiro já tinha feito de tudo. Convocado médicos, consultado sábios e videntes, experimentado remédios e tratamentos. Chegou até a mandar chamar feiticeiros e curandeiros. Nada adiantou. A boca do filho parecia um deserto morto, silencioso e sem sentido.

Quando o rapaz completou dezoito anos, o fazendeiro mandou espalhar uma notícia pela cidade. Era uma promessa. Quem conseguisse fazer seu filho falar ganharia uma rica fazenda, muito gado e muito dinheiro. Mas o homem também fez uma advertência: quem tentasse e não conseguisse teria a cabeça cortada e o corpo atirado nas águas do rio.

Como o prêmio era muito bom, vários homens criaram coragem e resolveram arriscar. Todos, infelizmente, tiveram suas cabeças cortadas e seu corpo devorado pelos peixes do rio.

Perto da fazenda, morava uma moça. Ela era pobre e não tinha pai nem mãe. Vivia com sua avó num casebre caindo aos pedaços.

Certa manhã, a moça acordou e foi correndo procurar a avó:

- Vó, tive um sonho. Foi uma voz. Apareceu no meio da noite. Me mandou ir à fazenda tentar fazer o filho do fazendeiro falar!

A velha continuou varrendo a cozinha. Para ela aquilo era besteira da grossa. Bobajada de menina sem juízo.

- Voz? – resmungou a avó. – Era só o que faltava!

Achava melhor a moça tirar aquele sonho da cabeça. Lembrou dos mil homens que tinham virado comida de peixe.

- É perigoso, filha!

Mas a menina encasquetou com o sonho. Teimou. Disse que ia. Disse que tinha coragem. Disse que ia tentar.

- Vou precisar de sua ajuda, vó!

- Ajudar como? – quis saber a velha colocando os óculos.

A menina explicou. A avó tinha experiência de vida e muita sabedoria. Pediu a ela que lhe ensinasse tudo o que sabia.

- Mas isso vai demorar! – disse a velha.

- Não faz mal.

- Mas vai ser cansativo!

- Não faz mal.

- Mas vai ser preciso esforço!

- Não faz mal.

A velha senhora, então, disse que ensinava, mas com uma condição. Durante três dias e três noites, ela falaria sem parar contando tudo o que sabia sobre a vida e sobre o mundo.

- Em compensação, você vai prometer que vai ficar acordada e aguentar firme.

A menina prometeu e assim foi.

A sol apareceu e desapareceu três vezes no céu. Enquanto isso, a velha mulher falou, falou e falou contanto tudo o que tinha visto, experimentado, sentido, pensado e aprendido ao longo de sua longa vida. Descreveu erros e acertos. Jeitos e maneiras. Horas de fazer e de não fazer. Horas de ficar e horas de fugir.

No quarto dia, cansada mas confiante, a moça acordou cedo, despediu-se da avó e partiu. Foi falar com o fazendeiro.

Ao ver a menina, o homem deu um muxoxo.

- Se até homem esperto, sábio e forte já veio e não consegui nada!

Balançando a cabeça, aconselhou a menina a voltar para casa.

- Não quero ter de cortar um pescoço tão lindo.

A menina insistiu. Lembrava do sonho e da voz que tinha escutado dentro da escuridão. Admirado com a coragem da moça, o fazendeiro acabou concordando.

- Mas você vai ter de passar a noite no quarto com meu filho e uma testemunha. Quero ver se consegue ou não fazer o menino falar!

A moça foi. Deitado na cama, o filho do fazendeiro olhava e olhava sem dizer nada. A testemunha sentada na cadeira espiava o tempo demorado.

Quando deu uma hora da manhã, a moça pediu:

- Por favor, testemunha. Estou com muito medo. Sinto que vou morrer amanhã. Será que você pode contar uma história que me faça esquecer da morte que vem vindo me pegar?

A testemunha explicou que era apenas uma testemunha e não sabia contar história nenhuma.

- Então eu mesma conto – respondeu a moça.

E contou que era uma vez três lindas irmãs. A mais velha tinha um binóculo encantado que via tudo o que acontecia no mundo. A do meio tinha uma carruagem com asas que levava as pessoas aonde quisessem ir. A menor tinha uma fruta mágica capaz de fazer gente morta voltar a viver.

Um dia, as três estavam com o binóculo encantado espiando as coisas do mundo, quando viram um lindo príncipe de um país distante. O rapaz estava deitado na cama. O rapaz tinha acabado de morrer. As três irmãs não se conformaram.

Saltaram na carruagem com asas e voaram até o reino distante. Lá chegando, a mais moça foi correndo

colocar um pedaço de fruta na boca do príncipe. Ao senti-la nos lábios, o rapaz abriu os olhos e voltou a viver.

- E agora eu pergunto – disse a moça à testemunha: - com qual das três irmãs o príncipe deve se casar?

A testemunha não sabia. Disse que a questão era muito difícil. Disse que era apenas uma testemunha e de histórias não entendia nada. Foi quando o filho do fazendeiro pediu a palavra:

- Tenho uma opinião sobre essa história.

- Que bom ouvir sua voz! – exclamou a moça.

O rapaz achava que o príncipe devia se casar com a irmã mais moça, a dona da fruta mágica.

- Você tem razão – exclamou a moça admirada. – As duas outras irmãs continuaram com a carruagem de asas e com o binóculo encantado. Quem realmente deu alguma coisa foi a irmã caçula. Salvou a vida do príncipe mas ficou sem sua fruta preciosa.

No dia seguinte, o fazendeiro apareceu. A moça contou o que havia acontecido, a testemunha confirmou tudo, mas o rapaz, deitado na cama, não disse uma palavra. O homem ficou desconfiado. Chegou a pegar a faca para cortar o pescoço da jovem, mas depois disse:

- Vamos fazer o seguinte. A moça vai ter de passar outra noite no quarto com meu filho. Agora com duas testemunhas. Quero ver se consegue fazer ou não o menino falar.

A moça foi. Deitado na cama, o filho do fazendeiro olhava e olhava sem dizer nada. As duas testemunhas sentadas em duas cadeiras espiavam o tempo demorado.

Às duas horas da manhã a moça pediu:

- Por favor, testemunhas. Estou com muito medo. Sinto que vou morrer amanhã. Será que vocês podem contar uma história que me faça esquecer da morte que vem vindo me pegar?

As testemunhas explicaram que eram apenas duas testemunhas e não sabiam contar história nenhuma.

- Então eu mesma conto – respondeu a moça.

E contou que era uma vez um casal que se dava muito bem. Os dois se gostavam muito e viviam uma vida cheia de felicidade.

Acontece que a mulher tinha um segredo. Toda sexta-feira, à meia-noite, quando o marido estava dormindo, ela virava bruxa e saía pelas estradas para cumprir sua sina.

Certa noite de sexta-feira, o marido voltou do trabalho mais tarde e, no caminho, encontrou uma bruxa.

Assustado, antes de fugir para casa, atirou três pedras. Uma acertou a cabeça. A outra, o cotovelo. A última, o dedo mindinho da mão esquerda da bruxa.

No dia seguinte, ao acordar, o homem percebeu que sua mulher estava com a cabeça, o cotovelo e o dedo mindinho da mão esquerda machucados.

Desconfiado, tanto fez, tanto falou, tanto perguntou, tanto insistiu que no fim a mulher acabou confessando a verdade: infelizmente era uma bruxa.

- E agora eu pergunto – disse a moça às duas testemunhas. – O que o marido deve fazer? Ficar com a mulher ou ir embora?

As testemunhas não sabiam. Disseram que a questão era muito difícil. Disseram que eram apenas duas testemunhas e que de histórias não entendiam nada. Foi quando o filho do fazendeiro pediu a palavra:

- Tenho uma opinião sobre essa história.

- Que bom ouvir sua voz! – exclamou a moça.

O rapaz achava que se o marido gostava da mulher, devia ficar com ela mesmo que ela fosse bruxa.

- Você tem razão – exclamou a moça admirada. – Um casal que se ama precisa aprender a conviver com as diferenças um do outro. Além disso – completou ela - , um casal que se ama sempre tem segredos para compartilhar.

No dia seguinte, o fazendeiro apareceu.

A moça contou o que havia acontecido, as testemunhas confirmaram tudo, mas o rapaz, deitado na cama, não disse uma palavra. O homem ficou

furioso. Ameaçou cortar o pescoço da moça ali mesmo.

A moça baixou a cabeça.

Deitado na cama, o filho do fazendeiro ficou só olhando.

As duas testemunhas pediram a palavra. Garantiram, mais uma vez, que a moça tinha contado a verdade.

- Vamos fazer o seguinte – disse o fazendeiro. – É a última vez! A moça vai passar outra noite no quarto com meu filho. Agora com três testemunhas. Quero ver se ela consegue ou não fazer o menino falar.

A moça foi. Deitado na cama, o filho do fazendeiro olhava e olhava sem dizer nada. As três testemunhas sentadas em três cadeiras espiavam o tempo demorado.

Às três horas da manhã a moça pediu:

- Por favor, testemunhas. Estou com muito medo. Sinto que vou morrer amanhã. Será que vocês podem contar uma história que me faça esquecer da morte que vem vindo me pegar?

As três testemunhas explicaram que eram apenas testemunhas e que não sabiam contar história nenhuma.

- Então eu mesma conto – respondeu a moça.

E contou que era uma vez um rapaz que vinha andando por uma estrada deserta. De repente, uma luz surgiu brilhando. A luz não era luz. Era uma linda mulher. Apareceu no céu voando com asas douradas.

O rapaz ficou escondido atrás de uma moita. Nunca na vida tinha visto uma pessoa tão bonita. A mulher aterrissou, tirou as asas e, nua, mergulhou numa lagoa. Mais do que depressa, o moço foi e escondeu as asas da moça.

A noite caiu. A mulher saiu da lagoa e não encontrou as asas. Ficou sem saber o que fazer.

Foi quando o moço surgiu e disse:

- Puxa, como você é bonita! Deve estar morrendo de frio. Quer meu casaco emprestado?

A moça não tinha jeito. Aceitou.

- Moro aqui perto – disse ele. – Quer passar a noite em minha casa?

A moça não tinha jeito. Aceitou.

Os dois acabaram conversando, trocando ideias e gostando um do outro. Passaram a viver juntos. O tempo passou. A mulher teve um filho. Quando o menino completou sete anos, estava, um dia, brincando no mato e encontrou uma lagoa. Mexendo aqui e ali, achou um par de asas douradas atrás de uma moita e, encantado, levou para sua mãe ver.

- E agora eu pergunto – disse a moça às três testemunhas: - o que a mulher deve fazer? Ficar com o filho e o marido ou vestir as asas douradas e partir em busca do seu outro destino?

As três testemunhas não sabiam. Disseram que a questão era muito difícil. Disseram que eram apenas testemunhas e de história não entendiam nada. Foi quando o filho do fazendeiro pediu a palavra:

- Preciso fazer um comentário sobre essa história.

- Que bom ouvir sua voz! – exclamou a moça.

O rapaz achava que aquela era a história mais incrível que já tinha escutado na vida. Para o filho do fazendeiro era uma história sem saída.

- Se a mulher ficar com o marido e o filho – disse ele - , vai abandonar uma outra vida que havia sido reservada para ela. Se colocar as asas douradas e partir – completou ele - , vai abandonar as pessoas que mais ama!

- Você tem razão – exclamou a moça admirada. – Há histórias que, como na vida, não têm uma única verdade ou um único desfecho. No lugar da mulher de asas douradas cada um de nós teria que construir uma resposta. Uma coisa é certa – concluiu a moça: - para cada escolha

que fazemos há sempre uma perda. Sempre que tomamos um caminho, deixamos passar muitos outros de lado.

No dia seguinte, o fazendeiro apareceu. A moça contou o que havia acontecido, as testemunhas confirmaram tudo, mas o filho do fazendeiro continuou deitado na cama sem dizer uma palavra. Furioso, o homem colocou a faca no pescoço da pobre menina. Depois parou e examinou a moça. Ela parecia estar falando a verdade. Examinou as três testemunhas. Elas pareciam estar falando a verdade.

Confuso, o fazendeiro balançou a cabeça.

- Chega! – disse ele.

Chamou a moça. Declarou que ela tinha vencido. Perguntou a ela o que queria ganhar.

A moça coçou a cabeça. Confessou que ainda não tinha pensado nisso.

- Tive tanto medo de morrer – explicou ela sem jeito – que nem tive tempo de pensar em mais nada.

Nesse momento, o filho do fazendeiro saltou da cama, atravessou o quarto, pegou a moça pelos ombros e disse:

- Case-se comigo!

*Quem canta seu mal espanta
Quem chora não se contenta
Quem conta história se encanta
Quem não conta se arreventa!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 108-117

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário para verificação no nível de desenvolvimento das capacidades de ação em relação ao gênero conto maravilhoso (diagnóstico inicial)

1. Você conhece algum conto maravilhoso? Sabe definir o que é?
2. Onde (lugar) você encontra um conto maravilhoso?
3. Em que material (suporte) esses textos são publicados?
4. Sobre o que (que assuntos) os textos desse gênero geralmente tratam?
5. Para que servem as histórias narradas por meio desse gênero?
6. Quem produz essas histórias (emissor)?
7. Essas histórias são produzidas para quem (destinatário)?
8. Você considera importante a leitura desses contos? Por quê?
9. Comparado a uma notícia de jornal, o que o conto maravilhoso tem de semelhança? E de diferença?
10. E comparado a uma novela televisiva, quais são as semelhanças? E diferenças?

APÊNDICE B – CADERNO DO PROFESSOR

Sequência Didática Conto

Maravilhoso

Caderno do Professor

Caro professor,

este material pedagógico é resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS – desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. E, tem o objetivo de conduzir a ação docente em prol do desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental para a produção escrita de um conto maravilhoso. O material foi produzido a partir da base teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo que sugere como forma de organização da ação pedagógica as sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Portanto, o que propomos é uma sequência didática conduzida pelo gênero textual conto maravilhoso, de Ricardo Azevedo. Na produção do material buscamos contemplar o desenvolvimento, pelo aluno, de três níveis de capacidades de linguagem: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), para que, dessa forma, pudéssemos proporcionar uma visão ampla do gênero e suscitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem inerentes a ele. Devido à especificidade do gênero, que se insere na esfera literária, adotamos em conjunto com a base teórico-metodológica supracitada, a proposta da Escrita Criativa (MANCELOS, 2007; LEITÃO, 2008; RODRIGUES, 2015) que sugere técnicas e recursos que contribuem para a criação de textos literários.



Para o aprofundamento teórico sugerimos consulta à dissertação, disponível no site: uenp.edu.br/profletras

Esperamos que o material colabore com sua prática docente e ressaltamos sua autonomia para adequá-lo de acordo com as necessidades de seus alunos. O material pode (e deve!) ser adaptado de acordo com a realidade diagnosticada em cada turma.

Bom trabalho!



Professor, antes de iniciar a didatização do gênero textual é indispensável que você o conheça. Por isso, apresentamos a seguir uma definição obtida por meio de consultas aos especialistas do gênero conto maravilhoso, bem como o resultado da análise de um *corpus* que evidenciou as características contextuais,



Conto maravilhoso: que gênero é esse?

Considerando as definições aventadas pelos diferentes teóricos acerca do conto maravilhoso, apresentamos uma síntese que evidencia a concepção assumida por nós a partir das especificidades do gênero em trabalho. Nesse sentido, o conto maravilhoso:

- Narra histórias de encantamento;
- Retrata o conflito genérico entre o bem e o mal (COELHO, 2003);
- Apresenta transformações ocasionadas por algum tipo de magia (PROPP, 2006);
- Ocorre geralmente em um espaço indefinido, regido por leis sobrenaturais (COELHO, 2003);
- Remete a um passado longínquo (COELHO, 2003);
- Tem como personagens seres maravilhosos (COELHO, 1987);
- Apresenta uma problemática relacionada às relações sociais (COELHO, 2003);
- Suscita o caráter humanizador da literatura (CANDIDO, 2011).

Quando nos reportamos à engenharia didática proposta pelo ISD percebemos a necessidade de modelização do gênero, a fim de destacar características constitutivas para posterior abordagem didática, processo que se dá por meio da seleção e análise de um *corpus*, com o objetivo de evidenciar os elementos estáveis. Ao selecionarmos um gênero literário deparamo-nos com a especificidade decorrente de uma maior autonomia do autor para imprimir seu estilo, o que resulta em uma variedade de textos que se distinguem pelo estilo do autor. Dessa forma, por se tratar de uma proposta de intervenção didática voltada para o 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que

acreditamos ser complexo o entendimento do estilo autoral, houve a necessidade de estabilizar o gênero a partir do estilo de um autor para que ele pudesse se tornar objeto no processo de transposição didática. Sendo assim, optamos por compor nosso *corpus* a partir de uma coletânea de contos do autor Ricardo Azevedo, escritor renomado e recomendado pela crítica especializada.

A partir disso, selecionamos um *corpus* composto por dez contos que formam a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo (2007): “Moço bonito imundo” (1); “A mulher dourada e o menino careca” (2); “O príncipe encantado no reino da escuridão” (3); “Coco Verde e Melancia” (4); “A mulher do viajante” (5); “Os onze cisnes da princesa” (6); “O filho do ferreiro e a moça invisível” (7); “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza” (8); “As três noites do papagaio” (9); “O filho mudo do fazendeiro” (10).

A escolha por esses contos para formar nossa coletânea de exemplares do gênero é porque, primeiro, a referida obra faz parte do acervo literário das escolas da educação básica recomendado pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), tendo passado, portanto, pelo crivo de especialistas que a avaliaram quanto à qualidade do texto, adequação temática para a série em questão, entre outros aspectos. Além disso, em dois anos consecutivo, 2003 e 2004, Ricardo Azevedo recebeu o Prêmio Jabuti e Menção Honrosa pela obra na Câmara Brasileira do Livro, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Considerando, então, a relevância da obra, e de seu autor, ratificamos a utilização dos contos como material de análise para a composição de um modelo didático do gênero conto maravilhoso e para compor o caderno pedagógico.

Os quadros expostos a seguir apresentam uma síntese dos elementos que caracterizam o gênero conto maravilhoso, obtidos por meio da análise do *corpus* selecionado. Ressaltamos que as características foram levantadas a partir da aplicação do Dispositivo didático do gênero elaborado por Barros (2012).

Quadros síntese das características do conto maravilhoso

<p>Capacidades de ação</p>	<p>Prática social: aprimoramento do senso estético e da expansão do repertório cultural do leitor, proporcionando a aquisição de uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e interação social. Levando em consideração ainda o espaço privilegiado que a atividade de leitura ocupa no ambiente escolar, o gênero está envolvido também no trabalho com a prática pedagógica de formação de leitores; Gênero escrito;</p>
-----------------------------------	---

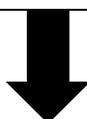
	<p>Pertence à esfera literária; Emissor: escritor Ricardo Azevedo; Destinatário: leitores que apreciam narrativas do universo maravilhoso, em especial o público infanto-juvenil, uma vez que a coletânea faz parte do PNBE, com recomendação para essa faixa etária. Papel discursivo do emissor: preservar e disseminar histórias populares, promover reflexões acerca de temas sociais; Papel discursivo do destinatário: contribuir para o processo de preservação de contos populares, além do papel humanizador ao abordar temas de relevância social que demandam reflexão por parte do sujeito leitor; Tema dos textos: histórias universais e atemporais que abordam questões sociais e sentimentos comuns, inerentes à vida. Suporte: livros, físicos e virtuais; Meio de circulação: ambientes residenciais e educacionais.</p>
<p>Capacidades discursivas</p>	<p>Tipo de discurso: situa-se, predominantemente, no mundo do narrar, por meio do narrar ficcional; Estrutura geral do texto: texto em prosa, relativamente curto se comparado a um romance, composto por título, corpo textual e ilustração; Sequência predominante: sequência narrativa, embora apareçam também as sequências dialogais e descritivas.</p>
<p>Capacidades linguístico-discursivas</p>	<p>Retomadas textuais: são utilizadas muitas retomadas nominais, principalmente a substituição por sinônimos; Há a predominância dos verbos de ação conjugados no pretérito perfeito; Observamos a presença de organizadores temporais e espaciais; A escolha lexical é condicionada ao ambiente fantasioso no qual as narrativas se desenvolvem, palavras que remetem ao mistério e ao onírico são amplamente exploradas; A utilização dos sinais de pontuação segue os padrões da narração: ponto final, de exclamação, de interrogação, dois-pontos e travessão; Há a presença de metáforas e outras figuras de linguagem; As vozes presentes são: a do autor, perceptível nas quadrinhas que finalizam os contos; a do narrador que organiza o enredo e as dos personagens que aparecem, principalmente, por meio do discurso direto; As modalizações são mais frequentes na voz no narrador que tenta persuadir o leitor por meio de modalizações apreciativas; Como elemento paratextual, destacamos as ilustrações, no estilo da xilogravura, que dialogam com as narrativas.</p>

Ciente das características que configuram o gênero, o professor/pesquisador deve, então, averiguar quais capacidades os alunos já dispõem e suas potencialidades. No nosso caso optamos pela implementação de dois instrumentos diagnósticos: um questionário e uma produção textual. A partir da análise diagnóstica desses instrumentos elencamos os principais problemas encontrados em relação ao desenvolvimento de capacidades de linguagem pelos alunos sujeitos da intervenção.



IMPORTANTE!!! Para o desenvolvimento de um projeto de escrita do gênero o professor deve levar em consideração as reais necessidades de seus alunos, informação que pode ser obtida por meio de um diagnóstico. Apresentamos a seguir os problemas evidenciados pelo diagnóstico realizado com a turma.

Problemas apresentados na apropriação do gênero



Capacidade de ação	Conteúdo temático; Função social do gênero; Ambiente de circulação; Suporte; Emissor; Destinatário.
Capacidade discursiva	Plano textual global (título, paragrafação, discurso direto/indireto, ilustração); Sequência narrativa (situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final); Elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço e narrador).
Capacidade linguístico-discursiva	Tempo verbal; Retomadas nominais; Sinais de pontuação.

Fonte: a pesquisadora

Lembramos que é a partir das dificuldades demonstradas pelos alunos que a sequência didática é elaborada. Portanto, sugerimos que fique atento aos demais problemas que possam surgir com a sua turma e, dessa forma, abordá-los para a adequada apropriação do gênero.

Sinopse da sequência didática do conto maravilhoso

SINOPSE – SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO CONTO MARAVILHOSO

OFICINAS		OBJETIVOS	ATIVIDADES
01-	Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> • Despertar o interesse pelas temáticas abordadas pelo gênero; • Propor reflexão sobre as relações humanas e os sentimentos; • Iniciar o contato com o gênero e reconhecê-lo como meio de abordar os problemas sociais. 	<p>1. Roda de conversa: dinâmica “Caixa de Sentimentos” (adaptação de técnicas da EC) (Atividade A)</p> <p>1. Leitura do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo e identificação da temática;</p> <p>3. Produção de um mural de sala com os possíveis temas a serem abordados nos contos maravilhosos.</p>
02-	Reconhecimento do projeto de classe	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a confecção de uma coletânea de contos maravilhosos, produzidos pelos alunos, para discussão e crítica aos problemas sociais que circundam a vida dos alunos; • Sensibilizar sobre o suporte de publicação dos contos; • Apresentar a coletânea de contos escritos por Ricardo Azevedo. 	<p>1. Apresentação oral sobre a proposta de confecção de uma coletânea de contos maravilhosos ao final do projeto e registro das impressões dos alunos (Atividade B);</p> <p>2. Apresentação da obra <i>No meio da noite escura tem um pé de maravilha!</i>, de Ricardo Azevedo realizando uma análise global do livro (pré-leitura) e atividade de reconhecimento do suporte (Atividade C).</p>
03-	Conhecendo uma escritora de contos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma escritora local e seu processo de criação; • Identificar o contexto de criação dos contos. 	<p>1. Elaboração de perguntas direcionadas à escritora;</p> <p>2. Participação na palestra ministrada pela escritora;</p> <p>3. Sistematização das informações coletadas durante a palestra (Atividade D).</p>
04-	Conhecendo os contos de Ricardo de Azevedo	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o autor Ricardo Azevedo; • Identificar no conto características do contexto de produção. 	<p>1. Apresentação do autor por meio do vídeo “Ricardo Azevedo e suas obras” (Atividade E);</p> <p>2. Contação da história “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza”, de Ricardo Azevedo, utilizando a técnica da caixa cenário;</p> <p>4. Identificação do contexto de produção (emissor e leitor do conto) e da temática abordada no conto (Atividade F).</p>
05-	Apresentação das características	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os elementos essenciais da narrativa: tempo, espaço, personagem, 	<p>1. Leitura compartilhada do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo;</p>

	discursivas do gênero (parte I)	enredo e narrador.	<p>2. Verificação da leitura (oralmente);</p> <p>3. Desenvolvimento de atividades que abordam os elementos da narrativa (Atividade G);</p> <p>4. Composição do mural com esquema produzido coletivamente.</p>
06-	Apresentação das características discursivas do gênero (parte II)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os momentos da narrativa, fases constituintes da planificação textual do conto maravilhoso e seu funcionamento discursivo. 	<p>1. Leitura compartilhada do conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo;</p> <p>2. Atividade de identificação dos momentos da narrativa (Atividade H);</p> <p>3. Composição do mural com esquema produzido coletivamente;</p> <p>4. Proposição da atividade “texto quebra-cabeça” (adaptação de técnicas da EC) para que os alunos ordenem a sequência narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final (Atividade I).</p>
07-	Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte I)	<ul style="list-style-type: none"> • Abordar a função dos sinônimos na construção dos sentidos do texto; • Chamar atenção para a utilização do “Era uma vez...”, expressão clássica no gênero conto maravilhoso; • Abordar a função do tempo verbal predominante nos contos e o efeito de sentido decorrente do seu uso; • Conduzir à compreensão dos organizadores temporais e espaciais, a fim de estabelecer a indeterminação de tempo e espaço como especificidade do gênero. 	<p>1. No conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo, identificar os sinônimos utilizados pelo autor observando a relevância dessa utilização na construção do sentido do texto (adaptação de técnicas da EC) (Atividade J);</p> <p>2. Atividades que abordam o tempo verbal do conto maravilhoso e a função da expressão “Era uma vez” (Atividade K);</p> <p>3. Atividade em grupos: dividir os alunos em grupos - cada grupo recebe um conto da coletânea de Ricardo Azevedo. Os grupos devem listar as marcas de tempo (quando?) e lugar (onde?) no texto. Socializar os termos e expressões localizados, formando um quadro/mural para posterior consultas.</p>
08-	Apresentação das	<ul style="list-style-type: none"> • Abordar a nomenclatura e a função dos sinais de pontuação na composição da narrativa e 	<p>1. Leitura do conto “Coco Verde e Melancia”, de Ricardo Azevedo</p>

	características linguístico-discursivas do gênero (parte II)	<p>averiguar a correta utilização;;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar as possibilidades de dar voz aos personagens (discurso direto e indireto); 	<p>conferindo ritmo e entonação adequados;</p> <p>2. Atividades que abordam os sinais de pontuação (Atividade L);</p> <p>3. Reconhecimento das vozes das personagens por meio do discurso direto e indireto (Atividade L).</p>
09-	Desenvolvendo o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o léxico relacionado ao universo maravilhoso; • Estimular a criatividade na composição dos personagens principais dos contos. 	<p>1. Ampliação do léxico relacionado ao universo maravilhoso por meio da atividade “ABC do Era uma vez” (banco de palavras - adaptação de técnicas da EC); (Atividade M);</p> <p>2. Atividade de composição dos personagens a partir da caracterização e da elaboração de descrição (festa à fantasia - adaptação de técnicas da EC) (Atividade N);</p> <p>4. Apresentação para a classe dos personagens que farão parte da história de cada dupla.</p>
10-	Produção Inicial	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a escrita inicial de um conto maravilhoso; • Averiguar o desenvolvimento das capacidades dos alunos na produção escrita do conto maravilhoso. 	<p>1. Produção em duplas de um conto maravilhoso a partir de um roteiro (Atividade O).</p>
11-	Revisando o texto	<ul style="list-style-type: none"> • Propor a revisão do texto, por meio da autoavaliação, revisão entre pares e anotações do professor. 	<p>1. Roteiro de autoavaliação (Atividade P);</p> <p>2. Correção entre pares (Atividade Q).</p>
12-	Reescrevendo o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Reescrever o conto a partir das revisões realizadas. 	<p>1. Tarefa simplificada de produção: produzir ou adequar a situação inicial do conto, a partir da produção inicial (revisão e reescrita) (Atividade R);</p> <p>2. Tarefa simplificada de produção: continuação do texto a partir da situação inicial já escrita e revisada (Atividade R);</p> <p>3. Tarefa simplificada de produção: escrever uma situação final para o conto de outra dupla (Atividade R);</p> <p>4. Finalizar o conto e fazer a leitura para a classe.</p>
13-	Ilustrando o conto	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a função da ilustração no conto; 	<p>1. Atividade de reconhecimento das ilustrações dos contos da</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar técnicas de ilustração; • Ilustrar o conto produzido. 	coletânea de Ricardo Azevedo (Atividade S) ; 2. Oficina de ilustração com o professor de Artes; 3. Ilustração do conto utilizando a técnica escolhida.
14-	Finalizando a interação	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar com a comunidade escolar a coletânea de contos produzida pela turma. 	1. Participação no evento de lançamento da coletânea de contos.



Oficina I - Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade

Objetivos:

- ✓ Despertar o interesse pelas temáticas abordadas pelo gênero;
- ✓ Refletir sobre as relações humanas e os sentimentos;
- ✓ Iniciar o contato com o gênero e reconhecê-lo como meio de abordar os problemas sociais.

Professor, a etapa inicial da SD deve motivar os alunos para a produção do gênero. Essa motivação deve surgir de uma “necessidade” criada no ambiente escolar, portanto o aluno deve ser exposto ao problema de comunicação que suscita o gênero. O conto maravilhoso, enquanto gênero literário, aborda temas universais com o intuito de contribuir para a formação humana e relações sociais (CÂNDIDO, 2011). Pavani e Machado (2003), representantes da Escrita Criativa, reiteram a função catártica da literatura que faz com que o leitor se envolva e se reconheça no texto lido, a partir da identificação da temática. Por esse motivo, iniciamos o contato com o gênero por intermédios dos temas abordados por ele.

Professor, conduza a dinâmica “Caixa dos sentimentos: que sentimento é esse?”.

10

Material: caixa que contenha pedaços de papéis com nomes de sentimentos e atitudes abordados pelos contos do gênero: amor, ódio, vingança, tristeza, inveja, ganância, alegria, paixão, curiosidade, maldade, bondade, traição, curiosidade, desobediência, entre outros. O ideal é que haja um papel para cada aluno.

Procedimento: dispostos em círculo, explique aos alunos que dentro da caixa estão alguns dos sentimentos e atitudes mais comuns no relacionamento humano e que a tarefa deles será sortear um papel e tentar definir a palavra sorteada (poderá também fazer mímica ou dar exemplos) para que o restante dos alunos adivinhe qual é esse sentimento ou atitude escrito no papel.

➔ O objetivo é que os alunos reflitam sobre esses sentimentos e atitudes, saibam identificá-los em situações reais ou ficcionais e se interessem pela temática.

PROFESSOR, intervenha sempre que necessário para conduzir e enriquecer a discussão.

20

Finalizada a dinâmica, questione aos alunos se eles acham importante falar sobre esses sentimentos e quais são os textos que favorecem essa abordagem. Apresentar o conto maravilhoso como uma possibilidade de sensibilização para o tema (**Atividade A**). Em seguida, promover a leitura compartilhada do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo. Após a leitura do conto questionar os alunos sobre quais sentimentos eles observaram na história. As respostas apresentadas pelos alunos, bem como os sentimentos explorados na dinâmica deverão compor um mural intitulado: **SOBRE O QUE FALAM OS CONTOS MARAVILHOSOS**



Oficina II – Reconhecimento do projeto de classe

Objetivos:

- ✓ Propor a confecção de uma coletânea de contos maravilhosos para discussão e crítica aos problemas sociais que circundam a vida dos alunos;
- ✓ Sensibilizar sobre o suporte de publicação dos contos;
- ✓ Apresentar a coletânea de contos escritos por Ricardo de Azevedo.

10

Professor, sugerimos que apresente aos alunos o projeto de ensino da sequência didática para que eles saibam o que será trabalhado, por quanto tempo e com qual finalidade, situando-os nesse processo de ensino e aprendizagem. Em seguida, discuta oralmente a respeito das expectativas deles quanto à proposição da sequência didática esclarecendo as possíveis dúvidas que poderão surgir. Registrar as impressões (**Atividade B**).

20

Apresentar aos alunos a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo e entregar a eles o **Atividade C**. Conduzir o desenvolvimento das atividades de reconhecimento do suporte.

Professor, ressaltamos a relevância de os alunos entrarem em contato com o suporte do gênero para que possam observar o material, a construção gráfica, diagramação, ilustrações, etc. Contudo, diante da impossibilidade de obter um exemplar para cada aluno sugerimos que a obra fique disponível para a consulta em sala de aula e que seja oferecido aos alunos uma cópia da coletânea de textos (**no final do caderno do aluno**) para o desenvolvimento das atividades. Fica a seu critério, de acordo com as possibilidades, fornecer uma coletânea por aluno ou disponibilizar algumas cópias para o trabalho em grupos.



Oficina III – Conhecendo uma escritora de contos

Objetivos:

- ✓ Conhecer uma escritora local e o seu processo de criação;
- ✓ Identificar o contexto de criação dos contos.

Professor, para esta etapa orientamos um trabalho prévio com os alunos que deverão ser estimulados a elaborarem perguntas direcionadas à palestrante. Da mesma forma, a palestrante deve ser orientada a:

- Relatar como ocorre o processo de criação das obras;
- Apresentar as suas obras;
- Ler alguns contos de sua autoria enfatizando os problemas sociais que envolvem o conteúdo temático.

1º Previamente, instrua os alunos a elaborarem perguntas direcionadas à escritora para que possam interagir durante a palestra (**Atividade D**). Instruir os alunos a realizarem anotações no decorrer da palestra identificando as ações realizadas pela palestrante no processo de criação dos contos; o contexto de produção dos contos (em que lugar e momento a escritora produz seus contos, onde publica); os conteúdos abordados nos contos da autora.

2º Após a palestra, retomar as anotações realizada pelos alunos e sistematizar as informações coletadas em forma de cartaz.



Oficina IV – Conhecendo os contos de Ricardo Azevedo

Objetivos:

- ✓ Conhecer o autor Ricardo Azevedo;
- ✓ Identificar no conto características do contexto de produção.

Professor, esta é uma etapa importante para que os alunos percebam que o texto não é apenas um conjunto de frases, mas um enunciado com propósito e que atente a um objetivo de comunicação. Para tanto é essencial que conheçam o autor e seu projeto de escrita e, então, entrem em contato com o texto para compreendê-lo a partir do seu contexto.

1º Iniciar apresentando aos alunos o vídeo “Escritor Ricardo Azevedo – vida e obra”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mzz25a19-UE>. Após a apreciação do vídeo abrir espaço para manifestação das opiniões dos alunos e conduzir a discussão com questionamentos (**Atividade E**).

2º Após a reflexão sobre as características que circundam a produção dos textos de Ricardo Azevedo, propomos a contação da história “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza”. Sugerimos a utilização da técnica “caixa cenário” para atrair a atenção dos alunos e enriquecer o momento de leitura do texto.

Como utilizar a Caixa Cenário

Material: caixa de papelão caracterizada com o cenário da história; fantoches dos personagens.

Procedimento: os alunos podem ser convidados a participarem da contação da história manipulando os fantoches e fazendo as falas dos personagens. O professor pode atuar como narrador, conduzindo a história.

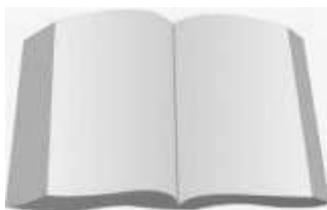


Para mais informações e orientações sobre a técnica acesse:

<https://www.youtube.com/watch?v=gA9PQxWncSE>

<https://www.youtube.com/watch?v=pR4CS3tJH2I>

3º Após a leitura do texto, entregar aos alunos a **Atividade F** que tem o objetivo de verificar a compreensão do texto, de suas características contextuais e a identificação da temática abordada.



Oficina V – Apresentação das características discursivas do gênero (parte I)

Objetivos:

- ✓ Apresentar os elementos essenciais da narrativa: tempo, personagem, enredo, narrador e espaço.

Professor, nesta etapa as atividades propostas direcionam para a definição dos elementos essenciais do conto maravilhoso. É muito importante que os alunos construam essas definições a partir da análise do texto proposto, sendo assim, promova momentos de discussão e estimule a reflexão.

1º Leitura compartilhada do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo.

- 20 Oralmente, conduzir a verificação da leitura para assegurar que os alunos tenham compreendido o texto.
- 30 Entregar para os alunos a **Atividade G** e conduzir o desenvolvimento das atividades. Explique que ao final eles construirão um mural com as características do conto que serão definidas no decorrer das atividades.
- 40 Ao final das atividades, retomar as respostas dos alunos para a sessão “Concluímos que...”. Estimulá-los a expor suas conclusões e ponderar acerca da pertinência em relação ao gênero. Compôr, coletivamente, o esquema que sintetiza as características do conto maravilhoso.
- 50 Transpor para o mural o esquema produzido coletivamente. Como sugestão apresentamos no caderno do aluno a estrutura que poderá ser reproduzida no mural.

Professor, a produção do mural tem o objetivo de compôr a memória das aprendizagens “um gesto didático fundador no âmbito do ensino, segundo proposta de pesquisadores do Grupo de Genebra” (BARROS, 2013, p. 111). Sendo assim, ele será alimentado no decorrer das oficinas e os alunos deverão ser estimulados a recorrer a ele sempre que necessário. Por esse motivo o mural deve ser bem organizado e fixado em sala de aula em lugar visível que facilite consultas posteriores.



Oficina VI – Apresentação das características discursivas do gênero (parte II)

Objetivos:

- ✓ Apresentar os momentos da narrativa, fases constituintes da planificação textual do conto maravilhoso e seu funcionamento discursivo;

Professor, essa oficina permitirá aos alunos uma visão global do texto, verificando que as fases de planificação textual fazem parte de uma sequência narrativa. Optamos por uma adaptação da planificação proposta por Bronckart (2012), mais adequada à etapa de ensino e sugerimos a organização da narrativa a partir dos momentos: **situação inicial, conflito, clímax e desfecho**.

- 10 Leitura compartilhada do conto “Moço bonito imundo”.
- 20 Entregar aos alunos a **Atividade H**. Exponha a explicação apresentada no caderno e auxilie os alunos na resolução da atividade.

30 Dando continuidade à produção do mural (memória das aprendizagens), reproduza o esquema apresentado no Caderno do aluno e fixe-o no mural.

40 Divida os alunos em duplas para que realizem a atividade “Texto quebra-cabeça” (**Atividade I**). O objetivo dessa atividade é verificar a capacidade de ordenar os acontecimentos seguindo os momentos da narrativa de forma a garantir a progressão textual. Selecionamos a parte inicial do conto “Coco Verde e Melancia” que sintetiza a sequência narrativa. Apresentamos a seguir o gabarito da atividade proposta:

Coco Verde e Melancia	
Situação inicial	<p>Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.</p> <p>A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou a gostar de colega de classe.</p> <p>Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.</p>
Conflito	<p>Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.</p> <p>Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.</p>
Clímax	<p>Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.</p> <p>Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.</p> <p>Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.</p> <p>O menino passou a ser Coco Verde.</p> <p>A menina passou a ser Melancia.</p>

Desfecho

E assim, mesmo sem se ver, os sois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

E o tempo passou. [...]

AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.



Oficina VII – Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (Parte I)

Objetivos:

- ✓ Abordar a função dos sinônimos na construção dos sentidos do texto;
- ✓ Compreender a função da expressão “Era uma vez...” utilizado no início dos contos;
- ✓ Reconhecer o tempo verbal predominante;
- ✓ Identificar organizadores temporais e espaciais.

Professor, essa oficina permitirá aos alunos analisar os efeitos de sentido provocados pelas escolhas linguísticas utilizadas no gênero. É essencial que os aspectos linguísticos sejam reconhecidos no texto e que sejam analisados a partir de sua função na composição do conto. Segundo Pavani e Machado (2003, p. 75):

A literatura constitui-se de imagens que se manifestam nos textos através de símbolos, objetos concretos que evocam múltiplos significados, e de metáforas, imagens construídas a partir de combinações que buscam exprimir o que as palavras, por si só, não conseguem. Desse modo, o texto literário ultrapassa seu sentido referencial.

Sendo assim, as reflexões propostas pelas atividades que se seguem objetivam desvelar os sentidos construídos a partir da análise e interpretação dos textos.

- 10 Retomar a leitura do conto “Moço bonito imundo” (**Atividade J**). Estimular os alunos a contarem a história a partir do que lembram da leitura.

2º Conduzir as atividades propostas no caderno. Abordar o conceito de sinônimo a partir de sua função no texto. Assinalar a importância de atentarmos para o contexto em que o sinônimo será inserido. Estimular a participação oral dos alunos na conclusão das atividades, assinalando a relevância dos sinônimos para evitar repetições, enriquecer o texto, ajudar a construir a personagem, estimular a imaginação.

3º Orientar o desenvolvimento das atividades que abordam o tempo verbal do conto maravilhoso (**Atividade K**). É importante que os alunos percebam que o tempo passado é predominante por se tratar de uma narrativa de fatos ancorados em um passado longínquo, o que confere um distanciamento da realidade. Da mesma forma ressaltar a utilização da expressão “Era uma vez” como clichê dos contos maravilhosos e que auxiliam no afastamento do real.

4º Em seguida, conduzir as atividades que objetivam identificar os marcadores temporais e espaciais e sua função na construção da narrativa. Para a atividade em grupo, dividir a turma em 10 grupos, cada um deles deverá ficar responsável por um conto da coletânea de Ricardo Azevedo. Os marcadores assinalados pelos alunos deverão compor uma lista de possibilidades para consultas posteriores a ser fixada no mural. Sugestão:

PARA UTILIZAR NO MEU CONTO:	
Marcadores temporais	Marcadores espaciais



Oficina VIII – Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (Parte II)

Objetivos:

- ✓ Abordar a nomenclatura e a função dos sinais de pontuação (ponto de interrogação, ponto de exclamação, dois-pontos, ponto final) e averiguar a correta utilização;

- ✓ Apresentar as possibilidades de dar voz aos personagens (discurso direto e discurso indireto).

Professor, as atividades propostas nessa oficina objetivam impulsionar a reflexão acerca da função dos sinais de pontuação e das possibilidades de dar voz às personagens. É importante que você estimule o aluno a construir seu conhecimento a partir da análise do texto para, então, oferecer a conceituação.

1º Sugerimos que o professor faça a leitura do texto indicado no início da atividade **(Atividade L)** conferindo ritmo e entonação adequados, como forma de oferecer um modelo de leitura importante para a compreensão da utilização dos sinais de pontuação.

2º Conduzir as atividades **(Atividade L)** que abordam os sinais de pontuação atentando para a expressividade inerente a cada um deles. Enfatizamos os sinais recorrentes no gênero conto maravilhoso: ponto final, dois-pontos, travessão, ponto de interrogação e ponto de exclamação. As atividades 2 e 3 tem por objetivo incentivar a análise da utilização dos sinais de pontuação e conclusão a respeito da função de cada um deles. Sugerimos que a atividade 3 seja inicialmente realizada em duplas e, depois, socializada para uma produção coletiva que deverá ser exposta no mural.

3º Orientar a realização das atividades que desenvolvem a percepção sobre as possibilidades de representar a fala das personagens. Em relação as atividades 2 e 3, uma das dificuldades comumente apresentadas é a alteração do tempo verbal e o uso de conjunções. Por isso, sugerimos que, oralmente, o professor realize as alterações sugeridas nas atividades, tendo outras frases como exemplo, e, assim, ofereça um modelo aos alunos. A atividade 4 tem o objetivo de ordenar e organizar o conhecimento, além de se constituir em instrumento de consulta para produções posteriores. Sugerimos que o esquema seja reproduzido no mural.



Oficina IX – Desenvolvendo o conto

Objetivos:

- ✓ Ampliar o léxico relacionado ao universo maravilhoso;
- ✓ Estimular a criatividade na composição das personagens do conto.

Professor, esta etapa visa auxiliar o aluno na composição do texto e estimulá-lo a partir de técnicas da Escrita Criativa. A primeira atividade (Atividade M) parte do pressuposto de que o texto literário distingue-se do discurso cotidiano, dentre outros aspectos, pelo tratamento dado à linguagem (PAVANI; MACHADO, 2003). As autoras assinalam que “a linguagem literária ultrapassa o sentido convencional das palavras” (PAVANI; MACHADO, 2003, p. 30) e, por esse motivo, a atividade baseada em técnicas de EC atenta para os efeitos de sentido e possibilidades de interpretação do texto provocados pela escolha lexical.

19

Explique aos alunos que os contos maravilhosos, por estarem inseridos no mundo da imaginação, utilizam palavras peculiares que fazem a diferença na construção do sentido do texto. Como exemplo cite o efeito de sentido provocado pela substituição de CASA por CASEBRE, ou a simbologia que a palavra ESPELHO carrega. Então, entregue a eles a **Atividade M**, que tem por objetivo ampliar o léxico em relação ao universo maravilhoso e compor um banco de palavras para consulta a ser fixado no mural.

Professor, para tornar a atividade mais dinâmica você pode sugerir que os alunos participem de um jogo onde, agrupados em duplas ou trios, preencham a lista de palavras. Quando todos os grupos tiverem terminados medeie o processo de conferência, pontuando com 5 pontos palavras que se repetiram em mais grupos e com 10 pontos palavras exclusivas do grupo. Aquelas palavras que não têm relevância para a construção do maravilhoso não pontuam. Ao final somar a pontuação e premiar a equipe vencedora.

20

O objetivo desta atividade é estimular a criatividade dos alunos na composição das personagens principais (protagonista/antagonista) do conto que irão escrever. Para tanto é necessário previamente retomar a função dessas personagens no desenvolvimento do enredo do conto. Entregue aos alunos a **Atividade N** e conduza a discussão proposta. Em seguida, explique que farão uma apresentação para a turma, quando deverão vir caracterizados de acordo com as personagens que a dupla criou. Ainda na Atividade N há um espaço para que descrevam as características dessas personagens. No dia estipulado para a apresentação os alunos deverão apresentar-se como as personagens que criaram e descreverem-nas para a turma que poderá sugerir adaptações.

Pavani e Machado (2003, p. 47) afirmam que “no texto literário, a personagem revela-se o eixo em torno do qual gira a ação [...]”; por esse motivo, de acordo com a EC, trabalhar em sua caracterização direciona a construção da narrativa.



Oficina X – Produção inicial do conto

Objetivos:

- ✓ Produzir um conto maravilhoso;
- ✓ Averiguar o desenvolvimento das capacidades dos alunos na produção escrita do conto maravilhoso.

Professor, esta é uma etapa de grande importância na sequência didática, pois possibilita verificar, por meio da produção escrita, o quanto os alunos já desenvolveram suas capacidades em relação ao gênero conto maravilhoso, tendo como parâmetro a análise diagnóstica dos instrumentos implementados no início dos trabalhos. Vale ressaltar que, no nosso caso, uma produção inicial já havia sido solicitada como instrumento diagnóstico e que os problemas evidenciados foram abordados nas oficinas anteriores. Embora as atividades desta sequência didática já estejam, previamente, elaboradas, você pode analisar o que deve ser trabalhado, pois o diagnóstico obtido a partir da produção escrita serve de orientação no desenvolvimento das demais oficinas. Portanto, cabe a você, professor, selecionar o que deve ser aprofundado ou excluído.

10 Entregue aos alunos a **Atividade O** que contém um roteiro que auxilia no planejamento do texto a ser escrito pelos alunos. Mediante os conhecimentos adquiridos a respeito do gênero conto maravilhoso, os alunos devem construir um texto que aborde as temáticas referentes aos sentimentos humanos e relacionamentos sociais. Sugerimos que os alunos sejam orientados quanto à delimitação do contexto de produção do conto maravilhoso, refletindo sobre: Para quem o texto será escrito? Qual o papel que o aluno deve representar no texto produzido? Qual o objetivo dessa produção? Onde este texto será publicado? É interessante dizer aos alunos que os textos produzidos poderão fazer parte da coletânea de contos a ser publicada no final da sequência didática.

- Sugerimos que a produção seja feita em duplas, em um trabalho colaborativo, como forma de compartilhar os conhecimentos apreendidos até então.
- Oriente os alunos a acessarem o mural que serve como suporte às memórias das aprendizagens.

Professor, o roteiro que auxilia o aluno no planejamento do texto baseia-se na técnica de EC denominada *story-line* (PAVANI; MACHADO, 2003), que consiste na construção de uma síntese da história que servirá como fio condutor para a escrita.



Oficina XI – Revisando o texto

Objetivos:

- ✓ Revisar a produção inicial do conto.

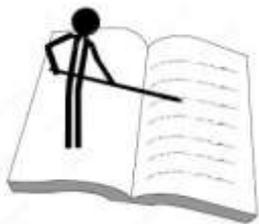
Professor, esta etapa deve proporcionar atividades de revisão que verifiquem se o texto produzido pelos alunos cumpre a sua função social, se está de acordo com as características trabalhadas nas oficinas e se respeita as convenções da escrita da língua portuguesa. Sugerimos que o processo de revisão siga as seguintes etapas: 1) autoavaliação 2) correção entre pares 3) correção do professor. Todos os apontamentos e sugestões auxiliarão na reescrita do texto.

1º O processo de revisão do conto inicia-se com a autoavaliação. Entregue aos alunos a **Atividade P** composta por um roteiro que conduzirá a análise do texto produzido. Explique a eles que, no momento de reescrita, os apontamentos realizados poderão ajudá-los a adequar o texto.

2º Em seguida, cada dupla revisará o texto de uma outra dupla utilizando um roteiro de análise (**Atividade Q**). A revisão entre pares propicia a interação que contribui para que os alunos participem ativamente não só da sua aprendizagem, mas também da dos colegas. Distribua um texto para cada dupla e oriente-os na revisão. Finalizado o processo, recolha as atividades e encaminhe-as aos autores dos contos para que possam conferir os apontamentos e sugestões feitos pelos colegas.

3º Em relação à correção textual do professor, sugerimos que o professor a faça de forma textual-interativa (RUIZ, 2013), por meio de comentários ou notas esclarecedoras que promovam o diálogo entre professor e aluno. O professor pode seguir o mesmo roteiro de revisão sugerido aos alunos, fazendo anotações nos textos produzidos.

Professor, neste momento é importante que você reavalie a pertinência das oficinas seguintes de acordo com o desempenho dos seus alunos na produção inicial. Talvez haja a necessidade de adequá-las, excluí-las ou incluir novas atividades que atendam à demanda dos seus alunos.



Oficina XII – Reescrevendo o conto

Objetivo:

- ✓ Reescrever o conto.

Professor, esta oficina inicia o processo de reescrita do conto. Salientamos a necessidade de reflexão a partir das características do gênero e das revisões realizadas que irão apontar a necessidade de reescrita total ou parcial do texto. Ainda pautados na Escrita Criativa sugerimos que o conto seja reescrito por partes, a fim de proporcionar maior destaque aos objetivos de cada etapa. A esse respeito justificamos:

A prática da escrita criativa deve, portanto, estar ancorada numa metodologia que privilegie um tratamento global do texto escrito, mas que permita aos estudantes, em simultâneo, a adopção de um percurso faseado e hierarquizado na sua actividade continuada de produção de textos. O que está em causa é sobretudo a possibilidade de cada redactor se ver confrontado, passo a passo, com a necessidade de tomar decisões relativamente aos desafios que lhe são lançados. (LEITÃO, 2008, p. 31).

1º Retome com os alunos a planificação do conto a partir das memórias de aprendizagem dispostas no mural. Saliente o propósito de cada momento da narrativa (situação inicial, conflito, clímax e desfecho) na construção do enredo. Em seguida entregue aos alunos a **Atividade R** que conduz as tarefas simplificadas de produção.

2º Concluídas as tarefas simplificadas de produção os alunos terão o conto finalizado. É importante que eles façam a leitura em voz alta para a turma como uma forma de revisão final do texto.



Oficina XIII – Ilustrando o conto

Objetivos:

- ✓ Reconhecer a função da ilustração no conto;
- ✓ Ilustrar o conto produzido.

Professor, para esta oficina sugerimos um trabalho multidisciplinar em parceria com a disciplina de Arte. Sendo assim, o professor da disciplina deve ser orientado a trabalhar com os alunos possíveis técnicas de ilustração e auxiliá-los na ilustração do conto que produziram.

1º De início é necessário que os alunos percebam a função das ilustrações na composição da obra. Para tanto entregue a eles a **Atividade R** e conduza o desenvolvimento das atividades propostas. O intuito é que os alunos percebam que a ilustração pode servir tanto para reproduzir o texto verbal, quanto para complementá-lo. Além disso, um texto ilustrado também serve para chamar atenção do leitor.

2º Em um segundo momento os alunos participarão de uma aula com o professor de Artes que irá apresentar diferentes técnicas de ilustração: xilogravura, colagem, fotografia, aquarela, desenho. Eles deverão escolher uma dessas técnicas e produzir uma ilustração para o conto que escreveram.



Oficina XIV – Finalizando a interação

Objetivo:

- ✓ Compartilhar com a comunidade escolar a coletânea de contos produzida pela turma.

Professor, este é o momento de socializar as produções dos alunos. É a etapa final da sequência didática. Um momento muito importante, pois o texto produzido por seus alunos passa a cumprir sua função social, transpondo os limites da sala de aula e alcançando toda a comunidade escolar. Sugerimos que seja organizado um evento de lançamento do livro, quando os alunos, agora autores, poderão autografar a coletânea produzida pela turma.

1º Os contos produzidos deverão ser digitalizados e compilados em formato de coletânea. Organize e conduza o momento de interação.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. 2ed. Ática, São Paulo, 2007.
- BARROS, E. M. D. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais**: a sequência didática como instrumento de mediação. 2012. 370 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- _____, E. M. D. Memória das aprendizagens: um gesto docente integrador da sequência didática. **Trabalhos em linguística aplicada**. 2013, vol.52, n.1, p.107-126.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, texto e discurso**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- _____, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHENEUWLY, B. Sequência Didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.
- _____, J; SCHENEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.
- LEITÃO, Nuno. As palavras também saem das mãos. **Revista Noesis online**, Lisboa, n. 72, p. 30-33, jan./mar. 2008. Disponível em: www.oei.es/historico/pdfs/noesis72.pdf. Acesso em: 05 fev. 2018.
- MANCELOS, João de. Um Pórtico para a Escrita Criativa. **Pontes & Vírgulas**: Revista Municipal de Cultura, Aveiro, ano 2, n. 5, p. 14, 15, 2007. Disponível em: <http://manuelcarvalho.8m.com/EscritaCriativa.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2018.
- PAVANI, Cinara Ferreira; MACHADO, Maria Luiza Bonorino. **Criatividade**: atividades de criação literária. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- RODRIGUES, F.. A produção de texto na perspectiva da escrita criativa. **Diálogo das Letras**, América do Norte, 4, mai. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/1358/764>. Acesso em: 05 fev. 2018.

RUIZ, Eliane Donaio. **Como corrigir redações na escola**. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

APÊNDICE C – CADERNO DO ALUNO

Caderno do aluno

O CONTO SE APRESENTA

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me reconhecer. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala das histórias que você lê.

Não fique tão surpresa assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhas amigas. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e da Princesa Encantada, de reis, de bruxas, de Jaci-Perere. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim própria. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começa me apresentando: eu sou a Conto. Sabe a conto de fadas, a conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vêja que você ficou curiosa. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antiga. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. [...]

Moacyr Scliar. In: *Era uma vez um conto*: São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002, p. 05

**Quer saber mais
sobre esse gênero?
Vamos lá!**



ATIVIDADE A



Você irá participar de uma dinâmica chamada “Caixa dos sentimentos: que sentimento é esse?”.

Fique atento às orientações do seu professor.

Após a dinâmica participe da discussão com a turma:

- Quais sentimentos apareceram na dinâmica? Escreva aqui:

- Você acha importante falarmos e refletirmos sobre esses sentimentos? Por quê? Converse sobre isso com seus colegas e professor.

- Quais textos podem propor a reflexão sobre esses e outros sentimentos? Assinale as alternativas:

- () receita culinária () conto maravilhoso () poema
 () notícia de jornal () manual de instrução () letra de música



No decorrer das atividades vamos ampliar esse conceito.

Os contos maravilhosos são histórias fabulosas, com personagens, ambientes e acontecimentos mágicos. Abordam em suas temáticas os sentimentos e as relações humanas. Costumam ter a intenção de ensinar algo sobre o comportamento humano.



Leitura compartilhada do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo (texto 2 - coletânea de textos disponível no final do caderno)

Após a leitura responda:

- Quais sentimentos e relacionamentos vocês identificaram no conto?

- A partir da dinâmica realizada, da discussão com a turma e da leitura do conto, você pode responder: **SOBRE O QUE FALAM OS CONTOS MARAVILHOSOS ?**

Ajude o professor a compor uma lista de possíveis temáticas abordadas nos contos maravilhosos e produzam um mural.

ATIVIDADE B**Vamos conhecer nosso projeto de escrita?**

Como vimos na atividade anterior, o gênero conto maravilhoso é uma alternativa para abordamos temas que se referem aos sentimentos e às relações humanas, permitindo aos leitores um mergulho na fantasia, no mundo da imaginação. Esse mundo imaginário tem sua importância no desenvolvimento humano, ao propor histórias que nos ajudam a refletir sobre a realidade.

Fique atento ao projeto de escrita que seu professor irá propor. Contribua com sugestões. Em seguida, anote o que você entendeu:

➤ **O que vamos aprender?**

➤ **Para quem vamos produzir os contos maravilhosos?**

➤ **Como vamos aprender a produzir contos maravilhosos?**

➤ **Por quê?**

➤ **Quanto tempo?**

ATIVIDADE C

➤ O suporte do conto: o livro

O conto "A mulher dourada e o menino careca" que lemos foi retirado do livro *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. Conheça um pouco desse livro.

Referência bibliográfica

No fim do conto, você encontra o nome do livro de que ele faz parte e algumas outras informações, trata-se da **referência bibliográfica**.

A **referência bibliográfica** tem a função de identificar um texto, isto é, informar quem é o seu autor, de que livro o texto foi retirado, quem o publicou, etc.



Quando utilizamos um texto sempre devemos mencionar os livros e outros materiais consultados. Essas informações podem ser registradas logo abaixo do texto citado. Releia a referência bibliográfica de "A mulher dourada e o menino careca":

AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. São Paulo: Ática, 2007.

- Observe que as informações relacionadas nas referências seguem uma ordem. Preencha o quadro com as informações da referência:

A ordem dos dados nas referências bibliográficas é estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

1 – Sobrenome do autor	
2 – Nome do autor	
3 – Título da obra	
4 – Cidade onde se localiza a editora responsável pela publicação da obra	
5 – Nome da editora	
6 – Ano da edição	

- Agora vamos usar a imaginação! Imagine que você é o autor ou a autora de um livro e produza uma referência bibliográfica completa. Não se esqueça de seguir a ordem correta das informações.

Dedicatória

Nas páginas iniciais de muitos livros, há uma dedicatória, isto é, o autor homenageia aqueles que, de alguma forma, inspiram sua obra ou contribuíram para que ela existisse. Leia a dedicatória que o autor Ricardo Azevedo escreveu em seu livro:

Para Maria, companheira de tantas viagens.

- Quem você imagina que seja a homenageada do autor? Leia o trecho de uma autobiografia do autor para descobrir:

Autobiografia de Ricardo Azevedo

Escrevi essa autobiografia a partir de certas perguntas recorrentes feitas por leitores. Sou casado com a Maria e tenho três filhos: Maria Isabel, José Eduardo e Clara. Lá em casa morava uma simpática e peluda carregadora de pulgas de nome Diana. Infelizmente, a Diana tinha treze anos e morreu. Agora temos dois animais irracionais em casa: Platão e Flor. [...]

Fonte: www.ricardoazevedo.com.br

- Após a leitura do texto, responda:
- Em sua autobiografia o autor cita duas pessoas com o nome de Maria. Para qual das duas você imagina que seja a dedicatória? Por quê?

ATIVIDADE D



Você conhece algum escritor ou escritora de contos? Sabe como eles escrevem? Quando e onde produzem seus contos? Onde publicam? Por que escrevem? Sobre o que escrevem?

Teremos o prazer de receber uma escritora de contos para uma conversa e é importante que você se prepare para esse momento. Reúna-se com um colega e elabore perguntas direcionadas à escritora. Qual é a sua curiosidade sobre o ofício de escrever contos?

Durante a palestra fique atento à fala da escritora e anote o que achar interessante:

Após a palestra: Vamos compartilhar as anotações que fizeram. Preste atenção à fala dos seus colegas e espere sua vez para falar. Assim todos se entendem!



ATIVIDADE F

Você agora irá ouvir uma história chamada “Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza”, de Ricardo Azevedo. Preste atenção e divirta-se!



➔ O texto está disponível na coletânea no final do caderno (texto 8). Você pode precisar retomar a leitura para responder as questões.

Após a leitura do texto “Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza”, responda:

1. O texto que você leu é:

() um poema () um convite () um conto maravilhoso () uma lenda

2. O objetivo desse texto é:

(A) fazer refletir (B) informar (C) passar uma lição de moral (D) convidar

3. Marque somente as características desse texto.

() Pode ter, como personagens, pessoas do povo e, às vezes, seres extraordinários (fadas, bruxas etc.).

() Seus personagens são animais.

() Fazem parte da tradição oral e ganham versões à medida que são recontados.

4. Releia o texto e depois responda.

a) Personagem é quem participa da história. Quais as personagens desse texto?

b) De acordo com o texto, como vivia o homem?

c) O que o homem sempre fazia ao acordar?

d) Como eram os nomes das mulheres que apareceram querendo ajudar o camponês trabalhador?

e) Como Riqueza disse que ajudaria o homem?

f) Ao ter dinheiro, o homem resolveu seus problemas?

g) Você acha que dinheiro resolve tudo? Por quê?

5. Após todas essas reflexões sobre o conto, responda: Qual é temática abordada no texto?

ATIVIDADE G



➤ Leitura compartilhada do conto: "Os onze cisnes da princesa", de Ricardo Azevedo (texto 6 da coletânea)

Você leu um conto escrito por Ricardo Azevedo. Vamos analisar como ele foi construído.

Narrativa em prosa

Um texto é escrito **em prosa** quando é organizado em frases contínuas formando parágrafos.

➡ Quantos parágrafos há na história lida? Não se esqueça de que o parágrafo também pode começar por travessão, sinal que introduz a fala de uma personagem.

Elementos da narrativa

Para contar uma história são necessários os seguintes elementos:

- **Narrador:** aquele que conta a história.
- **Espaço:** onde a ação se passa.
- **Personagens:** aqueles que participam da história.
- **Tempo:** quando a ação se passa.
- **Enredo:** o que acontece, como as ações se desenvolvem

Agora, vamos estudar esses elementos conforme eles vão aparecendo na história que você leu:

Narrador

Narrador é aquele que conta uma história. Ele pode ser:

Uma das personagens da história;

Aquele que só observa o que acontece e conta.

1. Releia um trecho do conto "Os onze cisnes da princesa", de Ricardo Azevedo:

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

Que alternativa corresponde ao narrador do conto que você leu? O narrador:

() é uma das personagens () só observa o que acontece

2. Procure em outro texto da coletânea de contos de Ricardo Azevedo um trecho que exemplifique o mesmo tipo de narrador:

3. Como ficaria escrito o trecho da questão 1 se quem narrasse a história fosse a princesa? Reescreva o trecho fazendo as adaptações necessárias.



CONCLUÍMOS que, nos contos maravilhosos, o narrador

.....

.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Espaço

Espaço é o lugar onde ocorrem as ações, os fatos. Uma das características dos contos maravilhosos é que os fatos podem ocorrer em espaços ou lugares muitas vezes indeterminados, indefinidos.

1. Identifique no conto “Os onze cisnes da princesa” (texto 6 da coletânea) palavras e/ou expressões que indiquem onde acontece a história e as escreva aqui.

Ao longo do conto aparecem palavras e expressões que indicam onde a narrativa se desenvolve, mas não dão uma indicação exata do lugar. Observe:

“E assim a princesa acabou indo morar numa fazenda distante”.

Você consegue dizer onde, exatamente, é essa fazenda?



Dizemos que o espaço é indeterminado ou indefinido quando não há indicação precisa do lugar. Nos contos maravilhosos essa característica é utilizada para garantir a universalidade do conto, pois quanto mais generalizados forem os elementos narrativos, maior será o número de pessoas que se identificará com a história narrada.

Universalidade: qualidade ou caráter do que é universal, geral, total, para todos.

CONCLUÍMOS que, nos contos maravilhosos, o espaço



.....

.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Personagens

Personagens são elementos que dão vida à história, fazendo com que ela aconteça. Muitas vezes, tanto nas narrativas orais quanto escritas, as personagens não são nomeadas, mas sim identificadas por diferentes características como as relações de parentesco.

1. Escreva quais são as personagens do conto “Os onze cisnes da princesa”(texto 6).

2. As personagens são nomeadas? Como elas são identificadas?

3. Em relação à princesa, qual é o parentesco das demais personagens do conto?



4. Quais personagens podem ser identificadas pelas características a seguir?

Viúvo	→	
Cruel feiticeira	→	
Moça bonita	→	
Onze moços	→	

Outra característica dos contos maravilhosos é a presença de personagens que representam a luta do bem contra o mal. O personagem central, considerado o mais importante, e que representa o bem chama-se **PROTAGONISTA**. Em oposição ao protagonista, e representando o mal aparece o **ANTAGONISTA**, personagem que rivaliza com o protagonista. Geralmente é o vilão.

5. No conto “Os onze cisnes da princesa”, indique quem desempenha o papel de:

PROTAGONISTA: _____

ANTAGONISTA: _____



CONCLUÍMOS que, nos contos maravilhosos, as personagens.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Tempo

O tempo em que se desenvolve a história pode ser determinado com marcadores que indicam dia, ano, horas. Quando não há esses marcadores precisos, o tempo é indeterminado. Observe alguns indicativos de tempo utilizados no conto "Os onze cisnes da princesa":

"Era uma vez..."

"Um dia..."

"Os anos se passaram..."

"Aquele noite..."

"E o tempo foi passando..."

Como você pode perceber, os marcadores de tempo retirados do conto são imprecisos, pois não indicam certamente quando os fatos aconteceram ou a duração exata deles. Isso porque a atemporalidade da narrativa é uma característica dos contos maravilhosos.

Característica de algo ou alguém que não é afetado pelo passar do tempo, ou seja, que faz parte de qualquer época ou tempo.

1. Copie outras expressões do texto que indicam que o tempo em que os fatos acontecem é indeterminado.



CONCLUÍMOS que, nos contos maravilhosos, o tempo

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Enredo

O enredo é construído pelas ações da narrativa. Os fatos se desenrolam formando a trama da história.

1. Qual é a ação do rei, expressa nos 3 primeiros parágrafos, que dá início à trama da história?

2. Nos parágrafos seguintes (até o 6º) encontramos as ações da rainha bruxa. Quais são elas?

3. Em uma palavra, como você define as atitudes da rainha bruxa em relação aos seus enteados? O que a rainha bruxa fez é algo possível de ser feito no mundo real?

Os enredos dos contos maravilhosos falam de sentimentos comuns a todos nós, como: ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração. Além disso há, obrigatoriamente, a presença de elementos, ambientes e personagens mágicos que fazem com que a narrativa se distancie do mundo real.

4. Indique outros elementos do conto que são inadmissíveis no mundo real.



CONCLUÍMOS que, nos contos maravilhosos, o enredo

.....

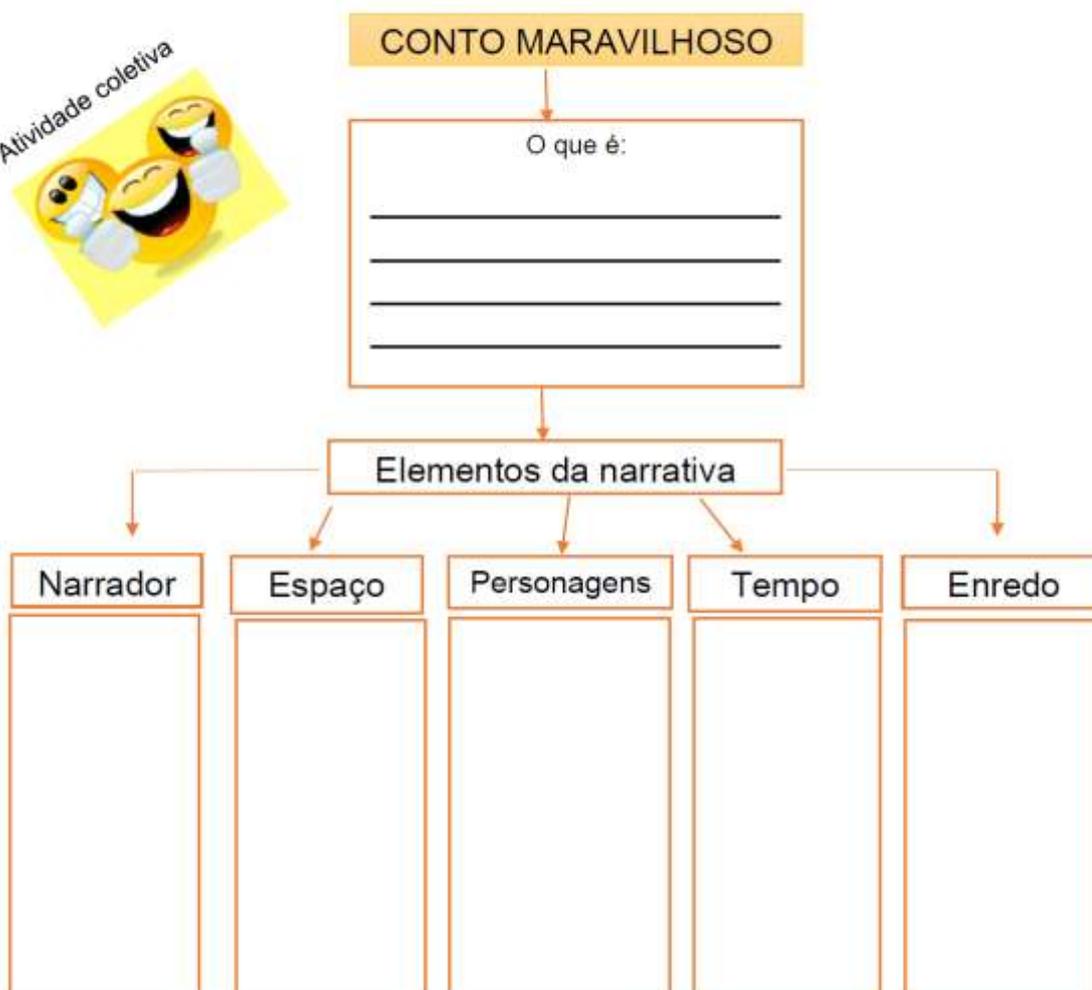
.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Após analisarmos os elementos da narrativa que compõem o conto maravilhoso, preencha com o professor e os colegas o esquema a seguir:

Atividade coletiva



ATIVIDADE H



➤ Leitura do conto: "Moço bonito imundo", de Ricardo Azevedo (texto 1 da coletânea)

O texto que nós acabamos de ler foi organizado a partir de uma sequência de acontecimentos chamada de **momentos da narrativa**. Assim como o enredo é estruturado pelas ações que ocorrem na narrativa, os momentos da narrativa constituem o enredo.

Os momentos de uma narrativa podem ser organizados da seguinte maneira: **SITUAÇÃO INICIAL. CONFLITO. CLÍMAX E DESFECHO.**

Um texto narrativo passa, necessariamente, por esses momentos para que ele se constitua como uma trama interessante para o leitor. Vamos entender melhor relacionando o texto narrativo à uma montanha russa:



Seria emocionante uma montanha-russa em linha reta, em que o carrinho anda sempre na mesma direção, do mesmo jeito?



Acredito que sua resposta tenha sido: **NÃO!** Da mesma forma, o texto narrativo se torna chato e monótono quando não desenvolve o conflito. O texto precisa progredir! Comparado à montanha-russa, ele segue a seguinte estrutura:



1. Identifique no conto “Moço bonito imundo” os acontecimentos correspondentes a cada um dos momentos da narrativa. Complete o quadro abaixo registrando uma síntese desses acontecimentos:

SITUAÇÃO INICIAL	CONFLITO	CLÍMAX	DESFECHO
Começo da narrativa, momento em que apresentam personagens, tempo, lugar em uma situação de equilíbrio.	Desequilíbrio ou problema provocado por algum motivo	Momento de maior tensão na história	Final e resolução do conflito
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

MOMENTOS DA NARRATIVA



Que tal reproduzir esse esquema no nosso mural?



ATIVIDADE I

- Recorte as partes do texto e cole-as ordenando para que o texto siga uma sequência narrativa. Em seguida, nomeie as partes do texto de acordo com os momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho.



A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou a gostar de colega de classe. Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

Coco Verde e Melancia

Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.

Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

E o tempo passou. [...]

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.

ATIVIDADE J



Anteriormente lemos o conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo (texto 1 da coletânea). Alguém se lembra da história para compartilhar com a turma?

- Logo no início do conto o moço encontra-se com uma figura que lhe faz uma proposta e promete deixá-lo rico. Quem é esse ser? _____
- Releia o conto até o parágrafo 33. Você vai perceber que o autor usou diferentes nomes para se referir a esse ser. Copie todos que você encontrar:

Os nomes que você listou acima são considerados **SINÔNIMOS**

SINÔNIMOS são palavras que, apesar de diferentes, tem o mesmo significado, ou significados muito parecidos dentro de determinado contexto.

É essencial que você analise o contexto em que a palavra está inserida. No trecho que você leu foi utilizada a palavra **CÃO**. Veja como essa palavra é definida no dicionário Aurélio:

Cão: 1. Animal mamífero de quatro patas, domesticado pelo homem desde os tempos remotos. 2. Peça de arma de fogo que percute espoleta. 3. O demônio.

No conto “Moço bonito imundo”, qual a definição se refere à palavra **CÃO**? _____

E para que servem os sinônimos?



- Converse com seu professor, dê sua opinião, ouça a opinião dos colegas e, depois, assinale as alternativas que expressam as funções dos sinônimos no texto:
- | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| () Evitar repetição nas retomadas | () Indicar o tempo das ações |
| () Dar ritmo a leitura | () Estimular a imaginação |
| () Enriquecer o texto | () Ajudar a construir a personagem |

ATIVIDADE K

Tempo verbal

Leia o início do conto "Moço bonito imundo":

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

[...]

- Pinte todos verbos que você encontrar no trecho.
- Responda: qual o tempo verbal que predomina?
() presente () passado () futuro
- Observe: "Vive com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho é um moço forte e bonito". Qual é o efeito de sentido provocado pela mudança do tempo verbal?

Na coletânea de contos observe como os textos são iniciados. Qual expressão se repete?

A expressão "**Era uma vez**" é constante no início dos contos maravilhosos. Isso porque essas histórias situam-se no tempo passado, no mundo da imaginação. O "Era uma vez" funciona como uma cápsula do tempo que imediatamente nos transporta para um passado longínquo, em um mundo de fantasia.

Para concluir: Nos contos maravilhosos utilizamos os verbos no _____ e no início a expressão _____ transporta o leitor para um mundo de fantasia.

Vamos registrar essa conclusão no nosso mural?



Marcadores temporais

No trecho do conto destacado acima, além do tempo passado marcado pelos verbos (era, vivia, morreu, etc.), há outras palavras – não verbos – que ajudam a reconhecer o tempo em que a história acontece. Identifique que palavras são essas e registre abaixo:

Essas palavras e expressões são chamadas de marcadores temporais e tem a função de organizar a passagem dos fatos e sequenciar a história narrada.



Atenção! Para encontrarmos uma palavra ou expressão que indique tempo podemos fazer a pergunta: QUANDO?

Marcadores espaciais

Além de se situar no tempo, a narrativa também precisa se localizar no espaço. Retome o trecho do conto destacado acima e identifique palavras ou expressões que deem indicação de lugar.

Essas palavras e expressões são chamadas de marcadores espaciais e têm a função de localizar onde se passam os fatos narrados.



Atenção! Para encontrarmos uma palavra ou expressão que indique lugar podemos fazer a pergunta: ONDE?



ATIVIDADE EM GRUPO

- Dividam-se em 10 grupos;
- Cada grupo receberá um conto;
- A tarefa do grupo será realizar a leitura do conto destacando os marcadores temporais (quando?) e espaciais (onde?). Listar os marcadores encontrados separando-os em duas colunas;
- Concluída a atividade o grupo irá socializar com os demais os marcadores encontrados que ficarão expostos no mural para consulta nos momentos de produção de texto.



ATIVIDADE L

- Leitura do conto: "Coco Verde e Melancia", de Ricardo Azevedo (texto 4 da coletânea) – Ouça com atenção e acompanhe a leitura que seu professor irá fazer.

Sinais de pontuação

1. Observe a pontuação final de cada uma das frases retiradas do conto que acabamos de ler. Analise seu sentido e escreva o número correspondente à expressividade que cada uma pode ter de acordo com o quadro:

- (1) Apresenta uma declaração em que se nega algo.
 (2) Expressa ênfase a uma ideia.
 (3) Expressa uma pergunta.
 (4) Faz uma declaração em que se afirma algo.

- () Era um fazendeiro muito rico. () O coração do rapaz parou de bater.
 () O homem não gostou nem um pouco. () Tá tudo acabado!
 () Amo você, Melancia! () Cadê a menina?
 () Pensam que me enganam? () Nem chorar ele chorava.

2. Volte ao texto e complete o quadro abaixo listando nele os sinais de pontuação adequados em cada coluna:

PONTUAÇÃO EM FIM DE FRASES	OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO EMPREGADOS NO TEXTO

3. EM DUPLAS. Analise como cada sinal de pontuação foi utilizado no texto e complete as linhas indicando a função de cada um:

Reproduzir no mural 

 **Ponto final:** _____

 **Ponto de interrogação:** _____

 **Dois-pontos:** _____

 **Travessão:** _____

4. Pontue corretamente o fragmento abaixo, de acordo com o que você respondeu na atividade anterior:

Coco Verde e Melancia eram apaixonados um pelo outro. O pai da menina não aceitava o namoro. Certo dia o pai mandou a menina embora para a casa da tia e ela não pode se despedir do seu amado. Coco Verde preocupado com o sumiço da namorada foi perguntar ao pai dela:

— Cadê a menina?

O fazendeiro respondeu, fingindo tristeza:

— Morreu.

O menino ficou desesperado e gritou:

— Eu quero morrer junto com ela!

Discurso direto e discurso indireto: formas de representar a fala das personagens

1. Compare os exemplos I e II e responda às questões:

- I. O menino disse que voltaria para matar a saudade da família.
- II. O menino disse:
 - Volto para matar a saudade da família.

a) Que diferença se pode observar entre esses dois exemplos?

b) Para que serve o travessão no exemplo II?

2. Releia esta fala do pai da menina:

- Tá tudo acabado! Minha filha morreu!

Reescreva essa frase como se o narrador contasse com as próprias palavras o que o pai da menina disse, isto é, sem dar a palavra ao homem. Comece com:

O pai da menina disse que.....

3. Releia um trecho do narrador do conto:

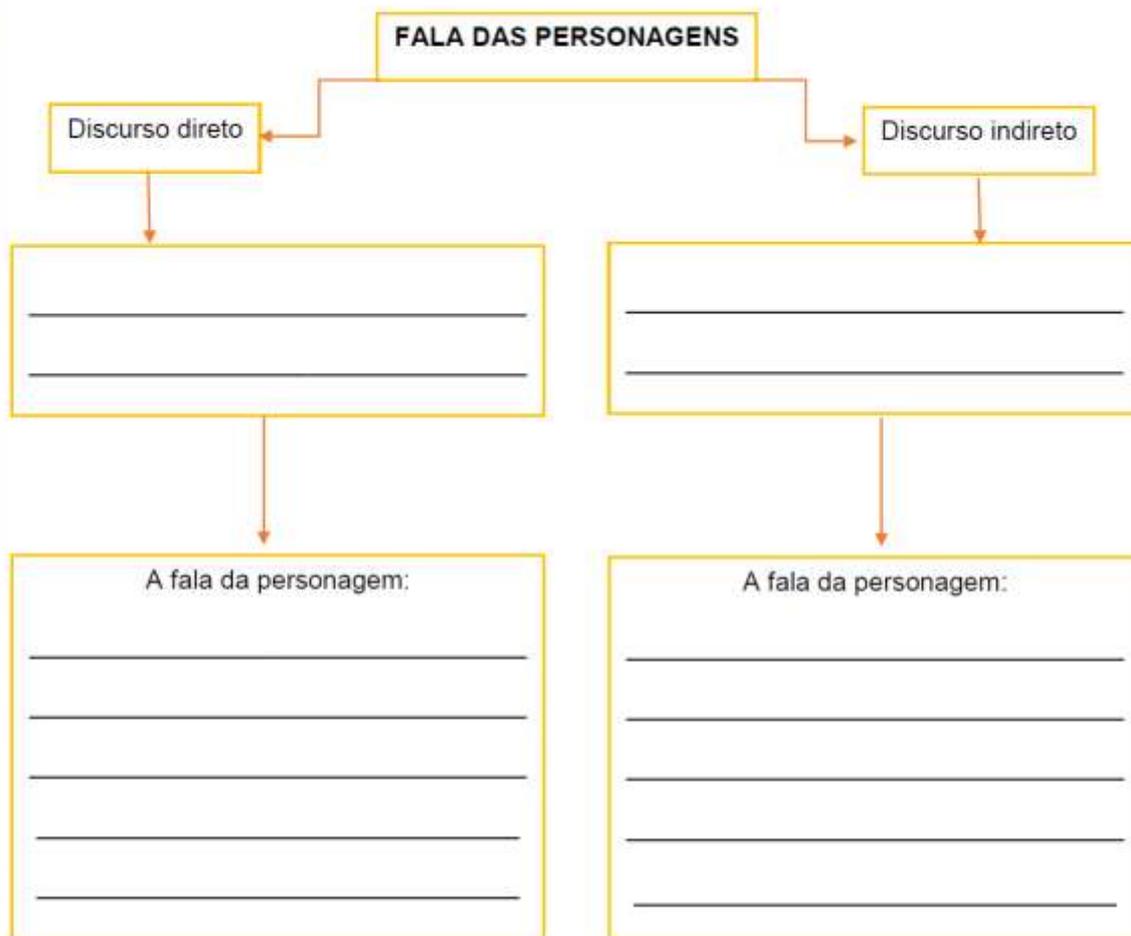
Quando a menina voltou para a casa, o pai, sem avisar nem explicar coisa nenhuma, disse que ela arrumasse as malas. Explicou que ela ia fazer uma viagem.

Reescreva o trecho separando a fala do narrador da fala da personagem e dando a palavra ao homem. Use **dois-pontos** depois da fala do narrador e **travessão** antes da fala do homem.

Discurso direto: quando o narrador dá a palavra à personagem, e a fala da personagem vem claramente separada da fala do narrador por travessão ou aspas.

Discurso indireto: quando o narrador conta o que a personagem diz sem dar a palavra a ela.

4. Complete o esquema com o que você acabou de aprender sobre a fala das personagens. Utilize as dicas abaixo para preencher as lacunas.



DICAS:

- A personagem fala diretamente
- O narrador conta o que a personagem diz
- É contada indiretamente pelo narrador
- É separada da fala do narrador
- Chega ao leitor pelas palavras do narrador
- É geralmente introduzida por travessão (-) ou vem entre aspas (" ")

Atividade em grupo

ATIVIDADE M



A tarefa de vocês será elaborar uma lista de palavras que remetam ao universo maravilhoso dos contos. Pode ser personagens, lugares, ações, características, enfim, qualquer palavra que pode ser utilizada nos contos maravilhosos. Vocês podem pesquisar nos textos da coletânea.

ABC DO ERA UMA VEZ...

- A de _____
- B de _____
- C de _____
- D de _____
- E de _____
- F de _____
- G de _____
- H de _____
- I de _____
- J de _____
- K de _____
- L de _____
- M de _____
- N de _____
- O de _____
- P de _____
- Q de _____
- R de _____
- S de _____
- T de _____
- U de _____
- V de _____
- W de _____
- X de _____
- Y de _____
- Z de _____



Vamos compartilhar com a turma as palavras que vocês listaram? Elas podem fazer parte de um banco de palavras a ser fixado na mural. Utilize-as para melhorar o seu conto!!

Atividade em duplas

ATIVIDADE N



Você aprendeu que nos contos maravilhosos as personagens classificam-se de acordo com o papel que desempenham na história. A que desempenha o papel principal chama-se **protagonista**. Nos contos maravilhosos o protagonista costuma ser um herói ou uma heroína. A personagem que se opõe ao protagonista, seja porque sua ação atrapalha a do protagonista, seja porque suas características são opostas às dele, é chamada de **antagonista**. Essa personagem é o vilão da história.

Os contos maravilhosos apresentam um herói ou uma heroína, e um vilão ou uma vilã. Os personagens são descritos no seu aspecto físico (altura, cor de cabelo, pele, olhos, beleza ou não, etc.) mostram também o seu modo de ser, isto é, como são psicologicamente (medrosos, corajoso, esperto, mal, bravo, violento, bom, caridoso, companheiro, amigo, bondoso, paciente, prudente, etc.). Às vezes é o comportamento da personagem que mostra como ela é.



Vamos conhecer as personagens dos contos produzidos na sala?

Para isso, as duplas que produzirão os contos irão se caracterizar como as personagens que criaram. Vale usar fantasia, fazer maquiagem, enfim, use sua criatividade para mostrar aos seus colegas as incríveis personagens que vocês criaram!!!

Para ajuda-los na apresentação, preencha a descrição da sua personagem:

Características físicas: _____

Características psicológicas: _____

No dia da apresentação fique atento às opiniões dos colegas sobre suas personagens e utiliza-as para enriquecer seu texto.

ATIVIDADE O

Vamos escrever um conto maravilhoso?

Chegou o momento de vocês produzirem um conto maravilhoso. Então, coloque em prática tudo que você aprendeu sobre esse gênero. Em seu conto, você terá que abordar um tema referente aos sentimentos humanos e às relações sociais.



Escreva um conto maravilhoso escolhendo, em cada uma das tiras de opções que se seguem, um (a) protagonista, algo que ele ou ela deseje, alguém ou alguma coisa que o ajude, e assim sucessivamente até à conclusão feliz do seu conto. Pode sempre escolher outros elementos, inventados por você.

Escolha o (a) protagonista do conto que irá escrever.



Escolha o que essa personagem procura.



Alguém ou alguma coisa ajuda o (a) protagonista.



O protagonista tem que partir para conseguir seu objetivo. Usa como meio de transporte:



Encontra um adversário.



O (a) protagonista corre perigo porque é:

*Ferido (a) *Feito (a) escravo *(a) Feito (a) prisioneiro *(a) Condenado (a) a morte
E o final é feliz!

ATIVIDADE P

Releia sua produção observando se ela está adequada ao que foi proposto. Considere os itens abaixo e assinale com um X na coluna adequada:



Está bom.



Precisa melhorar (reescrever).

Critérios para a revisão da produção do conto maravilhoso		
O tema é pertinente ao gênero?		
Tem a presença de elementos maravilhosos?		
Situação inicial		
Complicação		
Clímax		
Desfecho		
O tempo é indeterminado?		
O espaço remete ao mundo da imaginação?		
O protagonista e antagonista estão bem caracterizados?		
Utilizou o narrador em 3ª pessoa?		
O tempo verbal é o passado?		
Utilizou organizadores temporais e espaciais?		
Utilizou corretamente os sinais de pontuação?		
Utilizou o discurso direto e indireto para dar voz às personagens?		
A linguagem é adequada ao público?		
Escreveu corretamente as palavras?		
O texto está distribuído em parágrafos?		

Esta avaliação será retomada quando for reescrever seu texto.

Atividade em duplas

ATIVIDADE Q

Leia o texto que você recebeu e o avalie de acordo com os critérios abaixo

Autores do conto: _____**Revisores:** _____

Está bom.



Precisa melhorar (reescrever).

Critérios para a revisão da produção do conto maravilhoso		
O tema é pertinente ao gênero?		
Tem a presença de elementos maravilhosos?		
Situação inicial		
Complicação		
Climax		
Desfecho		
O tempo é indeterminado?		
O espaço remete ao mundo da imaginação?		
O protagonista e antagonista estão bem caracterizados?		
Utilizou o narrador em 3ª pessoa?		
O tempo verbal é o passado?		
Utilizou organizadores temporais e espaciais?		
Utilizou corretamente os sinais de pontuação?		
Utilizou o discurso direto e indireto para dar voz às personagens?		
A linguagem é adequada ao público?		
Escreveu corretamente as palavras?		
O texto está distribuído em parágrafos?		

Sugestões para melhorar o texto: _____

ATIVIDADE R



Chegou o momento de começarem a **reescrever** o conto. Para isso é importante lembrarmos dos momentos que compõem a narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Retome as aprendizagens que estão dispostas no mural e participe da conversa conduzida pelo seu professor.

Neste momento vamos pensar na situação inicial do conto. Para que você possa se inspirar recorra aos textos da coletânea de Ricardo Azevedo e realize a seguinte atividade:

- Identifiquem os parágrafos que compõem a situação inicial dos contos:

“O príncipe encantado no reino da escuridão” – do 1º parágrafo até o _____ parágrafo

“A mulher do viajante” – do 1º parágrafo até o _____ parágrafo

“O filho do ferreiro” – do 1º parágrafo até o _____ parágrafo

Agora mão à obra!!! Reúna-se com sua dupla e reescrevam ou adequem a situação inicial do conto que escreveram

Depois que reescreveram a situação inicial do conto, leiam todo o texto e procurem identificar:

Qual é o conflito? _____

Qual é o clímax? _____

Sua tarefa será reescrever ou adequar esses momentos da sua narrativa. Capriche!

Agora só falta o final do seu conto. Vamos pedir a opinião dos colegas? Vocês irão trocar os textos e terão a tarefa de escrever um final para o conto da outra dupla. **Lembrem-se: nos contos maravilhosos o final sempre é feliz.**

Quando receberem os textos de volta decidam: qual final ficou melhor? O que vocês escreveram ou o dos colegas? Dá para misturar os dois e compor um novo final? Façam como acharem melhor e finalize o seu conto.

Com o conto finalizado, leia-o para a turma.



ATIVIDADE 5

Observe as ilustrações abaixo. Elas fazem parte da obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo e acompanham os contos que compõem a coletânea no final do material. Relacione cada ilustração com o trecho do conto correspondente:



1



2



3



4



5



6



7



8



9

- () Se precisar de mim basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão (O príncipe encantado no reino da escuridão).
- () Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno (A mulher dourada e o menino careca).
- () Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio satanás! (Moço bonito imundo).
- () O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento (A mulher dourada e o menino careca).

- () Num pé de serra, no caminho da escola, tinha um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois (Coco Verde e Melancia).
- () No dia do casamento, no meio da festa, a casa do fazendeiro cheia de gente, apareceu um homem a cavalo. Disse que era tocador de viola. Queria cantar em homenagem aos noivos (Coco Verde e Melancia).
- () O navio rachou ao meio e afundou. Agarrado num pedaço de madeira, o jovem viajante ficou três dias e três noites navegando sem rumo (A mulher do viajante).
- () Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra. Correram para a lagoa e ficaram nadando (Os onze cisnes da princesa).
- () - Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte. Quase sempre andamos juntas por esse mundo afora (Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza).

De acordo com o que você observou nas ilustrações acima, converse com os colegas e professor e responda: Qual é a função da ilustração em um conto? Anote aqui suas conclusões:

Você participará de uma aula com o professor de Arte que irá apresentar algumas técnicas de ilustração: xilogravura, colagem, fotografia, aquarela, desenho. Preste muita atenção, você deverá escolher uma das técnicas apresentadas para ilustrar o seu conto.



Chegamos ao final do nosso projeto de escrita. Agora você já é autor de um conto e, com ele, ajudará a compor a coletânea de contos da turma.

Temos algumas decisões a tomar:

- Qual será o título da coletânea?
- Quem escreverá a dedicatória?
- Que dia faremos o lançamento do nosso livro?
 - Quem iremos convidar?

Agora é com vocês!!!



Coletânea de contos de Ricardo Azevedo

1 - Moço bonito imundo

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

-Vou deixar minha sorte nas mãos do destino- disse ele, pegando a estrada, com uma sacola pendurada nas costas.

E lá foi ele sem rota nem rumo. Andou e desandou por caminhos e descaminhos. Subiu e desceu montanhas. Atravessou e desatrevessou florestas escuras.

Uma tarde, estava descansando deitado debaixo de uma árvore. Uma figura surgiu só Deus sabe de onde. O moço tomou um susto. A figura era um homem alto e pálido, vestindo roupa preta.

O moço quase fugiu. Catou, no chão, um pedaço de pau grosso. O tal sujeito tinha pés de bode!

-Não precisava ter medo- disse o recém-chegado. - Conheço bem sua história. Sei que perdeu os pais e agora anda sozinho pelo mundo tentando se arranjar na vida.

O vento assobiava assustado. Trovoadas tamborilavam inesperadas no céu azul.

- Posso ajudar você- completou o homem com uma voz macia. E abriu um sorriso amarelado.

Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio satanás!

- Mas tem uma coisa- disse o Tinhoso- antes você vai ter que provar que é corajoso de verdade.

O jovem era peitudo:

-Pode ter certeza de que sou sim!

O Coisa-Ruim caiu na gargalhada e, num gesto mágico e ameaçador, fez surgir, do nada, um monstro imenso e peludo.

Os olhos do bicho chispavam. Soltando fumaça pelo nariz, o monstrengo rosnou e veio pra cima do moço.

Os dois rolaram pelo chão numa luta de vida ou morte. Num golpe de sorte, o rapaz conseguiu virar o corpo de lado, pegar areia do chão e, rápido, atirar nos olhos do bicho. Durante um instante, o monstro se atrapalhou. Foi tempo suficiente para o jovem pegar o pau e acertar uma pancada tão forte que a testa do monstrengo rachou no meio.

O Capeta coçou o nariz impressionado.

-Tenho uma proposta a fazer- disse ele em voz baixa.

Chegou mais perto. Garantiu que poderia deixar o moço rico. Garantiu que podia encher o moço de felicidade. Mas tinha uma condição: durante sete anos o rapaz não poderia tomar banho, nem cortar os cabelos, nem a barba e as unhas, nem se pentear e nem trocar de roupa.

O moço não entendeu.

O Cão arrancou a pele do monstro e fez uma espécie de roupa.

- Durante sete anos você vai ter que andar enrolado nessa capa.

E concluiu:

-Se durante esse período de tempo você não aguentar viver desse jeito, sua alma será minha. Em compensação, rosnou o satã, se conseguir sobreviver, se conseguir ficar sete anos sem se cuidar, enrolados nessa pele, você será livre e muito rico.

O moço ficou confuso. Era jovem, era forte, era bonito. Andar durante sete anos enrolado numa pele peluda de monstro sem poder tomar banho nem nada?

O Arrenegado prometeu:

-Agora vem a coisa boa: se aceitar o trato, a partir de agora, toda vez que precisar de dinheiro, é só enfiar a mão no bolso. Seu bolso vai ter dinheiro sempre. O quanto você quiser!

O moço olhou o Não-Sei-Que-Diga no olho.

-Se topar o desafio _ continuou o outro _ você vai andar feio, repulsivo e imundo, mas sempre e sempre terá dinheiro para fazer o que desejar.

O moço parou para pensar. Estava solto na vida. Não tinha nada a perder. É verdade que seria ruim andar estrepado, molambento e malcheiroso durante tanto tempo. Por outro lado, disse ele para ele mesmo, por dentro, debaixo da pele do monstro, debaixo da sujeira e das unhas encardidas, ele seria sempre ele mesmo. Era o que importava. O resto era só aparência sem serventia.

Respirou fundo.

-Eu topo!

O Pé-De-Bode soltou uma gargalhada e virou fumaça, deixando o ar envenenado de mistério, medo e maldade.

A partir daquele dia o moço bonito passou a levar uma vida estranha.

Tinha dinheiro para fazer o que quisesse. Mas com aquela roupa? Com aquele jeito? O pior é que quanto mais o tempo passava, pior a aparência do moço ia ficando.

Nos primeiros meses, ainda deu para enganar. Era jovem, bonito e tinha sempre dinheiro. Depois, sua

vida foi como que se desfazendo, se desmanchando numa espécie de lixo que era uma pessoa.

O rapaz virou uma figura horrível, barbuda, unhada e cabeluda, sempre cheirando mal, sempre enrolado naquela pele de bicho que ninguém conhecia.

As pessoas tinham medo. Pensavam que ele era algum mendigo enlouquecido.

As crianças fugiam achando que ele podia ser perigoso.

Até os animais evitavam se aproximar daquela figura medonha.

Mesmo com dinheiro na mão para gastar a vontade, o moço passava por dificuldades.

Os comerciantes, por exemplo, não queriam saber dele dentro de suas lojas.

As hospedarias também não.

Sendo assim, o moço bonito imundo foi se isolando, foi se afastando, foi ficando cada vez mais sozinho na vida.

Como não tinha ninguém para conversar ou trocar ideias, ia conversando ele com ele mesmo e isso até era bom. Ficava horas e horas pensando. Acabou lembrando coisas da infância que tinha esquecido completamente. Pensou muito em seu pai e sua mãe e na vida que eles levavam. Pensou nos amigos. Pensou também nele mesmo, em sua existência, nas moças que tinha amado, nas coisas que gostava de fazer e no pacto com o maligno. Pouco a pouco foi até se conhecendo um pouco melhor.

Os anos passavam vagarosos.

Um dia, cansado de ficar sozinho no mato, o moço bonito imundo decidiu que iria dormir melhor e comer comida boa.

Encontrou uma hospedaria no caminho, bateu na porta e entrou.

Ao dar com aquela figura medonha, cabeluda e malcheirosa, o dono do estabelecimento ficou assustado. Ameaçou a chamar a polícia. Só mudou de ideia quando viu cem moedas de ouro em cima da mesa.

Mesmo com os olhos brilhantes por causa do dinheiro, o dono do hotel disse que o moço podia ficar mas só se fosse no quarto dos fundos. Comida, só no próprio quarto.

-Não quero que fique passeando por aí - disse o homem juntando rapidamente as moedas com cara de nojo. - Os outros hóspedes vão querer ir embora!

O moço baixou a cabeça. Pelo menos ficaria num quarto limpo. Pelo menos teria comida quente. Pelo menos teria gente por perto. Era melhor do que nada.

Subiu as escadas, entrou no quarto, trancou a porta e deitou-se na cama.

Mais tarde, depois do jantar, escutou alguém chorando. Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem.

-O que é que eu faço agora? O que é que eu faço?- dizia uma voz gemendo baixinho.

O moço sentiu pena. A voz vinha do quarto ao lado. Resolveu ir até lá. Bateu na porta.

Quando deu com aquela figura medonha parada no corredor, o hóspede que chorava levou um susto, correu para o fundo do quarto e pegou uma arma.

O moço bonito imundo pediu a ele que se acalmasse. Desculpou-se pelo seu estado.

Explicou que apesar de estar assim era pessoa de bem. Pediu para não ter medo. Perguntou o que afinal estava acontecendo. Talvez pudesse ajudar.

-Sou um desgraçado - disse o homem sentando-se na cama - Entrei em maus negócios. Fiz besteira. Acabei perdendo tudo. Agora para pagar minhas dívidas terei que vender minha casa. Ela é meu último bem.

O homem cobriu o rosto com as mãos.

-E minha mulher? E minhas três filhas? O que é que eu faço agora? Tenho vergonha de voltar para casa e dar a notícia a elas.

O homem soluçava.

-Vamos ficar sem ter onde morar, nem o que comer. Como vai ser a nossa vida? Não tenho coragem de entrar em casa chamar a família e contar a verdade! O que é que faço, meu Deus, o que é que eu faço?

A figura medonha e estranha enfiou a mão no bolso e jogou em cima da cama um monte de moedas de ouro.

-Isso é suficiente ou precisa mais?

Os olhos do negociante não acreditaram.

-Mas...

E o moço atirou outro punhado de moedas.

-Eu tenho muito - disse ele. - Dou de presente. Pode pegar a vontade. É tudo seu.

Mesmo assustado, mesmo com medo e nojo, o homem atravessou o quarto e abraçou o moço. Depois agradeceu de joelhos. Disse que aquilo era sua salvação. Disse que era a sua chance para recomeçar a vida. Chorou de novo. Segurou o braço do imundo. Fazia questão de leva-lo até em casa para conhecer a sua família. Tinha três filhas. Ofereceu uma delas em casamento.

-Graças a você minha família não foi destruída!

O moço aceitou. Não pelas filhas, mas pela chance de estar perto de pessoas, de conversar um pouco, de estar junto com alguém.

O homem e o moço bonito imundo saíram da hospedaria. Antes de mais nada, o negociante foi até o centro da cidade e pagou suas dívidas. Depois foram para a sua casa.

O tal homem tinha três filhas. Cada uma mais bonita do que a outra.

Ao verem aquela figura barbuda e imunda sentada na sala, as três sentiram medo. As duas mais velhas,

cheias de espanto e nojo, não quiseram nem falar com o visitante. Ficaram de longe, com cara feia, torcendo o nariz.

A mais nova também sentiu-se mal. Mesmo assim, estava agradecida. Afinal, sabia que graças aquela pessoa medonha e suja, seu pai tinha conseguido saldar suas dívidas e salvar a família. Por essa razão, mesmo aflita e enojada, a menina se aproximou do moço e puxou assunto.

Ficou surpresa. Percebeu que, apesar da aparência, o visitante era inteligente, simpático e divertido.

Os dois conversaram a tarde inteira. No fim a moça chamou o pai de lado. Disse que sim aceitava se casar com aquele moço feio e imundo.

Quando as outras irmãs souberam, acharam graça da vontade da mais moça. Até a mãe da menina sacudiu a cabeça preocupada.

O moço bonito imundo, com a voz emocionada, disse que estava muito contente mas, infelizmente, ainda não podia se casar. Sem entrar em detalhes, explicou que tinha um certo trato a cumprir. Não tinha jeito. Era um compromisso importante. Um pacto. Contou que ainda faltavam dois anos.

-Eu espero - disse a moça.

Ao despedir-se, o moço tirou da sacola um anel, única lembrança de sua mãe. Cortou em dois pedaços. Colocou um dos pedaços nas mãos da menina.

-O outro, juro que dou a você daqui a dois anos - disse ele antes de partir.

E lá foi o moço bonito imundo de novo pelas estradas e desvios do mundo.

Andou, andou, andou. Acabou achando melhor viver escondido no mato. Estava cansado de assustar as pessoas. De sentir gente olhando para ele com nojo e estranhamento. Na solidão o moço continuou conversando e discutindo com ele mesmo. Lembrando de coisas. Repensando sentimentos e experiências. Revivendo sua vida ponto por ponto.

Dois anos demoram duas vezes mas acabam passando.

Um dia o moço bonito imundo estava deitado embaixo de uma árvore, pensando na vida quando uma figura surgiu parada em sua frente. Era o Lúcifer em osso e carne.

-Parabéns - disse ele fazendo cara de contentamento fingido. - Você foi muito forte. Você aguentou firme. Você ganhou. Os sete anos se passaram. Agora você pode tomar banho, cortar cabelo, barba e unhas e seguir sua vida.

-Nada disso! - gritou o moço. - Primeiro você vai ter de me dar banho. Segundo, você vai cortar meu cabelo. Depois, vai fazer minha barba, aparar minhas unhas e ainda arranjar uma roupa decente para eu vestir!

O Beçudo não queria mas o moço pegou um pedaço de pau grosso pronto para brigar.

Dizem que o Demônio é poderoso mas covarde.

Num gesto mágico, em menos de um segundo, a figura bonita imunda se viu banhada, barbeada, cabelo cortado e unha aparada, vestindo roupa nova.

Elegante e feliz a vida, o moço saiu da mata, comprou um cavalo branco e foi direto pra casa do negociante.

Encontrou as três irmãs conversando na varanda. Nenhuma delas reconheceu o moço. O recém-chegado disfarçou. Perguntou pelo negociante.

-Deve estar chegando logo - disseram as duas irmãs mais velhas ao mesmo tempo. Tinham achado o moço a coisa mais linda.

A irmã caçula nem ligou. Parecia triste e abatida.

O recém-chegado desceu do cavalo e perguntou se podia esperar o negociante na varanda.

Conversa vai, conversa vem, a irmã mais moça contou que tinha sido noiva mas agora achava que o seu noivo tinha morrido. Disse que estava muito triste.

O moço sorriu. Enfiou a mão no bolso e mostrou a metade de um anel.

No começo, a menina não quis acreditar que aquele moço e a figura imunda eram a mesma pessoa, mas o recém-chegado contou tudo.

O negociante veio e logo o casamento foi marcado.

Dizem que foi a festa mais bonita que já houve até hoje.

As duas irmãs mais velhas ficaram roendo as unhas de ciúmes e inveja, mas isso já é uma outra história.

*Acabou-se o que era doce
Toda história tem um fim
Quevo ver quem conta outra
Que seja bonita assim!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 07-15

2 - A mulher dourada e o menino carça

Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno.

Um dia estava com o machado cortando mato. Sem querer, o machado escapou e quebrou uma pedra. Debaixo da pedra havia um buraco.

- Será buraco de cobra? Será tatu ou o quê?

O homem foi olhar.

Tomou um susto. Uma luz brilhou estranha. Depois, surgiu do fundo da terra uma mulher tão linda

quanto as flores mais coloridas e as pedras mais raras e preciosas.

O homem quis fugir. A tal mulher parecia uma deusa. O homem quis desaparecer. Ela usava vestido de ouro e vinha enfeitada de joias preciosas. Sua cabeleira era negra, selvagem e sedosa.

A mulher, infelizmente, saiu do buraco muito aborrecida.

- Como você teve a coragem de interromper meu sono desse jeito? Desgraçado! Quem é você pra fazer uma coisa dessas?

O homem gaguejava tentando se desculpar.

- Cale a boca! - gritou a mulher dourada. - Vai pagar caro pelo que fez! Vou acabar com a sua vida!

O homem caiu de joelhos:

- Por favor, dona! Eu sou pobre! Ando por aí cortando mato, roçando, plantando, lutando para poder sobreviver. Por favor, não me mate. Foi sem querer. Tenho mulher e um filho pequeno para cuidar!

A mulher Dourada fez cara feia mas acabou sentindo pena daquele homem humilde chorando ajoelhado.

- Vamos fazer um trato - disse ela. - Você dá seu filho para eu cuidar e, em troca, deixo você vivo e ainda dou de presente um saco cheio de ouro!

O homem não viu outra saída. Foi para casa e trouxe o menino.

A mulher dourada deu o saco cheio de ouro, pegou o menino pela mão e sumiu no buraco escuro.

O homem voltou para casa chorando. Devia estar feliz por causa do dinheiro. Com aquele saco de ouro ia poder ter uma vida mais tranquila. Mas sem o filho? O homem soluçava e pensava como a vida pode ser tão cheia de toma-lás e de dá-cás.

Sempre junto da mulher dourada, o menino desceu pelo buraco, encontrou uma estrada e foi andando.

Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra.

O menino nunca pensou que pudesse existir tanta beleza e tanta maravilha.

- De hoje em diante tudo isso é seu - disse a mulher dourada. E entregou a ele todas as chaves do palácio.

- Você agora é feito um filho. Pode fazer o que quiser. Pode brincar. Pode passear. Pode comer e beber. Pode entrar em todos os lugares e conhecer o castelo de cristal inteiro. Você é dono de tudo. Mas tem um porém.

A voz da mulher dourada ficou dura.

- Dobrando à esquerda, trancadas no último quarto do corredor, existem doze arcas douradas. São marcas proibidas. Nessas, só eu mexo. Se você abrir uma só delas, perde minha proteção para sempre!

A mulher segurou o menino pelos ombros.

- Você entendeu bem?

- Entendi - disse ele assustado.

- Fica combinado?

- Fica!

E assim, o menino pobre, filho do homem que trabalhava de enxada na mão, passou a levar vida de rei. Agora tinha as melhores roupas. Andava e fazia o que queria. Passeava em cavalos voadores. Brincava com brinquedos mágicos. Trazia o bolso cheio de moedas de ouro. O tempo passou.

Mas o destino vira e mexe surpreende.

Na cama, na hora de dormir, certa noite, um pensamento principiou a martelar na cabeça do menino: eram as arcas proibidas.

- Como são lindas aquelas arcas douradas! - pensava ele. - Quanta coisa bonita deve estar guardada dentro delas!

O menino tentava pensar em outro assunto mas sua curiosidade aumentava feito um balão de gás crescendo, crescendo sem parar.

As doze arcas proibidas viraram ideia fixa.

Um dia, não resistiu. Aproveitando-se de que a mulher dourada não estava no castelo de cristal, o menino foi até o quarto, tomou coragem e abriu uma das arcas.

Na mesma hora, as paredes começaram a tremer. Um buraco imenso abriu-se no chão e o castelo inteiro desmoronou.

O buraco era um poço escuro. O menino foi caindo e caindo no meio de pedaços de paredes, móveis, pedras e tijolos.

Sentiu uma mão agarrando a sua. Escutou uma voz triste e zangada. Era a mulher dourada:

- Ingrato! Você descumpriu o combinado!

E a voz disse que agora, por causa dele, ia ficar mais cem anos encantada.

- Não faz mal - disse ela. - Parece que não tem jeito. A curiosidade faz parte do homem.

E a voz veio suave. Disse que gostava muito dele. Disse que perdoava. A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica.

- Com ela, você sempre vai conseguir tudo o que desejar - disse a voz que foi ficando cada vez mais longe até desaparecer nas profundezas do buraco escuro.

O menino perdeu os sentidos. Acordou num lugar desconhecido. Arrepentido e zangado consigo mesmo, guardou a varinha mágica no bolso e saiu andando por uma estrada. Não sabia onde estava nem que lugar era aquele. Mesmo assim foi andando.

A paisagem por ali era muito bonita e o calor estava forte. O menino parou na beira de um riacho para matar a sede. Ao ver sua imagem refletida na água, ficou espantado. Primeiro, tinha crescido. Agora já era um moço. Segundo: seus cabelos que antes eram negros tinham ficado dourados. O moço colocou as mãos na cabeça. Sua cabeleira agora era de ouro!

Ficou encantado mas também preocupado.

- Se um bandido aparece e me vê com uma cabeleira dessas, é capaz de querer arrancar minha cabeça fora!

E o rapaz teve uma ideia. Aproveitando-se que por ali havia muito gado pastando, matou uma vaca e a preparou para o almoço.

Com a bexiga do animal fez uma espécie de chapéu, uma pele falsa, e com ela escondeu seus cabelos dourados.

Com a bexiga da vaca na cabeça e de barriga cheia, pegou a estrada e continuou sua viagem.

De vez em quando cruzava com pessoas. Um ou outro, de brincadeira, gritava: "Aí, careca!", "Tão moço e tão careca!" e coisas assim.

O moço chegou a uma cidade. Como tinha aprendido como pai a lidar com a terra, conseguiu arranjar emprego de jardineiro no castelo do rei.

O rei daquele país era cego. Viviam no castelo, ele e sua filha, uma moça linda. Assim que soube do jardineiro novo, a princesa fez questão de ir falar com ele:

- Moço! Cuide bem das minhas flores! São a coisa de que mais gosto no mundo. Quero acordar todos os dias com um buquê de flores ao lado de minha cama, perfumando meu quarto e minha vida.

O jardineiro achou a moça muito bonita.

A partir daquele dia, a filha do rei passou a encontrar, todas as manhãs, um buquê de flores amarradas com um fio de ouro na porta do quarto.

A princesa estranhou. Ficou feliz mas também curiosa. Foi logo procurar o jardineiro.

- Estou muito satisfeita com os buquês, moço, mas de onde vêm os fios de ouro?

O moço sorriu:

- Não se preocupe com isso! Uma princesa bonita assim merece isso e muito mais.

A princesa era curiosa. Estava encantada e desconfiada com os serviços do novo jardineiro. O jardim do palácio parecia cada vez mais bonito, cheio de canteiros e floreiras novas, cachoeiras que antes nem existiam e até flores de tipos raros e desconhecidos.

- Como você consegue fazer tanta coisa? - perguntava a princesa admirada.

- Aprendi com meu pai - respondia ele.

A cabeça da menina foi ficando cheia de ideias.

Começou a vigiar o jardineiro de sua janela.

Descobriu que, todo fim de tarde, ele entrava num caramanchão e ali ficava trancado por um bom tempo.

Curiosa, a princesa resolveu fazer um buraquinho na parede do caramanchão. Depois, ficou só esperando a tarde chegar.

Quando o jardineiro careca terminou o serviço e entrou no caramanchão, a filha do rei foi correndo espiar.

Faltou pouco para o queixo da menina não despencar na terra dura.

Trancado no quartinho de madeira, o jardineiro careca tirou a bexiga de vaca que cobria sua cabeça. Depois, despiu-se e tomou banho. Mais tarde, abriu um saco, tirou roupas de veludo e um chapéu de plumas. Vestido com a roupa nova, sentou-se num banco e chorou.

Chorava de saudade dos pais.

Chorava de arrependimento por ter aberto a arca proibida, traindo assim a linda mulher dourada.

A princesa não sabia nada do que se passava por dentro daquele jovem. Pelo buraquinho, só via que ele era bonito e tinha os cabelos dourados. A filha do rei ficou com pena. A filha do rei sentiu um calor. A filha do rei ficou apaixonada.

O rei era cego, mas não por causa de doença. O pai da princesa tinha sido enfeitado por uma bruxa.

Segundo um famoso adivinho, para salvar os olhos do rei, o único remédio era o leite do pássaro-azul. A ave vivia num castelo encantado no Reino-do-Entrou-Ficou.

O rei tinha enviado exércitos para o lugar. Heróis já tinham ido até lá com suas coragens e suas espadas pontudas. Ninguém tinha voltado.

A princesa já estava na idade de se casar.

O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento.

A princesa era a coisa mais linda. Um grupo de príncipes e heróis tomou coragem e decidiu viajar até o Reino-do-Entrou-Ficou.

O jardineiro careca perguntou ao rei se podia ir também.

Todo mundo achou graça, mas o rei deixou.

Para ele só uma coisa importava: conseguir o leite do pássaro-azul e com ele voltar a enxergar.

E foi assim. Os cavaleiros partiram em seus cavalos fogosos. O jardineiro careca seguiu por último trotando em cima de um burro. Os príncipes e heróis galopavam e davam risada:

- Ó careca! Não vá sujar as calças de medo quando a gente chegar no Reino-do-Entrou-Ficou!

- Careca! Olha que esse burro velho é perigoso! Cuidado para não cair!

Em vez de ficar zangado, o jardineiro careca sorria:

- Esse burro é dos bons! Esse burro, se quiser, pula por cima dessa cavalhada inteira!

Os príncipes soltavam gargalhadas e chicoteavam seus cavalos fogosos, deixando o jardineiro para trás engolindo poeira.

Quando o grupo chegou perto da montanha onde ficava o Reino-do-Entrou-Ficou, o falso careca sentiu que sua hora tinha chegado. Puxando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes. Seu burro virou um musculoso cavalo dourado.

O cavalo empinou, relinchou e saiu feito um rojão deixando o grupo de cavaleiros lá longe.

Graças à varinha mágica, cavalo e cavaleiro saltaram os sete muros de pedra do Reino-do-Entrou-Ficou, passaram por sete leões, abriram sete portas, subiram sete escadas e chegaram na torre onde estava guardado o pássaro-azul.

Descendo do cavalo, o jardineiro de cabelos de ouro tirou o leite do pássaro e o guardou numa garrafinha.

Em seguida, montou no cavalo e partiu. Desceu sete escadas, abriu sete portas, passou por sete leões, saltou sete muros de pedra e foi embora. Logo adiante, fez um gesto com a varinha mágica e voltou a ser o jardineiro careca montado num burro.

Quando o grupo de príncipes e heróis chegou ao Reino-do-Entrou-Ficou, encontrou o castelo destruído e um pássaro-azul voando longe no céu.

Decepcionados e um pouco aliviados, os valentes cavaleiros deram meia volta e retornaram. No caminho, encontraram o jardineiro montado no burro.

- É, careca! Nem foi lá e já está voltando? Ficou com medo do Reino-do-Entrou-Ficou?

- E vocês? – perguntou o jardineiro. – Conseguiram pegar o leite do pássaro-azul?

- Claro que sim!

Os cavaleiros mentiam. Estavam levando era leite de vaca. Sua ideia era dar ao rei o leite errado e depois dizer que a culpa era do adivinho. Iam também dizer que tinham arriscado suas vidas e exigir a mão da princesa em casamento. Ela que escolhesse um entre eles.

Os príncipes e heróis galopavam felizes. Deixaram o jardineiro para trás, chegaram no castelo e foram direto falar com o rei.

O jardineiro chegou bem depois. Amarrou o burro no estábulo e chamou a princesa. Entregou a ela uma garrafinha e disse:

- Trouxe o leite do pássaro-azul. Prefiro que você mesma passe o remédio nos olhos de seu pai.

A princesa beijou o jardineiro e correu até a sala do trono.

Encontrou o rei cego confuso, segurando uma garrafa de leite vazia. Os heróis falavam todos ao mesmo tempo. Diziam que o adivinho era um impostor. Que tinham arriscado a própria vida. Que queriam ser recompensados. Agora, um deles tinha direito de se casar com a princesa.

A princesa pediu licença, aproximou-se e pingou o leite do pássaro-azul nos olhos do pai.

Milagre. Espanto. Mistério maravilhoso. O rei que antes era cego passou a enxergar tudo.

- Mas como você conseguiu, filha? – perguntou o rei emocionado.

A moça sorriu:

- Quem me deu o leite foi o jardineiro careca!

- É impossível! – gritaram os príncipes,

- O careca foi com a gente e não teve nem a coragem de chegar perto do Reino-do-Entrou-Ficou! – explicou um deles.

O rei mandou chamar o jardineiro.

O rapaz confirmou tudo. Tinha saltado sete muros de pedra. Tinha enfrentado sete leões. Tinha aberto sete portas. Tinha subido sete escadas. Tinha, sim, tirado o leite do pássaro-azul.

- Quando os outros chegaram lá – contou ainda o jardineiro – o Reino-do-Entrou-Ficou já estava destruído.

- Mentiroso! – gritaram os príncipes e heróis fingindo revolta.

O rei não sabia o que dizer.

- Desafio o careca a duelar comigo! – gritou um dos príncipes.

- Comigo também – gritaram outros.

- Aceito – respondeu o jovem. Tirando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes montado num musculoso cavalo dourado.

O rei e a princesa ficaram sem palavras.

Os príncipes e heróis sentiram medo.

Só quatro resolveram manter o desafio.

- Como você quer o duelo? – gritou um deles.

- Luto com os quatro de uma vez! – gritou o jardineiro de cabeleira dourada, puxando a espada da bainha.

Ao ouvir isso, os quatro cavaleiros recusaram assustados e desistiram de tudo. Montados em seus cavalos, fugiram a galope.

Feliz da vida, a princesa contou ao pai o que sabia do jardineiro. Pediu a ele que tirasse a bexiga de vaca da cabeça.

Todos ficaram encantados com aquela cabeleira dourada.

O rapaz contou sua história. Falou da pobreza de sua família e da mulher dourada. Falou do pacto feito por seu pai, do castelo debaixo da terra e de tudo o mais. Chorou. Contou das doze arcas douradas e do seu triste erro.

No fim, a princesa e o moço se abraçaram.

O rei mandou fazer uma festa de casamento.

O rapaz conseguiu encontrar seu pai e sua mãe e mandou convidá-los para a festa.

Ficou faltando só a mulher de vestido dourado, joias preciosas e cabelos selvagens. Essa, infelizmente, ele nunca mais encontrou na vida.

Uma história como esta

Parece beleza pura

Quem quiser que invente outra

Cheia de amor e aventura!

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 16-27.

3 - O príncipe encantado no reino da escuridão

Era uma vez um negociante muito rico e poderoso. Vivia feliz com uma mulher e uma filha pequena.

Um dia, sua mulher começou a tossir. Médicos foram chamados. Tratamentos foram experimentados. Infelizmente, a doença era grave e a pobre mulher acabou morrendo.

Com uma filha pequena para cuidar, o negociante resolveu casar-se de novo. Sua nova mulher era viúva, mãe de duas filhas.

Logo a filha do homem rico e poderoso começou a sofrer nas mãos da madrasta e suas filhas. Os piores serviços ficavam para ela. As piores roupas. As piores comidas. Seu pai viajava muito e não sabia de nada.

Quando fez 15 anos, a moça chamou o pai. Contou que pretendia morar sozinha. O pai estranhou. A filha não queria criar caso. Inventou que desejava viver por conta própria para conhecer mais a vida. Apesar dos protestos do pai, foi viver numa casa no meio da floresta. O tempo passou.

Um dia, um mendigo bateu na porta da casa da filha do negociante. Pediu ajuda. Disse que estava morto de fome. O homem era horrível. Devia ter alguma doença. Andava enrolado num pedaço de pele e parecia não tomar banho há anos. Mesmo assim, a moça pediu a ele que entrasse, deixou que descansasse, serviu um ótimo jantar e ainda ofereceu lugar para que ele pudesse passar a noite.

O mendigo agradeceu muito. Apesar da aparência, parecia ser um homem bom. Conversando depois do jantar, ele contou que era adivinho. Previu que o negociante, pai da menina, iria viajar para um país muito distante. Disse que nesse lugar existia um jardim encantado com as mais lindas rosas do mundo. As rosas eram brancas, vermelhas e roxas.

A menina imaginou aquele jardim encantado. Sonhou acordada. Como aquilo devia ser lindo!

Naquela mesma noite, quando já estava quase dormindo, a menina escutou uma voz no quarto: "Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão".

A filha do negociante levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém!

No dia seguinte, logo cedo, foi acordar o mendigo. Apesar das portas da casa estarem trancadas por dentro, o homem havia desaparecido.

Mais tarde, alguém bateu na porta. Era o pai da moça. O negociante estava com pressa. Explicou que vinha para matar a saudade da filha e também para se despedir. Contou que pretendia viajar para um reino distante. Perguntou se a filha queria alguma coisa de lembrança. Na hora, a menina lembrou-se do jardim encantado.

— Sim — disse ela — Se for possível, quero três rosas do jardim encantado: uma branca, uma vermelha e outra roxa.

O negociante anotou o pedido, beijou a filha e partiu.

O reino distante ficava realmente muito longe. Foi difícil encontrar o jardim encantado. O lugar ficava quase no fim do mundo. Mesmo assim o pai da moça foi. Andou, andou, andou e conseguiu chegar lá. Encontrou as rosas branca, vermelha e roxa.

Quando voltou, foi direto procurar a filha.

As rosas eram mesmo muito bonitas. A menina ficou encantada.

Depois, o negociante foi para casa. Sua mulher e as duas enteadas logo quiseram saber se ele havia trazido alguma coisa para elas. Ele disse que não.

— Aposto que para aquelazinha ele trouxe um rico presente — disse a madrasta em voz baixa, cheia de ciúme, inveja e dor-de-cotovelo.

E fez uma combinação com as duas filhas.

No dia seguinte, a filha mais velha apareceu de surpresa na casa da filha do comerciante. Mentiu. Disse que estava lá passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais velha da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais velha da madrasta não gostou. Arrancou a flor branca do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa branca. Dentro dela estava a sua felicidade! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a filha mais nova da madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais nova da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais nova da madrasta não gostou. Arrancou a flor vermelha do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava zangada:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa vermelha. Dentro dela estava a sua riqueza! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a própria madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai. A inocência da menina era muito grande.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essa rosa linda.

A madrasta não gostou. Arrancou a flor roxa do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava furiosa:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa roxa. Dentro dela estava o seu amor! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

Naquela noite, a filha do comerciante teve um sonho.

Sonhou que estava num lugar desconhecido diante de um enorme palácio.

Quando acordou, tomou um enorme susto. Estava lá mesmo!

Sem saber o que fazer, sem saber se era sonho ou realidade, a menina respirou fundo, tomou coragem e resolveu bater na porta do palácio.

Pediu emprego.

Acabou sendo contratada como criada.

Com o passar do tempo, descobriu que ali morava uma rainha. A mulher tinha uma grande dor na vida. Seu filho querido, o príncipe herdeiro, a luz de sua vida, havia desaparecido. Alguns diziam que o rapaz havia morrido. Outros que havia sido raptado por bandidos. Outros achavam ainda que tinha sido raptado por piratas.

Como era muito trabalhadora, inteligente e talentosa, a menina começou a agradar a rainha, que ficava cada vez mais contente com seu serviço caprichado e sua alegria de viver.

Isso despertou inveja nas outras criadas.

Uma delas, só de maldade, um dia, disse à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de lavar e passar toda a roupa do castelo em três dias.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava e passa toda a roupa em três dias ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a roupa do palácio. Disseram que era melhor ela correr pois três dias passavam depressa.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando abriu os olhos, encontrou toda a roupa lavada e passada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não gostaram nem um pouco.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de limpar toda a prata e toda a louça da rainha de um dia para o outro.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava toda a prata e toda a louça de um dia para o outro ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a prata e toda a louça da rainha. Disseram que era melhor ela correr pois de um dia para o outro é quase nada.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando acordou, encontrou a prata brilhando e a louça lavada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não se conformavam.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz até de conseguir salvar o querido filho da rainha, o príncipe-herdeiro, que ou tinha morrido ou estava sequestrado ou era prisioneiro de piratas.

A rainha deu um pulo. Mandou chamar a menina. Caiu de joelhos. Chorou.

— Salve meu filho! — implorou ela.

A menina baixou a cabeça. Disse que sim.

— Pode levar meus soldados! Pode levar todos os exércitos! — ofereceu a rainha, aflita.

A menina disse que preferia ir sozinha.

Saiu de lá desesperada. Sabia que não podia cumprir sua promessa. Jamais conseguiria salvar o filho da rainha. Ficou andando sem saber para onde ir.

Chegou num 15 alto morro de pedra. Sua vontade era pular de lá e acabar com tudo.

Foi quando escutou uma voz:

— Quantas vezes mais vou precisar repetir que se precisar de mim basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão?

A menina tentava encontrar a voz no ar.

— Preste atenção – continuou a voz invisível. — Sou o filho da rainha. Sou o príncipe-herdeiro. Espere ficar escuro. Vá até meu quarto. Procure dentro do armário. Pegue uma vassoura, uma faca e uma caixa de veludo. Depois, tome a primeira estrada que aparecer e saia pelo mundo até encontrar um castelo de ferro. Vai ser fácil reconhecer. Sua porta principal não pára de mexer. Fica batendo, abrindo, fechando, fechando, abrindo e batendo o tempo todo.

A menina quase não respirava de tanto prestar atenção.

A voz continuou:

— Vá em frente. Enfie a faca na porta. Ela vai parar na hora. Entre no castelo de ferro. Não tenha medo. Vai encontrar uma bruxa varrendo o chão com um pedaço de barbante. Dê a vassoura a ela e siga pelo corredor. Vai encontrar um leão faminto diante de um prato de capim e um cavalo prateado diante de um prato cheio de carne. Dê a carne ao leão e o capim ao cavalo. Continue. Suba uma escada. Vai encontrar um sapo. Pegue o bicho, guarde na caixa de veludo e saia do castelo. Mas cuidado! — advertiu a voz: — não olhe para trás de jeito nenhum. Se você olhar, tudo está perdido, não sei nem o que vai acontecer!

A filha do negociante esperou a noite chegar. Foi a ao quarto do príncipe, encontrou a vassoura, a faca e a caixa de veludo. Depois, foi embora.

Tomou a primeira estrada que apareceu. Não sabia para onde ir, por isso foi seguindo em frente.

Andou, andou, andou, três dias e três noites. Acabou chegando num castelo de ferro com uma porta abrindo e fechando. A menina teve medo mas seguiu os conselhos da voz. Enfiou a faca na porta. Deu a vassoura para a bruxa. Deu a carne para o leão e o capim para o cavalo prateado. Encontrou o sapo, guardou na caixa de veludo, deu meia-volta e fugiu.

Uma voz tenebrosa explodiu no fundo do castelo:

— Cavalo prateado, não deixe a menina passar!

Mas o cavalo relinchou:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu o capim!

E a voz tenebrosa:

— Leão, não deixe a menina passar!

Mas o leão rugiu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a carne!

E a voz tenebrosa, cada vez mais tenebrosa:

— Bruxa danada, não deixe a menina passar!

Mas a bruxa respondeu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a vassoura!

A voz tenebrosa agora berrava e suplicava:

— Porta! Não deixe a menina passar!

Mas a porta disse:

— Deixo sim! Graças a ela não fico mais batendo, abrindo e fechando o dia inteiro!

Quando a menina conseguiu sair do castelo, escutou um estrondo e sem querer, sem pensar, sem lembrar, olhou para trás.

O castelo de ferro havia evaporado no ar.

Infelizmente, a caixa de veludo com o sapo dourado também sumiu de suas mãos.

Perdida e sozinha num lugar desconhecido, a menina sentiu que o único jeito era seguir em frente. Pegou a primeira estrada que apareceu e foi andando.

Acabou ficando muito cansada. Quando não aguentava mais, deitou-se debaixo de uma árvore e fechou os olhos. Ficou quieta esperando alguma coisa. Sentiu uma tontura. Achou que daquela vez a morte ia chegar. Desmaiou.

Enquanto isso, o sapo dourado, que era o príncipe, saiu da caixa de veludo, ficou 16 desencantado e viu que tinha ido parar na porta de seu palácio.

Foi uma alegria!

Ao vê-lo, a rainha sua mãe quase enlouqueceu de tanta felicidade. O príncipe também estava contente mas muito preocupado. Disse que só sossegava quando encontrasse a moça bonita que o tinha libertado.

Pediu um cavalo, despediu-se da rainha e saiu galopando com vários soldados. Precisava encontrar a moça de qualquer jeito.

Depois de muito procurar, acabou dando com a menina desmaiada debaixo de uma árvore.

Desesperado, o rapaz mandou chamar um médico. Enquanto isso, conseguiu dar água e um pouco de comida para a moça.

Logo a filha do comerciante recuperou suas forças.

Um vento morno soprou cheio de vida.

Os dois então se abraçaram.

O rapaz contou que estivera encantado por muito tempo. Contou que era ele o mendigo que tempos atrás havia estado na casa dela pedindo ajuda.

— Desde aquele tempo fiquei apaixonado — confessou ele beijando as mãos da moça. — Desde então, sigo você por toda a parte. Acho que foi isso o que me salvou!

A menina foi levada para o palácio. A rainha botou as mãos no peito:

— Mas é ela! A minha criada!

A mãe do príncipe ficou feliz da vida. O casamento foi marcado.

O negociante foi convidado. Apareceu sozinho. Abraçou a filha. Disse que todo aquele tempo tinha andado à procura dela. Contou que tinha abandonado aquela mulher má, que por causa de ciúme e inveja o havia afastado de sua filha querida.

Quanto às criadas mentirosas, quase foram despedidas, mas acabaram sendo perdoadas.

Uma linda festa foi realizada.

Os dois jovens viveram felizes por muitos e muitos anos.

*Diz que a festa foi bonita
Teve doce de montão
Como não fui convidado
Fiquei com a cara no chão!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 28-39

4 - Coco Verde e Melancia

Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.

A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou um anúncio de colega de classe.

Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.

Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

O tempo passou.

Os dois namorados cresceram. No lugar de cartas, começaram a se encontrar escondido debaixo do arvoredor para conversar e namorar.

Era tudo secreto. O pai de Melancia não podia saber de nada.

E cada vez que os dois se encontravam, que alegria! Passavam o tempo todo conversando e namorando e matando a saudade. Na despedida, juravam seu amor, juravam que um não ia viver nunca sem o outro.

- Amo você, Melancia!

- Amo você, Coco Verde!

- Mais que tudo, Melancia!

- Mais que tudo, Coco Verde!

Um dia, um amigo do fazendeiro, passando por acaso pela estrada, viu a moça e o moço abraçados debaixo do arvoredor.

Foi correndo avisar o fazendeiro.

O homem ficou uma fera.

Quando a menina voltou para casa, o pai, sem avisar nem explicar coisa nenhuma, disse a ela que arrumasse as malas. Explicou que ela ia fazer uma viagem. Mandou a filha morar na casa de uma tia que vivia longe, do outro lado da montanha.

- Pensa que me enganam? – dizia o fazendeiro, com o charuto na boca.

Em seguida, mandou matar um bode velho, pegou um vestido da filha e encheu de sangue. Colocando o bode num caixão, mandou espalhar a notícia de que sua filha, voltando da escola, tinha sido atacada por uma onça e, infelizmente, tinha morrido.

Quando soube da notícia, o rapaz deu até risada.

- É mentira!

Mesmo assim foi correndo até a fazenda.

- Cadê a menina?

Encontrou o fazendeiro com um lenço na mão, fazendo cara de choro fingido.

- Tá tudo acabado! – disse ele rindo por dentro. – Minha filha, minha joia perfumosa, minha flor encantada morreu!

Mostrou o vestido da menina rasgado e cheio de sangue.

- Foi onça! – explicou o fazendeiro chorando.

O coração do rapaz parou de bater. Uma tontura veio que quase o derruba no chão. Acompanhou o enterro em silêncio. Nem chorar ele chorava. Só olhava o caixão. Imaginava que ali dentro estava o corpo da moça, quando ali só tinha um bode velho morto.

Depois do enterro, o rapaz saiu andando. Sua vontade era morrer afogado na lagoa. Sua vontade era cair do alto do precipício. Resolveu passar no caminho onde, diziam, a moça tinha sido atacada.

- Quem sabe a onça não me mata também e assim eu vou pra onde ela foi?

E o moço ficou doente. Parou de falar. Parou de comer. Deitado na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio. Um dia, saltou da cama:

- Chega! Vou sair pelo mundo! – disse ele. – Vou tentar começar tudo de novo!

Despediu-se dos pais, pediu a bênção e foi embora. Não conseguiria mais viver naquele lugar. Cada prédio, cada caminho, cada arvoredor, cada paisagem trazia em sua cabeça a imagem perfumosa, doce e suave de sua querida Melancia.

Durante três anos inteiros, o moço viajou pelo mundo. Conheceu novas terras, teve vários empregos e acabou virando um negociante. Conseguiu ganhar muito dinheiro.

Um dia, sentiu saudade da família. Pensou na mãe. Pensou no pai. Achou que precisava voltar.

- Volto para matar a saudade da família mas fico só por uns dias. Não quero ficar lembrando da minha querida! – pensou ele com os olhos molhados.

Quando chegou, ficou espantado. Soube que a moça, a filha do fazendeiro, ia se casar.

- O quê? – gritou o moço. – Casar como se ela morreu?

- Morreu nada! – disseram as pessoas.

Só então, o moço ficou sabendo do truque do fazendeiro para afastar os dois.

Soube também que, depois de um ano na casa da tia, a moça voltou e seu pai mentiu de novo. Contou a ela que o moço tinha arranjado outra namorada, tinha casado e ido embora.

Quando soube disso, a moça também ficou doente. Também parou de falar. Também parou de comer. Deitada na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio.

O fazendeiro não ligava. Só tinha uma ideia na cabeça. Queria que a filha se casasse com o filho do dono da fazenda vizinha.

- Já imaginou? – pensava ele, fazendo as contas. – Os dois casam, têm filhos e assim nossa família vai ficar muito mais rica e mandar em toda a região!

E tanto falou, tanto disse, tanto insistiu, que a moça aceitou.

A vida para ela não tinha mais graça. Coco Verde tinha ido embora com outra. O resto para ela não interessava.

E foi assim, indiferente, que a moça aceitou se casar com o filho do vizinho.

Radiante, o fazendeiro mandou preparar uma festa de arromba.

Foi nessa época que Coco Verde voltou.

Cheio de dor e de raiva, o moço sentiu que precisava falar com Melancia de qualquer jeito. Sabia que se aparecesse na fazenda podia até ser morto. Pensou e pensou muito. No fim, chamou um amigo seu, um violeiro. Os dois combinaram um plano.

No dia do casamento, no meio da festa, a casa do fazendeiro cheia de gente, parentes, amigos e convidados, apareceu um homem a cavalo. Disse que era tocador de viola. Queria cantar em homenagem aos noivos. Todo mundo gostou da ideia.

As pessoas puxaram cadeiras e foram sentando. O violeiro afinou a viola e começou:

*Dá licença, minha gente
Fim aqui só pra cantar
Por favor, preste atenção
Peço para me escutar*

*Eu cheguei de muito longe
Pra tocar nessa festança
Trouxe o peito carregado
De certeza e esperança*

*Atravessei o sertão
Comi pedra e pó na estrada
Subi morro, cortei mato*

Levou tempo e caminhada

*Mas uma coisa eu garanto
Isso de qualquer maneira
Prometo que vou contar
Uma história verdadeira*

*Não se trata de mentira
Fantasia ou ficção
Foi falar da vida mesmo
Não tem nada de invenção*

*Era uma vez uma moça
Que gostava de um rapaz
Sem ele, ela não vivia
Sem ele, não tinha paz*

*Também pro moço a tal moça
Era a prenda mais querida
Era pedra preciosa
Era a luz da sua vida*

*Isso tudo muito bem
Mas o destino é cruel
Às vezes transforma em lama
O que podia ser céu*

*Acontece minha gente
Que o pai da moça era rico
Não gostava do rapaz
Nem daquele namorico*

*Queria que ela casasse
Com filho de fazendeiro
Gente rica, poderosa
Bolso cheio de dinheiro*

*E o pai da moça deu ordem
Proibiu o tal namoro
Pra ele uma coisa assim
Era até um desaforo*

*Então os dois começaram
A namorar escondido
Ninguém por ali sabia
Daquele amor proibido*

*E o tal amor que era grande
Ficou maior, foi mais fundo
Parecia minha gente
O maior amor do mundo*

*Pra ninguém desconfiar
Os dois bolaram um segredo
Criaram dois apelidos
Debaixo do arvoredor*

Coco Verde e Melancia

*Assim os dois se chamavam
Assim os dois se queriam
Assim os dois se adoravam*

*Vai um dia, o pai descobre
O tal namoro escondido
Ficou bravo, furioso
Ficou tão aborrecido*

*Que não quis saber de nada
Sem pensar no que fazia
Mandou a filha pra longe
Pra morar com sua tia*

*E de maldade, o safado
Espalhou pela cidade
Que a onça tinha atacado
Que a filha tinha morrido*

*Ao saber do acontecido
Coco Verde endoideceu
Pensou em tomar veneno
Por pouco quase morreu*

*Depois partiu pelo mundo
Foi procurar sua sorte
Foi lutar pra ser feliz
Não quis mais pensar na morte*

*Assim que o moço foi embora
A pai da moça depressa
Chamou a moça de volta
Disse: filha, escuta essa*

*Inventou que aquele moço
Tinha pegado outra estrada
Tinha partido contente
Ele e outra namorada*

*A menina ficou triste
Foi pra cama, adoeceu
Não queria mais viver
Por um triz que não morreu*

*Depois como estava só
Achou que era o momento
De escutar a voz do pai
E aceitar o casamento*

*O noivo era seu vizinho
O filho do fazendeiro
O pai da moça queria
O moço tinha dinheiro*

*E foi assim acertada
Uma festa pro casório
Teve missa, teve dança
Teve muito foguetório*

*Mas no meio da festança
Apareceu um cantor
Tinha ele uma mensagem
De certeza e de esperança*

*Falou de um tal Coco Verde
Falou de uma Melancia
Falou do amor que queimava
Dia e noite, noite e dia*

*Falou depois de um encontro
Debaixo de um arvoredado
Falou que era importante
Falou que era segredo*

*Explicou que Coco Verde
Precisava ver de novo
Conversar com Melancia
E foi assim oh meu povo*

*Ouvindo aquela mensagem
Melancia sem ter medo
Largou a festa no meio
Foi até o arvoredado*

*Coco Verde e Melancia
Cara a cara, frente a frente
Foi uma coisa bonita
Foi loucura minha gente*

*Os dois falaram da vida
Discutiram mil assuntos
Depois fizeram um acordo
Decidiram ficar juntos*

*Foi concluir essa história
Dizendo o que está na cara
Quando o amor é verdadeiro
Esse amor ninguém separa!*

Os convidados aplaudiram de pé. Acharam a história muito bonita. O fazendeiro ficou desconfiado. Seria coincidência? Sentiu que ali tinha coisa.

Ninguém notou mas, no meio da cantoria, a noiva desapareceu.

Montada num cavalo, vestida de noiva e tudo, a moça foi galopando até o arvoredado.

Ali, Coco Verde e Melancia se abraçaram, choraram e se beijaram.

Ali, Coco Verde e Melancia mataram a saudade.

Ali, Coco Verde e Melancia tomaram uma decisão.

Já estavam todos preocupados, quando a filha do fazendeiro apareceu e pediu a palavra. Disse que queria falar. Era importante. Tinha uma dúvida terrível. Precisava fazer uma pergunta. Era questão de vida e morte.

O pai fez cara feia.

O noivo estranhou:

- Questão de vida ou morte?

A filha do fazendeiro disse que sim. Contou uma longa história. Quando era pequena tinha ganhado de presente uma caixinha de veludo. Dentro dela, disse, tinha guardado bem guardadas as suas joias mais raras, seus segredos mais bonitos, seus sonhos mais preciosos.

Os convidados escutavam sem compreender o que estava acontecendo.

O noivo prestava atenção.

O fazendeiro coçava o queixo.

A moça continuou. Contou que certo dia, infelizmente, por azar, a chave da caixinha de veludo desapareceu. Disse que virou a casa de cabeça para baixo. Disse que não sabia o que fazer. No fim, continuou ela, desanimada, acabou mandando fazer outra chave que fosse capaz de abrir a caixinha de veludo.

A moça sorriu. Contou que mal a chave nova ficou pronta, foi passear e, de surpresa, debaixo de um arvoredo, encontrou, assim, sem querer, caída no chão, a chave velha.

E a moça falou mais alto:

- Gente! Preste atenção! Minha dúvida é essa! Quero e preciso da opinião de todos. O que é que eu faço? Que chave eu uso agora? A nova que acabei de mandar fazer e nem usei ainda, ou a velha, a primeira, a antiga, a original?

Os convidados caíram na risada.

- Que bobagem! - exclamou o noivo. - Que dúvida mais sem pé nem cabeça! A solução do problema é muito simples: o melhor é ficar com a chave velha mesmo!

- É claro! - concordou o pai. - Também acho! O lógico, o mais certo, é ficar com a chave velha.

- Afinal ela veio junto com a caixa de veludo - acrescentou alguém.

Todo mundo concordava.

A moça deu três pulos de alegria.

Foi sorrindo e falando ao mesmo tempo.

Contou de Coco Verde. Contou de seu amor antigo. Contou das mentiras de seu pai. Chorou. Contou que passou por um período de grande sofrimento. Pediu desculpas ao filho do fazendeiro. Disse que foi enganada pelo próprio pai. Confessou que seu grande amor era mesmo Coco Verde.

Mandou chamar o moço que estava escondido ouvindo tudo.

O fazendeiro ficou furioso mas dessa vez não teve jeito.

Ali mesmo, o padre anulou o primeiro casamento e casou Coco Verde e Melancia.

*Quem foi à segunda festa
Aproveitou muito mais
A primeira foi bonita
Mas a outra foi demais!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.

5 - A mulher do viajante

Era um jovem e rico viajante. Levava a vida com seu navio, de porto em porto, comprando, vendendo e fazendo negócios.

Numa viagem, certa vez, aconteceu que o céu ficou escuro. Depois trovejou. Veio a tempestade. A água jorrava feito cachoeira. O vento rosnava. As ondas vinham querendo quebrar tudo.

Assustado, o viajante fez uma promessa. Jurou que, se escapasse do vendaval com vida, casava com a moça mais pobre do lugar em que conseguisse desembarcar.

O navio rachou ao meio e afundou. Agarrado num pedaço de madeira, o jovem viajante ficou três dias e três noites navegando sem rumo até que chegou num porto.

Em terra firme, o moço decidiu que, antes de mais nada, precisava cumprir sua promessa. Acreditava que, graças a ela, tinha conseguido sobreviver.

Saiu andando, procurando e perguntando. Queria saber quem era a moça mais pobre do lugar. Anda daqui, pergunta dali, acabou ouvindo falar de uma lavadeira. Morava num barraco afastado da cidade. A lavadeira era viúva e tinha uma filha.

O viajante foi até lá, bateu na porta, apresentou-se e conversou com a mãe da moça. Contou, com sinceridade, tudo que havia acontecido. Cheia de surpresa, a lavadeira chamou a filha.

Para sorte do viajante, era uma jovem muito bonita. Na verdade, era uma das moças mais luminosas, inteligentes e alegres que o moço já tinha visto.

Um mês depois os dois se casaram.

Quanto mais o tempo passava, mais o jovem viajante comemorava. Que sorte a sua! Que mulher boa ele tinha! Que pessoa delicada e feminina! Como era inteligente, criativa e bem humorada!

Mas o destino é um caminho que ninguém espera.

Meses depois, o jovem negociante precisou fazer uma viagem. Despediu-se da esposa e, com dor no coração, partiu com um amigo, negociante como ele.

Durante a viagem, os dois conversaram. O viajante falou de sua mulher. Descreveu sua beleza e graça. Contou que sentia muita saudade.

- Além de ser linda - completou o viajante apaixonado - , ela é honesta e incapaz de mentir.

O outro fez um muxoxo.

- Essa não! Você confia nela tanto assim?

E o amigo do viajante deu risada. Disse que ninguém merecia tanta confiança. Disse que todo mundo podia mentir.

- O que sua mulher deu a você de presente no dia do casamento? - perguntou o amigo ao viajante.

- Uma caixinha de veludo com um retrato, uma carta e um anel que ela tinha ganhado do pai.

E o outro lançou um desafio:

- Aposto que ela dá a caixinha de veludo para mim!

O jovem viajante ficou ofendido.

- Aposto que não!

Ficou combinado e apostado. Se a mulher desce para o amigo a caixa de veludo, o viajante entregaria a ele todos os seus navios. Caso contrário, o outro faria a mesma coisa.

Trato feito, o amigo arranhou outro barco, voltou e foi direto até a casa onde o viajante morava.

Chegou no fim da tarde. Encontrou a casa fechada, com todas as portas e janelas trancadas. No dia seguinte, foi a mesma coisa.

No terceiro dia, viu uma velha andando na rua. A mulher estava se dirigindo à casa de portas e janelas trancadas.

O amigo do viajante chamou a velha. Fez perguntas. Descobriu que a tal mulher trabalhava ali como criada. Fez uma proposta. Pediu a ela que fosse na ponta do pé e roubasse a caixinha de veludo que a dona da casa tinha dado ao marido no dia do casamento. Em troca, prometeu dar a ela muito dinheiro.

Ao ouvir falar em dinheiro, a velha criada ficou interessada. Pensou, calculou, repensou e, traiçoeira, acabou aceitando.

A mulher do viajante guardava a caixinha de veludo escondida no fundo do armário. Foi fácil encontrar.

No dia seguinte, na hora marcada, a velha entregou um embrulho e em troca ganhou um saco de dinheiro.

Com a caixinha de veludo na mão, o amigo, que de amigo não tinha nada, partiu à procura do jovem viajante. Encontrou-o no caminho de volta, ancorado no porto de um país vizinho.

Ao ver o presente de sua mulher nas mãos de seu amigo, o jovem viajante chorou.

Depois, reconheceu que estava errado, deu ao outro todos os seus navios e voltou para casa.

Chegou de cara fechada. Nem cumprimentar a mulher cumprimentou. Só mandou que ela arrumasse a mala. Disse que os dois precisavam fazer uma viagem. Partiram naquela mesma noite numa carruagem negra.

A mulher não entendia o que estava acontecendo. Tentou conversar. Pediu explicações. Tentou pegar a mão do marido. Disse que estava com saudade. O viajante dirigia a carruagem com olhos retos, sem dizer uma única palavra.

Foi uma viagem de desencontro, desatino e incompreensão.

Parando num lugar distante e deserto, o viajante mandou a mulher saltar com a mala. Em seguida, gritou, chicoteou os cavalos e desapareceu na poeira invisível da escuridão.

Sozinha no mundo, a linda jovem não sabia o que pensar. Achou que estava ficando louca. Imaginou que

estava confundindo vida e pesadelo. Teria ela um dia se casado? Teria ela sido um dia tão feliz? Ou tudo era sonho e fantasia sem sentido?

A noite ficava cada vez mais fria.

Deitada no chão, a moça chorou tanto que acabou dormindo.

Acordou, mais tarde, ouvindo risadas e gritos. Enxergando uma luz de fogueira no meio da escuridão, resolveu ir se esgueirando para ver o que estava acontecendo.

Era uma reunião de bruxas.

Um bando de mulheres, vestidas de preto, ria, batucava e gargalhava, fumando enormes charutos.

A pobre moça quase não conseguia respirar de tanto medo. E se as bruxas a descobrissem ali? E se as bruxas achessem que ela estava espionando?

Uma das bruxas falava alto. Estava contando um caso:

- ...ai, eu fiquei invisível, entrei no palácio do rei e fiz a rainha ficar doente – disse ela com voz malvada. – Agora a rainha não fala, não come, não bebe, nem abre os olhos. A desgraçada está mais morta do que viva. Não dou três dias para ela esticar as canelas.

As outras comemoravam a notícia dando gargalhadas e tomando cachaça.

- Como você conseguiu? – perguntou admirada, uma bruxa mais moça.

- Fácil! – respondeu a outra. – Coloquei um feitiço dentro de um sapo morto e seco, depois escondi o bicho no travesseiro da rainha. Sabe quando vão descobrir a causa da doença dela?

- Nunca! – gritava a bruxarada batendo palmas encantada.

A mulher do viajante ficou pensando. Agora, seu único objetivo na vida era descobrir por que tinha sido abandonada pelo marido. Teve uma ideia. Ajudar a tal rainha, talvez fosse o caminho para conseguir se reencontrar na vida e aí partir para descobrir por que o marido tinha feito o que fez.

Encolhida no mato, a moça ficou esperando o dia raiar. Assim que as bruxas foram embora, pegou a estrada e foi procurar o palácio da rainha.

No caminho, encontrou uma pastora tomando conta do rebanho. Ofereceu seu lindo vestido de veludo em troca das roupas simples da moça. A pastora aceitou na hora. A mulher do viajante achou que assim, vestida como uma pessoa comum, vestida como gente do povo, chamaria menos atenção.

E assim chegou na cidade. Descobriu que, por lá, o grande assunto era a doença da rainha.

O povo andava preocupado. Diziam de tudo. Que a rainha tinha sido picada por uma mosca rara. Que a rainha sentia uma tristeza profunda e incompreensível. Que aquilo era doença de família.

Cada um dizia uma coisa.

Médicos e sábio já tinham sido chamados. Ninguém sabia o que fazer.

O rei, desesperado, oferecia sete sacos de moedas de ouro para quem conseguisse curar sua esposa.

A mulher do viajante ficou animada. Precisava de dinheiro para poder recomeçar a vida.

Foi logo ao castelo e mandou dizer que podia salvar a rainha. O rei mandou chama-la imediatamente.

Entrando no quarto real, a moça pediu para ficar a sós com a doente. Assim que as portas se fecharam, correu, pegou o travesseiro e queimou ali mesmo.

Um cheiro de veneno, maldade e enxofre tomou conta do ar.

Quando a moça abriu a janela para a fumaça sair, a rainha já estava sentada na cama.

A alegria foi geral. O rei dançava de contentamento. Deu sete sacos cheios de ouro para a moça e ainda fez um pedido: queria que ela agora morasse no palácio e fosse dama de companhia da rainha.

Sem ter para onde ir, a moça achou melhor aceitar.

Não demorou muito tempo, uma nova praga cresceu tomando conta do reino.

Era uma epidemia rara e desconhecida. As pessoas adoentadas primeiro começavam a trabalhar cada vez menos. Depois, sentiam muito cansaço, ficavam sem ânimo para fazer nada e acabavam indo para o hospital. Era tanta gente, mas tanta gente doente, que no hospital não cabia mais ninguém.

Preocupado, pois o assunto era de saúde pública, o rei teve uma ideia. Mandou chamar a mulher do viajante.

- Você conseguir curar a rainha – disse ele. – Agora quero que cure essa doença rara que está dando no povo.

Sem saber o que fazer, a moça resolveu visitar o hospital. Encontrou um ambiente bem animado, com muitos doentes conversando e dando risada. Alguns jogavam baralho. Outros tocavam viola. Descobriu que naquele reino quem ficava doente era sustentado pelo rei.

A mulher do viajante resolveu fazer uma experiência.

Chegou no meio do corredor e gritou bem alto para todo o mundo ouvir.

- A coisa está muito séria. Essa doença é muito grave. O jeito é fazer o seguinte. A gente mata metade dos doentes, tira seu sangue e dá para os que sobram. Assim, pelo menos, metade do povo tem chance de ficar curado!

- E o resto? – perguntou um doente.

- O resto a gente enterra no cemitério!

Cabeças assustadas levantaram-se na cama. Cemitério? O silêncio caiu no hospital como um banho de água fria. A moça continuou.

- Sei que vai ser um pouco sacrificado mas não faz mal. A causa é justa. Desse jeito, metade da população vai sobreviver!

A ideia da mulher do viajante funcionou como um remédio poderoso. A maioria dos doentes saltou da cama na hora. Todos diziam a mesma coisa: "Milagre! Estou me sentindo muito melhor!". "Não sei o que

aconteceu, mas de repente fiquei ótimo!". "Puxa, estou novo em folha!".

Assim, em pouco tempo, o hospital ficou vazio. Os poucos que ficaram, os doentes de verdade, puderam ser tratados direito e, no fim, entre mortos e feridos salvaram-se todos.

Quando soube do acontecido, o rei quis saber que doença era aquela.

- Preguicite aguda – respondeu a moça rindo.

O rei ficou encantado. Deu mais sete sacos de dinheiro para a moça e ainda perguntou se ela tinha algum desejo.

- Tenho sim – respondeu ela. – Mas fico até sem jeito de pedir.

- Diga o que é!

- Quero ser nomeada juiz no reino vizinho.

O rei achou que não tinha escutado direito:

- Juíza?

A moça balançou a cabeça:

- Quero ser juiz mesmo!

O rei não quis saber os motivos daquele estranho pedido. Apenas assinou umas cartas e desejou a ela muito boa sorte na vida.

Então, a moça bonita, a mulher do viajante, procurou um alfaiate, mandou fazer roupas de homem, cortou os lindos cabelos, arrumou as malas e foi ser juiz no reino vizinho. O mesmo reino onde antes ela havia morado com seu marido.

Durante mais de três anos, a moça. Vestida de homem, trabalhou como juiz, resolvendo casos, esclarecendo crimes e sempre fazendo justiça.

Com o tempo, ficou famosa pois era muito justa e de pulso firme. Inocentes eram sempre protegidos. Culpados eram severamente castigados.

Ninguém imaginava que aquele juiz fosse uma linda mulher.

Um dia, numa sessão, apareceu uma senhora idosa. Vinha muito triste e chorosa. Era sua própria mãe. A mulher do viajante, fantasiada de homem, ficou firme, conteve sua emoção e não revelou sua verdadeira identidade.

A pobre mulher parecia desesperada.

- Quero justiça – disse ela com ar revoltado. – Tinha uma filha maravilhosa e querida. Ela era tudo pra mim. Éramos pobres mas vivíamos muito felizes.

E a mulher contou a história do viajante. Falou no casamento. Na alegria do casal. Na viagem do marido, na volta, no comportamento estranho do genro e em tudo o que aconteceu.

- Nunca mais vi minha filha – disse a mulher. – Aquele desgraçado sumiu com ela!

O juiz que era mulher perguntou:

- E a senhora sabe onde anda o marido de sua filha?

A boa mulher disse que sim. Contou que ele morava na cidade. Disse ainda que ele agora vivia mergulhado numa tristeza profunda, não tinha amigos e, afastado de tudo, não queria saber de conversa com ninguém.

O juiz encerrou a sessão:

- Por enquanto, a senhora pode ir em paz. Vou ver o que posso fazer no seu caso!

Em seguida, mandou convocar o próprio marido.

Ao ver o ex-marido, a mulher do viajante teve que esconder as lágrimas. O coitado apareceu magro, encolhido e trêmulo.

O juiz falou grosso. Contou que havia recebido uma queixa contra ele. Disse que era da mãe de sua mulher.

O viajante baixou a cabeça. Revelou sua história. Descreveu o naufrágio. Explicou seu medo de morrer e sua promessa. Falou de uma linda moça, filha de uma lavadeira. Contou do casamento e do grande amor que sentia.

Começou a chorar:

Confessou que, durante uma viagem fez uma aposta com um amigo e descobriu que sua mulher era uma traidora.

- Ela deu ao meu amigo a caixinha de veludo que era só minha, presente de casamento!

O juiz que era uma moça bonita não conseguiu se conter:

- Mas o senhor tem certeza disso? O senhor chamou sua mulher para conversar? Pediu explicações? Tentou esclarecer as coisas com ela?

O viajante escondeu a cabeça com as mãos.

- É verdade! - soluçou ele. - devia ter feito isso. Mas naquele momento, minha mágoa era muito grande. Sentia-me humilhado e traído. Só queria me ver livre dela. Confesso que sou culpado. Mereço ser preso. Abandonei minha mulher num lugar muito perigoso. Infelizmente, a essas alturas, ela deve ter sido atacada por algum animal selvagem.

O juiz respirou fundo e encerrou a sessão:

- Por enquanto, o senhor pode ir para casa, mas aguarde uma nova convocação.

Mal o viajante saiu da sala, a moça fantasiada de juiz mandou convocar o amigo do viajante.

O sujeito apareceu no tribunal com o rosto assustado.

O juiz, com voz severa, disse que ele estava sendo chamado como testemunha de acusação. Em seguida falou no depoimento do viajante.

Interrogado, o sujeito acabou confessando a mentira. Contou que tinha conseguido a caixinha de veludo através de uma criada e não das mãos da esposa do viajante. Eu risada. Balançou os ombros. Disse que não tinha remorsos.

- Apostei que conseguia a caixinha e consegui!

O juiz deu um soco na mesa.

- Mas consegui através de uma mentira!

Mandou o homem sair imediatamente do tribunal e convocou a criada.

A mulher apareceu na sala toda bem vestida. Tinha mudado muito de vida. Agora era uma pessoa rica.

Ao ser perguntada, no começo negou, mas acabou confessando que, de fato, tinha dado a caixinha de veludo ao amigo do patrão.

- Ele me ofereceu muito dinheiro! - justificou-se ela. - Era uma caixinha de veludo comum. Aquilo não valia nada!

O juiz deu ordem para a mulher sair e ficou pensando.

No outro dia, mandou convocar todo mundo: a mãe da moça desaparecida, que na verdade era o próprio juiz, o marido da moça, o amigo do marido e a criada.

Diante de todos, abriu a sessão. Contou que uma velha mulher havia feito uma queixa sobre o desaparecimento de sua filha. Explicou que o marido acusado, ali presente, foi convocado e acabou confessando que realmente tinha abandonado a esposa num lugar deserto e perigoso. Segundo ele, disse o juiz, tinha feito uma aposta com um amigo e descobrira que sua mulher o havia traído.

- Minha filha não fez isso! - gritou a mãe da moça indignada.

O falso juiz continuou. Contou que convocou o amigo da aposta e este reconheceu que havia mentido. Tinha conseguido a caixinha de veludo com uma criada.

Ao ouvir isso, o viajante ficou de pé.

Batendo o martelo na mesa, o juiz prosseguiu.

Contou que havia convocado a criada. Em seu depoimento, a mulher confessou que, sem que a patroa soubesse, tinha tirado a caixinha de veludo do armário e dado para o amigo do viajante em troca de muito dinheiro.

- Desgraçado! - gritou o viajante para o amigo.

O juiz de saias bateu o martelo três vezes. Em seguida, com voz firme, deu o veredito:

- Condene a criada a devolver o dinheiro que ganhou e a ser expulsa deste reino para sempre! Condene o falso amigo a dar de volta ao viajante tudo o que recebeu!

Depois, chamou os guardas e mandou jogar o mentiroso no fundo da masmorra.

Foi quando o viajante começou a falar alto:

- Juiz, pode mandar me matar. Pode me mandar para a forca! Sou o culpado. Como pude fazer isso: acreditar nesse safado e não em minha mulher?

O homem soluçava.

- Larguei minha querida esposa no meio do mato. Mereço morrer!

- E eu perdi minha filha! - gemeu a mãe em prantos.

O juiz não titubeou:

- Ordeno que a mãe da moça desaparecida compareça à minha residência hoje à tarde. Convoco o viajante a também ir a minha casa mais à noite.

Disse que tinha feito investigações. Disse que tinha notícias importantes a dar.

Não é preciso dizer que aquilo foi um dia e tanto.

Ao descobrir que o juiz era sua própria filha, a velha senhora caiu de joelhos. Depois agarrou, abraçou e beijou a filha.

A moça contou à mãe suas aventuras e tudo o que aconteceu.

A noite chegou. A moça vestiu de novo as roupas de juiz.

O viajante chegou.

Na frente do marido, a moça arrancou as roupas de juiz. Gritou. Berrou. Acusou. Xingou. Chorou. Os dois choraram. O marido pediu perdão. A moça custou mas, no fim, perdoou.

Dizem que mais tarde houve uma das festas mais lindas do mundo, cheia de alegria, danças, bebidas e comidas deliciosas.

*Até eu fui convidado
Passei lá a noite inteira
Por isso, gente, eu garanto
Essa história é verdadeira!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 54-67

6- Os onze cisnes da princesa

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.

Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.

Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.

A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.

Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.

Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.

Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.

Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.

Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.

Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.

A pobre menina, inocente, aceitou.

A rainha bruxa chamou três sapos.

Disse ao primeiro:

- Quanto a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo!

A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstrego não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou mas, com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pelo grossa. A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.

- Não vi, não - respondeu o mendigo. - Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte - disse um deles - é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui - explicou um deles. - Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.

- Mas como? - perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! - pensou a menina. - Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força - gritou a princesa. - Falta pouco! Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

- Experimente sonhar.

- Sonhar? - perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho - continuou o irmão - surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance - disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casquinhas. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto - disse a fada - , a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção - insistiu a fada. - Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! - gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrasta esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha menina: costurar casquinhas de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.

O rei não quis acreditar mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! - gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar.

A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito:

- Agora já posso falar!

O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher.

E andou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

*Só quem foi esteve lá
Quem não foi, deixou de ir
Quem gostou achou legal
Quem não gostou, se deu mal!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

7 - O filho do ferrreiro e a moça invisível

Era um reino longe daqui. Ficava depois das montanhas, das florestas e dos mares distantes. O rei, a rainha e o povo do lugar vivam tristes por que a princesa, a filha do rei, a menina linda como as fores do campo, havia desaparecido.

Um dia, um buraco negro apareceu no chão ninguém sabe como nem por quê.

O rei ficou zangado. Mandou fechar, mas aquele buraco ninguém fechava.

Não adiantou chamar pedreiros e engenheiros. Não adiantou chamar soldados e generais. Não adiantou chamar nem sábios nem feiticeiros.

As pessoas trabalhavam, lutavam, suavam, colocavam pedra, madeira, ferro e cimento mas no dia seguinte o buraco escuro estava lá aberto de novo.

Mas o pior não era isso. Aquele buraco era muito perigoso. As pessoas que tinham coragem de entrar nele nunca mais voltaram.

Um dia, o filho do ferreiro, um moço alegre e brincalhão, conversando com os amigos, disse de brincadeira, para contar vantagem, que não tinha medo de entrar no buraco.

A conversa, infelizmente, chegou aos ouvidos do rei.

O jovem foi convocado a ir imediatamente ao palácio real.

- Soube que você não tem medo de entrar no buraco escuro que ninguém fecha! – disse o rei.

O moço explicou que tinha falado assim por falar.

O monarca não quis saber de conversa.

- Se falou, vai ter de provar! Ou entra no buraco e conta o que tem lá dentro ou vai pra forca!

Sem saída, o filho do ferreiro prometeu que ia tentar.

Partiu, no dia seguinte, com uma sacola nas costas e um pedaço de pau grosso.

Entrou no buraco, respirou fundo e foi descendo.

Desceu, desceu, desceu e acabou encontrando uma estrada.

Foi, foi, foi e acabou encontrando um castelo.

O castelo era muito bonito. O filho do ferreiro bateu palmas. Gritou: - Ó de casa - ninguém apareceu. Como a porta estava aberta, o moço resolveu entrar.

Encontrou uma sala cheia de instrumentos musicais. O moço gostava muito de música. Ficou por ali por um bom tempo tocando e experimentando os vários instrumentos.

Foi para outra sala. Era uma biblioteca imensa. O moço nunca tinha visto tanto livro em sua vida. Como gostava de ler, pegou um deles, sentou-se numa poltrona e ficou por ali um bom tempo lendo.

Mais tarde, sentiu fome.

Saiu andando pelos corredores. Escutou passos. Tomou um susto. Viu dois sapatinhos amarelos passando por um corredor.

O moço sentiu medo mas foi atrás dos sapatinhos.

Encontrou uma sala de jantar com mesa posta, comidas e bebidas deliciosas.

O filho do ferreiro estava morto de fome. Sentou, comeu e bebeu até ficar saciado.

Quando a noite chegou, ouviu passos de novo. Viu os sapatinhos amarelos passando apressados. Foi atrás. Encontrou um quarto muito confortável com cama feita, roupas e água para o banho. O rapaz tomou banho, colocou a roupa limpa e foi dormir.

Assim que apagou a luz, escutou um ruído. Eram os passos, outra vez. Percebeu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois, alguém, uma pessoa, deitou-se ao seu lado na cama.

Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Como estava cansado, acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que passavam para lá e para cá eram azuis.

O filho do ferreiro tocou música, leu, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu mesmo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou uma mão pequena e quentinha. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer, o moço largou a mão depressa. Como estava cansado, virou para o outro lado e acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que ficavam para lá e para cá eram vermelhos.

O filho do ferreiro tocou música, leu, almoçou, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou uma mão pequena e quentinha. Tinha certeza. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer o moço resolveu puxar assunto.

Moço e moça conversaram um tempão. A noite inteira. A moça contou que era invisível. Que estava encantada, prisioneira naquele castelo. O moço também falou de sua vida. Lamentou sua mania de contar vantagem. Contou das ordens do rei e do buraco escuro. Os dois falaram sobre o que achavam e sobre o que não achavam. Falaram sobre o que gostavam e não gostavam. Falaram sobre as coisas da vida. Conversa vai, conversa vem, o filho do ferreiro e a moça invisível começaram a namorar.

Passou um tempo, o moço disse que precisava voltar. Estava preocupado. Tinha prometido dar uma notícia ao rei e, além disso, sentia saudade da família.

A moça invisível ficou triste. Disse que estava gostando do moço cada vez mais. No fim, aceitou mas fez um pedido:

- Leva essas três rosas e entrega ao rei. Mas não conte nada a ninguém. Prometa não falar do castelo nem nunca, de jeito nenhum, diga que me viu.

A moça encantada continuou:

- Fique sempre atento. Quando der meia-noite, um cavalo vai aparecer para buscar você. O cavalo vai relinchar chamando. Venha assim que escutar a voz do cavalo. Não deixe o bicho relinchar três vezes senão tudo estará perdido!

O moço não compreendeu bem mas aceitou e prometeu tudo.

Ele também estava gostando cada vez mais da moça invisível.

No dia seguinte, pegou um cavalo branco muito bonito e foi embora.

O rei ficou feliz da vida quando viu o filho do ferreiro entrando no palácio. Estava curioso. Quis saber, afinal, o que havia no fundo do buraco escuro. Fez questão de ouvir todos os detalhes. O moço cumpriu a promessa. Desconversou. O rei percebeu e não gostou:

- Ou prova que esteve no buraco escuro ou vai pra forca!

O moço deu as três rosas ao rei. Eram rosas lindas e impossíveis. Aquelas flores não existiam em lugar nenhum do mundo inteiro.

O rei ficou convencido de que o moço tinha entrado mesmo no buraco escuro.

Em seguida, o filho do ferreiro pediu licença. Disse que queria visitar seus pais.

Quantos abraços. Quanta saudade. Quantos beijos. A mãe do moço preparou um jantar especial e a família ficou conversando até tarde.

Quando deu meia-noite, um cavalo relinhou lá fora.

O moço avisou que estava na hora de partir.

A mãe não queria:

- Fique mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinhou pela segunda vez.

O moço disse que precisava partir.

A mãe não queria:

- Fique só mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinhou pela terceira vez.

Apressado, o moço pegou a sacola, abraçou e beijou os pais e saiu correndo.

Encontrou o cavalo branco enterrado no chão só com a cabeça de fora.

O filho do ferreiro pegou uma pá, desenterrou o animal, montou e saiu galopando.

Tarde demais! Quando chegou no castelo do fundo do buraco escuro, escutou uma voz tristonha. Era a voz da moça invisível:

- Ah, malvado! Ah, bandido! Ah, ingrato! Você se esqueceu de mim! Agora fico encantada mais sete anos!

E então tudo explodiu: castelo, sala de música, biblioteca, comidas deliciosas e vida gostosa.

O filho do ferreiro desmaiou de susto. Quando acordou, estava com sua sacola e seu pedaço de pau sozinho num lugar desconhecido.

Como não tinha outro jeito, resolveu sair andando.

Andou três dias e três noites.

No quarto dia, encontrou um velho sentado debaixo de uma árvore.

Ao vê-lo, o velho ficou assustado e saiu correndo.

O filho do ferreiro correu atrás dele.

Mas como o tal velho corria!

E subiu morro e desceu morro e atravessou campina e entrou na mata e saiu da mata e subiu ladeira e desceu ladeira, e foi e foi e foi e foi!

O filho do ferreiro era jovem e forte mas quase não estava aguentando mais tanta correria. Por sorte, o velho também acabou ficando cansado.

Os dois pararam na beira de uma lagoa para matar a sede e descansar.

Começaram a conversar.

O moço, ainda bufando, contou sua vida. Disse que estava procurando uma moça invisível. Explicou que ela era encantada.

O velho, ainda bufando, deu risada.

- Moça invisível? Essa você não acha nunca mais!

O moço insistiu. Disse que queria porque queria porque queria! Chorou. Confessou que gostava muito da moça. Estava arrependido. Por causa de um descuido, conversando com a família, tinha atrapalhado a vida da moça.

O velho ficou com pena do rapaz. Contou que talvez pudesse ajudar.

- Vai ser difícil – avisou ele. – Acho até que é impossível!

Deu um arco e várias flechas para o moço. Mandou treinar pontaria. Disse que dali a um ano ele voltava.

O filho do ferreiro não sabia nem pegar no arco. Começou a treinar. Passou um ano inteiro treinando, treinando, treinando.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar o ovo!

O moço atirou mas a flecha passou longe.

O velho balançou a cabeça. Aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço atirou, a flecha passou perto mas não acertou.

O velho balançou a cabeça. Disse que era melhor desistir. O filho do ferreiro gritou:

- Eu não!

Então, o velho aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou. E quando estava cansado treinava mais e mais. Passou o ano inteiro assim.

Mais uma vez, o velho apareceu. Mais uma vez, pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço prendeu a respiração e atirou. A flecha acertou o ovo bem no meio.

- Agora sim! – exclamou o velho, sorridente. E ensinou:

- Amanhã cedo, pegue seu arco e fique escondido atrás daquela moita perto da lagoa. Um bando de garças brancas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Um bando de garças cinzentas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Mas atenção. Depois, um bando de garças negras vai aparecer.

O velho mandou o moço pegar o arco e ficar atento. Entre as garças negras haveria uma especial. Era a mais linda. Tinha jeito delicado. Usava um colar no pescoço. Preso no colar, tinha um coraçõzinho de ouro do tamanho de um grão de feijão.

- Espere as garças beberem água. Quando elas levantarem voo para continuar a viagem, atire a flecha no coraçõzinho de ouro do tamanho de um grão de feijão preso naquele colar! Boa sorte!

O rosto do velho ficou sério:

- Mas tome cuidado! Se você errar e acertar na garça, o bicho morre! – disse isso e desapareceu no ar.

O dia seguinte amanheceu com o rapaz escondido atrás da moita perto da lagoa.

Vieram as garças brancas. Vieram as garças cinzentas. Vieram as garças negras. Uma delas era muito mais linda. Tinha um jeito doce e feminino. Após matarem a sede, os pássaros levantaram voo. Então, o moço prendeu a respiração, fez pontaria e atirou a flecha.

A terra inteira estremeceu. As nuvens começaram a girar no céu. Um arco-íris nasceu do nada. O vento passou derrubando árvores. Um estrondo. O filho do ferreiro desmaiou.

Acordou com a cabeça deitada no colo de uma moça muito linda. Quando a moça falou, o filho do ferreiro reconheceu aquela voz. Era ela. A moça invisível.

A linda menina contou sua história. Era a filha do rei que um dia havia desaparecido.

O moço sentiu duas mãos pequenas e quentinhas segurando as suas:

- Graças a você, estou livre para sempre! – disse ela sorrindo e chorando.

O casal de namorados pegou o cavalo branco, saiu do buraco escuro e foi viver sua vida.

Ao ver a filha, o rei por pouco não morreu de alegria. Saiu dançando com a rainha pelo palácio. Mandou dar uma festa tão bonita que até hoje quem foi não esquece.

*Minha gente eu vou-me embora
É hora de terminar
Vamos ver quem tem agora
Outra história pra contar!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 80-89

8 - Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza

Era um homem muito pobre. Vivia trabalhando duro na terra, cortando árvores para fazer lenha, capinando mato, roçando e tentando plantar. Dinheiro que é bom, infelizmente, ele ganhava muito pouco.

Um dia, como sempre, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, despediu-se da mulher, pegou e enxada e foi para a roça.

Aquele dia, estava preparando a terra para depois plantar. O trabalho era duro. O homem cavucava. O homem suava. De repente, sentiu duas figuras perto dele. Eram duas mulheres muito bonitas e bem vestidas.

O camponês tomou um susto. Como aquelas duas surgidas do nada tinham ido parar naquele fim de mundo? O que é que duas mulheres ricas estavam fazendo ali àquela hora da manhã? Só se fosse assombração! Com medo, e meio sem saber o que fazer, o homem achou melhor tirar o chapéu e cumprimentar as recém-chegadas.

Uma delas aproximou-se.

- Bom dia, amigo – disse ela toda risonha. – Eu e minha irmã estávamos assistindo você trabalhar. Que trabalho duro, hein? Você é muito esforçado. Trabalhando aí desde cedo?

- Desde antes do galo cantar – respondeu o homem, desconfiado.

- Trabalhando desse jeito, o senhor deve ganhar um bom dinheiro!

- Dinheiro? – O homem até deu risada. – Quem sou eu dona? Trabalho muito, isso é verdade, mas dinheiro é a coisa que mais me falta!

A outra moça entrou na conversa. Parecia espantada:

- Mas então isso é uma injustiça!

O homem sacudiu os ombros.

- Se é justo ou injusto isso eu não sei. Sei que faço a minha parte. Acordo todo dia cedinho e trabalho, trabalho, trabalho. – O homem suspirou. – Quem sabe um dia eu consigo mudar de vida.

As duas irmãs gostaram do jeito do homem.

A primeira resolver se apresentar:

- Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte. Quase sempre andamos juntas por esse mundo afora. Hoje, por acaso, passamos aqui por perto, vimos seu trabalho, assistimos sua luta e, pelo menos da minha parte, senti vontade de ajudar.

O homem olhava as duas lindas mulheres com medo de tentar compreender. Riqueza? Boa-Sorte?

A Riqueza continuou:

- Tenho uma boa notícia. O seu caso é muito simples. Eu mesma, sozinha, vou poder ajudar.

A outra moça estranhou:

- Como assim? E eu? Você vai querer ajudar o homem sem contar comigo?

- Ele não vai precisar de sorte – explicou a Riqueza sorrindo. – É questão de arranjar um pouco de dinheiro. Só isso vai fazer a vida dele mudar.

- Mas olha só! – exclamou a Boa-Sorte. – Quer dizer que você acha que dinheiro resolve tudo?

A Riqueza respondeu:

- Deixa comigo!

Os olhos do homem brilhavam cheios de perguntas.

- Essa eu quero ver! – disse a Boa-Sorte balançando os ombros.

A Riqueza chamou o homem e deu a ele uma moeda de prata.

- Isso é só o começo. Vá até a cidade. Compre carne e vinho para a sua família. Depois a gente conversa.

O homem agradeceu muito. Montou no burro e saiu trotando com a moeda de prata na mão. Não lembrava de ter tido tanto dinheiro assim antes. Tudo o que ganhava eram umas poucas moedas de cobre. Isso num mês inteiro de trabalho!

O homem trotava pensando na surpresa de chegar em casa cheio de carne, pão e vinho. Imaginava o sorriso da mulher. Imaginava os três filhos pequenos dançando de alegria.

Infelizmente, a loja aquele dia estava muito movimentada. O homem fez o pedido e pagou; mas na hora de entregar, o dono da venda se confundiu, ficou atrapalhado e acabou dando a mercadoria para outro freguês. O pobre homem reclamou. Disse que a carne, o pão e o vinho eram dele.

Todos ali sabiam que ele era pobre. Todos ali sabiam que ele não tinha nada quanto mais uma moeda de prata!

O camponês acabou sendo expulso da mercearia. Faltou pouco para o dono da loja não chamar a polícia.

Confuso, voltou para casa de mãos abanando. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem da conversa com as duas moças nem da moeda de prata.

No outro dia, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou e enxada e foi para a roça.

Estava capinando quando de repente duas lindas mulheres apareceram no ar.

Ao saber do que tinha acontecido, a Boa-Sorte escondeu um sorriso. A Riqueza, sua irmã, ficou indignada.

- Onde já se viu uma coisa dessas! – gritou ela.

Dessa vez, a moça não fez por menos. Chamou o homem, pediu desculpas e deu a ela dez moedas de ouro.

- Agora você acerta sua vida! – disse ela cheia de confiança.

O homem beijou as mãos da mulher. Montou no burro e saiu dali todo contente. Dez moedas de ouro era dinheiro demais. Com dez moedas de ouro dava até para ele comprar uma casa nova e ainda ficar um bom tempo sem trabalhar.

Logo que chegou na cidade, cruzou com uma patrulha. A polícia estava investigando um assalto. Pediram para o homem abrir o saco. Ao descobrirem as dez moedas de ouro, não tiveram dúvida.

- É ele mesmo! – disse o delegado. – Tá na cara! Safado! Onde já se viu um homem pobre, que não tem onde cair morto, arranjar tanto dinheiro assim? Só roubando mesmo!

Não adiantaram explicações, juras, nem nada. Por sorte, quando o pelotão estava levando o infeliz para a prisão, começou uma briga feia na praça. Teve até gente dando tiro. A polícia teve de intervir. Aproveitando a confusão, o homem conseguiu fugir.

Ao ver o prisioneiro correndo, o delegado gritou:

- Eu te conheço, safado, vagabundo! Sei onde você mora! Pode deixar que eu te pego, desgramado!

Confuso, o camponês voltou para a casa com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, muito menos, das dez moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir de medo e preocupação.

No outro dia, o homem acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou a enxada e foi para a roça.

De novo, encontrou as duas irmãs. Surgiram voando no céu. A Riqueza já chegou fazendo cara feia e perguntando:

- Ué! O que está fazendo aí, homem de Deus! Cadê as dez moedas de ouro?

O homem reclamou. Disse que quase tinha sido preso.

A Boa-Sorte fingiu que estava olhando para o outro lado.

A Riqueza ficou inconformada.

- Mas isso é uma pouca vergonha! Que tremenda injustiça! Prender uma pessoa só porque é pobre!

Aí perdeu a paciência:

- Para mim chega!

Deu ao homem um saco cheio de moedas de ouro.

O sujeito ficou até mio tonto. Um saco de ouro! Um saco de moedas de ouro só para ele!

Até lágrima apareceu nos olhos do homem. Com um saco de ouro ele agora era um homem rico e independente.

Mas a Riqueza não ficou só nisso. Transformou o burro velho do homem num lindo cavalo branco, com arreio e tudo. E ainda deu a ele roupas novas.

- Isso é pra ninguém achar que você é pobre.

O homem nunca tinha tido um cavalo na vida. Nem roupas tão bonitas. Nem aquela riqueza toda.

Lá foi ele todo elegante e feliz, mas nem teve tempo de acreditar que estava vestindo aquelas roupas, que estava montado num lindo cavalo branco e que tinha um saco de ouro.

É que o belo e fogoso animal, ao enxergar umas éguas passando do outro lado da cerca, suspirou fundo. Ficou perdidamente apaixonado. Depois, empinou, relinhou e saiu em disparada feito um namorado sem cabeça nem juízo.

O resultado foi o pior possível.

Na hora de saltar uma porteira, o impetuoso animal tropeçou feio. Cavalo, cavaleiro e saco de moedas de ouro foram parar dentro do rio.

O homem só não se afogou porque conseguiu se agarrar num pedaço de madeira. O cavalo foi parar não sei onde. O saco de moedas de ouro desapareceu, levado pela correnteza.

Confuso, o camponês voltou para casa quase sem roupas e com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, principalmente, do saco de moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir tentando entender como suas mãos tão pobres tinham tocado em tanta riqueza.

No outro dia, acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto e foi para a roça.

Sentiu um perfume feminino. Quando viu, a Riqueza e a Boa-Sorte estavam lindas, outra vez, do seu lado.

A Riqueza colocou as mãos na cintura:

- Gente! Cadê o saco de moedas de ouro?

O pobre homem chorou, soluçou e contou o acidente e tudo o que tinha acontecido. Ficou zangado. Disse que não era possível. Disse que não aguentava mais. Agradeceu muito mas explicou que assim não dava. Preferia continuar levando sua vidinha de sempre.

A Boa-Sorte ficou quieta, sem dizer uma palavra.

A Riqueza olhou nos olhos da irmã.

- Acho que você tem razão – disse ela. – Dinheiro é bom mas não é tudo. Para construir a vida a pessoa tem de trabalhar muito e ainda ter um pouquinho de sorte. – E pediu:

- Querida irmã, ajude o nosso amigo, por favor! Ele é trabalhador. Ele merece.

A Boa-Sorte abriu um sorriso luminoso. Chegou perto do homem e disse:

- Volte para casa e espere. No fim, tudo vai dar certo. Se ainda não deu certo – disse ela – é porque não chegou no fim.

Confuso, quase descrente, o homem se despediu, montou no burro e, sem nada nas mãos, foi trotando para casa. Logo encontrou o homem da mercearia.

- Meu amigo! – disse ele. – Procurei você por todo lado. Fiz uma trapalhada com os pedidos e entreguei a mercadoria para a pessoa errada. Eis aqui seu troco e a carne, o pão e o vinho. A culpa foi minha.

O dono da venda pediu mil desculpas.

O camponês continuou o caminho, levando o dinheiro e a comida.

Apareceu o delegado:

- Perdão, meu amigo! – disse ele com voz envergonhada. – Logo depois que você fugiu, recebi uma denúncia. Fomos investigar. Encontramos e prendemos o verdadeiro culpado pelo assalto ao banco. Lamento o que aconteceu. Peço desculpas. As dez moedas eram mesmo suas e aqui estão elas.

O homem continuou seu caminho. Quando já estava perto de casa, na curva do rio, encontrou um saco sujo de lama preso entre as pedras. Era o saco de moedas de ouro.

Aquele dia, o camponês chegou em casa, chamou a mulher e os filhos e riu, riu, riu e riu.

*Bateu numa porta
Abriu a janela
Quem sabe outra história
Não fica banguela!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007, p. 90-97